Obras

Jeanne-Marie Guyon

Jeanne-Marie Guyon

Obras

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2024

Obras

Jeanne-Marie Guyon

Um método curto e facílimo de orar

PREFÁCIO DA AUTORA

Não se pensava em oferecer ao público esta pequena obra, que foi concebida em grande simplicidade. Ela foi escrita para algumas pessoas íntimas que desejavam amar Deus com todo o coração delas. Mas, como a quantidade de pessoas que pediam cópias dela, por causa da utilidade que a leitura deste pequeno tratado lhes proporcionava, eles desejaram que ele fosse impresso para a satisfação delas, sem nenhum outro objetivo além deste.

Ele foi deixado em sua simplicidade natural. Nele, não se condena o comportamento de ninguém. Pelo contrário, valoriza-se o comportamento de todos.

Submete-se tudo o que ele contém à censura das

pessoas experientes e da doutrina. Pede-se somente a todos que não fiquem na superfície, mas que penetrem o propósito da pessoa que o fez, que não é outro além de levar todo mundo a amar Deus e a servi-lo com mais prazer e sucesso, podendo fazê-lo de uma maneira simples e fácil, adequada aos pequenos, que não capazes de coisas extraordinárias e nem daquelas que são estudadas, mas que querem mesmo se entregar a Deus.

Roga-se àqueles que o lerem que o façam sem prevenção e eles descobrirão, sob expressões bem comuns, uma unção oculta que os levará à busca de uma felicidade que todos devem esperar possuir.

Utiliza-se a palavra "facilidade", ao dizer que a perfeição é fácil, porque é fácil encontrar Deus, buscando-o dentro de nós.

Poderão alegar esta passagem: *Buscar-me-eis sem me achar*[1]. No entanto, ela não deve representar uma dificuldade, pois o mesmo Deus que não pode contrariar a ele mesmo disse: *Buscai e achareis*[2].

Quem busca Deus sem querer deixar o pecado não o encontra, pois o busca onde ele não está. Foi por isto que

[1] João 7: 34.
[2] Mateus 7: 7.

ele acrescentou: *Morrereis no vosso pecado*[3].

Mas quem quiser se dar ao esforço para encontrá-lo no próprio coração, deixando sinceramente o pecado para se aproximar dele, infalivelmente o encontrará.

Muita gente considera a devoção tão assustadora e a oração algo tão extraordinário que não querem se dar ao esforço da dedicação a elas, por não terem esperança de sucesso. Mas, como a dificuldade que se imagina de algo gera desesperança de vitória e afasta, ao mesmo tempo, o desejo da ação e quando se propõe algo como vantajoso e fácil de obter se dedica a ele com prazer e ele é buscado com ousadia, isto foi o que motivou mostrar a vantagem e a facilidade deste caminho.

Ah, se nos convencêssemos da bondade de Deus para com suas pobres criaturas e do desejo que ele tem de se comunicar a elas, não se criariam monstros e não se desesperaria tão facilmente com a obtenção de um bem que ele deseja extremamente nos dar!

Depois de ele ter nos dado seu Filho Único e o entregado à morte por nós, ele poderia nos recusar alguma

[3] João 8: 24. *Por isso vos disse: morrereis no vosso pecado; porque, se não crerdes que EU SOU, morrereis no vosso pecado.*

coisa? Seguramente que não[4].

Só é preciso um pouco de coragem e de perseverança. Tem-se muito disto para os pequenos interesses temporais, mas não se tem para aquela *uma só coisa necessária*![5]

Quem tiver dificuldade em acreditar que é fácil encontrar Deus por este caminho não acredite no que lhe é dito, mas faça a experiência e julgue por si mesmo. Então verá que o que é dito é bem pouco, comparado com o que realmente é.

Caríssimo leitor! Leia esta pequena obra com um coração simples e sincero, com a pequenez do espírito, sem querer examiná-lo escrupulosamente. Então você perceberá que se sentirá bem.

Receba-o com o mesmo espírito com que ele lhe foi dado, que não é outro que não seja levá-lo inteiro a Deus sem reserva, que não é fazê-lo valorizar e estimar qualquer coisa, mas é encorajar os simples e os filhos a irem ao Pai, que ama a humilde confiança e ao qual a desconfiança desagrada muito. Nele, não busque nada além do amor de Deus e tenha o desejo sincero pela sua salvação e

---

[4] Cf. Romanos 8: 32. *Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também, com ele, todas as coisas?*
[5] Lucas 10: 42.

você a encontrará, seguramente, seguindo este pequeno método sem método.

Não se pretende elevar seu sentimento acima do sentimento dos outros, mas se fala sinceramente da experiência que se teve, tanto pessoalmente como por outras almas, da vantagem que há em utilizar esta maneira simples e ingênua para ir a Deus.

Se não se fala de uma quantidade de coisas que se estima, mas somente de um meio curto e fácil de orar, é porque, sendo feito só para isto, não se pode falar de outra coisa.

É certo que, se ele foi lido com o mesmo espírito com que foi escrito, não se encontrará nele nada que choque o espírito. Ter-se-á ainda mais certeza da verdade que ele contém se se estiver disposto a fazer esta experiência.

Cabe a vós, ó Menino Jesus, que ama a simplicidade e a inocência e que acha vossas *delícias junto aos filhos dos homens*[6], ou seja, com aquelas pessoas que querem se tornar filhos! Cabe a vós, repito, estabelecer o preço e o valor desta pequena obra, a imprimindo nos corações e levando aqueles que a lerem a vos buscar dentro deles,

---

[6] Provérbios 8: 31.

onde vós repousais como em uma manjedoura onde desejais receber as marcas do amor deles e dar a eles as marcas do vosso.

Eles se privam desses bens com as faltas deles. É obra vossa, ó Menino Deus, ó Amor Incriado, ó Palavra Muda e Abreviada, fazê-los amar, degustar e entender.

Vós o podeis e ouso dizer, deveis, para esta pequena obra que é totalmente para vós e totalmente por vós.

CAPÍTULO 01

Todos são chamados. Todos podem orar.

01

Todos são capazes de orar e é uma infelicidade assustadora que quase todo mundo coloca na mente que não é chamado para a oração. Somos todos chamados à oração como todos somos chamados para a salvação.

A oração é apenas a dedicação do coração a Deus e a prática interior do amor.

São Paulo nos ordena orar sem cessar[7]. Nosso Senhor nos diz: O que vos digo, digo a todos: "Ficai de so-

[7] 1 Tessalonicenses 17.

breaviso, vigiai e orai!”[8]

Todos podem então orar e todos devem fazê-lo. Mas concordo que nem todos podem meditar e muito poucos o fazem adequadamente. Então, não é esta oração que Deus pede e nem o que ele deseja de todos.

02

Meus caríssimos irmãos! Quem quiser se salvar venha fazer a oração. Vocês devem viver da oração como devem viver do amor.

Aconselho-te que compres de mim ouro provado ao fogo, para ficares rico[9]. É muito fácil tê-lo e mais fácil do que podem imaginar.

Venha! Aquele que tem sede, venha![10] E não se preocupem em *cavar cisternas fendidas que não retêm a água*[11].

Venham, corações famintos que não encontram nada que os contentem e vocês ficarão plenamente satisfeitos!

Venham, pobres aflitos que estão oprimidos por dores e aborrecimentos e vocês ficarão aliviados!

---

[8] Marcos 13: 37 e 33.
[9] Apocalipse 3: 8.
[10] Apocalipse 22: 17.
[11] Jeremias 2: 13.

Venham, doentes, para o seu Médico e não temam abordá-lo porque estão oprimidos por doenças! Exponham a ele seus males e vocês serão aliviados.

Venham, filhos, para junto do seu Pai! Ele os receberá com os braços do amor.

Venham, pobres ovelhas errantes e desgarradas! Aproximem-se do seu Pastor!

Venham, pecadores, para junto do seu Salvador!

Venham, ignorantes e estúpidos! Vocês todos são capazes de orar. Vocês que acreditam ser incapazes disto, são vocês os mais adequados para isto.

Venham todos sem exceção! Jesus Cristo chama todos!

Mas aqueles que são sem coração não venham. Estes estão todos dispensados, pois é preciso um coração para amar.

Mas, quem é sem coração?!

Ora, venha dar esse coração a Deus! Aprenda aqui a maneira de fazer isto.

03

Todos aqueles que querem orar podem fazê-lo facilmente com a ajuda da graça ordinária e dos dons do Espírito Santo, que são comuns a todos os cristãos.

A oração é a chave da perfeição e da felicidade soberana. Este é o meio eficaz de nos desfazermos de todos os vícios e de adquirirmos todas as virtudes, pois o grande meio de se tornar perfeito é caminhar na presença de Deus. Ele mesmo nos diz: *Caminhe em minha presença e seja perfeito*[12]. Somente a oração pode lhe dar essa presença e dá-la continuamente.

04

É preciso então aprender a fazer uma oração que possa ser feita todo tempo, que não o afaste das ocupações exteriores, que os príncipes e os reis, os prelados, os sacerdotes, os magistrados, os soldados, as crianças, os artesãos, os trabalhadores, as mulheres e os doentes possam fazer.

Essa oração não é uma oração da cabeça, mas uma oração do coração. Não é uma oração somente do pensamento, porque a mente humana é tão limitada que, se ela pensa em uma coisa, ela não pode pensar em outra. Mas esta é uma oração do coração, que não é interrompida por todas as ocupações da mente.

Nada pode interromper a oração do coração; exceto

[12] Gênesis 17: 1.

os afetos descontrolados. Mas, quando se desfrutou de Deus e da doçura do seu amor, é impossível gostar de outra coisa que não seja ele.

05

Nada é mais fácil do que ter Deus e desfrutá-lo. Ele está mais em nós do que nós mesmos. Ele tem mais desejo de se dar a nós do que nós de possuí-lo.

Só há uma maneira de buscá-lo e que é fácil e tão natural que o ar que se respira não poderia sê-lo mais.

Sim, você que é tão grosseiro, que acredita não ser adequado para nada, você pode viver da oração e de Deus mesmo tão facilmente e tão continuamente quanto você vive do ar que você respira.

Você não será um criminoso se não fizer isto? Você o será, sem dúvida, quando tiver aprendido o caminho que é o mais fácil do mundo.

CAPÍTULO 02

As maneiras de orar.

01

Há duas maneiras de introduzir as almas na oração,

que podem e devem ser utilizadas por algum tempo. Uma é a *meditação* e a outra é a *leitura meditada*.

A *leitura meditada* é apenas tomar algumas grandes verdades, da doutrina ou da prática __ preferindo esta última __ e lê-las de alguma maneira. Você pega a verdade que você escolheu e a lê duas ou três vezes, para digeri-la e degustá-la, tratando de sorver seu suco, permanecendo na mesma passagem enquanto você sentir gosto e só passando para outra quando esta tiver se tornado insípida. Depois, é preciso recomeçar e fazer o mesmo, só lendo meia página por vez.

Não é tanto a quantidade de leitura que beneficia, mas a maneira como se lê. As pessoas que se apressam não se beneficiam, assim como as abelhas só podem tirar o néctar das flores pousando nelas e não passando por elas.

Ler muito é mais para a ciência escolástica do que para a mística. Mas, para se beneficiar com os livros espirituais é preciso ler desta maneira e eu estou segura de que, se for feito assim, pouco a pouco se habituará, através da leitura, com a oração e se ficará muito bem disposto em fazê-la.

02

A outra maneira é a *meditação*, que é feita na hora escolhida para isto e não no momento da leitura. Creio que seria bom se isto fosse feito desta maneira.

Após ter se colocado em presença de Deus, com um ato de fé viva, é preciso ler alguma coisa de substancial e se deter docemente nisto; não com o raciocínio, mas somente para fixar a mente, observando que a prática principal deve ser a presença de Deus e que o tema deve ser mais para fixar a mente do que para exercitar o raciocínio.

Sendo assim, eu digo que a fé viva de Deus presente no fundo dos nossos corações nos leva a nos afundarmos profundamente em nós mesmos, recolhendo todos os sentidos ao interior, impedindo que eles se espalhem pelo exterior. Isto é um grande meio, desde o início, de se desfazer de quantidades de distrações e de se afastar dos objetos exteriores para se aproximar de Deus, que só pode ser encontrado no fundo de nós mesmos e em nosso centro, que é *sancta sanctorum*[13] onde ele habita. Ele promete mesmo que, se alguém fizer a vontade dele, ele virá à

[13] Êxodo 30: 29. *Sancta sanctorum*. O mais santo dos santos, o lugar mais sagrado do Tabernáculo e do Templo.

pessoa e fará sua morada nela[14].

Santo Agostinho mesmo se culpa pelo tempo que ele perdeu por não ter logo buscado Deus desta maneira.

03

Quando então se está mergulhado assim em si mesmo e vivamente penetrado por Deus neste fundo, quando os sentidos estão todos recolhidos e retirados da circunferência para o centro, o que exige um pouco de esforço no início, mas que fica fácil depois, como direi; quando, eu digo, a alma está assim recolhida nela mesma, quando ela se ocupa doce e suavemente com a verdade lida, não raciocinando muito sobre ela, mas saboreando-a, estimulando a vontade através do afeto, invés de aplicá-la ao intelecto através de considerações, sendo o *afeto* assim *provocado*, é preciso deixá-la docemente e em paz, *digerindo* o que saboreou.

Assim como uma pessoa que só mastigasse uma carne excelente não se alimentaria, embora a tivesse saboreado, se não deixasse um pouco esta ação para engoli-la, assim também acontece com quando o afeto é provo-

[14] Cf. João 14: 13. *Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e nós iremosa ele e nele faremos nossa morada.*

cado.

Se quisermos movimentar novamente a alma, é preciso extinguir seu fogo e isto é tirar da alma seu alimento. É preciso que ela engula, com um pequeno *repouso amoroso* cheio de respeito e de confiança, o que ela mastigou e saboreou.

Este processo é muito necessário e avançaria mais a alma em pouco tempo do que qualquer outro em muitos anos.

04

Mas, como eu disse que o exercício direto e principal deve ser a visão da presença de Deus, o que se deve fazer também mais fielmente é chamar de volta os sentidos quando eles se dissipam.

Esta é uma maneira curta e eficaz de combater as distrações, porque aqueles que querem se opor a ela diretamente, as irritam e as aumentam, enquanto que, ao mergulhar, através da visão da fé, em Deus presente e ao se recolher simplesmente, elas são combatidas indiretamente e sem pensar nisto, mas de forma muito eficaz.

Aconselho também aos iniciantes que não corram de verdade em verdade, de tema em tema, mas se mantenham no mesmo enquanto sentirem gosto nele. Este é o

meio de logo penetrar nas verdades, de desfrutá-las e fixá-las.

Eu digo que é *difícil* no início se recolher, por causa do hábito que a alma adquiriu de permanecer totalmente no exterior, mas, quando ela fica um pouco habituada, através do esforço que ela faz, isto se torna muito fácil, tanto porque ela adquiriu o novo hábito, quanto porque Deus, que só quer se comunicar à sua criatura, lhe envia graças abundantes e um prazer experimental de sua presença, que o torna *muito fácil*.

CAPÍTULO 03

Para os que não sabem ler.

01

Aqueles que não sabem ler não ficarão privados, por isto, da oração. Cristo é o grande livro, escrito por fora e por dentro, que os ensinará todas as coisas.

Eles devem praticar este método. Primeiramente, é preciso que eles aprendam uma verdade fundamental, que é que *o Reino de Deus já está dentro* deles[15].

---

[15] Lucas 17: 21.

Os Párocos deveriam ensinar seus paroquianos a fazer a oração como eles lhes ensinam o catecismo. Eles os ensinam o fim para o qual eles foram criados, mas eles não os ensinam a desfrutar desse fim. Que eles os ensinem desta maneira.

É preciso começar por um ato profundo de adoração e de aniquilamento perante Deus. Com isto, eles tratam de fechar os olhos do corpo e de abrir os olhos da alma. Depois, a se recolherem do exterior e se ocuparem diretamente com a presença de Deus, através de uma fé viva, pois Deus está em nós, sem deixar as forças e os sentidos se espalharem pelo exterior, mantendo-os o mais cativos e sujeitos que se possa.

02

Que eles rezem então o *Pai nosso*, compreendendo um pouco o que dizem e pensando que Deus, que está dentro deles, quer mesmo ser o Pai deles.

Neste estado, que eles apresentem suas necessidades e, depois de terem pronunciado a palavra *Pai*, que eles permaneçam alguns instantes em silêncio com muito respeito, esperando que esse Pai celeste os faça conhecer suas vontades.

Outras vezes, o cristão ___ se vendo como uma cri-

ança toda suja e machucada por suas quedas, que não tem força para se sustentar e nem para se limpar __ que ele se exponha ao seu Pai de uma maneira humilde e confusa, às vezes misturando alguma palavra de amor e depois, permanecendo em silêncio.

Depois, continuando com o *Pai nosso*, que ele peça ao Rei da Glória que *reine* nele, se abandonando a ele para que ele faça isto e lhe cedendo os direitos que ele tem sobre si mesmo.

Sentindo uma inclinação para a paz e para o silêncio, não é preciso prosseguir, mas permanecer assim enquanto este estado durar. Depois disto, continuar com o segundo pedido.

Seja feita vossa vontade, assim na terra como no céu. Com isto, esses humildes suplicantes desejarão que Deus realize, neles e através deles, todas as suas vontades. Eles darão a Deus seus corações e suas liberdades, para que ele disponha deles segundo seu bem querer.

Depois, vendo que a ocupação da vontade deve ser amar, eles desejarão amar e pedirão a Deus seu amor.

Mas isto deve ser feito doce e pacificamente, assim como o resto do *Pai nosso*, sobre os quais, os senhores Párocos podem instruí-los. Eles não devem sobrecarregá-

los com uma quantidade excessiva de *Pais nossos* e *Aves Marias*, nem de outras preces vocais. Basta um Pai nosso rezado da maneira como acabo de dizer para gerar grandíssimo fruto.

03

Outras vezes, eles se manterão como ovelhas junto ao Pastor delas e lhe pedirão o verdadeiro alimento: “Ó divino Pastor, que alimentais vós mesmo vossas ovelhas e sois o pão delas de cada dia!”

Eles poderão também lhe apresentar as necessidades de suas famílias, mas é preciso que isto se faça com a visão da fé direta e principal de Deus em nós.

Nem tudo o que se imagina é de Deus. Uma viva fé de sua presença basta, pois não é preciso formar nenhuma imagem de Deus, embora se possa formar uma de Jesus Cristo, imaginando-o como crucificado ou como criança ou em algum outro estado ou mistério, desde que a alma o busque sempre em suas profundezas.

Outras vezes, ele é imaginado como um Médico e lhe são apresentadas suas chagas para que ele as cure. Mas sempre sem esforço e com um pequeno silêncio de tempos em tempos, para que o silêncio seja misturado com a ação, aumentando pouco a pouco o silêncio e di-

minuindo o discurso, até que, enfim, de tanto ceder pouco a pouco à operação de Deus, ele passa a prevalecer, como será dito em seguida.

04

Quando a presença de Deus se faz presente e a alma começa a desfrutar, pouco a pouco, do silêncio e da quietude, esse gosto experimental da presença de Deus introduz no segundo grau da oração, que é obtida comumente no início, como foi dito, por aqueles que sabem ler e também por aqueles que não sabem, embora Deus gratifique desde o início algumas almas privilegiadas.

CAPÍTULO 04

O segundo grau da oração: a oração da simplicidade.

01

O segundo grau é chamado por alguns de *contemplação*, *oração de fé*, *repouso*. Outros lhe dão o nome de *oração da simplicidade* e é este último nome que é preciso usar aqui, sendo mais apropriado do que o de *contemplação*, que significa uma oração mais avançada do que a

que falo.

Quando então a alma se exercitou, como foi dito, durante algum tempo, ela sente que, pouco a pouco, a facilidade em se dedicar a Deus lhe é dada e ela começa a se recolher mais facilmente. A oração se lhe torna fácil, doce e agradável. Ela sabe que este é o caminho para encontrar Deus. Ela sente o odor dos seus perfumes.

Então, é preciso que ela mude de método e faça com fidelidade e coragem o que vou dizer, sem se admirar com tudo o que se possa alegar.

02

Primeiramente, logo que ela se coloca em presença de Deus, com fé, que ela se recolha, que ela permaneça um pouco assim, em um silêncio respeitoso.

Se ela desde o começo, ao fazer seu ato de fé, ela sente um gostinho da presença de Deus, que ela permaneça assim, sem se dar ao esforço de nenhum assunto e nem de passar para outro. Que ela guarde o que lhe foi dado enquanto isto durar.

Se ele se for, que ela estimule a vontade com algum afeto terno e se, desde o primeiro afeto, ela se vir colocada em uma doce paz, que ela permaneça nela.

É preciso soprar suavemente o fogo e assim que ele

for aceso, deixar de soprá-lo, pois, quem quiser ainda soprar, o apagará.

03

Eu peço, sobretudo, que jamais se termine a oração sem permanecer por algum tempo, no fim, em um silêncio respeitoso.

É também de grande consequência que a alma vá à oração com coragem, que ela leve a ela um amor puro e sem interesses, que ela não vá a ela para obter alguma coisa de Deus além de agradá-lo e fazer sua vontade, pois um servidor que só serve seu Senhor na medida em que é recompensado é indigno de ser recompensado.

Não vá então à oração para querer desfrutar de Deus, mas para estar nela como ele quiser. Isto fará com que você seja igual nas securas e nas abundâncias e que você não se surpreenda com as rejeições de Deus e nem com as securas.

CAPÍTULO 05

As securas.

01

Como Deus não tem outro desejo que não seja se dar à alma amorosa que quer buscá-lo, ele se oculta muitas vezes para revelar sua preguiça e obrigá-lo a buscá-lo com amor e fidelidade.

Mas, com que bondade ele recompensa a fidelidade de sua bem-amada! Quantas de suas fugas aparentes são seguidas de carícias amorosas!

Acredita-se então que é uma fidelidade maior demonstrar mais seu amor do que buscá-lo com o esforço da cabeça e a força da ação ou que isto o fará retornar logo.

Não! Acreditem em mim, caras almas. Este não deve ser o comportamento deste grau. É preciso que, com uma paciência amorosa, um olhar abaixado e humilde, uma afeição frequente, mas pacífica, um silêncio respeitoso, você espere o retorno do Bem-amado.

02

Você o fará ver, com esta maneira de agir, que é somente ele que você ama e seu beneplácito e não o prazer que você tem em amá-lo.

Por isto está dito: Torne seu coração humilde, espere com paciência, dê ouvidos e acolha as palavras de sa-

bedoria, não se perturbe no tempo da infelicidade, sofra as demoras de Deus, dedique-se a Deus, espere com paciência, a fim de que, no derradeiro momento, sua vida se enriqueça[16].

Seja paciente na oração, mesmo que você não tenha que fazer outra coisa na sua vida do que esperar com paciência, com um espírito humilde, abandonado, resignado e contente, o retorno do Bem-amado.

Ó oração excelente!

Você pode misturá-la com prantos amorosos.

Ó como este procedimento encanta o coração de Deus e o obriga bem mais a retornar do que qualquer outro!

CAPÍTULO 06

O abandono.

01

É aqui que deve começar o *abandono e a doação* total de si mesmo a Deus, para nos convencermos fortemente de que tudo o que nos acontece, de momento a

[16] Eclesiástico 2: 2 e 3.

momento, é ordem e vontade de Deus e tudo o que precisamos. Esta convicção nos deixará contentes com tudo e nos fará ver como vindo de Deus e não das criaturas tudo o que nos acontece.

Eu lhes imploro, meus caríssimos irmãos, sejam vocês quem forem, que queiram se dar a Deus, que não se retomem quando tiverem se dado a ele e pensem que uma coisa dada não está mais em seu poder.

02

O abandono é o que há de consequente em todo o caminho e ele é a chave de todo o interior. Quem se abandona bem logo será perfeito.

É preciso então se manter firme no abandono, sem ouvir as racionalizações e nem as reflexões. Uma grande fé faz um grande abandono. É preciso confiar em Deus, *esperando, contra toda a esperança*[17],

03

O *abandono* é uma libertação de toda preocupação conosco mesmos, para nos deixar inteiramente sob a condução de Deus.

[17] Romanos 4: 8.

Todos os cristãos são exortados a se abandonar, pois é para todos que está dito: Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã; o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu mal. Vosso Pai Celeste sabe que necessitais de tudo[18]. Sejam quais forem os teus caminhos, pensa nele e ele aplainará tuas sendas[19]. Confia teus negócios ao Senhor e teus planos terão bom êxito[20]. Confia ao Senhor a tua sorte, espera nele e ele agirá[21].

O abandono deve ser então, tanto para o exterior quanto para o interior, uma abdicação total nas mãos de Deus, se esquecendo totalmente de si mesmo e só pensando em Deus.

O coração permanece, com este procedimento, sempre livre, contente e desapegado.

04

Quanto à prática, ela deve ser perder incessantemente toda vontade própria na vontade de Deus; renunciar a todas as inclinações particulares, por melhores que elas pareçam, longo que se sente elas nascerem, para co-

[18] Mateus 6: 34 e 32.
[19] Provérbios 3: 6.
[20] Provérbios 16: 3.
[21] Salmo 36: 6.

locá-las na indiferença e só querer o que Deus quis desde toda a eternidade; ser indiferente a todas as coisas, seja quanto ao corpo, seja quanto à alma, para os bens temporais e eternos; deixar o passado no esquecimento, o futuro com a Providência e dar o presente a Deus; nos contentar com o momento atual que nos traz, com a fé, a ordem eterna de Deus para nós e que nos é uma declaração um tanto quanto infalível da vontade de Deus, que é comum e inevitável para todos; nada atribuir à criatura pelo que acontece conosco, mas olhar todas as coisas em Deus e como vindo infalivelmente de suas mãos, a não ser o nosso pecado.

Deixe-se então se conduzir por Deus, como ele quiser, seja no interior, seja no exterior.

CAPÍTULO 07

O sofrimento.

01

Esteja contente com tudo o que Deus o faça sofrer. Se você o ama puramente, você não o buscará menos nessa via sobre o Calvário do que sobre o Tabor. É preciso amá-lo na mesma medida, tanto no Calvário quanto no

Tabor, já que este é o lugar onde ele faz transparecer mais amor.

Não faça como aquelas pessoas que se dão em um momento, mas se retomam em outro. Elas se dão para serem acariciadas e se retomam quando são crucificadas, ou então vão buscar nas criaturas a consolação.

02

Não, você só encontrará, caras almas, consolação, no amor da cruz e no abandono inteiro.

Ó, quem não tem gosto pela cruz não tem gosto por Deus![22]

É impossível amar Deus sem amar a cruz e um coração que tem gosto pela cruz acha doces, agradáveis e prazenteiras até mesmo as coisas mais amargas. *Para o faminto tudo o que é amargo parece doce*[23], porque ele está tão faminto pela cruz quanto está faminto por Deus.

A cruz dá Deus e Deus dá a cruz. A marca do avanço interior é se se avança na cruz. O abandono e a cruz são companheiros.

---

[22] Cf. Mateus 16: 23 e 24. *Teus pensamentos não são de Deus. Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.*
[23] Provérbios 27: 7.

03

Logo que você sentir alguma coisa que o repugna e que lhe é proposto como sofrimento, abandone-se a Deus primeiramente por essa mesma coisa e dê-se a ele em sacrifício. Você verá que, quando a cruz vier, ela não será tão pesada, porque você a bem quis.

Isto não impede que se sinta seu peso. Alguns acham que não é sofrer sentir a cruz. Sentir o sofrimento é uma das principais partes do próprio sofrimento. Jesus Cristo quis sofrer com todo o rigor.

Muitas vezes se carrega a cruz com fraqueza; outras, com força. Tudo deve ser igual na vontade Deus.

CAPÍTULO 08

Os mistérios.

01

Vão me objetar que, por este caminho, não se imprimirão os mistérios. É bem o contrário. Eles são dados, na realidade, à alma.

Jesus Cristo, a quem se abandona e a quem se segue

como *caminho*, a quem se escuta como *verdade* e que nos anima, como *vida*[24], ao imprimir ele mesmo na alma, a faz carregar todos os estados.

Carregar os estados de Jesus Cristo é algo de muito maior do que somente considerar os estados de Jesus Cristo.

São Paulo carregou em seu corpo os estados de Jesus Cristo. *Trago em meu corpo os estigmas do Senhor Jesus*[25], ele disse. Mas ele não disse que raciocinava sobre isto.

02

Muitas vezes, Jesus Cristo fornece, neste estado de abandono, visões de seus estados, de uma maneira bem particular. É preciso recebê-las e se deixar aplicar a tudo o que lhe agradar, recebendo igualmente todas as disposições em que ele quiser nos colocar e só escolhendo por nós mesmos aquela de permanecer junto a ele, de nos afeiçoar, de nos aniquilar perante ele, mas recebendo igualmente tudo o que ele nos der, sejam luzes ou trevas, facilidades ou esterilidades, força ou fraqueza, doçura ou

[24] João 14: 6.
[25] Gálatas 6: 17.

amargura, tentação ou distração, dores, aborrecimentos, incertezas. Nada de tudo isto deve nos deter.

03

Há pessoas que Deus aplica por anos inteiros em desfrutar um dos seus mistérios. Somente a visão desses mistérios as faz se recolherem em seus interiores. Que elas sejam fiéis a ele. Mas, quando Deus lhes retirar isto, que elas se deixem despojar.

Outros se esforçam para não pensar em um mistério. Isto não tem motivo, já que a atenção amorosa a Deus inclui toda devoção particular e quem está unido a Deus somente por seu repouso está aplicado, de uma maneira mais excelente, a todos os mistérios.

Quem ama Deus ama tudo o que é dele.

CAPÍTULO 09

A virtude.

01

Este é o meio curto e seguro de adquirir a virtude, porque Deus, sendo o princípio de toda virtude, possuir Deus é possuir toda virtude e quanto mais se aproxima

desta posse, mais se tem a virtude em grau eminente.

Além disto, eu digo que toda virtude que não é dada pelo interior é uma máscara de virtude e como que uma vestimenta que se tira e que pouco dura. Mas a virtude comunicada pelas profundezas é a virtude essencial, verdadeira e permanente.

Toda a glória da filha do rei está no interior[26]. E, de todas as almas, não há uma que a pratique mais fortemente do que estas, embora elas não pensem na virtude em particular.

Deus, a quem elas se mantêm unidas, as faz praticá-las de todos os tipos. Ele não admite nada. Ele não lhes permite um pequeno prazer.

02

Que fome essas almas têm de sofrimento! A quantas austeridades elas não se entregarão, se lhes for permitido agir segundo seus desejos!

Elas só pensam no que pode agradar ao seu Bem-amado. Elas começam a se negligenciar e a menos se amar. Quanto mais elas amam se Deus, mais elas se odeiam e mais elas têm desgosto pelas criaturas.

[26] Salmo 44: 14.

03

Ó se fosse possível aprender esse método tão fácil, que é adequado para todos, para os mais grosseiros e ignorantes assim como para os mais eruditos! Quão facilmente toda a Igreja de Deus seria reformada!

Só é preciso amar. *Ame e faça o que bem quiser*[27], pois quando se ama bem, não se pode querer nada que possa desagradar ao Bem-amado.

CAPÍTULO 10

A mortificação.

01

Eu digo também que é quase impossível chegar jamais à perfeita mortificação dos sentidos e das paixões por outra via. A razão totalmente natural é que é a alma que dá a força e o vigor aos sentidos, como são os sentidos que provocam e estimulam as paixões.

Um morto não tem mais sentimento e nem paixão,

[27] Santo Agostinho. *Primeira Epístola de São João*, Conferência 07, Cap. 08. *De uma vez por todas lhe é imposto um preceito fácil: ame e faça o que bem quiser. Seja mantendo o silêncio; mantenha-o por amor. Seja gritando; eleve a voz por amor. Seja corrigindo alguém; corrija por amor. Seja sendo indulgente; seja indulgente por amor.*

por causa da separação que acontece entre a alma e os sentidos. Todo o trabalho que se faz no exterior leva sempre a alma mais para fora, para as coisas em que ela se aplica mais fortemente. É nelas que ela mais se espalha. Estando aplicada diretamente à austeridade e ao exterior, ela está totalmente voltada para este lado, de sorte que ela coloca os sentidos em ação, longe de amortizá-los, pois os sentidos só podem tirar vigor da aplicação da alma, que lhes comunica tanta vida quanto mais ela está neles.

Essa vida dos sentidos move e estimula a paixão, longe de extingui-la. As austeridades podem muito bem enfraquecer o corpo, mas jamais entorpecer totalmente os sentidos ou seu vigor, pela razão que acabo de dizer.

02

Uma só coisa pode fazê-lo, que é a alma, por meio do recolhimento, se voltar totalmente para o interior dela mesma e se ocupar com Deus, que lá está presente.

Se ela direciona todo seu vigor e sua força para dentro de si mesma, ela se separa dos sentidos somente com esta ação e, ao empregar toda sua força e seu vigor no interior, ela deixa os sentidos sem vigor e, quanto mais ela avança e se aproxima de Deus, mais ela se separa dela

mesma.

Isto é o que faz com que as pessoas em quem o atrativo da graça é forte se vejam totalmente enfraquecidas exteriormente e muitas vezes caiam no desfalecimento.

03

Eu não quero dizer com isto que não se deve se mortificar. A mortificação deve sempre acompanhar a oração segundo as forças, o estado de cada um e a obediência.

Mas eu digo que não se deve fazer da mortificação seu principal exercício e nem se fixar nestas ou naquelas austeridades, mas, ao seguir somente a atração interior e ao se ocupar com a presença de Deus, sem pensar em particular na mortificação, Deus faz fazer todo tipo de coisas e não dá descanso às almas que são fiéis em se abandonar a ele e que ele ainda não mortificou nelas tudo o que há para mortificar.

É preciso então somente se manter atento a Deus e tudo se faz com muita perfeição. Nem todos são capazes de austeridades exteriores, mas todos são capazes disto.

Há dois sentidos que não se pode exceder na mortificação: a visão e a audição, porque são estes que formam todas as espécies. Deus faz acontecer; só há que seguir seu Espírito.

04

A alma, com este comportamento, tem uma dupla vantagem, que é, na medida em que se retira do exterior, ela se aproxima sempre mais de Deus e, ao se aproximar de Deus, além do fato de que lhe é comunicada uma força e uma virtude secreta que a preserva, quanto mais ela se afasta do pecado, mais ela se aproxima de Deus e está então em uma conversão habitual.

CAPÍTULO 11

A conversão.

01

Voltai, pois, filhos de Israel, àquele de quem estais tão profundamente separados[28].

A conversão não é outra coisa do que se afastar das criaturas para retornar a Deus.

A conversão não é perfeita, embora ela seja boa e necessária para a salvação, quando ela se faz somente do pecado à graça. Para ser inteira, ela deve ser feita de fora para dentro.

[28] Isaías 31: 6.

Tendo a alma se voltado para o lado de Deus, ela tem uma facilidade grandíssima em permanecer convertida a Deus. Quanto mais ela permanece convertida, mais ela se aproxima de Deus e se apega a ele e quanto mais ela se aproxima de Deus, ela se afasta, necessariamente, das criaturas, que são o oposto de Deus. Ela se fortalece tanto em sua conversão que ela se torna habitual e como que natural.

Ora, é preciso saber que isto não é feito com uma prática violenta da criatura. O único exercício que ela pode e deve fazer com a graça é fazer um esforço para se voltar e se recolher ao seu interior. Feito isto, não há mais nada a fazer além de permanecer voltada para Deus em uma aderência contínua.

02

Deus tem uma virtude atraente que pressiona sempre mais fortemente a alma para ir a ele e, ao atraí-la, ele a purifica.

É como se vê o sol atraindo para si um vapor grosseiro e pouco a pouco, sem qualquer esforço da parte desse vapor, além de se deixar atrair, o sol, ao aproximá-lo de si, o sutiliza e o purifica. Há, no entanto, a diferença de que esse vapor não é atraído livremente e não segue vo-

luntariamente como faz a alma.

Essa maneira de se voltar para o interior é muito fácil e avança a alma sem esforço e de maneira totalmente natural, porque Deus é nosso centro. O centro tem sempre uma virtude atraente muito forte e quanto mais o centro é eminente e espiritual, mais seu atrativo é violento e impetuoso, sem poder ser detido.

03

Além da virtude atrativa do centro, é dada a todas as criaturas uma inclinação forte para a reunião em seu centro, de sorte que os mais espirituais e perfeitos possuem essa inclinação mais forte. Assim que uma coisa se voltou para seu centro, a menos que ela não seja detida por algum obstáculo insuperável, ela se precipita para ele com extrema velocidade.

Assim que uma pedra é solta e voltada para a terra, ela tende para ela, pelo seu peso, como que para seu próprio centro. Acontece o mesmo com a água e com o fogo que, não sendo detidos, correm incessantemente para seu centro.

Ora, eu digo que a alma, pelo esforço que ela faz para se recolher ao seu interior, estando voltada para sua inclinação central, sem outro esforço além do peso do

amor, cai pouco a pouco no centro e quanto mais ela permanece pacífica e tranquila, sem se mover, mais ela avança com rapidez, porque ela cede mais espaço para a virtude atrativa e central atraí-la fortemente.

04

Todo o cuidado então que devemos ter é nos recolhermos ao nosso interior o mais que possamos, não nos surpreendendo com a dificuldade que possamos ter com este exercício, que será logo recompensado com uma ajuda admirável da parte de Deus, que o tornará muito fácil, desde que sejamos fiéis em reconduzir nosso coração doce e suavemente, com um pequeno retorno doce e tranquilo e através de afeições ternas e aprazíveis, quando ele se afasta com distrações e com ocupações.

Quando as paixões se levantam, um pequeno retorno para o interior, para o lado de Deus que está presente, as amortece com muita facilidade. Qualquer outro combate mais as irritam do que as apaziguam.

CAPÍTULO 12

A oração da simples presença de Deus.

01

A alma fiel em se exercitar, como foi dito, no afeto e no amor ao seu Deus, fica totalmente admirada quando sente que, pouco a pouco, ele se apodera inteiramente dela. Sua presença se torna tão fácil para ela que ela não poderia não tê-la. Ela lhe é dada por hábito, tanto quanto a oração.

A alma sente que a calma se apodera pouco a pouco dela. O silêncio faz toda sua oração e Deus lhe dá um amor infuso que é o começo de uma felicidade inefável.

Ah, se me fosse permitido prosseguir com os graus infinitos que se seguem![29] Mas é preciso se deter aqui, já que só escrevo para os iniciantes, esperando que Deus traga à luz o que poderá servir para todos os estados.

02

É preciso se contentar em dizer que é então que é de grande consequência *fazer cessar a ação e a operação próprias*[30], para deixar Deus agir.

Repousai e reconhecei que sou Deus[31], ele mesmo

[29] Ela prossegue no *Tratado das torrentes* e que, de fato, é uma continuação natural deste e pode servir a todos os estados.
[30] Própria quer dizer da própria escolha, sensível ao seu gosto e de maneira refletida, apressada, inquieta, tendendo para outro lugar ou de uma maneira que não seja a atração de Deus.
[31] Salmo 45: 10.

nos diz, através de Davi.

Mas a criatura tem tanto amor pelo que ela faz que ela acredita não fazer nada, se não sente, conhece e distingue sua operação. Ela não vê que é a velocidade de sua corrida que a impede de ver seus procedimentos e que a operação de Deus, ao se tornar mais abundante, absorve a da criatura, como se vê que o sol, na medida em que se eleva, absorve pouco a pouco toda a luz das estrelas, que se distinguiam muito bem antes que ele aparecesse. Não é a falta de luz que faz com que não se distingam mais as estrelas, mas o excesso.

O mesmo acontece aqui. A criatura não distingue mais *sua operação* porque uma luz mais forte e geral absorve suas luzinhas distintas e as faz desfalecerem inteiramente, porque o excesso da nova luz as ultrapassa todas.

03

De sorte que, aqueles que acusam esta oração de *ociosidade* se enganam muito e é por falta de experiência que eles falam assim.

Ah, se eles quisessem se esforçar um pouco e experimentar! Em pouco tempo eles seriam experientes e sábios nesta matéria.

Eu digo então que essa incapacidade de operar não vem da escassez, mas da abundância, como a pessoa que fizer a experiência distinguirá muito bem. Ela saberá que não se trata de um silêncio infrutífero causado pela escassez, mas um silêncio *pleno* e untuoso, causado pela *abundância*.

04

Dois tipos de pessoas se calam: uma por não ter nada para dizer e outra por ter muito. Acontece o mesmo neste grau; cala-se por excesso e não por falta.

A água causa a morte a duas pessoas bem diferentes: uma morre de sede e a outra morre afogada. Uma morre pela falta e a outra morre pelo excesso.

Aqui é a abundância que faz cessar as operações. É, portanto, apropriado, neste grau, permanecer em silêncio o máximo que se puder.

Uma criancinha agarrada ao mamilo da sua ama de leite nos mostra bem isto. Ela começa por remexer seus lábios para fazer o leite sair. Mas, quando o leite sai em abundância, ela se contenta em engolir sem fazer nenhum movimento. Se ela o fizesse, ela se prejudicaria, pois faria o leite se espalhar e seria obrigada a parar.

Da mesma forma, é preciso, no início da oração, fa-

zer remexerem os lábios da afeição. Mas quando o leite da graça flui, não há mais nada a fazer além de ficar em repouso, engolindo docemente e quando o leite deixa de vir, remexer um pouco a afeição, como a criança faz com os lábios.

Quem fizesse de outra maneira não poderia aproveitar esta graça que é dada aqui para atrair para a quietude *do amor* e não para estimular o movimento da própria multiplicidade.

05

O que acontece com essa criança que engole docemente o leite, em paz e sem se mexer? Quem poderia acreditar que ela se alimenta assim? No entanto, quanto mais ela suga em paz, mais o leite a beneficia.

O que acontece, repito, a essa criança? Ela dorme no colo de sua mãe.

A alma pacífica na oração dorme muitas vezes o sono místico em que todas as forças se calam até que entrem no estado que lhes é dado passageiramente. Percebe-se que a alma é conduzida aqui bem naturalmente, sem perturbação, sem esforço, sem estudo, sem artifício.

O interior não é uma praça forte que é tomada com canhões e com a violência; é um reino de paz, que é pos-

suído pelo amor. Assim, seguindo bem docemente este trenzinho pegado desta maneira se chegará logo à *oração infusa*.

Deus não pede nada extraordinário e nem muito difícil. Pelo contrário, um procedimento bem simples e infantil o agrada extremamente.

06

Tudo o que há de maior na religião é o que há de mais fácil. Os sacramentos mais necessários são os mais fáceis.

É o mesmo com as coisas naturais. Você quer ir ao mar? Embarque em um rio e, imperceptivelmente e sem esforço, você chegará lá.

Você quer ir a Deus? Pegue este caminho tão suave, tão fácil e em pouco tempo você chegará lá, de uma maneira que o surpreenderá.

Ah, se você quisesse fazer esta tentativa! Logo você veria que o que foi dito é muito pouco e a experiência que você teria iria muito além do é dito!

O que você teme? Por que você não se joga imediatamente nos braços do Amor, que os estendeu na cruz para recebê-lo?

Que risco pode haver em se confiar a Deus e se a-

bandonar a ele?

Ah, ele não o enganará, a não ser de uma agradável maneira, lhe dando muito mais do que você espera. Enquanto que, aqueles que esperam tudo deles mesmos, poderiam ouvir esta censura que Deus fez pela boca de Isaías: *Na multiplicidade dos seus caminhos, tu te fatigas, sem jamais dizer: "Vou repousar"*[32].

CAPÍTULO 13

A quietude perante Deus.

01

Tendo a alma chegado até aqui, ela não precisa de outra preparação além de repouso, pois é aqui que a presença de Deus durante o dia, que é o grande fruto da oração __ ou melhor, a continuação da própria oração __ começa a ser infusa e quase contínua.

A alma desfruta em suas profundezas de uma felicidade inestimável. Ela percebe que Deus está mais nela do ela mesma. Ela só tem que fazer uma coisa para encontrá-lo, que é se afundar nela mesma.

[32] Isaías 57: 10.

Assim que ela fecha os olhos, ela se vê tomada e colocada em oração. Ela fica espantada com tão grande bem e acontece no interior dela uma conversação que o exterior não interrompe.

02

Pode-se dizer, desta maneira de orar, o que é dito da Sabedoria: *Com ela me vieram todos os bens e, nas suas mãos, inumeráveis riquezas*[33], pois as virtudes fluem agradavelmente a essa alma que as pratica de uma maneira tão fácil que elas parecem lhe ser naturais. Ela tem um germe de vida e de fecundidade que lhe dá facilidade para tudo o que é bom e insensibilidade para tudo o que é mau.

03

Que ela permaneça então fiel neste estado e que ela evite mesmo buscar outra disposição, seja ela qual for; o simples repouso, a confissão ou a comunhão, a ação ou a oração. Não há nada a se fazer além de se deixar encher com essa efusão divina.

Com isto, eu não me refiro às preparações necessá-

[33] Sabedoria 7: 11.

rias aos sacramentos, mas à mais perfeita disposição interior na qual se possa recebê-los, que é aquela que acabo de dizer.

CAPÍTULO 14

O silêncio interior.

O Senhor está em seu templo santo. Silêncio diante dele, ó terra inteira![34]

A razão pela qual o silêncio interior é tão necessário é que o Verbo, sendo a palavra eterna e essencial, precisa, para que ele seja recebido na alma, de uma disposição que tenha alguma relação com o que ele é.

Ora, é certo que, para receber a Palavra, é preciso prestar atenção e ouvir. O ouvido é o sentido que é feito para receber a Palavra que lhe é comunicada. A audição é um sentido mais passivo do que ativo, que recebe e não se comunica. Sendo o Verbo a palavra que deve se comunicar à alma e reavivá-la, é preciso que ela esteja atenta a este mesmo Verbo, que quer lhe falar no interior dela.

[34] Habacuc 2: 20.

02

É por isto que há tantas passagens que nos exortam a ouvir Deus e nos tornarmos atentos à sua voz. Poderíamos citar muitas, mas é preciso se contentar com estas:

Povos, escutai bem! Nações, prestai-me atenção![35] Ouvi-me, casa de Jacó e vós, sobreviventes da casa de Israel, que eu carreguei desde vosso nascimento e sustentei desde o seio materno[36]. Ouve, filha! Vê e presta atenção! Esquece o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantará o rei[37].

É preciso escutar Deus e se tornar atento a ele, se esquecer de si mesmo e de todo interesse próprio. Somente estas duas ações __ ou melhor, paixões, pois isto é muito passivo __ atraem o amor pela beleza que ele mesmo comunica.

03

O silêncio exterior é muito necessário para cultivar o silêncio interior e é impossível se tornar interior sem amar o silêncio e o recolhimento. Deus nos diz isto pela boca do seu Profeta: *Por isso a atrairei, conduzi-la-ei ao*

[35] Isaías 51: 4.
[36] Idem, 46: 3.
[37] Salmo 44: 11 e 12.

deserto e falar-lhe-ei ao coração[38].

O meio de ser ocupado interiormente por Deus e de ocupar exteriormente com mil bagatelas? Isto é impossível.

Quando a fraqueza o levou a se dissipar pelo exterior, é preciso fazer um pequeno retorno ao interior, ao qual é preciso ser fiel todas as vezes em que se distrai e se dissipa.

Seria pouco orar e se recolher por uma meia hora ou uma hora, se não se conservasse a unção e o espírito de oração durante o dia.

CAPÍTULO 15

A confissão e o exame de consciência.

01

O exame deve sempre preceder a confissão, mas o exame deve ser conforme o estado da alma. Aquelas que estão aqui devem se expor perante Deus, que não deixará de iluminá-las e de lhes mostrar a natureza de suas faltas.

É preciso que esse exame seja feito com paz e tran-

[38] Oséias 2: 16.

quilidade, esperando mais de Deus do que da nossa própria busca pelo conhecimento dos nossos pecados.

Quando nos examinamos com esforço, nós nos enganamos facilmente. Nós, *ao mal chamamos bem e ao bem, mal*[39] e o amor-próprio nos engana facilmente.

Mas quando permanecemos expostos aos olhos de Deus, estamos diante de um sol que nos mostra até os mínimos detalhes.

Precisamos então nos entregarmos e nos abandonarmos muito a Deus, tanto para o exame quanto para a confissão.

02

Logo que se está desta maneira na oração, Deus não deixa de repreender a alma por todas as faltas que ela cometeu. Ela nem bem cometeu uma falta e já sente uma ardência que a repreende.

Trata-se então de um exame que Deus faz e que não deixa escapar nada e a alma só tem que simplesmente se voltar para Deus, suportando a dor e a correção que ele lhe faz.

Como esse exame da parte de Deus é contínuo, a

[39] Isaías 5: 20.

alma não pode mais examinar ela mesma e se ela for fiel em se abandonar a Deus, ela será melhor examinada por sua luz do que seria por todos os seus próprios cuidados e a experiência lhe mostrará bem isto.

03

Quanto à confissão, é necessário estar atento para uma coisa, que é que as pessoas que percorrem esta via ficarão muitas vezes espantadas com o fato de que, quando se aproximam do confessionário e começam a contar seus pecados, invés do arrependimento e de um ato de contrição, que elas tinham o costume de fazer, um amor doce e tranquilo se apodera de seus corações.

Aqueles que não são instruídos querem se retirar de lá para fazer um ato de contrição, porque ouviram dizer que isto é necessário e é verdade. Mas eles não percebem que perdem a verdadeira contrição, que é esse *amor infuso*, infinitamente maior do que eles poderiam fazer por eles mesmos. Eles têm um ato eminente que compreende os outros, com mais perfeição, embora não tenham estes como distintos e múltiplos.

Que eles não se deem ao trabalho de fazer outra coisa, quando Deus age mais excelentemente neles e com eles. Odiar o pecado desta forma é odiá-lo como Deus o

odeia. Isto é um amor mais puro do que aquele que Deus opera na alma.

Que ela não se apresse então em agir, mas que ela permaneça tal como ela é, segundo o conselho do Sábio: *Põe tua confiança em Deus e permaneça em seu lugar*[40].

04

Ela se espantará também por se esquecer de suas faltas e ter dificuldade em se lembrar delas. Não é necessário que ela se dê a este trabalho, por duas razões: a primeira é que este esquecimento é uma marca da purificação da falta e que é melhor, neste grau, nos esquecermos de tudo o que nos diz respeito, para nos lembrarmos somente de Deus. A segunda é que Deus não deixa, quando é preciso se confessar, de mostrar à alma suas maiores faltas, pois então, ele mesmo faz este exame e ela verá que assim alcançará melhor seu objetivo do que com todos os seus esforços.

05

Isto não pode acontecer nos graus precedentes, em que a alma, estando ainda em ação, pode e deve se utili-

[40] Eclesiástico 11: 22.

zar do próprio esforço para todas as coisas, mais ou menos, segundo seu avanço.

Para as almas deste grau, que elas se atenham ao que lhes foi dito e não mudem suas ocupações simples.

O mesmo acontece para a comunhão. Que elas deixem Deus agir e permaneçam em silêncio. Deus não pode ser melhor recebido do que pelo próprio Deus.

CAPÍTULO 16

A leitura e as preces vocais.

01

A maneira de ler neste grau é que, assim que se sente um pequeno recolhimento, é preciso parar e permanecer em repouso, lendo pouco e não continuando, assim que se sente atraído para o interior.

02

Assim que alma for chamada ao silêncio interior, que ela não se sobrecarregue com as preces vocais, mas que faça poucas delas e quando as fizer, se encontrar alguma dificuldade em fazê-la ou se sentir atraída para o silêncio, que ela permaneça e não faça nenhum esforço, a

menos que as preces sejam *obrigatórias*. Neste caso, é preciso prossegui-las.

Mas, se elas não forem obrigatórias, que ela as deixe logo que se sentir atraída e tiver dificuldade em fazê-las. Que ela não se perturbe e nem se prenda, mas se deixe conduzir pelo Espírito de Deus e ela satisfará então a todas as devoções de uma maneira eminente.

CAPÍTULO 17

Os pedidos.

01

A alma estará então em um estado de impotência para fazer pedidos a Deus, o que ela fazia antes com facilidade. Isto não deve então surpreendê-la, pois é então que *o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza, porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis. O Espírito intercede pelos santos, segundo a vontade de Deus*, para *o que o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito*[41].

[41] Romanos 8: 26 e 27 e 12: 2.

Eu digo mais: é preciso ajudar os propósitos de Deus, que são despojar a alma de suas próprias operações, para colocar as dele no lugar.

02

Deixe-o então fazer isto e não se prenda a nada por você mesmo. Por melhor que algo lhe pareça, não é então para você, se isto o afasta do que Deus quer de você.

Ora, a vontade de Deus é preferível a qualquer outro bem. Desfaça-se dos seus interesses e viva do abandono e da fé. É aqui que a *fé* começa a operar excelentemente na alma.

CAPÍTULO 18

As faltas.

01

Logo que se caiu em alguma falta ou que se desviou, é preciso se voltar para o interior, porque esta falta, tendo provocado o afastamento de Deus, deve-se o mais rápido possível se voltar para ele e sofrer a penitência que ele mesmo impuser.

É de grande consequência não se preocupar com as

faltas, porque a preocupação vem de um orgulho secreto e de um amor por nossa excelência. Temos dificuldade em sentir o que somos.

02

Se nos desencorajarmos, nos enfraquecemos mais e a reflexão que fazemos sobre nossas faltas produz uma tristeza que é pior do que a própria falta.

Uma alma verdadeiramente humilde não se espanta com suas fraquezas e quanto mais ela se vê miserável, mais ela se abandona a Deus e trata de se manter junto a ele, vendo a necessidade que tem do seu socorro.

Devemos tanto manter esta conduta que o próprio Deus nos diz: Vou te ensinar, vou te mostrar o caminho que deves seguir. Vou te instruir, fitando em ti os meus olhos[42].

CAPÍTULO 19

Distrações e tentações.

[42] Salmo 31: 8.

01

Nas distrações e tentações, invés de combatê-las diretamente __ o que só faria aumentá-las e tirar a alma da sua adesão a Deus, o que deve ser toda sua ocupação __ deve-se simplesmente afastar a visão dela e se aproximar cada vez mais de Deus.

É como uma criancinha que, ao ver um monstro, não se empenha em combatê-lo e nem mesmo olhá-lo, mas mergulha docemente no colo de sua mãe, onde ela se vê em segurança.

Deus está no seu centro, ela é inabalável; desde o amanhecer, já Deus lhe vem em socorro[43].

02

Agindo de outra forma, como somos fracos, ao pensarmos em atacar nossos inimigos, muitas vezes somos feridos, se não somos totalmente derrotados. Mas, permanecendo na simples presença de Deus, nos sentimos subitamente fortalecidos.

Esta foi a conduta de Davi, pois ele disse: Ponho sempre Javé diante dos olhos, pois ele está à minha direita. Não vacilarei. Por isso meu coração se alegra e minha

[43] Salmo 45: 6.

alma exulta. Até meu corpo descansará seguro[44].

E no Livro do Êxodo está dito: O Senhor combaterá por vós. Quanto a vós, nada tereis a fazer[45].

CAPÍTULO 20

A prece.

01

A prece deve ser oração e sacrifício. A oração, segundo o testemunho de São João, é um incenso cuja fumaça chega a Deus. É por isto que é dito no Apocalipse que o anjo tinha *um turíbulo de ouro na mão*. E que *foram-lhe dados muitos perfumes, para que os oferecesse com as orações de todos os santos*[46].

A prece é uma efusão do coração na presença de Deus. *Derramo a minha alma na presença do Senhor*[47], disse a mãe de Samuel.

É por isto que a prece dos Reis Magos no estábulo foi representada pelo incenso[48] que eles ofereceram.

---

[44] Salmo 15: 8 e 9.
[45] Êxodo 14: 14.
[46] Apocalipse 8: 3.
[47] 1 Samuel 1: 15.
[48] Cf. Mateus 2: 11.

02

A prece é, nada mais nada menos, do que um calor de amor que funde e dissolve a alma, a sutiliza e a faz subir até Deus. Na medida em que ela se funde, ela se torna seu odor e esse odor vem da caridade que a queima.

Isto foi o que a Noiva expressou quando disse: *Enquanto o rei descansa em seu divã, meu nardo exala o seu perfume*[49]. O divã é a profundeza da alma. Quando Deus está lá e se sabe ficar junto a ele e se manter em sua presença, essa presença de Deus funde e dissolve pouco a pouco a dureza dessa alma e, ao fundi-la, ela libera seu odor[50].

É por isto que o Noivo, vendo que sua Noiva tinha se fundido assim, logo que seu Bem-amado lhe falou, diz: Quem é aquela que sobe do deserto como colunas de fumaça, exalando o perfume de mirra, de incenso e de todos os aromas dos mercadores?[51]

03

Essa alma sobe assim para seu Deus. Mas, para isto,

[49] Cântico 1: 11.
[50] Cf. 2 Coríntios 2: 16 e 16. *Somos, para Deus, o bom odor de Cristo entre os que se salvam, odor de vida e que dá a vida*.
[51] Idem, 3: 6.

é preciso que ela se deixe destruir e aniquilar pela força do amor. Este é um estado de *sacrifício essencial* à religião cristã, pela qual a alma se deixa destruir e aniquilar para prestar homenagem à soberania de Deus, como está escrito: *Só a Deus pertence a onipotência e é pelos humildes que ele é verdadeiramente honrado*[52].

A destruição do nosso ser confessa o soberano Ser de Deus. É preciso deixar de ser, para que o Espírito do Verbo seja em nós. Ora, para que ele venha, é preciso lhe ceder nossa vida e morrer para nós, para que ele mesmo viva em nós.

Jesus Cristo, no santo sacramento do altar, é o modelo do estado místico. Assim que ele vem, através das palavras do sacerdote, é preciso que a substância do pão lhe ceda o lugar e que dela só restem os meros acidentes.

Da mesma forma, é preciso que cedamos nosso ser ao de Jesus Cristo e que cessemos de viver, para que ele viva em nós e que, *estando mortos, nossa vida está escondida com Cristo em Deus*[53].

Vinde a mim todos os que me desejais com ardor e

---

[52] Eclesiástico 3: 21.
[53] Colossenses 3: 3.

enchei-vos com meus frutos[54], diz Deus. Como ir até Deus? Isto só pode ser feito saindo de nós mesmos para nos perdermos nele.

Ora, isto só se realizará através do aniquilamento, que é a verdadeira prece, na qual se presta a Deus o *louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos*[55].

04

Esta prece é a prece da verdade. Isto é *adorar o Pai em espírito e verdade*[56]. Em espírito, porque somos atraídos, do nosso modo de agir humano e carnal, para entrarmos na pureza do Espírito que roga por nós. E em verdade, porque a alma é posta lá, na verdade do Tudo de Deus e do nada da criatura.

Só há estas duas verdades: o Tudo e o nada. Todo o resto é mentira.

Só podemos honrar o Tudo de Deus com nosso aniquilamento e não ficamos mais aniquilados do que Deus, que, ao não aceitar o vazio sem enchê-lo, nos enche com ele mesmo.

Ah, se soubessem os bens que esta oração propicia à

[54] Eclesiástico 24: 26.
[55] Apocalipse 5: 13.
[56] João 4: 23.

alma, não se gostaria de fazer outra coisa!

Isto é o tesouro escondido num campo, a pérola preciosa que a pessoa que encontra, vai, vende tudo o que tem para comprar[57]. Isto é adorar o Pai em espírito e verdade. É praticar as mais puras máximas do Evangelho.

05

Jesus Cristo não nos assegura que o Reino de Deus já está dentro de nós[58]?

Este Reino pode ser entendido de duas maneiras. A primeira é quando Deus é tão fortemente senhor de nós que nada lhe resiste. Então, nosso interior é realmente seu Reino. A outra maneira é que, possuindo Deus, que é o Bem soberano, possuímos o Reino de Deus, que é o máximo da felicidade e o fim para o qual fomos criados, como está dito: "Servir a Deus é reinar".

O fim para o qual fomos criados é desfrutar de Deus já desde esta vida e não se pensa nisto!?

---

[57] Mateus 13: 44 e 45.
[58] Lucas 17: 21.

CAPÍTULO 21

Age-se mais forte e mais nobremente com esta oração do que com qualquer outra.

01

Algumas pessoas, ao ouvirem falar da oração do silêncio, ficam falsamente convencidas de que, nela, *a alma fica estúpida, morta e sem ação*.

Mas é certo que ela age mais nobremente e com mais extensão do que jamais fez até este grau, já que ela é movida pelo próprio Deus e age pelo seu Espírito.

São Paulo quer que sejamos conduzidos pelo Espírito de Deus[59].

Não se diz que não de deve agir, mas que é preciso agir na dependência do impulso da graça. Isto é admiravelmente representado em Ezequiel. Este Profeta viu *quando seres vivos se deslocavam ou se erguiam da terra, locomoviam-se as rodas e se elevavam com eles. Para onde os impulsionava o espírito, iam eles e as rodas com eles se erguiam, pois o espírito do ser vivo (de igual modo) animava as rodas. Quando caminhavam, elas se moviam; quando paravam, também elas interrompiam*

[59] Romanos 8: 14.

o curso; se se erguiam da terra, as rodas, do mesmo modo, se suspendiam, pois o espírito desses seres vivos estava (também) nas rodas[60].

A alma deve ser assim. Ela deve se deixar conduzir e agir pelo Espírito vivificante que está nela, seguindo o impulso de sua ação e não seguindo o de outro.

Ora, esse impulso jamais a leva a recuar, ou seja, a refletir sobre a criatura e nem a se recurvar sobre ela mesma, mas a ir sempre em frente, avançando incessantemente para seu fim.

02

Essa ação da alma é uma ação cheia de quietude. Quando ela age por ela mesma, ela age com esforço. É por isto que ela distingue melhor sua ação.

Mas quando ela age na dependência do Espírito da graça, sua ação é tão livre, tão fácil, tão natural que ela parece que não age.

Pôs-me a salvo e livrou-me, porque me ama[61].

Logo que a alma está em *inclinação central*[62], ou seja, voltada para dentro dela mesma através do recolhi-

[60] Ezequiel 1: 19-21.
[61] Salmo 17: 20.
[62] Ver acima o cap. 11, § 3 e seg.

mento, a partir deste momento, ela está em uma ação muito forte, que é uma corrida da alma para seu centro, que a atrai e que ultrapassa infinitamente a velocidade de todas as outras ações e em nada se igualando à velocidade da inclinação central.

É então uma ação, mas uma ação tão nobre, tá pacífica, tão tranquila que parece, à alma, que ela não age, porque age como que naturalmente.

Quando uma roda gira apenas fracamente, se percebe bem ela. Mas, quando ela vai com uma grande velocidade, não se distingue mais nada nela.

Da mesma forma, a alma que permanece em quietude junto a Deus tem uma ação infinitamente nobre e elevada, mas uma ação muito pacífica. Quanto mais ela está em paz, mais ela corre com velocidade, porque ela se abandona ao Espírito que a move e a faz agir.

03

Esse Espírito não é outra coisa além de Deus, que nos atrai e, ao nos atrair, nos faz correr para ele, como sabia bem a divina Amante, quando ela disse: *Arrasta-me contigo; corramos atrás de ti.*

Arrasta-me, ó meu divino Centro, para o mais profundo de mim mesma. As forças e os sentidos correrão

para você com esta atração!

Somente esta atração já é um unguento que cura e um perfume que atrai.

Corramos atrás de ti para o perfume dos seus óleos de unção[63], ela diz.

Esta é uma *virtude atrativa muito forte*, mas uma virtude que a alma segue *muito livremente* e que, sendo igualmente forte e doce, atrai por sua força e enleva por sua doçura.

A Noiva diz: *Arrasta-me* e *corramos*. Ela fala dela e para ela. *Arrasta-me*; esta é a unidade do centro que é atraído. *Corramos*; esta é a correspondência e a corrida de todas as forças e dos sentidos que seguem a atração do fundo da alma.

04

Não se trata então de permanecer ocioso, mas de agir na dependência do Espírito de Deus, que deve nos animar, já que *é dele que temos a vida, o movimento e o ser*[64].

Essa doce dependência ao Espírito de Deus é abso-

[63] Cântico 1: 3.
[64] Atos 17: 28.

lutamente necessária e faz com que a alma, em pouco tempo, chegue à simplicidade e à unidade na qual ela foi criada.

Ela foi criada una e simples, como Deus. É preciso então, para chegar ao fim de sua criação, deixar a multiplicidade das nossas ações para entrar na simplicidade e na unidade de Deus, à *imagem* do qual fomos criados[65].

O *Espírito* de Deus é *único* e *múltiplo*[66] e sua unidade não impede sua multiplicidade. Entramos em sua unidade quando somos unidos ao seu Espírito, como tendo, por isto mesmo, um mesmo Espírito com ele e somos múltiplos do lado de fora do que são suas vontades, sem sair da unidade, de sorte que Deus, ao agir infinitamente e nós, aos nos deixarmos mover pelo Espírito de Deus, agimos muito mais do que por nossa própria ação.

É preciso nos deixarmos conduzir pela Sabedoria. Essa Sabedoria *é mais ágil que todo movimento*[67]. Permaneçamos então na dependência de sua ação e agiremos muito fortemente.

---

[65] Gênesis 1: 27.
[66] Sabedoria 7: 22.
[67] Idem, ibidem, 24.

05

Tudo foi feito pelo Verbo e sem ele nada foi feito[68].

Deus, ao nos criar, *nos criou à sua imagem e semelhança.* Ele nos inspirou o Espírito do Verbo pelo *sopro de vida*[69] que ele nos deu quando fomos criados à imagem de Deus pela participação na vida do Verbo que é a imagem do seu Pai.

Ora, essa vida é única, simples, pura, íntima e sempre fecunda. Tendo o demônio, pelo pecado, estragado e desfigurado essa bela imagem, foi preciso que esse mesmo Verbo, cujo espírito nos foi inspirado ao sermos criados, viesse repará-la. Foi preciso que fosse ele, porque ele á a imagem do seu Pai e porque a imagem não se repara agindo, mas sofrendo a ação daquele que quer repará-la.

Nossa *ação* deve ser então *nos colocarmos* em condições de sofrermos a ação de Deus e darmos condições para o Verbo refazer em nós sua imagem. Uma imagem que se remexesse impediria o pintor de repintar um quadro sobre ela.

Todos os movimentos que fazemos por nosso próprio espírito impedem esse admirável Pintor de trabalhar

[68] João 1: 3.
[69] Gênese 2: 7.

e ocasionam falsos traços. É preciso então permanecer em paz e só nos movermos quando ele nos move.

Jesus Cristo tem *a vida em si mesmo*[70] e ele deve comunicar a vida a tudo o que deve viver.

É o Espírito da Igreja o Espírito da moção divina. A Igreja é ociosa, estéril e infecunda? Ela age, mas ela age na dependência do Espírito de Deus que a move e a governa.

Ora, o Espírito da Igreja não deve ser diferente em seus membros do que ele é nela mesma. É preciso então que seus membros, para estarem no Espírito da Igreja, estejam no Espírito da moção divina.

06

Que essa ação seja mais nobre é uma coisa incontestável. É certo que as coisas só têm valor na medida em que o princípio de onde elas partem é nobre, grande e elevado. As ações feitas por um princípio divino são *ações divinas*, enquanto que, as ações da criatura, por melhores que elas pareçam, são *ações humanas* ou, no máximo, virtuosas, quando são feitas com a graça.

Jesus Cristo diz que ele tem a vida nele mesmo. To-

[70] João 5: 26.

dos os outros seres só possuem uma vida emprestada, mas o Verbo tem a vida nele e como ele é comunicativo por natureza, ele deseja comunicá-la às pessoas.

É preciso então dar lugar para essa vida fluir em nós, o que só pode ser feito pela evacuação e a perda da vida de Adão e da nossa própria ação, como assegura São Paulo.

Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo![71]

Isto só pode acontecer com a morte de nós mesmos e da nossa própria ação, para que a ação de Deus seja colocada em seu lugar.

Não se pretende afirmar que não se deva agir, mas somente agir na dependência do Espírito de Deus, para dar espaço para que a ação dele tome o lugar da ação da criatura, o que só é feito com o *consentimento* da criatura e a criatura só dá esse consentimento *moderando sua ação*, para permitir que, pouco a pouco, a ação de Deus tome seu lugar.

07

Jesus Cristo nos mostra no Evangelho essa conduta.

[71] 2 Coríntios 5: 17.

Marta fazia boas coisas, mas, como ela as fazia por iniciativa própria, Jesus Cristo a repreendeu.

O espírito humano é turbulento e inquieto. É por isto que ele faz pouco, embora pareça fazer muito.

"Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a parte boa, que não lhe será tirada"[72], disse Jesus.

O que escolheu Maria Madalena? A paz, a tranquilidade e a quietude. Ela deixa de agir na aparência, para se deixar mover pelo Espírito de Jesus Cristo. Ela deixa de viver, para que Jesus Cristo viva nela.

É por isto que é tão necessário renunciar a si mesmo e às suas própria operações, para seguir Jesus Cristo, pois não podemos seguir Jesus Cristo se não somos animados por seu Espírito.

Ora, para que o Espírito de Jesus Cristo venha até nós, é preciso que o nosso lhe ceda o lugar.

Quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito[73], diz São Paulo.

E Davi diz: Para mim, a felicidade é me aproximar

[72] Lucas 10: 41 e 42.
[73] 1 Coríntios 6: 17.

de Deus, é pôr minha confiança no Senhor Deus[74].

O que é esta aproximação? É o começo de uma união.

08

A união começa, continua, termina e se consuma. O começo da união é uma inclinação para Deus. Quando a alma está voltada para dentro dela mesma, na maneira como foi dito, ela está em uma inclinação central e tem uma tendência forte para a união e essa tendência é o começo. Em seguida, ela adere, quando se aproxima mais de Deus. Depois, ela está unida a ele. Na continuação, ela se torna una, o que é se tornar um mesmo Espírito com ele. É então que esse Espírito saído de Deus retorna para seu fim.

09

É preciso então, necessariamente, seguir este caminho que é a moção divina e o Espírito de Jesus Cristo.

Se alguém não possui o Espírito de Cristo, este não é dele, diz São Paulo.

Para ser então de Jesus Cristo é preciso se deixar

[74] Salmo 72: 28.

encher com seu Espírito e nos esvaziarmos do nosso. É preciso que o nosso seja evacuado.

São Paulo, na mesma passagem, nos prova a necessidade dessa moção divina. *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*, ele diz.

O Espírito da filiação divina é então o Espírito da moção divina. É por isto que o mesmo Apóstolo continua: Não recebestes um espírito de escravidão, para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: “Abba! Pai!”

Esse Espírito não é outro além do Espírito de Jesus Cristo, pelo qual participamos de sua filiação e esse *Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus*[75].

Logo que a alma se deixa mover pelo Espírito de Deus, ela sente nela o testemunho dessa filiação divina e é este testemunho que a cumula com tanta alegria que ele a faz saber que é chamada para a liberdade dos *filhos de Deus* e que o *Espírito* que ela recebeu não é um *espírito de escravidão*, mas de liberdade. A alma sente então que age *livre e suavemente*, embora forte e infalivelmente.

[75] Romanos 8: 9 e 14-16.

10

O Espírito da moção divina é tão necessário para todas as coisas que São Paulo, nesta mesma passagem, fundamenta essa necessidade em nossa ignorância sobre as coisas que pedimos.

O Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza, porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis[76], ele diz.

Isto é positivo. Se não sabemos o que precisamos e nem mesmo pedir como é preciso o que nos é necessário e se é preciso que o Espírito que está em nós, à moção do qual nos abandonamos, peça por nós, não devemos deixá-lo fazer isto? E ele o faz *com gemidos inefáveis*.

Este Espírito é o Espírito do Verbo, que é sempre ouvido, como ele mesmo diz: *Eu bem sei que sempre me ouves*[77]. Se deixássemos que este Espírito em nós pedisse e rogasse por nós, seríamos sempre ouvidos.

E por que isto? Ensina-nos, ó grande Apóstolo, Doutor Místico e Mestre do Interior.

"É que aquele que perscruta os corações sabe o que

---

[76] *Idem, ibidem* 26.
[77] João 11: 42.

deseja o Espírito, o qual intercede pelos santos, segundo Deus”[78], responde São Paulo.

Isto quer dizer que este Espírito só pede o que está de acordo com a vontade de Deus. A vontade de Deus é que sejamos salvos e que sejamos perfeitos. Ele pede então o que é necessário para nossa salvação.

11

Por que, depois disto, nos cumularmos de cuidados supérfluos e nos cansarmos *na multiplicidade dos caminhos, sem jamais dizer: “Vou repousar”*[79]?

Deus mesmo nos convida a repousarmos nele, de todas as nossas preocupações e ele se queixa, através de Isaías, com uma bondade inconcebível, de que empregamos a força da alma, suas riquezas e seu tesouro, em mil coisas exteriores.

“Visto que há tão pouca coisa a se fazer para desfrutar dos bens que se pretende, por que despender vosso dinheiro naquilo que não alimenta e o produto de vosso trabalho naquilo que não sacia? Ouçam-me, comam bem e que vossas almas se deleitem com a gordura”, diz o Se-

[78] Romanos 8: 27.
[79] Isaías 57: 10.

nhor[80].

Ah, se se soubesse da felicidade que há em ouvir o Senhor assim e o quanto a alma engordaria com isto!

Que toda carne se cale diante do Senhor[81]. É preciso que tudo cesse logo que ele aparece.

Deus, para nos obrigar também a nos abandonarmos sem reserva, nos assegura, no mesmo Livro de Isaías, que não devemos temer nada ao nos abandonarmos, porque ele tem um cuidado por nós todo particular.

Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca[82], diz o Senhor.

Ó palavras cheias de consolação! Quem temerá, depois disto, se abandonar à condução de Deus?

CAPÍTULO 22

Os atos interiores.

Os atos humanos são exteriores ou interiores. Os *ex-*

[80] Idem, 55: 2.
[81] Zacarias 2: 17.
[82] Isaías 49: 15.

teriores são aqueles que aparecem externamente, com relação a algum objeto sensorial e que não tem nem bondade e nem maldade moral além daquela que eles recebem do princípio interior de onde eles partem.

Não é destes que eu quero falar, mas somente dos atos interiores, que são ações da alma, pelas quais ela se *dedica* interiormente a algum objeto ou se afasta também de algum outro.

02

Quando, estando dedicado a Deus, eu quero executar um ato de outra natureza, eu me afasto de Deus e me volto para as coisas criadas, mais ou menos segundo meu ato é mais ou menos forte. Se estou voltado para a criatura e quero retornar para Deus, é preciso que eu execute um ato para me afastar dessa criatura e me voltar para Deus. Quanto mais o ato é perfeito, mas a conversão é perfeita.

Até que esteja perfeitamente convertido, eu preciso de vários atos para me voltar para Deus. Uns o fazem subitamente e outros o fazem pouco a pouco.

Meu ato deve então me levar a me voltar para Deus empregando toda a força da minha alma para ele, segundo o conselho do Eclesiástico: *Concentre seu coração na*

santidade[83]. E como fez Davi: *Ó vós que sois a minha força, é para vós que eu me volto*[84]. Isto é feito ao entrar fortemente em si mesmo, como diz a Escritura: *Retornai aos vossos corações*[85], pois nos afastamos de nossos corações através dos pecados.

Assim, Deus só pede o nosso coração: *Meu filho, dá-me teu coração. Que teus olhos observem meus caminhos*[86]. Dar o coração a Deus é ter sempre a visão, a força e o vigor da alma conectados a ele, para seguir suas vontades.

É preciso permanecer então voltado assim para Deus, tão logo nos dediquemos a ele. Mas, como o espírito humano é leviano e a alma, estando acostumada a estar voltada para fora, se dissipa facilmente e se afasta, assim que ela percebe que se desviou para as coisas externas, é preciso que, com um ato simples, que é um retorno para Deus, ela se remeta a ele. Depois, seu ato subsiste enquanto dura sua conversão[87], por ter retornado a

---

[83] Eclesiástico 30: 24.
[84] Salmo 58: 10.
[85] Isaías 46: 8.
[86] Provérbios 23: 26.
[87] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma contra os gentios*, livro 3, cap. 138, § 08: *A vontade que precede o ato permanece em poder durante toda a execução do ato e o torna louvável, mesmo quando, na execução da obra, a pessoa não pensa na finalidade da vontade pela qual o ato começa. Não é necessário que quem empreende uma viagem por amor a Deus pense realmente em Deus em cada parte da viagem.*

Deus através de um retorno simples e sincero.

03

E, como vários atos reiterados fazem um hábito, a alma adquire o hábito da conversão e de um ato que se torna como que *habitual*, na sequência.

A alma não deve se dar então ao trabalho de buscar esse ato para formá-lo, porque ele subsiste e mesmo ela não consegue fazer isto sem achar muito difícil. Ela acha mesmo que se afasta do seu estado sob o pretexto de buscá-lo, o que ela não deve jamais fazer, já que ele subsiste como hábito e porque então, ela está em uma conversão e em um amor habitual. Busca-se um ato através de outros atos, invés de somente se manter apegado a Deus através de um ato simples.

Observar-se-á que se terá algumas vezes facilidade em fazer *distintamente* tais atos, mas *simplesmente*. Esta é uma marca de que se esteve afastado e que se retorna ao coração, depois de se ter afastado dele. Mas que se permaneça em repouso assim que se retornou a ele.

Quando então se acredita que não é preciso fazer nenhuma ação, se entende mal, pois se praticam ações sempre, mas cada um as deve fazer conforme seu grau.

04

Para esclarecer bem este ponto, que faz a dificuldade da maior parte dos espirituais, por falta de compreensão, é preciso saber que há atos *passageiros e distintos* e atos *continuados*; atos *diretos* e atos *refletidos*.

Nem todos podem fazer os formais e nem todos estão em condições de fazer os outros.

Os primeiros atos devem ser feitos pelas pessoas que se desviaram. Elas devem se voltar com uma ação que se distinga e que seja mais ou menos forte, segundo o desvio foi mais ou menos distante, de sorte que, quando o desvio é leve, um ato dos mais simples basta.

05

Eu chamo de ato *continuado* aquele pelo qual a alma está toda voltada para seu Deus com um ato direto, que ela não renova, a menos que ele seja interrompido, mas que subsiste. Estando a alma totalmente voltada assim, ela está no amor e permanece nele *e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele*[88].

Então, a alma está como em um ato habitual, se repousando nesse mesmo ato. Mas seu repouso não ocioso,

[88] 1 João 4: 16.

pois então há um ato *sempre subsistente*, que é um *doce afundamento em Deus*, para onde Deus sempre a atrai mais fortemente e ela, seguindo essa atração forte, permanecendo em seu amor e na caridade, mergulha sempre mais nesse mesmo amor e ela tem uma *ação* infinitamente mais forte, mais vigorosa e mais pronta que o ato que só serve para formar o retorno.

06

Ora, a alma que está nesse ato profundo e forte, estando toda voltada para seu Deus, não percebe esse ato, porque ele é direto e não refletido, o que faz com que essa pessoa, não se explicando bem, diga que não realiza nenhuma ação. Mas ela se engana, pois jamais as realiza melhores e mais eficazes.

Que ela diga, invés disto: “Eu não distingo mais os atos” e não “Eu não realizo mais atos”.

Ela não os realiza por ela mesma, eu concordo, mas ela é atraída e ela segue o que a atrai.

O amor é o peso que a afunda, como uma pessoa que cai no mar se afunda e se afundaria até o infinito, se o mar fosse infinito e sem perceber esse afundamento, ela desceria até o mais profundo, com uma rapidez incrível.

É então falar inapropriadamente dizer que não se

realizam atos. Todos fazem atos, mas nem todos os fazem da mesma maneira e o abuso vem do fato de que todos aqueles que entendem e sabem que é preciso fazer atos gostariam de fazê-los *distintos e perceptíveis*. Isto não se pode. Os perceptíveis são para os iniciantes e os outros são para as almas avançadas. Deter-se nos primeiros atos, que são fracos e avançam pouco, é se privar dos últimos. Da mesma forma, querer fazer os últimos antes de ter passado pelos primeiros seria outro abuso.

07

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento[89]. Cada estado tem seu começo, seu progresso e seu fim. Querer sempre se deter no início é se enganar muito. Não há arte que não tenha sua progressão. No início é preciso trabalhar com *esforço*, mas depois, é preciso saborear o fruto do seu trabalho.

Quando o navio está no porto, os marinheiros têm dificuldade de arrancá-lo de lá para colocá-lo em pleno mar. Mas depois, eles o giram facilmente para o lado que eles querem ir.

Da mesma forma, quando a alma ainda está no pe-

[89] Eclesiastes 3: 1.

cado e nas criaturas, é preciso, com muitos esforços, tirá-la de lá. É preciso desfazer os cordames que a mantém presa. Depois, trabalhando por meio de atos fortes e vigorosos, tratar de atraí-la para dentro, afastando-a pouco a pouco do seu próprio porto e, ao afastá-la, voltá-la para dentro, que é o lugar para onde se deseja viajar.

08

Quando o navio está virado assim, na medida em que ele avança no mar, ele se afasta mais da terra e quanto mais ele se afasta da terra, menos é preciso esforço para movê-lo. Por fim, se começa a navegar muito docemente e o navio se afasta tão forte que é preciso deixar o remo, que se tornou inútil. O que faz então o piloto? Ele se contenta em estender as velas e manter o controle.

Estender as velas é fazer a oração de simples exposição perante Deus, para ser movido pelo seu Espírito.

Manter o controle é impedir nosso coração de se desviar do caminho correto, reconduzindo-o suavemente e o levando segundo o movimento do Espírito de Deus que se apodera pouco a pouco desse coração, como o vento vem pouco a pouco inflar as velas e impulsionar o navio.

Enquanto o navio tem vento em popa, o piloto e os

marinheiros repousam de seus trabalhos. Que procedimento eles fazem sem se cansar? Eles percorrem mais caminho em uma hora, repousando assim e se deixando levar pelo navio ao vento, do que eles fariam em muito tempo e com todos os esforços iniciais deles. Se eles quisessem remar, além de se cansarem muito, o esforço deles seria inútil e eles retardariam o navio.

Esta é a conduta que devemos ter em nosso interior e, ao agirmos assim, avançamos mais em pouco tempo, pela moção divina, do que em qualquer outra maneira e com muitos esforços. Se quisermos tomar este caminho, o acharemos o mais fácil do mundo.

09

Quando se tem vento contrário, se o vento e a tempestade são fortes, é preciso jogar a âncora no mar para parar o navio. Esta âncora não é outra coisa além da confiança em Deus e a esperança em sua bondade, esperando com paciência a calmaria, a bonança e que o vento favorável retorne, como fez Davi. *Com expectativa esperei o Senhor e ele se inclinou para mim*[90], ele disse.

É preciso então se abandonar ao Espírito de Deus e

[90] Salmo 39: 2.

se deixar conduzir por seus impulsos.

CAPÍTULO 23

Advertências aos pastores e aos pregadores.

01

Se todos aqueles que trabalham para a conquista das almas tratassem de ganhá-las através do coração, colocando-as primeiro em oração e na vida interior, eles fariam conversões infinitas e duráveis. Mas enquanto isto for feito apenas a partir do exterior, invés de atrair as almas para Jesus Cristo, através da ocupação dos corações por ele, há apenas a sobrecarga com mil preceitos para as práticas exteriores e se gera muito pouco fruto e que não duram.

Se os párocos do campo tivessem o zelo de instruir assim seus paroquianos, os pastores, ao guardarem seus rebanhos, teriam o espírito dos antigos anacoretas, os lavradores, conduzindo as relhas de seus arados, se manteriam felizmente com Deus e os trabalhadores que se consomem no trabalho colheriam frutos eternos. Todos os vícios seriam banidos em pouco tempo e todos os seus paroquianos se tornariam espirituais.

02

Ah, quando o coração é conquistado, todo o resto se corrige facilmente! É por isto que Deus pede principalmente o coração.

Somente com este meio se cortariam as bebedeiras, as blasfêmias, os despudores, as inimizades, os furtos que reinam comumente entre a gente do campo. Jesus Cristo reinaria pacificamente em toda parte e a face da Igreja se renovaria em todo lugar.

As heresias entraram no mundo pela perda do interior. Se o interior fosse restabelecido, elas estariam logo arruinadas.

O erro só se apodera das almas pela falta de fé e de prece. Se fosse ensinado aos nossos irmãos desgarrados a *acreditarem simplesmente e a orarem*, invés de discutir muito com eles, eles seriam docemente reconduzidos a Deus.

Ó que perdas inestimáveis são aquelas que acontecem ao se negligenciar o interior!

Ó que contas as pessoas que estão encarregadas das almas não terão que prestar a Deus, por não terem mostrado, a todos aqueles que eles servem com o ministério da palavra, esse tesouro escondido!

03

Desculpa-se porque dizem que há *perigo* neste caminho ou que as pessoas simples não são capazes das coisas do espírito. O oráculo da verdade nos assegura do contrário. "*A vontade* do Senhor *está com aqueles que caminham simplesmente*"[91].

Mas que perigo pode haver ao percorrer o único caminho que é Jesus Cristo, se doando a ele, mirando-o incessantemente, colocando toda sua confiança em sua graça e devotando todas as nossas forças ao seu mais puro amor?

04

Longe de os simples serem incapazes desta perfeição, eles são até mesmo os mais adequados a ela, porque são mais dóceis, mais humildes e mais inocentes e porque, não racionalizando, eles não são tão apegados às suas próprias luzes. Sendo, além disto, sem ciência, eles se deixam conduzir mais facilmente pelo Espírito de Deus, enquanto que os outros, que são perturbados e cegados pela autossuficiência, resistem muito mais à inspiração

---

[91] Provérbios 11: 20. *Abominabile Domino cor pravum et voluntas ejus in iis qui simpliciter ambulant.*

divina.

Assim, Deus nos declara que dá sabedoria aos pequenos[92]. Ele nos assegura ainda que reserva sua conversa para as pessoas simples[93]. O senhor cuida dos corações simples. Achava-me na miséria e ele me salvou[94].

Que os curadores de almas tomem cuidado para não impedir as criancinhas de irem a Jesus Cristo. *Deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas*[95], ele disse aos seus Discípulos.

Jesus Cristo só disse isto aos seus Apóstolos porque eles queriam impedi-las de se aproximarem dele.

05

Muitas vezes se aplica um remédio ao corpo, mas o mal está na cabeça. O motivo pelo qual se consegue tão pouco reformar as pessoas, sobretudo as pessoas de trabalho, é que porque são abordadas pelo lado de fora e tudo o que se pode fazer aí logo passa. Mas, se lhes fosse dada primeiramente *a chave do interior*, o exterior se reformaria em seguida com uma facilidade totalmente

[92] Salmo 118: 130.
[93] Provérbios 3: 32.
[94] Salmo 114: 6.
[95] Mateus 19: 14.

natural.

Ora, isto é muito fácil. Ensiná-las a buscar Deus em seus corações, a pensar nele, a se voltar para ele ao se verem distraídas, a tudo fazer e tudo sofrer com o propósito de agradá-lo, isto é aplicá-las à fonte de todas as graças e fazê-las encontrar lá tudo o que é necessário para a santificação delas.

06

Vocês todos que servem as almas estão convocados a colocá-las primeiro neste caminho, que é Jesus Cristo e é ele que os convoca por todo o sangue que ele derramou por essas almas que ele lhes confiou.

Falai ao coração de Jerusalém![96]

Ó dispensadores de suas graças! Ó pregadores de suas palavras! Ó ministros de seus sacramentos! Estabeleçam seu Reino e para estabelecê-lo verdadeiramente, faça-o reinar sobre os corações, pois, como é somente o coração que pode se opor ao seu império, é pela sujeição do coração que mais se honra sua soberania.

Santifiquem o Senhor dos Exércitos e ele será a sua

[96] Isaías 40: 2.

santificação[97].

Façam catecismos particulares para ensinar a orar, não através de racionalizações e método __ pois as pessoas simples não são capazes disto __, mas através de uma oração do coração e não da cabeça, uma oração do Espírito de Deus e não da invenção humana.

07

Infelizmente, se quer fazer orações *estudadas* e, por quererem ajustá-las muito, elas se tornam impossíveis. Afastam-se as crianças do melhor de todos os pais, por quererem lhes ensinar uma linguagem muito polida.

Vão, pobres crianças, falar com seu Pai celeste em sua linguagem natural! Por mais bárbara e grosseira que ela seja, ela não o é para ele.

Um pai acha melhor um discurso que o amor e o respeito criam em desordem, porque ele vê que isto parte do coração, invés de uma arenga seca, vaidosa e estéril, embora bem estudada.

Ó como certos olhares amorosos o encantam e o arrebatam! Eles expressam infinitamente mais do que qualquer linguagem e qualquer racionalização.

[97] Isaías 8: 13 e 14. *Dominum exercituum ipsum sanctificate et erit vobis in sanctificationem*.

08

Por se ter desejado ensinar a amar com método o próprio amor, se perdeu muito desse mesmo amor.

Ó como não é necessário ensinar a arte de amar!

A linguagem do amor é bárbara àquele que não ama, mas ela é muito natural àquele que ama e jamais se ensina melhor a amar Deus do que o amando.

Neste ofício, muitas vezes, os mais grosseiros se tornam os mais hábeis, porque eles se comportam nele mais simples e mais cordialmente.

O Espírito de Deus não precisa dos nossos ajustes. Ele pega, quando ele quer, pastores, para fazer deles profetas e muito longe de fechar o palácio da oração a alguém, como se pensa, ele deixa, pelo contrário, todas as portas abertas a todos e a Sabedoria tem ordem de gritar nas praças públicas: *"Quem for simples apresente-se!" Aos insensatos ela disse: "Vinde comer o meu pão e beber o vinho que misturei para vós"*[98].

Jesus Cristo não bendisse seu Pai porque ele escondeu seus segredos *dos sábios e prudentes e os revelou aos pequenos*[99]?

---

[98] Provérbios 9: 4 e 5.
[99] Mateus 11: 25.

CAPÍTULO 25

O meio mais seguro de chegar à união divina.

01

É impossível chegar à união divina somente através da meditação, por várias razões, das quais citarei algumas.

Primeiramente, a Escritura diz: Acrescentou o Senhor: "Não poderás ver a minha face, pois o ser humano não poderia me ver e continuar a viver"[100]. Ora, toda prática da oração discursiva ou mesmo da contemplação ativa, vista como um fim e não como uma disposição à passiva, são práticas vivas pelas quais não podemos ver Deus, ou seja, nos unirmos a ele. É preciso que o que é do ser humano e de sua própria criação, por mais nobre e relevante que possa ser, é preciso, repito, que tudo isto morra.

São João relata que *fez-se silêncio no céu*[101]. O céu representa o fundo e o centro da alma, onde é preciso que

[100] Êxodo 33: 20.
[101] Apocalipse 8: 1.

tudo esteja em silêncio quando a majestade de Deus lá aparecer.

Tudo o que é dos próprios esforços e da propriedade deve ser destruído, porque nada é mais oposto a Deus do que a propriedade, já que toda malignidade humana está nessa propriedade, como na fonte de sua malícia, de sorte que, quanto mais uma alma perde sua propriedade, mais ela se torna pura e o que seria um defeito de uma alma que viva por ela mesma não o é mais, por causa da pureza e da inocência que ela adquiriu quando perdeu essas propriedades que causavam a dessemelhança entre Deus e a alma.

02

Em segundo lugar, para unir duas coisas tão opostas, que são a pureza de Deus e a impureza da criatura, a simplicidade de Deus e a multiplicidade humana, é preciso que Deus opere singularmente.

Isto jamais pode ser feito pelo esforço da criatura, já que duas coisas só podem ser unidas se tiverem relação e semelhança entre elas, assim como um metal não se unirá jamais com um ouro puríssimo e refinado.

03

O que Deus faz então? Ele envia à frente dele sua própria Sabedoria, como o fogo que é enviado à terra para consumir, com sua atividade, tudo o que é impuro. O fogo consome todas as coisas e nada resiste à sua atividade. O mesmo acontece com a Sabedoria. Ela consome toda impureza na criatura, para dispô-la à união divina.

Essa impureza tão oposta à união é a propriedade e a atividade. A *propriedade*, porque ela é a fonte da impureza real, que não pode jamais ser aliada à pureza essencial, assim como os raios de sol podem muito bem tocar a lama, mas não se unir a ela. A *atividade*, porque Deus, estando em uma quietude infinita, para que a alma possa se unir a ele, ela precisa participar da sua quietude, sem o que, não pode haver união, por causa da dessemelhança, já que, para unir duas coisas, é preciso que elas estejam em uma quietude proporcional.

É por esta razão que a alma só chega à união divina através da quietude de sua vontade e ela só pode ser unida a Deus se ela estiver em uma *quietude central* e na pureza de sua criação.

04

Para purificar a alma, Deus se serve da Sabedoria,

como se serve do fogo para purificar o ouro. É certo que o ouro só pode ser purificado pelo fogo, que consome pouco a pouco tudo o que há de terreno e de material e o separa do ouro.

Não basta ao ouro, para ser posto em obra, que a terra seja transformada em ouro. É preciso, além disto, que o fogo o funda e o dissolva, para tirar de sua substância tudo o que lhe resta de estranho e de terreno e esse ouro é colocado tantas vezes no fogo que ele perde toda impureza e toda disposição para poder ser purificado.

Com o ourives não podendo mais encontrar mistura nele, por ele ter chegado à sua perfeita pureza e simplicidade, o fogo não pode mais agir sobre esse ouro e passaria um século e ele não seria mais puro e não diminuiria. Então, ele está próprio para fazer as mais excelentes peças e se esse ouro aparecer impuro depois, eu digo que são impurezas contraídas novamente na relação com corpos estranhos.

Mas há a diferença de que essa nova impureza é superficial e não impede que ele seja colocado em obra, enquanto que a outra impureza estava oculta nas profundezas e como que identificada com sua natureza.

No entanto, as pessoas que não o conhecem, vendo

um ouro depurado coberto de sujeira por fora, prestará menos atenção a ele do que a um ouro grosseiro e muito impuro, cujo exterior esteja polido.

05

Além disto, você observará que um ouro com um grau de pureza inferior não pode se ligar àquele de um grau de pureza superior. É preciso que um contraia a impureza do outro ou que este participe da pureza daquele.

Colocar um ouro depurado com um grosseiro é o que um ourives jamais fará. O que ele fará então?

Ele fará o ouro impuro perder toda sua impureza através do fogo, para poder ligá-lo à pureza do primeiro e é isto o que diz São Paulo: *O fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se pegar fogo, arcará com os danos.*

Ele acrescentou ainda: *Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo*[102]. Isto significa que há obras recebidas e que são adequadas.

Mas, para que aquele que as fez seja também puro, é preciso que elas passem pelo fogo, para que a propriedade delas seja retirada e é neste mesmo sentido que Deus

[102] 1 Coríntios 3: 13 e 15.

examinará e julgará nossas justiças[103], porque, *pela observância da Lei nenhuma pessoa será justificada diante dele*, mas, pela *justiça de Deus*, através da *fé em Jesus Cristo*[104].

06

Isto posto, eu digo que, para que a pessoa seja unida ao seu Deus, é preciso que sua Sabedoria, acompanhada da divina Justiça, como um fogo impiedoso e devorador, retire da alma tudo o que ela tem de propriedade, de terreno, de carnal e de própria atividade e que, tendo retirado da alma tudo isto, ele se una a ela, o que jamais acontece pela ação da criatura.

Pelo contrário, ela a sofre, mesmo com pesar, pois, como eu disse, o ser humano ama muito sua propriedade e teme tanto sua destruição que, se Deus mesmo não o fizesse e com autoridade, o ser humano jamais consentiria com isto.

07

A isto, vão me responder que Deus jamais retira do ser humano sua liberdade e que assim, ele pode sempre

[103] Salmo 74: 3. *No tempo que fixei, julgarei o justo juízo.*
[104] Romanos 3: 20 e 22.

resistir a Deus, donde se conclui que eu não devo dizer que *Deus age absolutamente e sem o consentimento humano*.

Eu me explico e digo que basta que a pessoa dê um *consentimento passivo*, para que Deus tenha plena e inteira liberdade, porque, tendo se entregado a Deus desde o início, para que ele faça dela e nela tudo o que ele bem quiser, ela deu, desde então, um *consentimento ativo* e geral, para tudo o que Deus fizer.

Mas quando Deus destrói, queima e purifica, a alma não vê que isto lhe seja vantajoso. Ela acredita, muito pelo contrário, que, assim como o fogo, no início, parece sujar o ouro, também essa operação parece retirar da alma sua pureza, de sorte que, se fosse preciso então um consentimento *ativo e explícito*, a alma teria dificuldade em dá-lo e, muito provavelmente, ela não o daria.

Tudo o que ela faz é se manter em um consentimento passivo, suportando da melhor forma essa operação, que ela não pode e nem quer impedir.

08

Deus então purifica tanto essa alma de todas as operações próprias, distintas, percebidas e múltiplas, que fazem uma grandíssima dessemelhança que, por fim, ele

a torna pouco a pouco *conforme* e, por fim, *uniforme*, relevando a capacidade passiva da criatura, ampliando-a e enobrecendo-a, embora de uma maneira oculta e desconhecida e, por isto, chamada de mística. Mas é preciso que, com todas essas operações, a alma colabore passivamente.

É verdade que, antes de chegar a isto, é preciso que ela aja mais no início. Depois, na medida em que a operação de Deus se torna mais forte, é preciso que, pouco a pouco e sucessivamente, a alma ceda a ele, até que ele a absorva totalmente. Mas isto leva muito tempo.

09

Não dizemos, no entanto, como alguns acreditaram, que não se deve agir, já que, pelo contrário, isto é *a porta*. Mas somente que não é preciso fazer sempre isto, visto que o ser humano deve tender à perfeição do seu fim e ele não poderá jamais chegar a ele se não abandonar seus primeiros meios, que, tendo sido necessários para introduzi-lo no caminho, o prejudicariam muito na sequência, se ele se apegar a eles teimosamente, já que eles o impediriam de chegar ao seu fim.

Isto foi o que fez São Paulo. Uma só coisa procuro: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta pela

frente, persigo o alvo[105], ele diz.

Não se diria que uma pessoa perdeu o sentido se, tendo iniciado uma viagem, ela se detivesse na primeira hospedaria, porque lhe asseguraram que muitos passaram por ali, que alguns pernoitaram e que os donos da casa moram ali?

O que se deseja então das almas é que elas *avancem para o fim delas*, que elas peguem o caminho mais curto e mais fácil, que elas não parem no primeiro lugar e que, seguindo o conselho de São Paulo, elas se deixem ser *conduzidas pelo Espírito de Deus*[106], através da graça, que as conduzirá ao fim para o qual elas foram criadas, que é desfrutar de Deus.

10

É uma coisa estranha que, não ignorando que fomos criados para isto e que toda alma que não chegar, desde esta vida, à união divina e à pureza de sua criação, deve arder por muito tempo no Purgatório, para adquirir essa pureza, não se possa, no entanto, permitir que Deus nos conduza a isto desde esta vida. É como se o que deve fazer

[105] Filipenses 3: 13.
[106] Romanos 8: 14.

a perfeição da glória tivesse que causar o mal e a imperfeição nesta vida mortal.

11

Ninguém ignora que o Bem Soberano é Deus, que a beatitude essencial consiste na união a Deus, que os santos são mais ou menos grandes segundo essa união é mais ou menos perfeita e que essa união não pode acontecer na alma através de alguma atividade própria, já que Deus só se comunica à alma na medida em que sua capacidade passiva é grande, nobre e extensa.

Não se pode ser unido a Deus sem a passividade e a simplicidade e, sendo essa união a própria beatitude, a via que nos conduz a essa passividade não pode ser má. Pelo contrário, ela é a melhor e não há risco em percorrê-la.

12

Essa via *não é perigosa*. Se ela o fosse, Jesus Cristo a teria feito a mais perfeita e a mais necessária de todas as vias? Todos podem percorrê-la e, assim como todos são chamados à beatitude, todos são também chamados a desfrutar de Deus, nesta vida e na outra, já que o desfrute de Deus é o que faz nossa beatitude.

Eu falo do próprio Deus e não dos seus dons, que não poderiam fazer a beatitude essencial, já que não podem contentar plenamente a alma, pois ela é tão nobre e tão grande que todos os dons de Deus mais relevantes não poderiam fazê-la feliz, se Deus mesmo não se desse a ela.

Ora, todo o desejo de Deus é se dar à sua criatura, segundo a capacidade que ele colocou nela. E se teme se entregar a Deus! Teme-se possuí-lo e se dispor à união divina!

13

Dizem que *não se deve fazer isto por si mesmo*. Eu concordo. Mas eu digo também que nenhuma criatura poderia jamais fazer isto sozinha, já que nenhuma criatura no mundo poderia se unir a Deus, mesmo com todos os seus recursos próprios e que é preciso que Deus se una a ela.

Se não se pode se unir a Deus por si mesmo, clamar contra aqueles que se propõem fazer isto sozinhos é clamar contra uma quimera.

Dirão que *se finge fazer isto*. Eu digo que isto não pode ser fingido, já que, aquele que morre de fome não pode fingir, ao menos por muito tempo, estar em uma

saciedade perfeita. Sempre lhe escapará algum desejo ou anseio e ele logo mostrará que está bem longe do seu fim.

Portanto, como ninguém pode chegar ao seu fim se não for colocado lá, não se trata de colocar ninguém lá, mas de mostrar o caminho que leva lá e suplicar que não se mantenha atado e apegado a hospedarias ou práticas que é preciso deixar quando o sinal for dado, o que é conhecido pelo diretor experiente, que mostra a Água Viva e trata de introduzir nela.

Não seria uma crueldade punível, mostrar uma fonte a uma pessoa sedenta e depois mantê-la presa e impedi-la de ir até lá, deixando-a assim morrer de sede?

14

Isto é o que se faz hoje em dia. Convençamos todos do caminho e convençamos do fim, do qual não se pode duvidar sem errar. O caminho tem seu começo, seu progresso e seu termo. Quanto mais se avança para o termo, mais, necessariamente, se afasta do início e é impossível chegar ao termo se não se afastar sempre do início, pois não se pode ir de uma porta a um lugar afastado sem passar pelo meio. Isto é incontestável.

Se o Fim é bom, santo e necessário, se a Porta[107] é boa, por que o Caminho[108] que começa nesta porta e conduz direto a esse Fim[109] será mau?

Ó cegueira da maior parte das pessoas que se dizem de ciência e de espírito!

Ó como é verdadeiro, meu Deus, que escondeste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos pequenos[110]!

Fim.

[107] Cf. João 10: 7. *Eu sou a porta das ovelhas*.
[108] Cf. João 14: 6. *Eu sou o caminho*.
[109] Cf. Apocalipse 1: 8. *Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim*.
[110] Mateus 11: 25.

As torrentes espirituais

PREÂMBULO

Carta da autora ao seu confessor

Viva Jesus, Maria e José!

É no nome deles e para obedecer à Vossa Reverência que vou começar a escrever o que eu não sei por mim mesma, tratando, na medida em que me for possível, de deixar conduzir meu espírito e minha caneta pelo impulso de Deus, não fazendo outro movimento além do da minha mão.

Mas, como minhas infidelidades e a inclinação natural que temos em misturar o que é nosso com o que Deus faz, pode muito bem acontecer, sem que eu queira, de misturar meus átomos e minhas impurezas com os raios divinos. Espero que Nosso Senhor o faça distingui-los e que essas impurezas, não podendo se aliar ao Sol, servirão para melhor descobrir e mostrar mais sua pureza.

Reconheço então que tudo que for encontrado de

bom será de Nosso Senhor, não tendo eu mesma nenhuma participação nisto, já que, quando começo a escrever, eu não sei o que devo escrever e que, mesmo se me viessem pensamentos sobre isso, eu os olharia como distrações e, a atenção que eu lhes desse, como infidelidades notáveis.

Tudo o que for encontrado de ruim será meu mesmo e como sei que é à vossa luz que isto será exposto, meu caro Padre, escrevo simplesmente e sem volta o que me vier à mente, deixando à Vossa Reverência o cuidado de separar o vil do precioso, o humano do divino e o erro da verdade.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 01

As almas de Deus são levadas à busca, mas de diferentes maneiras.

01

Assim que uma alma é tocada por Deus e seu retorno é verdadeiro e sincero, depois da primeira purgação,

que a confissão e a contrição fizeram, Deus lhe dá um certo instinto de retornar a ele de uma maneira mais perfeita e de se unir a ele. Ela sente então que ela não é criada para as diversões e as bobagens do mundo, mas que ela tem um centro e um fim para onde é preciso que ela trate de retornar e fora do qual ela não encontra jamais um verdadeiro descanso.

02

Este instinto é posto na alma de uma maneira muito forte. Em algumas almas mais e em outras menos, segundo os desígnios de Deus. Mas todas elas têm uma impaciência amorosa de se purificar e de tomar os caminhos e os meios necessários para retornar à sua fonte e origem, semelhantes aos rios que, depois que saem de suas fontes, iniciam uma corrida contínua para se precipitarem no mar.

Você percebe mesmo que esses rios, uns vão grave e lentamente, outros vão com mais velocidade. Mas há rios e torrentes que correm com uma impetuosidade terrível e que nada pode deter. Todas as cargas que você possa lhes dar e os diques que você possa colocar para impedir o curso deles só serviriam para redobrar a violência deles.

03

É assim com as almas. Umas vão docemente à perfeição e não chegam jamais ao mar ou então, muito tarde, se contentando em se perder em alguns rios mais fortes e mais rápidos que as arrastam com eles ao mar. Outras, que são as fecundas, vão mais fortemente e mais prontamente que as primeiras. Elas carregam mesmo com elas uma quantidade grande de riachos, mas elas são lentas e preguiçosas, em comparação com as últimas, que se precipitam com tanta impetuosidade que nem mesmo servem para muita coisa. Não se ousa navegar por elas e nem lhes confiar nenhuma mercadoria, a não ser em certos lugares e em certas épocas. É uma água tola e imprudente que se bate contra os rochedos, que assusta com seu ruído e que não se detém por nada. As segundas, pelo contrário, são mais agradáveis e mais úteis. A gravidade delas agrada e elas são todas carregadas de mercadorias e se vai a elas sem medo e sem perigo.

É preciso ver, com a ajuda da graça, esses três tipos de diferentes pessoas sob estas três figuras que propus e começar pelas primeiras para, felizmente, terminar pelas últimas.

CAPÍTULO 02

O primeiro caminho, que é ativo e de meditação.

01

As primeiras almas são aquelas que, depois de suas conversões se dedicam à *meditação*, ou mesmo às obras de caridade. Elas praticam algumas austeridades exteriores e tratam, enfim, pouco a pouco, de se purificar, de apagar alguns pecados notáveis e mesmo veniais voluntários. Elas trabalham, segundo suas poucas forças, para avançar pouco a pouco, mas fracamente e aos poucos.

02

Como a fonte delas não é abundante, a secura as faz quase secar. Há lugares mesmo, nas épocas de seca, em que elas secam completamente. Elas não deixam de fluir da fonte, mas isto acontece tão fracamente que quase não se percebe.

Esses rios carregam poucas mercadorias e se, por necessidade pública, for preciso fazê-los transportar, é preciso mesmo tempo para que a arte, superando a natureza, encontre o meio de fazê-los crescer, pela descarga de algum lago ou com a ajuda de alguns outros rios da

mesma espécie, para juntar e unir a eles e assim, juntos, aumentam a quantidade de água e socorrendo uns aos outros, ficam em condições de carregar alguns barcos pequenos, não ao mar, mas para alguns rios mestres de que falaremos mais adiante.

03

Essas almas são, comumente, pouco aplicadas ao interior. Elas trabalham exteriormente e pouco se esforçam na meditação. Assim, propriamente, não fazem grandes coisas.

Elas só carregam as mercadorias comuns, ou seja, elas não fazem nada para os outros e Deus só utiliza essas almas para transportar alguns pequenos barcos, ou seja, para algumas obras de misericórdia corpóreas. Ainda assim, para utilizá-las, é preciso descarregar nelas lagos de graças perceptíveis ou uni-las a algumas outras na religião, em que várias de uma graça medíocre são usadas para transportar um pequeno barco e não ao mar, que é Deus, aonde elas não chegam jamais nesta vida, mas a outras.

04

Não é que essas almas não se santifiquem por esta via. Há mesmo uma quantidade de boas almas que pas-

sam por muito virtuosas, mas que não o são, com Deus lhes dando luzes conformes ao estado delas e que são algumas vezes muito belas e são a admiração dos espirituais comuns.

Há mesmo algumas dessas almas que, no fim de suas vidas, recebem algumas luzes passivas, segundo a fidelidade que elas tiveram em seus caminhos. Mas, comumente, elas não saem delas mesmas, todas as suas graças e suas luzes, sendo de uma maneira criada, eu quero dizer, proporcionais às suas capacidades, são distintas, percebidas e acompanhadas de fervores e quanto mais essas mesmas luzes são distintas, percebidas e acompanhadas de fervores, mas elas se apegam a elas, não encontrando nada de maior nesta vida.

05

As mais favorecidas dessas almas praticam a virtude com muita generosidade. Elas têm mil invenções santas e mil práticas para se levar a Deus e para permanecer em sua presença. O todo, no entanto, se faz com seus próprios esforços, ajudado e socorrido pela graça. Mas nessas almas, a operação delas parece exceder a de Deus e a de Deus só faz auxiliar a delas.

06

Eu creio que quem quisesse levar essas almas a uma oração mais elevada, não conseguiria, por muitas razões. A primeira é que, como essas almas só têm algo de sobrenatural na medida do trabalho delas, se lhes for tirado o trabalho, impede-se o fluxo das graças, como aquelas bombas que só movimentam a água quando são agitadas.

Você observará mesmo nessas almas uma grande facilidade em racionalizar, a manter, com suas forças, uma atividade sempre vigorosa e forte, um desejo de fazer sempre alguma coisa a mais e novamente, para se aperfeiçoar e, nas securas, uma ansiedade para se desfazer dela, tanto quanto aos seus defeitos.

07

Essas almas têm muitos altos e baixos. Uma hora, elas estão maravilhosas e outras vezes, elas definham e rastejam e jamais têm uma conduta unificada. Na medida em que o principal da oração delas está nas forças, quando essas forças secam, seja por falta de trabalho da parte delas, seja por falta de correspondência da parte de Deus, elas caem no desencorajamento ou então elas se sobrecarregam com austeridades e esforços para reencontrarem, por elas mesmas, o que elas perderam.

Elas jamais têm, como as outras almas, uma paz profunda e nem a calma em suas distrações. Pelo contrário, elas estão sempre alertas para combatê-las ou para se queixarem delas.

Elas são, comumente, escrupulosas e retorcidas em seus caminhos, a menos que tenham o espírito de uma força suficientemente racional.

08

Não se pode então levar essas almas à oração passiva, pois isto seria arruiná-las irremediavelmente, lhes tirando os meios de avançarem para Deus, pois, assim como uma pessoa que fosse obrigada a viajar, mas que não tivesse barcos, nem carruagens e nem nenhum outro meio de transporte além de seus pés, se lhes fossem tirados os pés, ela estaria sem condições de avançar. Assim também são essas almas, se você as impede de operar, que é o uso dos seus pés, elas não avançariam jamais.

09

Eu creio que é isto o que fazem hoje em dia as contestações que acontecem entre as pessoas da oração. As que fazem de forma *passiva* sabem bem o que ela lhes proporciona e gostariam de fazer todo mundo caminhar

assim. As outras, pelo contrário, que fazem a *meditação*, gostariam de colocar todo mundo no caminho delas, o que seria uma perda e um dano que não se pode mensurar.

O que é preciso fazer então? É preciso ficar no meio termo e ver se as almas são próprias a um caminho ou a outro.

10

O diretor experiente poderá saber isto, pela oposição que elas têm em permanecerem em repouso e se deixarem conduzir pelo Espírito de Deus, por um enxame de faltas e defeitos nos quais elas caem sem quase ver ou perceber ou se são pessoas de uma sabedoria e uma prudência humana, com certa habilidade em cobrir, nelas e nos outros, seus defeitos, com um apego aos seus sentimentos e com uma quantidade de faltas que não se pode explicar e que o diretor experiente saberá.

É preciso então deixar que passem a vida toda racionalizando?

Eu creio que se elas forem suficientemente felizes em encontrar um diretor hábil, ele não deixará de fazê-las avançar bem mais e um número infinito de almas que não acreditam ser próprias para a meditação chegariam à per-

feição mais consumada, se encontrassem um diretor avançado. E, longe de serem prejudicadas por um diretor da graça, ele as servirá infinitamente fazendo-as caminhar segundo toda a extensão que Deus quer delas, não se adiantando à graça e nem adiando segui-la, mas fecundando-a e fazendo corresponder a ela, enquanto que um diretor de uma graça comum detém as almas, impede que elas avancem e se apropria delas.

11

O diretor experiente levará então essas almas a ter menos racionalizações e mais afeições. Ele as despojará pouco a pouco de suas racionalizações, colocando boas afeições em seu lugar e se ele vê essas almas pouco a pouco se simplificarem e desfrutarem de mais afeição do que de racionalização, com a racionalização se calando pouco a pouco, isto é uma marca de que há alguma coisa a fazer nessas almas para o espiritual[111].

12

É preciso observar, no entanto, que, se a racionalização se calasse por causa da fraqueza do sujeito e essas

[111] Ou o sobrenatural.

almas se sentissem levadas, não a amar, mas somente a não fazer nada, por estupidez e preguiça, é preciso levá-las a se exercitar.

Se elas não podem fazer isto com o intelecto, que façam ao menos com o afeto e a vontade, pois as almas que começam a sentir a graça secar não ficam mais imperfeitas quanto mais elas secam. Pelo contrário, elas têm um instinto de prosseguir por elas mesmas, para combater e buscar a luz, para encontrá-la e segui-la.

É preciso então ajudá-las e levá-las, não a se desmotivar, mas a se encher com mais vontade do que intelecto. Não se deve levá-las a repousar, mas a correr com todas as suas forças, de acordo com seu pequeno poder, até que Deus queira aliviar seu trabalho e fazê-las prosseguir com algum veículo ou então, de acordo com minha primeira comparação, até que esses riachinhos fracos encontrem o rio ou o grande rio que os recebem em seu leito e os carrega para o mar.

13

Eu não sei por que se clama tão forte contra os livros espirituais e as pessoas que escrevem e falam sobre as vias interiores. Eu sustento que isto não pode prejudicar, a não ser a algumas almas que querem se perder para

seus prazeres, a quem não apenas essas coisas prejudicam, mas tudo o mais. Elas são como as aranhas, que convertem as flores em veneno. Mas, para as almas humildes e desejosas de suas perfeições, isto não pode prejudicá-las, na medida em que é impossível que uma alma possa compreendê-los e fazer uso deles se este dom não lhes for concedido e com algumas leituras que elas possam fazer, elas não podem imaginar estados que, sendo sobrenaturais, não podem cair sob a imaginação, mas sim sobre a experiência. Além disto, quando a pessoa quiser enganar a ela mesma e utilizar termos que ela leu, o diretor hábil, nos interrogatórios que lhe fizesse, veria bem a enganação. E mais: o estado de uma alma em um grau afeta todos os seguintes e a perfeição caminha com um passo igual ao avanço interior.

Não é que não houve almas avançadas na oração que tiveram defeitos, em aparência, maiores do que almas comuns. Mas eles não são os mesmos, nem quanto à natureza e nem quanto à qualidade.

14

A segunda razão porque eu digo que esses livros não podem fazer mal é que eles apresentam tantas mortes, desapegos, tantas coisas a vencer e a destruir que a alma

não teria jamais força suficiente para realizar se seu interior não for verdadeiro e mesmo se ela realizasse ela teria, somente com as práticas, o efeito da meditação, que é somente trabalhar para se destruir.

Toda a diferença está em que a alma não agiria segundo um princípio divino, mas somente virtuoso, o que o diretor experiente descobriria.

15

É por isto que uma alma não deve jamais conduzir a ela mesma e nem temer ter um diretor bem esclarecido. Isto é querer enganar a si mesmo, invés se buscar um outro e, por uma falta de coragem, querer limitar o Espírito de Deus, limitando sua perfeição a esta ou aquela coisa.

O que eu concluo disto é que é preciso sempre escolher o diretor mais espiritual que, em qualquer grau que seja, servirá e Deus lhe concederá, ó você que não espera nada de sobrenatural, através dessa pessoa que lhe é tão cara, o que Ele não concederia a você mesmo.

16

Mas, sobre esses diretores que se apropriam das almas, que querem conduzi-las ao modo deles e não ao modo de Deus, que querem dar limites às suas graças e

colocarem limites para impedi-las de avançar; sobre esses diretores, eu digo que só conhecem uma via e que nela querem fazer caminhar todo mundo. Os males que eles fazem às almas são irremediáveis, porque eles as mantêm presas, todo o tempo da vida delas, a certas coisas que impedem Deus de se comunicar infinitamente.

Que contas eles não precisarão prestar dessas almas? Se eles não possuem luzes para conduzi-las, que eles as deixem procurar outros mestres mais avançados. Eles deveriam ter suficiente caridade para eles mesmos as aconselharem isto.

Parece-me que se deve agir na vida espiritual como se faz na escola. Não se colocam sempre todos os escolares em uma mesma classe. Faz-se com que eles passem sucessivamente para outras mais elevadas e os mestres da sexta e da quinta não se propõem ensinar filosofia.

Ó ciências humanas! Vós sois tão pouca coisa! Mesmo assim não se deixa de tomar precauções!

Ó ciência mística e divina! Vós sois tão grande e tão necessária! No entanto, sois negligenciada, limitada, coagida, violentada!

Oh, não haverá jamais uma Escola de Oração?

Infelizmente, por termos desejado fazer um estudo

sobre isto, estragamos tudo!

Quisemos dar regras e medidas ao Espírito de Deus, que é imensurável.

17

Não existe uma alma que não seja capaz de orar e que não possa e não deva se dedicar a ela. As pessoas mais grosseiras e as mais estúpidas são capazes disto.

Eu sei disto por experiência própria, pois algumas almas, tendo se dirigido a mim dizendo ter uma incapacidade quase insuperável para orar e que não gostariam de se dedicar a isto e, após terem se dedicado, quiseram abandonar tudo. Como elas tinham confiança em mim, eu as obriguei, com uma doce violência, a continuar, apesar da repugnância delas e o pouco proveito que elas acreditavam ter, pois se acreditavam totalmente inúteis. Todavia, após muitos anos de perseverança, elas chegaram à prática de uma elevadíssima oração infusa.

Elas mesmas me confessaram que, se eu não tivesse me mantido firme, elas teriam abandonado tudo e teriam se perdido.

No entanto, se essas almas tivessem encontrado certos diretores, eles não teriam hesitado em lhes dizer que, depois de terem passado quatro ou cinco anos orando,

sem poder meditar, serem aquecidas pelo amor de Deus e nem serem mais perfeitas, isto era uma marca de que Deus não as tinha chamado.

Ó pobres almas impotentes! Vós sois próprias para servirem aos propósitos de Deus! Se forem fiéis, farão melhor a oração do que esses grandes racionalizadores que fazem melhor o estudo da oração do que a própria oração.

18

Eu digo mais. Essas pobres almas que parecem tão impotentes e tão incapazes são muito adequadas para a contemplação, desde que elas não deixem de bater à porta e esperar, com uma paciência humilde, que ela lhes seja aberta[112].

Esses grandes racionalizadores, esses entendidos tão fecundos, que não conseguiriam permanecer um só instante em silêncio diante de Deus, que parecem ter uma facilidade admirável, que têm um balbuciar contínuo, que sabem tão bem prestar contas da própria oração e de todas as suas partes, que a fazem sempre como lhes agrada e com os mesmos métodos, que se exercitam como que-

[112] Cf. Mateus 7: 7. *Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto*.

rem sobre todos os assuntos que lhes são propostos, que se contentam tanto com eles mesmos com suas luzes, que refinam as preparações e os métodos da oração, nela sempre avançarão muito pouco. Após dez ou vinte anos dessa prática, eles serão sempre os mesmos.

Ó meu Deus! Ensinar-se-á, com método, o próprio Amor a fazer amor?

Infelizmente, quanto se trata de amar uma miserável criatura, haverá um método para isto?

Os mais ignorantes neste assunto são os mais hábeis. Acontece o mesmo, embora de forma bem diferente, com o amor divino.

19

É por isto que, ó sábio diretor, se uma alma que nunca fez a oração se dirige a você para aprender a fazê-la, ensine-a a amar bem Deus e faça-a mergulhar de cabeça no Amor e logo ela será uma mestra.

Se, por natureza, ela for pouco dada a amar, que ela faça seu melhor e que espere com paciência que o próprio Amor a faça amar ao jeito dele e não ao seu.

Temas simples, curtos, afetivos e fundamentados são os melhores para os iniciantes.

Verdades sólidas, lidas e um pouco digeridas fora da

oração farão tanto quanto a meditação, mas faça-os empregar o tempo da oração para amar muito.

CAPÍTULO 03

A segunda via do retorno da alma a Deus.

01

As almas do segundo tipo são como esses grandes rios que se movem a passos lentos e sérios. Elas fluem com pompa e majestade. Distingue-se o curso delas, pois ele tem ordem.

Elas são carregadas de mercadorias e podem ir, por elas mesmas, ao mar, sem fluir para outros rios. Mas elas só chegam a ele bem tarde, sendo o movimento delas grave e lento. Além disto, há algumas que não entram nele nunca. A maior parte delas se perde em outros rios maiores ou então elas acabam em algum braço de mar.

Muitos desses rios só servem para transportar mercadorias e estão sempre sobrecarregados. Eles podem ser retidos por eclusas e desviados para outros lugares.

Assim são as almas que estão na *via passiva da luz*. A fonte delas é muito abundante. Elas são carregadas de dons, de graças e de favores celestes. Elas são a admira-

ção de seu tempo e uma quantidade de santos que brilham na Igreja como estrelas luminosas jamais passou deste estágio.

02

Essas almas são de dois tipos. Umas começaram pela via comum e foram depois atraídas para a contemplação passiva pela bondade de Deus, que teve piedade do trabalho inútil delas, que era seco e árido ou por uma recompensa pela primeira fidelidade delas.

Outras são tomadas como que subitamente. Elas foram pegas pelo coração e se sentem amar sem terem aprendido a conhecer o objeto do amor delas, pois há uma diferença entre o amor divino e o amor humano. O último supõe um conhecimento do objeto, porque, como ele está do lado de fora, é preciso que os sentidos se voltem para ele e os sentidos se voltam para ele porque ele lhes é comunicado. Os olhos veem e o coração ama.

Não é assim com o amor divino. Deus, tendo um poder absoluto sobre o coração humano e sendo seu princípio e seu fim, não é necessário que ele o faça saber o que ele é. Ele o toma de assalto sem batalhar.

O coração é incapaz de resistir sem que Deus use de uma autoridade absoluta e de violência, a não ser em al-

guns e ele faz isto para demonstrar seu poder. Ele toma então essas almas desta maneira, as fazendo arder subitamente. Mas, comumente, ele lhes dá lampejos de luzes que as deslumbram e as arrebatam.

03

Nada é tão luminoso e nem tão ardente quanto essas almas. Os diretores ficam encantados quando eles as têm sob sua orientação e, como o trabalho dessas almas não é essencial, elas logo são também mais perfeitas, de acordo com o grau que elas têm que aperfeiçoar, pois, como Deus não quer delas uma perfeição tão eminente quanto a daquelas seguintes, nem uma purificação tão profunda, então seus defeitos são mais escassos.

04

Não é que essas almas de que falo não pareçam bem maiores do que aquelas que seguem aqueles que não têm o discernimento divino, pois elas chegam exteriormente a uma perfeição eminente, com Deus elevando suas capacidades naturais a um grau eminente.

Elas têm uniões admiráveis, com Deus se acomodando às suas capacidades, que ele realça extraordinariamente de alguma maneira. Mas, todavia, essas pessoas

não são jamais aniquiladas verdadeiramente e Deus normalmente não as tira de seu próprio ser para perdê-las nele.

05

Essas almas são, no entanto, a admiração e o espanto das pessoas. Deus lhes dá dons sobre dons, graças sobre graças, luzes sobre luzes, visões, revelações, arrebatamentos, etc. Parece que Deus não tem outro cuidado que não seja enriquecer e embelezar essas almas e lhes comunicar seus segredos. Todas as doçuras são para elas.

06

Não é que elas nãos sofram grandes cruzes, fortes tentações, que são como as sombras que realçam o brilho de suas virtudes, pois essas tentações são rejeitadas com vigor, essas cruzes são carregadas com força e elas desejam ainda mais.

Elas são totalmente fogo e chamas, totalmente langor e totalmente amor. Elas têm um grande coração, pronto para qualquer empreitada.

Por fim, em muito pouco tempo, elas são prodígios e os milagres do seu tempo. Deus se serve delas para fazê-los e parece que basta que elas desejarem alguma coisa

para que Deus as conceda. Parece que Deus tem seu beneplácito em lhes atender todos seus desejos e lhes fazer todas as vontades.

Elas ficam em uma mortificação grandíssima. Elas suportam grandíssimas austeridades, umas mais e outras menos, de acordo com seu estado e grau, pois, em cada estado, há muitos graus e umas chegam a uma perfeição bem mais eminente do outras. No mesmo caminho, há muitos graus diferentes.

07

O diretor pode prejudicar muito essas almas ou ajudá-las muito, porque se ele não entende o caminho delas, ou ele as combaterá e as fará passarem por muitos sofrimentos, como fizeram com Santa Tereza d'Ávila, o que não é, no entanto, o que mais se deve temer, ou então ele as admirará muito e lhes mostrará a importância que ele lhes atribui e é este o grande dano que se provoca às almas, porque gera uma distração ao redor delas, interrompendo os dons de Deus, invés de fazê-las correr para Deus, para seus dons.

O propósito de Deus na distribuição e mesmo na profusão que ele lhes faz de graças, é para fazê-las avançar para ele. Mas elas fazem um uso bem diferente delas.

Elas param diante delas, as analisam, as olham e se apropriam delas. Daí surgem as vaidades, as complacências, a autoestima, a preferência que se faz de si mesmo em relação aos outros e muitas vezes acontecem a perda e a ruína do interior.

08

Essas almas são admiráveis por elas mesmas e algumas vezes, por uma graça especial, elas podem ajudar muito às outras, particularmente se elas foram pecadoras. Mas, comumente, essas almas não são muito próprias para a condução quanto as seguintes, pois, como elas são muito fortes em Deus e em um grau eminente, elas têm horror pelo pecado e geralmente aversão pelos pecadores e certas antipatias que são de graça.

Se essas almas são superiores, elas não têm certa compaixão materna pelos pecadores e, como elas não experimentaram as misérias que lhes são contadas, elas se admiram com elas e ficam chateadas. Elas querem uma perfeição muito grande das almas e não a progressão lenta e se lhes caem nas mãos almas na aflição, elas não as ajudam, de acordo com o grau delas e de acordo com os propósitos de Deus e até mesmo, muitas vezes, elas as afastam de seus caminhos. Elas têm dificuldade em con-

versar com as almas imperfeitas, preferindo a solidão e a própria vida a todos os incômodos da caridade.

09

Quando se ouve essas pessoas falarem e não se é divinamente esclarecido, se acredita que elas estejam no mesmo caminho que as últimas e sejam mesmo mais avançadas. Elas utilizam os mesmos termos: morte, perda, aniquilamento etc.

É bem verdade que elas morrem, à maneira delas, que elas se aniquilam e se perdem, pois geralmente suas forças são perdidas ou suspensas na oração. Elas perdem mesmo o uso delas, a capacidade de se servir delas e de operar com elas, pois tudo o que elas recebem é passivamente. Assim, essas almas são passivas, mas em luz, em amor em força.

Se você examinar de perto as coisas e conversar com essas pessoas, você verá que elas têm vontades boníssimas e mesmo admiráveis. Elas têm desejos dos maiores e mais eminentes do mundo. Elas levam a perfeição até onde ela pode ir. Elas são desapegadas, elas amam a pobreza. No entanto, elas são e serão sempre proprietárias, mesmo da virtude, mas de uma maneira tão delicada que só os olhos divinos podem descobrir.

10

A maior parte dos santos cujas vidas são tão admiráveis foi conduzida por este caminho. Essas almas são tão carregadas de mercadorias que a corrida delas é muito lenta.

O que é preciso então fazer por essas almas? Elas não sairão jamais desse caminho?

Não. Não sem um milagre da Providência e sem a condução de uma direção divina que leve essas almas, não a resistir a essas graças, não visá-las, mas a superá-las. É necessário que elas não se detenham nelas nem por um momento, pois essas visões sobre elas mesmas são como que eclusas que impedem a água de fluir.

11

É preciso que o diretor as faça saber que há outra via mais segura para elas que é a fé, que Deus não lhes dá essas graças por causa da fraqueza delas. É preciso, repito, que o Diretor as leve a passar do sensorial ao sobrenatural, do percebido e assegurado às profundíssimas e seguríssimas trevas da fé, que ele não pareça dar qualquer valor a isso, que ele não as faça escrever, a menos que a alma esteja em um avanço tão notável no caminho que, tendo conhecimentos necessários a serem transmitidos,

ele não as faça escrever. Portanto, é melhor que elas não escrevam, pois, não é com base nesses conhecimentos que é preciso assegurar nada, mas sobre a Providência.

É bom conhecer os propósitos de Deus e trabalhar para executá-los, mas é somente a Providência que deve fornecer os meios para isto e fazer com que sejam executados. Nisto não pode haver enganação.

É também inútil querer discernir se essas coisas são de Deus ou não, já que é preciso superá-las, pois se elas são de Deus, elas serão realizadas pela Providência, ao nos abandonarmos a ela e se elas não o são, não seremos enganados nos detendo nisto.

12

Essas almas têm muito mais dificuldade para entrar no caminho da fé do que as primeiras e, comumente, elas não entram, a menos que Deus tenha algum propósito extraordinário para elas e as tenha destinado a condução de outras, pois, como o que elas têm é tão grande e tão fortemente de Deus, que elas têm certeza disto e viram mesmo se cumprir o que elas previram, elas não acreditam que há algo maior na Igreja de Deus e por isso se mantém apegadas a isto.

Essas pessoas são sábias, prudentes e geralmente

têm um zelo muito grande pelos fracos e os pecadores. Elas não fariam um passo em falso, de tanto que são comedidas, mas o que elas querem, elas querem muito imperfeitamente e muito fortemente.

Ó Deus! Como grandes propriedades espirituais parecem grandes virtudes às almas que não são eminentemente esclarecidas e que parecem grandes defeitos e bem perigosas àquelas que o são!

As almas deste caminho consideram como grandes virtudes o que as outras consideram como defeitos sutis e mesmo a luz não lhes é dada e quando se fala sobre isto com elas, elas não aceitam.

13

Essas almas são firmes em suas opiniões e, como a graça delas é grande e forte, elas se mantêm mais seguras. Elas têm regras e medidas em suas obediências e a prudência as acompanha. Enfim, elas são fortes e vivas em Deus, mesmo que pareçam mortas. Elas estão mortas quantos as suas operações próprias, recebendo as luzes passivamente, mas não quanto às suas profundezas.

14

Essas almas têm também muitas vezes o silêncio in-

terior, a paz saborosa, certos afundamentos em Deus, que elas distinguem e expressam bem, mas elas não têm essa inclinação secreta a não serem nada, como as últimas.

Elas querem mesmo ser nada através de certo aniquilamento percebido, uma humildade profunda, certo abatimento sob o peso imenso da grandeza de Deus que elas têm dificuldade em carregar quanto mais elas sentem esse peso de deus.

Tudo isto é um aniquilamento onde se aloja sem ser aniquilado. Tem-se a sensação de aniquilamento, mas isto não acontece na realidade, pois isto ainda sustenta a alma e esse estado lhe é mais satisfatório do que qualquer outro, pois ele é mais seguro e elas sabem bem disto.

15

Essas almas, geralmente, só chegam a Deus ao morrer, a não ser almas privilegiadas que Deus destina para serem as luzes de sua Igreja ou para santificá-las mais eminentemente e estas, Deus as despoja pouco a pouco de todas as suas riquezas.

Mas, como há tão poucos corajosos que, depois de tantos bens, queiram perdê-los, poucos também e menos do que se pode dizer, passam deste grau, sendo o propósito de Deus, talvez, que elas não passem mesmo e que,

como *na casa* do Pai *há muitas moradas*[113], elas só ocupem esta, ou por falta de coragem ou por falta de diretores esclarecidos. Aqueles que as conduzem talvez as acreditem perdidas ao verem seus dons e graças eminentes decaírem.

Remetamos as causas aos propósitos de Deus.

16

Algumas dessas almas não têm esses dons gratuitos, mas somente uma força generosa e íntima, um amor secreto, doce e pacífico, geral e vigoroso, que consuma a perfeição e a vida delas. Essas almas são hábeis em esconder seus defeitos e em disfarçá-los, sempre dando a eles alguma cor ou pretexto.

17

As provações das almas de que acabo de falar são tão extraordinárias quanto o estado delas. Elas vêm do demônio e embora elas sejam de uma extrema violência e bem diferentes, em aparência, do que aquelas que devem seguir, elas ainda lhes servem, no entanto, de apoio.

Elas são entregues ao demônio, que exerce sobre e-

[113] João 14: 2.

las o que pode sua maldade, mas elas são guardadas de todas as maneiras, apesar dos assustadores excessos desses espíritos malignos.

É preciso uma luz bem grande para diferenciar o apoio oculto em um estado tão terrível, mas a experiência o faz ser conhecido.

CAPÍTULO 04

A terceira via do retorno da alma a Deus.

01

Para as almas do terceiro grau ou da terceira via, o que diremos, senão que elas são como torrentes que saem das altas montanhas?

Elas saem do próprio Deus e não há um só momento de quietude em que elas não se percam nele. Nada as detém. Assim, elas não são sobrecarregadas com nada. Elas são totalmente nuas e seguem com uma rapidez que dá medo nos mais inseguros.

Essas torrentes fluem sem ordem para cá e para lá, por todos os lugares que elas consideram próprios para lhes dar passagem. Elas não têm seus leitos regulares, como as outras, nem ordem em seu deslocar.

Você as vê correr por tudo o que lhes permite passagem, sem se deterem em nada. Elas se chocam contra os rochedos. Elas têm quedas que fazem barulho.

Elas vacilam algumas vezes passando por terras que não são sólidas. Elas as arrastam por causa de sua rapidez.

Algumas vezes, elas se perdem nas profundezas e nos abismos, onde há muito espaço, sem se reencontrarem. Por fim, as vemos reaparecerem um pouco, mas é só para melhor se precipitarem novamente em um novo abismo ainda mais profundo e mais longo. É um jogo dessas torrentes se mostrarem, se perderem e se chocarem contra os rochedos.

A corrida delas é tão rápida que os olhos não a acompanham. Só se distingue um certo ruído geral, confuso e tenebroso.

Mas, por fim, após muitos precipícios e abismos, depois de terem se chocado bastante contra as rochas, depois de terem se perdido e reencontrado, elas encontram o mar, onde se perdem felizmente para jamais se reencontrarem.

02

É lá que, na mesma medida em que essa torrente foi

pobre, vil, inútil e desprovida de mercadoria, é nesta mesma medida que ela é enriquecida admiravelmente, pois ela não é rica com suas próprias riquezas, como os outros rios que só contém uma certa quantidade de mercadorias ou certas raridades, mas ela é rica com as riquezas do próprio mar.

Ela carrega sobre suas costas os maiores navios. É o mar que os carrega e esse mar é ela, porque, estando perdida no mar, ela se tornou uma mesma coisa com o mar.

03

É de se observar que o rio ou a torrente assim precipitada no mar não perde sua natureza, embora ela esteja tão mudada e tão perdida que não é mais reconhecida. Ela é sempre o que foi, mas seu ser está confundido e perdido, não quanto à realidade, mas quanto à qualidade, pois ela assume tanto a qualidade da água marinha que não se vê mais nada que lhe seja próprio e quanto mais ela mergulha, afunda e permanece no mar, mais ela perde sua qualidade para tomar a do mar.

04

Ao que não é própria então essa pobre torrente? Sua capacidade é sem limites, pois é a do próprio mar. Suas

riquezas são imensas, embora ela não possua nenhuma, já que elas são as do próprio mar. Ela é então capaz de enriquecer toda a terra.

Ó bem-aventurada perda! Quem poderia descrever o ganho que obteve esse rio inútil, próprio para nada, desprezado, apreendido, que transformava em tolo aquele que lhe confiasse o menor barco que fosse, já que, não podendo conservar a si mesmo e se perdendo com tanta frequência, afundaria com ele?

O que vocês dizem da sorte dessa torrente, ó grandes rios, que fluem com tanta majestade, que são a alegria e a admiração dos povos, que se glorificam com a quantidade de mercadorias carregadas em suas costas?

A sorte dessa pobre torrente, que vocês olham com desprezo ou, no mínimo, com compaixão, que era a rejeitada de todo mundo, que parecia não ser própria para nada, o que ela se tornou e ao que ela é própria no presente, ou melhor, ao que ela não é própria? O que é que lhe falta?

Vocês são, no presente, seus servos, já que as riquezas que vocês carregam são para descarregar aquelas de que ela abunda ou para lhe trazer novas.

Mas, antes de falar da felicidade de uma alma assim

perdida em Deus, é preciso começar pela origem e depois prosseguir por graus.

05

A alma, como foi dito, tendo saído de Deus, tem uma inclinação contínua a retornar para ele, porque, como ele é seu princípio, ele é também seu fim último.

Sua corrida seria infinita se ela não fosse interrompida ou impedida ou totalmente detida pelo pecado e a infidelidade contínua. Isto é o que faz com que o coração humano esteja em um perpétuo movimento e só possa encontrar repouso retornando ao seu princípio e ao seu centro, que é Deus.

É como o fogo que, tendo se afastado da sua fonte, está em uma agitação contínua e só encontra seu repouso quando retornou a ela. É lá que, por um milagre natural, este elemento, tão ativo por ele mesmo que consome tudo com sua atividade, está em uma quietude perfeita.

Ó pobres almas que buscam a quietude nesta vida! Vocês só a encontrarão em Deus.

Tratem de retornar a ele. É lá que todos os seus pensamentos e dores, suas agitações e ansiedades serão reduzidos na unidade da quietude.

06

É de se observar que, quanto mais o fogo se aproxima de seu centro, mais também ele se aproxima da quietude, embora sua velocidade para retornar a ele aumente. Mas, assim que nada o retém, imediatamente ele se lança para o alto com uma velocidade incrível, que aumenta na medida em que ele se aproxima. Embora sua velocidade aumente, sua atividade diminui.

Acontece o mesmo com a alma. Logo que o pecado deixa de retê-la, ela corre de uma maneira incansável para reencontrar Deus e se, por acaso, ela fosse impecável, nada impediria sua corrida, que seria tão pronta que ela logo chegaria a ele.

Mas também, quanto mais ela se aproximasse de Deus, mais sua corrida aumentaria e mais essa corrida se tornaria pacífica, pois a quietude __ ou melhor, a paz, já que não se trata então de quietude, mas de uma corrida pacífica __ aumentaria, de sorte que a paz aumentaria a corrida e a corrida aumentaria a paz.

07

O que provoca perturbação então são os pecados e as imperfeições que detêm por algum tempo a corrida dessa alma, mais ou menos de acordo com a grandeza dos

erros.

Então, a alma sente muito bem sua atividade, como quando o fogo retorna à sua fonte e encontra algum obstáculo, como algum pedaço de madeira ou de palha, ele retoma sua primeira atividade para consumir esse obstáculo. Quanto mais esse obstáculo fosse grande, mais ele aumentaria sua atividade.

Se fosse um pedaço de madeira, seria preciso uma atividade mais longa e mais forte para consumi-la, mas se fosse somente uma palha, em poucos instantes ela seria consumida e interromperia pouco sua corrida.

Você observe que este obstáculo que o fogo encontrasse só serviria para aumentar sua corrida e lhe dar uma nova pressa para superar todos esses obstáculos para se unir ao seu centro.

É de se observar também que, quanto mais o fogo encontrasse obstáculos e mais os obstáculos fossem consideráveis, mas eles retardariam sua corrida. Se ele os encontrasse incessantemente e sempre de novo, isso seriam motivos que o manteriam preso e o impediriam de retornar aonde ele saiu.

Vê-se por experiência que, se o fogo for sempre alimentado com madeira, você o interrompe e o impede de

subir.

08

O mesmo acontece com as almas. Seus instintos e inclinações naturais as levam a Deus. Elas correm incessantemente, sem jamais interromperem suas corridas, a não ser os impedimentos que elas encontram.

Esses impedimentos são os pecados e as faltas que colocam tantos obstáculos no retorno delas a Deus quanto mais eles são fortes e duráveis, de sorte que, se elas pecam incessantemente, elas permanecem detidas sem jamais chegar e se elas morrem em pecado, elas ficam sem condições de jamais chegar, não estando mais no caminho e na corrida, estando tudo terminado para elas.

Outras que morrem em um impedimento menor, que é o pecado venial, vão para o fogo do Purgatório, terminar de consumir o que o fogo do amor não consumiu nesta vida.

Outras avançam mais ou menos, na medida em que os obstáculos que elas mesmas criam sejam mais ou menos fortes.

09

As almas que não pecaram mortalmente devem en-

tão avançar muito mais do que as outras. Isto geralmente é verdade, mas, todavia, parece que Deus tem mais prazer em fazer *superabundar a graça onde abundou o pecado*[114].

Creio que uma das causas disto é que, nas almas que não pecaram, existe uma estima extraordinária pela sua própria justiça, em todos os domínios que ela alcança. Se elas são virgens, elas idolatram a própria pureza e assim com tudo o mais. Esse apego, estima ou amor descontrolado pela própria justiça é um obstáculo mais difícil de superar do que aos maiores pecados, porque não se pode ter um apego tão forte aos pecados, que são horríveis por eles mesmos, como se pode ter pela própria justiça.

E Deus, que não violenta a liberdade, deixa essas almas desfrutarem do prazer que elas têm com suas próprias santidades, enquanto ele tem prazer em limpar a lama das mais miseráveis. E para vencer em seu propósito, ele dá um fogo mais forte e mais ardente que consome, com sua atividade, essas grandes faltas, mais facilmente do que um fogo leve que consome os obstáculos mais leves.

Parece mesmo que Deus tem prazer em fazer dessas

[114] Romanos 5: 20.

almas criminosas o trono do seu amor, para mostrar seu poder e como ele pode consumar e restabelecer ao seu primeiro estado essa alma desfigurada e mesmo torná-la mais bela do que antes de ter se manchado.

10

Essas almas então que pecaram e para as quais eu escrevo, deixando as outras à parte, se veem em um grande fogo que consome em um instante todos os seus defeitos e impedimentos. Elas se veem detidas por faltas notáveis que seus antigos hábitos tinham contraído, mas esse fogo as consome e as leva adiante e isto tantas e tantas vezes e tão frequentemente que elas não são mais encontradas.

É preciso observar que, quanto mais ele vai consumindo, mais ele avança e mais os obstáculos que ele encontra são fáceis de consumir, de sorte que, no fim, quando só existem palhas, longe de impedir a corrida, só servem para torná-la mais ardente.

Tudo isto exposto e suposto, é fácil dar a explicação e conceber tudo como é. É preciso então tomar a alma em seu primeiro estado e prosseguir, se Deus, que me faz escrever estas coisas, que só são vistas na medida em que são escritas, quiser que prossigamos.

11

Como Deus destinou a alma para ele mesmo e para que ela se perca nele de uma maneira admirável e muito pouco conhecida pelos espirituais comuns, ele começa por fazê-la sentir interiormente seu afastamento.

Logo que ela sentiu e ficou sabendo desse afastamento, a inclinação que há nela de retornar ao seu princípio e que estava como que extinta pelo pecado desperta. Então, a alma desenvolve uma verdadeira dor por seus pecados e sente, com tristeza e preocupação, o mal que lhe causa esse afastamento.

Essa inquietação surgida assim na alma a faz buscar os meios de se desfazer dessa tristeza e de entrar em um certo repouso que ela vê de longe, mas que só serve para aumentar essa inquietação e para aumentar seu desejo de buscá-lo e encontrá-lo.

12

Algumas dessas almas, por não serem instruídas de que é preciso buscar Deus em suas profundezas e lá buscá-lo sem sair delas, se levam à meditação e a buscar fora o que elas só encontrarão no próprio interior.

Essa meditação __ para a qual elas comumente são muito pouco hábeis, porque Deus, que deseja outra coisa

delas, não permite que elas encontrem nada nesta prática __ só serve para aumentar o desejo delas, pois a ferida delas está no coração e elas querem colocar o curativo no lado de fora. Todavia, isto é flertar com o mal e não curá-lo.

Elas pelejam por muito tempo com essa prática e esse esforço aumenta a impotência delas e se essas almas, de quem Deus mesmo cuida, não encontra ninguém que as faça saber que elas precisam mudar, elas perderão o tempo delas e o perderão pelo tempo que elas permanecerem sem ajuda.

13

Mas Deus, totalmente pleno de bondade, não deixa de fazer com que, providencialmente, elas encontrem essa ajuda, mesmo que seja de passagem e por alguns dias. Esse socorro não é buscado por elas, mesmo que elas sintam o que lhes falta, mas sem imaginar o remédio. Mas, por um efeito da Providência, elas o encontram sem buscá-lo, pois, como elas são propriamente os verdadeiros filhos da Providência, Deus as faz encontrar, sem nada de extraordinário, o que elas precisam, como que naturalmente.

14

Quando então essas almas são instruídas por alguém que a Providência lhes envia, que elas não tenham medo de avançar, porque sua ferida está no interior e elas querem curar o exterior. Quando as fazem se voltar para o próprio interior e a buscar no fundo de seus corações, então essas pobres almas sentem, com um espanto que as arrebata e a surpreende ao mesmo tempo, que elas têm no interior delas mesmas um remédio que elas buscavam bem longe.

Elas desfalecem de alegria com a nova liberdade delas. Elas ficam totalmente espantadas de que a oração não lhes custa mais nada e que, quanto mais elas se concentram, mergulham e afundam nelas mesmas, mais elas desfrutam de algo que as arrebata e as enleva. Elas gostariam de sempre amar e afundar assim.

Você deve observar, por favor, que o que elas desfrutam, por mais delicioso que pareça, se elas são destinadas à pura fé, não as detém, mas as levam, por isto mesmo, a buscar algo que elas não conhecem.

A alma é só ardor e amor. Ela acredita já estar no Paraíso, pois o que ela desfruta internamente, sendo infinitamente mais doce do que todas as doçuras da terra, ela

as deixa sem dificuldade e deixaria todo o mundo para desfrutar um momento em suas profundezas do que ela experimenta.

Essa alma percebe então que sua oração se torna quase contínua. Seu amor aumenta dia a dia e ele se torna tão ardente que ela não pode contê-lo. Seus sentidos se concentram tanto e o recolhimento se apodera tanto da totalidade dela que tudo lhe cai das mãos. Ela gostaria de amar sempre e não ser interrompida.

15

E como a alma, neste estado, não é suficientemente forte para não se dissipar com conversas, ela foge delas e as teme. Ela gostaria de estar sempre na solidão e sempre desfrutar dos abraços do seu Bem-amado.

Ela tem dentro dela um diretor que não a deixa ter prazer com nada e não a deixa cometer uma falta sem repreendê-la fortemente e sem fazê-la sentir, com suas friezas, o quanto a falta lhe desagrada.

Essas friezas de Deus nas faltas são para a alma penitências mais terríveis que os maiores castigos. Ela é repreendida por um olhar inútil, uma palavra precipitada. Parece que Deus não tem outra preocupação que não seja corrigir e repreender essa alma e toda sua dedicação

seja para a perfeição dela.

Ela mesma fica espantada e os outros também, de ver que ela mudou mais em um mês neste caminho, mesmo em um dia, do que vários anos por outro caminho.

Ó Deus! Só pertence a vós corrigir e purificar as almas!

A alma é instruída sobre todas as mortificações sem jamais ter ouvido falar delas. Se ela pensa em comer algo de seu gosto, ela é retida como que por uma mão invisível. Se ela vai a um jardim, ela não pode ver nada, nem mesmo tocar uma flor ou olhá-la.

Parece que Deus colocou sentinelas em todos os seus sentidos. Ela não ousa ouvir uma notícia. É então que ela pode dizer que está cercada por um muro e espinhos[115], pois, se deseja fazer qualquer esforço, ela se sente picada vivamente.

Ela gostaria então, principalmente no início, de se consumir com austeridades. Parece que ela não se mantém mais na terra, de tanto que se sente desapegada. Suas palavras não passam de fogo e chamas.

---

[115] Cf. Oséias 2: 8. *Fecharei com espinhos o seu caminho; cercá-lo-ei com um muro e não encontrará mais saída*.

Deus tem também outra maneira de punir essa alma, mas isto é quando ela está mais avançada. É quando ele se faz sentir mais fortemente e amigavelmente desde sua queda. Então, a pobre alma fica mergulhada de confusão. Ela preferiria o castigo mais rude do que essa bondade de Deus depois de sua queda, que a faz morrer e mergulhar na confusão.

16

Então, a alma está tão cheia do que sente, que ela gostaria de transmitir isto a todo mundo. Ela gostaria de ensinar todo mundo a amar Deus. Seus sentimentos por ele são tão vivos, tão puros e tão afastados de interesses que os diretores que a ouvirem falar, se não forem experientes neste caminho, a acreditariam no ápice da perfeição.

Ela é fecunda de belas ideias que ela as coloca por escrito com uma facilidade admirável. São *sentimentos* profundos, vivos e íntimos. Não há mais racionalizações aqui, nada além do amor mais ardente e mais forte.

A alma, durante o dia, se sente tomada e presa por uma força divina que a arrebata, a consome e a mantém dia e noite sem saber o que ela faz. Seus olhos se fecham por eles mesmos e ela tem dificuldade em abri-los. Ela

gostaria de ser cega, surda e muda, para que nada a impeça seu prazer.

Ela é como esses embriagados que estão tão tomados e possuídos pelo vinho que não sabem o que fazem e não são senhores deles mesmos. Se essas pessoas querem ler, o livro lhes cai das mãos e uma linha lhes basta. Elas mal conseguem ler uma página em um dia, seja qual for a assiduidade que elas dediquem a isto.

Não é que elas compreendam o que leem. Elas nem pensam nisto. Mas é que uma palavra de Deus ou a aproximação de um livro desperta o secreto instinto que as anima e incendeia, de sorte que o amor lhes fecha a boca e os olhos.

17

Isto é que faz com que elas não possam fazer preces vocais, não podendo pronunciá-las. Um Pai nosso as reteria por uma hora.

Uma pobre alma que não está acostumada com isto não sabe o que é, pois ela jamais viu ou ouviu algo igual e ela não sabe por que não consegue rezar. No entanto, ela não pode resistir a algo mais poderoso que a arrebata.

Ela não pode temer fazer o mal e nem se preocupar com isto, pois Aquele que a mantém presa assim não lhe

permite duvidar de que seja ele que a mantém presa assim e nem de se defender, pois se ela quisesse fazer um esforço para rezar, ela sentiria que Aquele que a possui lhe fecha a boca e a coage, com uma doce e amável violência, a se calar.

Não é que a criatura não possa resistir e falar com esforço, mas, além dela se fazer uma grande violência, ela perde a paz divina e sente mesmo que se desvia. É preciso então que essa alma se deixe mover segundo a vontade de Deus e não segundo a sua e se se tem então um diretor que não seja experimentado e que obrigue essa alma a rezar vocalmente, além de fazê-la sofrer uma perturbação muito grande, ele lhe provoca um dano irreparável.

18

É então que a alma tem um desejo de sofrer tão veemente que a faz enfraquecer e morrer. Ela gostaria de pagar pelos pecados de todo mundo e satisfazer a Deus.

É então que ela começa a não poder ganhar as indulgências e o amor não lhe permite querer abreviar suas dores.

19

A alma neste estado acredita estar no silêncio inte-

rior, porque seu operar é tão doce, tão fácil e tão tranquilo que ela não o percebe mais. Ela acredita ter chegado ao ápice da perfeição e não vê nada a ser feito por ela, a não ser desfrutar do bem que ela possui.

Este estágio dura muito tempo e vai pouco a pouco aumentando e muito frequentemente há almas que não passam dele e ele é toda a vida delas, não deixando de serem santas e terem a admiração de todas as pessoas.

A alma tem, neste estágio, algumas securas passageiras e curtas, que não as tiram do seu estágio, mas servem para avançá-las.

20

Essas almas, no entanto, tão ardentes e tão desejosas de Deus, começam a repousar neste estado e a perder imperceptivelmente a atividade amorosa que elas tinham para correr para Deus, se contentando com seu prazer, que elas acreditam ser o próprio Deus e é uma infelicidade, para elas irreparável, se esse repouso e essa cessação que elas têm de sua corrida, se Deus, por uma bondade infinita, as tira mais rápido deste estado para fazê-las passar para o seguinte.

Mas, antes de falar dele, é preciso falar das imperfeições deste estágio.

CAPÍTULO 05

As imperfeições do primeiro estágio.

01

A alma que está neste estágio que acabo de comentar pode avançar muito nele e avança mesmo fortíssimo indo de amor em amor e de cruz em cruz. Mas ela cai tão frequentemente e é tão proprietária que se pode dizer que ela vai a passo de tartaruga, embora pareça, a ela e aos outros, correr infinitamente.

Aqui, esta torrente está em uma região unida e não encontrou ainda a inclinação da montanha para se precipitar e tomar uma corrida que não deve mais ser interrompida.

02

Os defeitos da alma neste estágio são uma certa estima por ela mesma, mais oculta e mais enraizada do que era antes de ter recebido essas graças e favores de Deus. Há um certo desdém e um desprezo secreto pelos outros que se vê afastados do caminho, uma facilidade em se escandalizar com as faltas deles e uma certa dureza para

com os pecados e os pecadores. Um zelo como o de São João antes de receber o Espírito Santo, que queria que descesse *fogo do céu*[116] para consumir os samaritanos. Uma certa confiança em sua salvação e em sua virtude, de sorte que parece que se é impecável. Um orgulho secreto que faz com que, principalmente no início, se pene por causa das faltas cometida em público, pois se gostaria de ser impecável. Mantém-se em recolhimento e esse recolhimento aparece aos outros. Torna-se proprietário dos dons de Deus e se comporta como se eles fossem nossos. Esquece-se da própria fraqueza e da própria pobreza, com a experiência que se tem da força, de sorte que se perde a desconfiança de si mesmo e não se teme se expor às oportunidades para os pecados.

Embora todos estes defeitos e muitos outros estejam nas pessoas deste estágio, elas não os conhecem e lhes parece mesmo serem mais humildes do que os outros, porque a humildade delas é mais compreendida.

Mas, paciência! Estes defeitos se farão sentir e tocar, no devido tempo.

[116] Lucas 9: 54.

03

Com a graça que elas sentem tão forte nelas mesmas sendo para elas um testemunho de que não há nada a temer para elas, elas se expõem sem uma missão divina a executar. Elas gostariam de comunicar o que elas sentem para todo mundo.

É verdade que elas fazem algum bem aos outros, pois suas palavras são todas fogo e chamas que abrasam os corações que as ouvem. Mas, além do fato de que elas não fazem o bem que fariam se estivessem no estágio em que a ordem de Deus leva a dividir o que se tem, não estando suas graças ainda na plenitude, elas doam o que lhes é necessário, invés de doar o que é de sua abundância, de sorte que elas secam elas mesmas, como se vê muitas bacias de água abaixo de uma fonte, onde só a fonte dá de sua plenitude e as bacias abaixo só espalham umas nas outras o que a fonte lhes transmite de sua plenitude. Mas, se bloquearmos ou desviarmos o fluxo da fonte e as bacias deixarem de fluir, então, como elas não têm mais a fonte, elas secam.

Isto é o que acontece com as almas deste estágio. Elas querem espalhar incessantemente suas águas, mas só percebem mais tarde que a água que elas têm é só para

elas e elas não estão em condições de dividi-la, porque elas não são a fonte dela.

Elas são como os frascos de licor que entornam. Há tanta doçura no odor que eles exalam quando derramam que não se nota a perda que está acontecendo.

04

É neste estágio que se faz facilmente uma mudança, tomando o meio pelo fim e, como ele é muito longo para certas almas e há mesmo algumas que não passam dele, toma-se este estado, principalmente no fim, como o estado consumado e isto é mal compreendê-lo.

É verdade que há mesmo uma boa dose de razão nisto e, a menos que o diretor tenha passado por todos os estados, ele acreditará facilmente que a alma está na consumação, mesmo que, intimamente, ela esteja bem distante dela. E o que o faz mais facilmente acreditar nisto é que a alma pratica todas as virtudes com uma força admirável. Ela se supera facilmente. Ela não acha nada difícil, *porque o amor é forte como a morte*[117].

[117] Cânticos 8: 6.

05

É preciso observar que as virtudes parecem ter chegado à alma sem nenhuma dificuldade, pois a alma de que falo não pensa nisto, já que toda sua ocupação é um amor geral sem motivo e sem razão de amar.

Pergunte-lhe o que ela faz na oração e durante o dia. Ela lhe dirá que ama.

Mas, por qual motivo ou que razão você tem para amar? Ela não sabe e nem conhece nada sobre isto. Tudo o que ela sabe é que ela ama e que arde de sofrimento pelo que ela ama.

Mas talvez seja a visão dos sofrimentos do seu Bem-amado, ó alma, que a leva assim a querer sofrer.

“Infelizmente, isto não me vem à mente”, ela dirá.

Mas então é o desejo de imitar as virtudes que você vê nele?

“Eu não penso nisto”.

Mas, o que você faz então?

“Eu amo”.

Não é a visão da beleza do seu amante que enleva seu coração?

“Eu não olho essa beleza”.

O que é então?

"Eu não sei nada sobre isto. Eu sinto mesmo, no mais profundo do meu coração, uma ferida profunda, mas tão deliciosa que eu repouso em minha dor, sentindo prazer com minha dor".

06

A alma acredita então ter ganhado tudo e consumado tudo, pois, embora ela seja cheias de defeitos __ como acabo de dizer __ e de uma infinidade de outros muito perigosos, que são melhor percebidos no estágio seguinte e não podem ser expressos então, ela repousa na perfeição que ela acredita ter adquirido e, se atendo aos meios, que ela acredita serem o fim, ela permaneceria sempre presa a eles se Deus não fizesse com que essa torrente, que é como um lago pacífico no alto de uma montanha, encontrasse a inclinação da montanha, para fazê-la se precipitar e tomar uma corrida tão mais rápida quanto a queda que ela sofrerá será mais profunda.

07

Parece-me que a alma, neste primeiro estágio, mesmo nos mais avançados, tem um certo hábito de esconder suas faltas, tanto a ela mesma quanto aos outros. Ela encontra desculpas e pretextos e jamais os diz inge-

nuamente. Não por vontade, mas por um certo amor à sua própria excelência e por uma dissimulação habitual sob a qual ela se esconde.

Ela não tem tanta paz nas misérias. Pelo contrário, ela se sente aflita extraordinariamente. Ela tem uma certa pressa em se purificar e ela diz isto historicamente. Aquelas que aparecem mais são aquelas que lhe são mais doloridas.

Ela desfruta e saboreia os dons de Deus. Ela tem um amor por ela mesma mais forte do que nunca, uma estima pela via extraordinária, um secreto desejo de se produzir, uma certa composição exterior, uma modéstia perturbada e afetada, um formigamento de reflexões quando cai em alguma falta aparente, uma facilidade em julgar os outros e, com todos estes defeitos, mil propriedades ligadas às suas devoções, preferindo a oração ao dever com sua família. Ela é causa de mil pecados que cometem aqueles com quem ela está.

08

Isto é de extrema consequência, pois a alma, se sentindo atraída de uma maneira tão doce e tão forte, gostaria de estar sempre só e em oração e ela faz isto mais do que comporta seu estado, tanto exterior quanto interior.

O primeiro causa mil ruídos, faz cometer mil faltas, faz negligenciar as obrigações essenciais e o segundo esgota pouco a pouco as forças da alma e o vigor amoroso e lhe causa securas que, não sendo da ordem de Deus, a prejudicam, invés de servi-lo.

09

Disto surgem dois inconvenientes. O primeiro é que a alma quer muito estar em oração e em solidão, quando ela tem esta facilidade. O segundo é que, quando ela esgotou o vigor amoroso, como isto acontece por causa da falta, ela não tem a mesma força na secura.

Ela tem dificuldade em permanecer muito tempo em oração e abrevia facilmente o tempo dela. Ela vai algumas vezes se divertir com objetos exteriores. Ela se abate, se desencoraja, se aflige, acreditando ter perdido tudo e faz tudo o que pode para se propiciar a presença e o amor de Deus.

10

Mas, se ela fosse suficientemente forte para manter uma vida equilibrada e não fazer mais na abundância do que na secura ela satisfaria a todos. Ela é incômoda ao próximo, por quem não tem condescendência, se esfor-

çando para relaxar um pouco para contentá-lo. Ela tem uma severidade e um silêncio muito austero onde não seria preciso e em outras situações, ela tem um balbuciar incessante para com as coisas de Deus.

Uma mulher terá escrúpulos em agradar seu marido, em conversar com ele, de caminhar e de se divertir com ele, mas não terá em falar por duas horas, sem necessidade, com devotos e devotas. Isto é um abuso horrível.

É preciso cumprir com seu dever, seja ele de que natureza for e seja qual for a dificuldade que isto nos cause, mesmo que se acredite cometer faltas com isto e este procedimento nos será infinitamente mais benéfico. Não como acreditamos, mas ao nos fazer morrer.

Parece mesmo que Nosso Senhor nos faz saber que isto o agrada, através da graça que ele derrama. Conheço uma pessoa que, jogando cartas com seu marido por condescendência, experimentou uma união muito forte e muito íntima, que ela jamais havia experimentado antes na oração e isto lhe era comum em tudo o que seu marido queria que ela fizesse, por mais repugnância que ela sentisse e se ela deixasse de fazer para fazer melhor de acordo com seu próprio pensamento, ela percebia muito bem

que havia saído do seu estado e da ordem de Deus.

Isto não impedia que esta pessoa cometesse frequentemente estas faltas, porque a atração do recolhimento, a excelência da oração, que se prefere a essas perdas de tempo aparentes arrastam imperceptivelmente a alma e a fazem mudar de rumo e é isto o que parece santidade para a maior parte das pessoas.

11

No entanto, as almas destinadas à fé não cometem por muito tempo e com frequência esses desprezos, porque, como Deus as quer conduzir para sua ordem divina, ele as faz sentirem bem suas faltas.

A diferença entre uma alma destinada para a fé e outra é que a última permanece nessas devoções sem dores. É lhe arrancá-la a alma tirá-la desse amor tranquilo. Mas a outra só tem repouso no próprio repouso que teve ao não cumprir seu dever e quando ela permanece nele, apesar do instinto de deixar esse repouso, isto é uma infidelidade que lhe causa sofrimento.

12

Acontece também de a alma, com esta morte e esta contrariedade, se sentir mais fortemente apegada ou atra-

ída ao seu repouso interior, pois é próprio do ser humano se apegar mais fortemente ao que lhe é mais difícil de ter __ pelo menos se ele tem um pouco de coragem __ e de se fortalecer com a contrariedade, querendo mais fortemente as coisas às quais se opõem.

Essa dificuldade de só poder ter repouso pela metade aumenta seu repouso e faz com que, na própria *ação*, ela se sinta atraída de uma maneira tão forte que parece que há nela duas almas e duas conversas ao mesmo tempo e que a do interior é infinitamente mais forte do que a do exterior. Mas se a alma quer deixar sua *obrigação* para a *oração*, ela não encontra mais nada e seu atrativo se perde.

13

Eu não me refiro à oração de obrigação e que é um dever ao qual só se pode faltar por uma impossibilidade. Mas eu falo de uma oração que se gostaria de tornar contínua ou para a qual se sente arrastado pela força do recolhimento.

Quando falo de *ação*, eu não me refiro também à da própria escolha, mas àquela do dever absoluto, pois, se a pessoa tem tempo, após ter cumprido suas obrigações, que ela o dedique à oração e empregue nela todo tempo

que puder. Então, isto lhe beneficiará infinitamente.

É preciso também, sob o pretexto de *obrigação*, não se sobrecarregar com ações desnecessárias. O amor ao marido e aos filhos, os cuidados da casa poderiam muito bem se misturar com o necessário. A pressa natural em terminar algo começado, tudo isto será descoberto facilmente por uma alma que não se lisonjeia e isto não é tão perigoso.

14

Quando o recolhimento é muito forte, normalmente a alma não cai nestas últimas faltas, mas em outras, como se exceder no recolhimento. Quando a secura começa, é mais de se temer que ela se sobrecarregue com ocupações, por causa da dificuldade dos sentidos em permanecer em oração. Mas é preciso se manter firme e ser tão fiel quanto no recolhimento.

Eu conheci uma pessoa que orava mais quando lhe era mais penoso, lutando contra a própria dificuldade. Mas isto prejudica a saúde, por causa da violência, do sofrimento dos sentidos e do intelecto, que, ao não poder se deter em nenhum objeto e estando privado da doce correspondência que o mantinha junto a Deus, tem tormentos horríveis, até o ponto de a alma preferir as maio-

res austeridades do que a violência que é preciso empregar para se manter, sem apoio, junto a Deus. Aqui, o sofrimento é intolerável e a natureza dele é comum à fúria.

Essa pessoa de que falo passava, algumas vezes, duas ou três horas seguidas nessa penosa oração e como Deus lhe havia dado muita coragem, ela se deixava devorar pelo sofrimento, embora ela sentisse os sentidos em fúria.

Essa pessoa me confessou que a austeridade que lhe parecesse mais estranha lhe teria parecido delícias, invés de permanecer naquela situação. E algumas vezes ela praticava essa austeridade para se aliviar, o que não deixava de ser uma pequena infidelidade.

Mas, como essa violência tão forte em pessoas tão fracas pode arruinar o corpo e o espírito, eu acho melhor não diminuir e nem aumentar a oração por causa de disposições diferentes.

15

Essas securas tão penosas e tão dolorosas de que acabo de falar, que certos espíritos pouco esclarecidos consideram como estados terríveis e provações de Deus das mais fortes, só pertencem a este primeiro estágio da fé e são geralmente causadas pelo esgotamento e, no entanto,

as almas que passaram por elas acreditam que sejam mortes e, ao escreverem e falarem delas, dizem que são as mais dolorosas passagens da vida espiritual.

É verdade que elas não têm a experiência do contrário e muito frequentemente a alma não tem a coragem de seguir em frente, embora isto seja muito pouca coisa, pois aqui, nestes sofrimentos, que são como um fogo ardente, a alma é deixada neles por Deus, que retira dela seu socorro perceptível. Mas são, no entanto, os sentidos que os causam, porque, estando habituados a agir, ver, sentir e saborear e não tendo jamais passado por privações iguais e não encontrando em outro lugar onde se alimentar, eles estão em um desespero pavoroso.

A alma não deixa de ter vigor aqui. Ela se manterá firme se tiver coragem. Seu sofrimento lhe é glorioso e ele não é de longa duração, pois as forças da alma não estão então em condições de carregar por muito tempo este peso. Ela voltaria atrás para buscar alimento ou então abandonaria tudo.

16

É por isto que Nosso Senhor não tarda em retornar. Algumas vezes mesmo, até o fim da oração ele não deixa de voltar e, se ele não vem até o fim da oração, ele retorna

no mesmo dia, de uma maneira bem forte.

Parece que ele se arrepende de ter feito a alma, sua bem-amada, sofrer ou que ele quer lhe pagar com juros o que ela sofreu por seu amor.

Se isto dura alguns dias, são então sofrimentos intoleráveis. Ela o considera doce, mas cruel e lhe questiona se não a fez sofrer só para fazê-la morrer.

Mas este amável Amante ri do seu sofrimento e retorna, colocando sobre a ferida da alma um bálsamo tão doce que ela gostaria de receber sempre novas feridas, para ter sempre um novo prazer com a cura que ele lhe proporciona, não somente lhe devolvendo sua saúde inicial, mas até mesmo lhe dando uma saúde mais abundante.

17

Até aqui, tudo não passou de um jogo de amor, com o qual a alma se acostumaria, se o Amigo não mudasse sua conduta.

Ó pobres almas! Como vocês se queixam das consequências do Amor! Vocês não sabem que são fingimentos, tentativas, amostras do que ainda está por vir. O tempo da ausência é contado em dias, semanas, meses e anos. Vocês devem aprender por vocês mesmas a serem mais

generosas, a deixarem ir e vir o Esposo, sem lhe dizer nada.

Parece que vejo essas jovens esposas. Elas ficam nas últimas dores, quando o Esposo as deixa mesmo por pouco que seja. Elas choram três dias de ausência como se ele estivesse morto e evitam tanto quanto podem deixá-lo ir.

Esse amor parece forte e grande. No entanto, de forma alguma ele o é. É o prazer que elas têm em ver o Esposo que elas choram. É a própria satisfação que elas buscam, pois, se fosse o prazer do Esposo, elas ficariam tão contentes com o prazer que ele tem na caminhada, na caça ou em outros lugares, quanto o prazer que ele tem com elas.

Trata-se então de um amor interesseiro, embora não pareça à alma. Pelo contrário, ela acredita só amá-lo porque ele é amável.

É verdade, pobres almas, que vocês só o amam porque ele é amável. Mas vocês amam pelo prazer que encontram nessa amabilidade.

18

No entanto, vocês dizem querer sofrer pelo Amigo. Isto é verdade desde que ele seja testemunha e companheiro do sofrimento de vocês.

Vocês dizem não querer recompensa. Eu continuo de acordo. Mas vocês querem que ele saiba do sofrimento de vocês e que isto o agrade. Vocês querem que ele sinta prazer com isto.

Há algo de mais justo do que querer que aquele por quem se sofre o saiba, se agrade e tenha prazer com isto?

Ó, como vocês estão longe da verdade!

O amor ciumento dificilmente as deixará desfrutarem do prazer que vocês têm ao vê-lo se satisfazer com seus sofrimentos. É preciso sofrer sem que ele finja ver, se agradar ou saber.

É demais para vocês serem aprovadas. Mas, por que sofrimento não se passaria por este preço?

Como assim?! Saber que o Amante vê nossos sofrimentos e tem prazer infinito com isto?!

Ó, isto é um prazer demasiado para um coração generoso! No entanto, estou segura de que a generosidade mais forte daqueles que estão neste estado não passa disto.

19

Mas, sofrer sem que o Amante saiba, quando ele parece desprezar e se afastar do que fazemos para agradá-lo, só ter rejeição pelo que parecia encantá-lo antes,

quando o vemos pagar com uma frieza e um afastamento terrível do que se faz somente para seu prazer e não deixar de fazê-lo, quando o vemos só pagar nossas buscas com fugas formidáveis. Deixar-se despojar sem se queixar por tudo o que ele dera antes como penhores do seu amor e que a alma acreditava ter pagado com seu amor, com sua fidelidade e seu sofrimento. Não somente se ver ser despojada sem se queixar, mas ver enriquecer os outros com seus despojos e não deixar de fazer sempre mesmo tudo o que pode contentar o Amigo, mesmo que ausente. Não deixar de buscar e se, por infidelidade ou por surpresa, se deter por alguns instantes, retomar a corrida com mais velocidade, sem temer encarar os precipícios, embora se caia e se recaia mil vezes. Que a alma esteja tão machucada e tão cansada que ela perde suas próprias forças para morrer e expirar com os cansaços contínuos ou se algumas vezes o Amigo retorna e a vê, ele lhe devolve a vida e a impede de morrer, de tanto que essa mirada lhe causa prazer. Até que, por fim, o Amigo se torna tão cruel que ele a deixa expirar, por falta de socorro. Tudo isto, eu digo, não é deste estado, mas do que vem a seguir.

É preciso observar aqui que este estágio de que falo é muito longo, a menos que Deus tenha o propósito de

fazer a alma avançar muito e muitos, como eu disse, não passam daqui.

CAPÍTULO 06

O segundo grau da vida passiva na fé.

01

Tendo a torrente começado a encontrar a inclinação da montanha, começa também o segundo grau da via passiva na fé. Essa alma, que estava tão pacífica na montanha, se mantinha muito em quietude lá e não pensava em descer.

No entanto, por falta de inclinação e de descida, as águas do céu, por causa da permanência delas na terra, começam a se corromper, pois há também uma diferença entre as águas que não fluem e não se descarregam e aquelas que fluem e se descarregam. As primeiras, se não é o mar ou os grandes lagos que se assemelham a elas, se corrompem e o repouso delas é a perdição delas. Mas quando, tendo deixado suas fontes, elas têm uma saída fácil, quanto mais elas fluem com rapidez, mais também elas se conservam.

02

Vocês se recordarão que eu disse sobre esta alma que, desde que Deus lhe deu o dom da *fé passiva*, ele lhe deu ao mesmo tempo o instinto de correr para encontrá-lo como seu centro.

Mas essa alma tão infiel, embora se acredite cheia de fidelidade, sufoca, com seu repouso, esse instinto de correr e permaneceria sem avançar, se Deus não despertasse esse instinto, fazendo com que encontre a inclinação da montanha, onde é preciso que ela se precipite, quase que independente da vontade dela.

Ela sente primeiro perder sua calma, que ela acreditava possuir para sempre. Suas águas tão tranquilas começam a produzir barulho. O tumulto se mete em suas ondas e elas correm e se precipitam.

Mas, para onde elas correm? Infelizmente, é para a perdição delas e elas não imaginam isto.

Se elas pudessem querer alguma coisa, elas gostariam de parar e retornar à calma delas. Mas isto é algo impossível. Encontrada a inclinação, é preciso se precipitar de inclinação em inclinação.

Não se trata também aqui de um abismo e nem de perda. A alma sempre se parece com a água e ela não se

perde neste estágio. Ela se agita e se precipita. Uma onda após outra a pega e a choca com sua precipitação.

03

Essa água encontra, no entanto, na inclinação dessa montanha, alguns lugares unidos onde ela toma um pouco de descanso. Ela se deleita com a claridade dessas águas e vê que suas quedas, suas corridas, esse quebrar das ondas sobre as rochas só serviram para torná-la mais pura.

Ela se vê livre dos ruídos e das tempestades e acredita já ter chegado ao lugar de repouso e acredita nisto com tanta facilidade que ela não pode duvidar que o estado pelo qual ela acaba de passar a tenha purificado tanto, pois ela se vê mais clara e não sente o mau odor que certos lugares corrompidos a faziam sentir no alto da montanha. Ela adquiriu mesmo uma inclinação que é um grau de conhecimento do que ela é. Ela viu, com a perturbação das paixões __ ou melhor, das ondas __ que ela não estava perdida, mas adormecida.

04

Como quando ela estava na inclinação da montanha para chegar a este lugar unido, ela acreditava se perder e

não ter mais esperança de recuperar a paz, assim, no presente, que ela não ouve mais o ruído das ondas, que ela vê correr tão docemente e tão agradavelmente sobre a areia, ela se esquece de seu sofrimento inicial e não acredita que deva retornar a ele, pois ela vê que adquiriu mais pureza e não teme se prejudicar, pois aqui ela não está detida, mas flui tão doce e agradavelmente como nunca.

Ó pobre torrente! Você acredita ter encontrado o repouso e ter chegado a ele! Você começa a se deleitar com suas águas. As criaturas as miram e as acham muito belas, mas você fica surpresa quando, ao fluir tão docemente sobre a areia, você encontra, sem esperar, uma inclinação mais forte, mais longa e mais perigosa do que a primeira.

Então, essa torrente recomeça seu ruído e o que era um ruído medíocre se torna insuportável. Ela faz um barulho e uma algazarra maior do que antes.

Quase não há mais leito para essa torrente, mas ela cai de rochedo em rochedo. Ela se precipita sem ordem e sem razão. Ela assusta todo mundo com seu ruído e todos temem abordá-la.

05

Ó pobre torrente! O que você fará? Você arrastará

tudo o que encontrar em sua fúria. Você só sente a inclinação que a arrasta e você se acredita perdida.

Não, não! Não tema! Você não está perdida, mas o momento da sua felicidade ainda não chegou. Serão necessários outros ruídos e outras inclinações antes desse tempo. Você só começou sua corrida.

Por fim, essa torrente corrente sente que encontra o pé da montanha e a região unida. Ela retoma sua calma inicial e ela é mesmo maior e, depois de ter passado longos anos nessas alternâncias, surge o terceiro grau, do qual falaremos depois de termos retocado as disposições para se entrar nele e seus primeiros procedimentos.

06

A alma, depois de ter passado alguns anos nesse lugar tranquilo de que falamos, que ela pensava possuir para sempre e ter adquirido as virtudes, o que lhe aparecia em toda sua extensão, acreditando que estavam mortas todas as paixões e quando ela pensava desfrutar com mais segurança de uma felicidade que ela acreditava possuir sem medo de perdê-la, ela está toda admirada porque, invés de subir mais alto ou pelo menos permanecer em um estado igual, ela reencontra, sem esperar, a inclinação da montanha.

Ela está admirada porque começa a ter inclinação para as coisas que tinha deixado. Ela vê subitamente essa calma tão grande se perturbar. As distrações vêm em grande quantidade. Elas se batem e se precipitam umas sobre as outras. A alma só encontra pedras em seu caminho, securas e aridez. O desgosto se mete em suas preces. Suas paixões, que ela acreditava mortas, mas que estavam apenas adormecidas, se despertam.

07

Ela fica totalmente surpresa com essa mudança. Ela gostaria de voltar ao lugar de onde desceu ou, pelo menos, se deter lá, mas não há meio para isto.

A inclinação da montanha foi encontrada. É preciso que essa alma caia[118].

Ela faz sempre o seu melhor, para se levantar dessas quedas. Ela faz o que pode para reter e se apegar a alguma devoção. Ela redobra suas penitências. Ela se esforça para desfrutar da sua paz inicial. Ela busca a solidão, para ver se a encontrará.

Mas seu trabalho é inútil. Ela vê que é falta dela. Ela

[118] Não no pecado, mas em uma espécie de privação do grau precedente e do seu sentimento. Ela descarta sempre do que tem de próprio em todos esses estados.

se resigna em sofrer a abjeção que lhe advém do fato de detestar o pecado. Ela gostaria de ajustar as coisas, mas não tem meios para isto. É preciso que essa torrente siga seu curso e ela arrasta tudo o que se opõe a ela.

A alma que vê que não encontra mais apoio em Deus, vai procurá-lo nas criaturas. Mas ela não o encontra e sua infidelidade só serve para assustá-la ainda mais.

08

Por fim, essa pobre alma, não sabendo o que fazer, chorando por toda a perda do seu Bem-amado, fica toda admirada por ele se apresentar novamente a ela.

Inicialmente, essa visão encanta essa pobre alma, que acreditava tê-lo perdido para sempre. Ela se vê tão mais afortunada quanto mais ela percebe que ele trouxe com ele novos bens, uma pureza nova e uma maior desconfiança dela mesma.

Ela não tem mais desejo, como da primeira vez, de parar. Ela corre sempre, mas é pacificamente, docemente e ela teme também perturbar sua paz.

Ela tem apreensão em perder novamente o tesouro, que lhe era tão mais precioso quanto sua perda lhe tinha sido mais sentida. Ela teme desagradá-lo e que ele se vá mais uma vez. Ela trata de ser fiel a ele e não fazer, dos

fins, os meios.

09

No entanto, esse repouso a enleva, a arrebata, a torna mais preguiçosa. Ela não pode se impedir de gostar disto, mas gostaria de estar sempre só. Ela ainda tem a avidez ou gula espiritual. Arrancá-la da solidão e da oração é lhe arrancar a alma. Ela é ainda mais proprietária, com o que ela gosta sendo mais delicado e seu gosto tendo se tornado mais fino, pela dor que ela sofreu. Parece que ela está em um novo repouso.

10

Ela segue suavemente quando, subitamente, ela encontra uma nova inclinação mais forte e mais longa do que a primeira. Ela cai subitamente em uma nova surpresa. Ela quer se manter, mas inutilmente. É preciso cair. É preciso seguir por entre os rochedos, de rocha em rocha.

Ela está admirada por perder o gosto pela prece e pela oração. É preciso que ela faça esforços extremos para se manter nela. Ela só encontra mortes a cada passo. O que a vivificava antes, agora só lhe causa a morte.

Ela não sente mais paz, mas uma perturbação e uma agitação mais forte do que nunca, tanto do lado das pai-

xões, que despertam com tanta força quanto mais pareciam extintas[119], quanto do lado das cruzes, que recrudescem do lado de fora e a alma está mais fraca para suportá-las.

Elas se arma de paciência, ela chora, ela geme, ela se aflige e ela se queixa do seu Esposo, por ele tê-la abandonado assim. Mas as queixas não são ouvidas. Quanto mais ela se aflige, mais ela se queixa novamente. Tudo se torna morte para ela. Ela acha difícil tudo o que é bom. Ela sente uma inclinação para o mal que a arrasta.

11

No entanto, ela não pode repousar na criatura, tendo desfrutado do Criador. Ela corre ainda mais forte e quanto mais os rochedos e os obstáculos são fortes e se opõem à sua passagem, mais ela teima em acelerar sua corrida.

Ela é como a pomba da Arca, que, *não encontrando onde pousar, voltou para a Arca*[120]. Mas, infelizmente, o que será dessa pobre pomba, quando ela quiser voltar para a Arca, se o bom Noé não lhe estender a mão para

[119] Mas sem o consentimento do espírito.
[120] Gênesis 8: 9.

pegá-la?

Ela só faz voltejar ao redor da Arca, buscando repouso sem poder encontrar. Ela resmunga ao redor dessa Arca até que o Divino Noé, tendo compaixão de sua perseverança e dos seus gemidos, abre, enfim, a porta e a recebe alegremente.

12

Ó invenção totalmente admirável e totalmente amorosa da bondade de Deus! Ele provoca assim a alma somente para fazê-la correr com mais rapidez. Ele se esconde para fazê-la procurá-lo. Ele foge para fazê-la correr. Ele aparentemente a deixa cair para ter o prazer de ampará-la e levantá-la.

Ó alma forte e vigorosa, que nunca passou por esses jogos de amor, essas ciumeiras aparentes, essas fugas amáveis à alma que passa por eles, mas terríveis para aquelas que as experimentam!

Você, eu digo, que não sabe o que são as fugas de amor, porque está inebriado por uma posse contínua do seu Bem-amado ou, se ele se esconde, é por tão pouco tempo que você não saberia julgar, com uma ausência longa e entediante, a felicidade da sua presença, você nunca experimentou sua fraqueza e a necessidade que

tem do seu socorro. Mas, para as pobres almas assim abandonadas, elas começam a não mais se apoiar nelas mesmas e a só se apoiar no seu Bem-amado. Os rigores desse Bem-amado lhes tornaram suas doçuras mais desejáveis.

13

Essas almas cometem faltas, muitas vezes, por causa do enfraquecimento delas e porque seus sentidos não encontram mais apoio e essas faltas as deixam tão envergonhadas que elas se esconderiam, se pudessem, do Bem-amado delas.

Infelizmente, na horrível confusão em que elas se encontram, ele lhes mostra sua face por instantes. Ele as toca com seu cetro, como outro Assuero[121], para que elas não morram. Mas suas carícias tão curtas e tão ternas só servem para aumentar a confusão delas por tê-lo desagradado.

Outras vezes, ele as faz sentirem, com seus rigores, o quanto a infidelidade delas o desagrada.

Ó Deus! Se essas almas pudessem se transformar em pó, elas se transformariam!

---

[121] Cf. Ester 5: 2.

Elas se colocam em cem posturas para reparar a injúria feita a Deus e se, por alguma presteza, que elas consideram como crimes, elas ofenderam o próximo, que satisfações elas não lhe dão!

Elas levam isto tão longe que, por se acreditarem culpadas de injúrias que lhe teriam feito, elas pedem perdão.

Mas é uma grande lástima ver o estado dessa pobre alma que pôde afastar seu Bem-amado. Ela faz todos os seus esforços para se corrigir. Ela não cessa de correr atrás dele. Mas, quanto mais ela corre, mais ele foge e, se ele para, é só por instantes, para que ela recupere o fôlego. Depois, ela encontra um pouco de repouso, mas, quanto mais ela avança, mais esse repouso se torna curto e delicado.

14

Vê bem essa pobre alma, que é preciso morrer, pois ela não encontra mais vida em nada, com tudo se tornando morte e cruz. A oração, a leitura, a conversa, tudo é morte. Nada de prazer com nada. Nem com as práticas das virtudes, nem com o socorro aos doentes, nem com tudo o mais que torna uma vida virtuosa.

Ela perde tudo isto, ou melhor, ela morre para tudo

isto, fazendo com tanto esforço e desgosto que tudo lhe parece uma morte. Por fim, depois de ter combatido bem, mas inutilmente, depois de uma longa sequência de dores e de repousos, de mortes e de vidas, ela começa a conhecer o abuso que ela fez das graças de Deus e o quanto este estado de morte lhe é mais vantajoso do que o de vida, pois, como ela vê seu Bem-amado retornar, quanto mais ela avança, mais ela o possui puramente e, como o estado que precede o prazer é uma purgação para ela, ela se abandona de bom coração à *morte* e às idas e vindas do seu Bem-amado, lhe dando toda liberdade de ir e vir como ele quiser. Ela aprende então que querer prendê-lo seria uma propriedade defeituosa.

Ela é instruída sobre o que ela é capaz. Ela perde pouco a pouco seu próprio prazer e é preparada, com isto, para um novo estado.

Mas, antes de falar sobre isto, é preciso dizer que quanto mais a alma avança, mais também seus prazeres são curtos, simples e puros e mais suas privações são longas, rudes e angustiantes e isto até que a alma tenha perdido todo prazer, para não mais reencontrá-lo jamais[122] e este é o *terceiro grau*, que é chamado de *perda*, *sepultu-*

[122] Ou seja, como em si mesma e proprietariamente, como acaba de ser dito.

ra e *podridão*. Este, o segundo, termina com a morte e não vai além.

CAPÍTULO 07

Seção I

O terceiro grau da via passiva na fé.

01

Observem que esses moribundos, quando se acredita que expiraram, eles recuperam subitamente uma nova força e fazem isto até que expirem mesmo. Como uma lâmpada que não tem mais combustível joga no meio da escuridão alguns fachos de luz, mas é só para morrer mais prontamente, a alma joga fachos, mas que duram apenas alguns instantes. Por fim, por mais que lutemos contra a morte, não há mais umidade radical na alma. O Sol da Justiça a secou totalmente e é preciso que ela expire.

02

Mas pretende outra coisa, esse amável Sol, com seus ardores rigorosos, além de consumir essa alma?

E essa pobre alma, assim incinerada, se acredita totalmente gelada!

É que o tormento que ela sofre não a deixa conhecer a natureza do seu suplício. Enquanto o sol estava coberto por nuvens e a fazia sentir seus raios de uma forma temperada, ela sentia bem seu calor e acreditava arder, mesmo que fosse apenas pouco aquecida. Mas quando ele a atingiu diretamente com seus raios, ela se sentiu assar e secar, sem acreditar estar somente com calor.

03

Ó amável enganação! Ó amor doce e cruel! Você só tem amantes para enganá-los assim?

Você fere essas almas e depois esconde seus dardos e as faz correr atrás do que as feriu!

Você as atrai depois e se mostra a elas e quando elas querem possuí-lo, você foge.

Quando você vê a alma reduzida ao desespero e sem fôlego, de tanto correr, você se mostra por alguns instantes, para fazer com que recobrem a vida, com o objetivo de fazê-la morrer muitas e muitas vezes, com mais rigores ainda.

Ó amante rigoroso e inocente assassino! Por que você não mata de uma vez? Por que dar vinho a esse cora-

ção que expira e tornar a dar vida para arrancá-la novamente?

Este então é seu jogo. Você fere de morte e quando vê o doente quase expirando, você cura sua ferida para lhe fazer novas!

Infelizmente, normalmente só se morre uma vez e os mais cruéis carrascos, nas perseguições, prolongavam bem a vida dos criminosos, mas eles se contentavam com que eles as perdessem somente uma vez. Mas você, mais impiedosamente, você nos tira muitas e muitas vezes a vida e nos dá novas!

04

Ó vida que não se perde sem tantas mortes! Ó morte que só podemos ter com a perda de tantas vidas!

Você chegará ao fim desta vida, mas, por que fazer isto? Talvez essa alma, depois que você a tiver devorado em seu seio, desfrute do seu Bem-amado. Ela ficaria muito feliz se isto acontecesse, mas é preciso suportar outro suplício.

É preciso que ela seja *sepultada*, que ela *apodreça* e que ela seja *reduzida a cinzas*. Mas talvez ela não sofra mais, pois os corpos que apodrecem não sofrem mais.

Ah, mas não é assim com a alma! Ela sofre sempre e

o sepulcro, a podridão, o nada lhe são infinitamente mais perceptíveis do que a própria morte.

05

Este estágio de *morte* é extremamente longo e dura, algumas vezes, vinte ou trinta anos, a menos que Deus tenha propósitos particulares para as almas e, como eu disse que bem poucas passam para os outros estágios, eu digo que bem menos passam por este. Isto foi o que fez muita gente ficar admirada de ver pessoas santíssimas que viveram como anjos, mas morreram em sofrimentos terríveis e quase no desespero pela própria salvação.

Fica-se admirado com isto, mas não se sabe ao que atribuir isto. É que elas morreram neste estágio de morte mística e, como Deus queria adiantar a corrida delas, porque estavam próximas do fim, ele aumentou as dores delas, como com Tauler.

Vão me dizer que eram santos e consumados de acordo com o nível deles e no nível deles. Mas eles não tinham passado por este, o que não impede que fossem santos e um grande número deles é canonizado pela Igreja e que só passaram por este estágio ao morrer e muitos jamais passaram por ele.

Assim, quando vejo almas que dizem que correm

muito rápido, eu não posso deixar de dizer que elas se enganam. Elas são todas consumadas, eu concordo, nos estados inferiores, que elas talvez não ultrapassem, mas, por ter percorrido este, eu digo que não é assim e isto será verificado em seguida.

06

Assim, as almas que estão na união no primeiro estágio que começa a via da *fé nua* de que falo, se enganam ao tomarem para elas os conselhos dos estados mais avançados. É preciso deixar que Deus desnude a alma. Ele o fará como Senhor e a alma ajudará o desnudamento e a morte sem colocar nenhum impedimento a isto. Mas fazer isto por si mesmo é perder tudo e transformar um estado divino em um estado vil[123].

Observam-se também almas que, por terem lido ou ouvido falar do desnudamento, se põem elas mesmas a fazer isto e permanecem sempre assim, sem avançar, pois, como elas desnudam elas mesmas, Deus não as veste com ele mesmo, já que é preciso observar que o propósito de Deus ao desnudar é somente para vestir.

[123] É importante observar tudo isso para evitar muitos abusos e as objeções que normalmente são feitas sobre este assunto.

Ele só empobrece para enriquecer e se torna, no íntimo, a substituição de tudo o que ele tirou da alma, o que não acontece com aqueles que desnudaram a eles mesmos. Eles perdem, na verdade, com este erro, os dons de Deus, sem ganhar Deus com isto.

07

Neste estágio, a alma não conseguiria muito se despojar, se esvaziar, se empobrecer, se matar e tudo o que ela faz para se sustentar são perdas irreparáveis, pois é conservar uma vida que é preciso perder.

É como uma pessoa que, tendo o propósito de fazer morrer uma lâmpada sem apagá-la, só tivesse que não colocar óleo nela. Ela se apagaria sozinha. Mas, se essa pessoa, dizendo sempre que quer fazer a lâmpada morrer, não deixasse de colocar, de tempos em tempos, óleo nela, a lâmpada jamais se apagaria.

Acontece o mesmo com a alma que recupera a vida, por pouco que seja, neste estágio. Se ela se alivia, se ela não se deixa desnudar, enfim, qualquer ato de vida que ela faça, ela retardará sua morte, na medida e no tempo que sua vida for longa.

08

Ó pobre alma! Não combata a morte e viverá com sua morte.

Parece que vejo essa gente que se afoga. Elas fazem todos os esforços para virem à superfície da água. Elas se agarram ao que podem. Elas conservam a vida pelo tempo que elas têm força. Elas só se afogam quando as forças lhes faltam.

É assim com essas almas. Elas se defendem o tanto que podem para evitarem perecer. Só mesmo a falta de força e poder as faz expirar.

Deus, que quer adiantar essa morte e que tem piedade dessa alma, lhe corta as mãos por onde ela se mantinha presa e a obriga assim a cair nas profundezas.

Essa alma grita com todas as suas forças, por causa da dor que sente, mas não importa, pois Deus é impiedoso e é uma grande misericórdia não receber ninguém neste encontro.

Ó diretores! Sejam a ajuda de Deus nesta obra! Não prestem socorro a esta alma[124]. Como não lhes é permitido contribuir com sua morte, afundando-a vocês mesmos

[124] Ou seja, para apoiá-la em sua propriedade.

na água, não lhes é permitido também lhes estender a mão para sustentá-la.

Não lhe ofereçam apoio e sejam inexoráveis com suas queixas. Tornem-se de bronze para elas, assim como o céu se tornou e se vocês as virem morrer, não deem sepultura aos corpos delas. O Amor lhe dará uma tal, que só ele saberá. A sepultura e o pó virão juntos.

09

As cruzes se seguem, as cruzes aumentam e quanto mais as cruzes aumentam, mais a impotência de carregá-las se torna forte, de sorte que parece à alma que ela não pode mais carregá-las.

O que é mais penoso neste estado é que o estado de sofrimento começa sempre por alguma coisa que parece uma falta à alma. Ela acredita ter contribuído para este mau estado.

Por fim, a alma fica em um estado quase insensível. Ela começa a se acostumar com o sofrimento, a estar convencida da sua impotência, da sua inutilidade e a se desesperar por ela mesma. Ela consente mesmo com a perda de todos os favores[125] e lhe parece que Deus os tirou

[125] Ou seja, Deus a priva do prazer percebido de seus dons.

justamente. Ela não espera mesmo possuí-los nunca mais.

Quando ela vê alguma alma na graça, sua dor recrudesce e ela se sente afundada no mais profundo do seu nada. Ela gostaria de poder imitá-las, mas, vendo que seus esforços são inúteis, ela é coagida a morrer e a expirar. É então que ela diz, como na Escritura: *Todos os meus temores se realizam*[126]

“Oras! Perder Deus e perdê-lo para sempre, sem a esperança de encontrá-lo mais!”, ela clama.

Oras! Ser privado do amor no tempo e na eternidade! Não poder mais amar Aquele que se sabe tão amável!

Oh, não é suficiente, Divino Amante, rejeitar sua criatura, se desviar dela sem que ela perca o amor e perdê-lo, aparentemente, para sempre?

Essa pobre alma acredita tê-lo perdido, mas, todavia, ela jamais amou mais fortemente e mais puramente. Ela bem que perdeu o vigor, a força perceptível do amor, mas ela não perdeu o amor. Pelo contrário, ela jamais amou melhor.

Essa pobre alma não pode acreditar. No entanto, é fácil saber, pois o coração não pode ficar sem amar. Se ela

[126] Jó 3: 25.

não amasse Deus, seria preciso que ela amasse alguma coisa, mas aqui, a alma está bem longe de obter prazer com o que quer que seja.

10

Não é que os sentidos não se curvem para as criaturas e isto é o que faz então a grande dor da alma, que olha a revolta das paixões e suas faltas involuntárias como faltas horríveis que lhe causam ódio pelo seu Esposo.

Ela gostaria de se lavar, de se alvejar e se purificar[127], mas ela, nem bem se lavou e se imagina recair em uma fossa mais suja e infecta[128] do que aquela de onde saiu[129].

Ela não vê que é por correr que ela se suja, que ela se deixa cair[130] e que o amor a transporta tão forte e a faz correr atrás dele com tanta velocidade que ela não vê os maus passos. No entanto, ela está tão envergonhada por correr neste estado que ela não sabe onde se colocar.

Ela segue então com um vestido todo rasgado. Ela

---

[127] Ou seja, de maneira ativa e perceptível.

[128] Jó 9: 30 e 31. *Por mais que me lavasse na neve, que limpasse minhas mãos na lixívia, tu me atirarias na imundície e as minhas próprias vestes teriam horror de mim*.

[129] Em sua maneira de julgar, através do horror e a aversão que ela tem de suas faltas involuntárias.

[130] Ela comete faltas de precipitiação e de surpreza. São Paulo, neste sentido, diz: *Não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*. *Não faço o bem que gostaria, mas o mal que não quero* (Romanos 7: 15 e 19).

perde tudo o que tem, de tanto correr.

11

Seu Esposo ajuda a despi-la por duas razões. A primeira é porque ela sujou suas roupas tão belas e tão magníficas com complacências e ela se apropriou dos dons de Deus com uma quantidade de reflexões e olhares do amor-próprio. A segunda é porque, ao correr, ela seria parada por essa carga[131]. Mesmo o medo de perder tanta riqueza a impediria de correr[132].

12

Ó pobre alma! No que você se tornou? Você era outrora as delícias do seu Esposo, quando ele tinha tanto prazer em ornamentá-la e embelezá-la. Agora, você está tão nua, tão dilacerada, tão pobre que não ousaria se olhar e aparecer diante dele.

As pessoas que olham para você, depois de tê-la admirado antes e que a veem assim dilacerada, acreditam que você enlouqueceu ou que cometeu os piores crimes, o que levou seu Esposo a abandoná-la.

---

[131] Pela apropriação.
[132] O medo de perder seus bens possuídos proprietariamente a impediria de correr para a verdadeira liberdade em Deus.

Eles não veem esse Esposo ciumento, que só ama essa alma por ele, vendo que ela se comprazia com seus ornamentos, que ela se deleitava com eles, que ela se admirava por eles, que ela amava a ela mesma, vendo, repito, isto e que ela deixava às vezes de olhá-lo para olhar para ela mesma e que ela diminuía o amor que ela tinha por ele, por se amar tanto, a despoja e faz desaparecer todas as suas belezas e suas riquezas de diante dos seus olhos.

A alma, na abundância de seus bens, encontra prazer em se contemplar. Ela vê amabilidades nela que atraem seu amor e a afastam do seu Esposo.

Pobre tola que é! Ela não vê que só é bela por causa das belezas do seu Esposo e que se ele as tirasse, ela se tornaria tão feia que daria medo. Além disto, ela negligencia seguir o Esposo em suas corridas, nos desertos e em toda parte por onde ele vai. Ela teme estragar sua aparência e perder suas joias.

Ó amor ciumento! Como você faz bem em vir encontrar essa orgulhosa e lhe tirar o que havia lhe dado, para que ela aprenda a conhecer o que ela é e que, estando nua e despojada, nada a deterá em sua corrida.

13

Nosso Senhor começa então a despir esta alma pouco a pouco, a lhe tirar seus ornamentos, todos os seus *dons*, *graças* e *favores*[133], que são como joias que a sobrecarregam. Depois, ele lhe retira todas as suas *facilidades para o bem*, que são como roupas, após o que, ele lhe retira *a beleza do seu rosto*, que são as virtudes divinas que ela não pode praticar ativamente.

14

O *primeiro estágio* do seu despojamento se faz com as *graças*, *dons* e *favores*, amor sensorial e percebido. Ela se sente pouco a pouco despida. Ela vê que seu Esposo retoma pouco a pouco o que ele lhe havia dado de riquezas.

Inicialmente, ela se aflige muito por esta perda. Mas, o que a aflige mais não é tanto a perda das riquezas, mas o aborrecimento do Esposo, pois ela acredita que é por ira que ele lhe retoma assim o que havia lhe dado. Ela vê bem o abuso que fez desses dons e as complacências que ela teve, o que a deixa com tanta vergonha que ela morre de confusão.

[133] Quanto à percepção ou posse percebida.

Ela o deixa fazer o que quer e não ousa perguntar: “Por que retoma o que me deu?” Porque ela vê que merece, por causa do abuso que teve e, em um silêncio profundo, ela o olha de uma maneira tão lamentável que faz com que ele veja sua dor.

15

Embora ela mantenha o silêncio, ele não é profundo como a seguir. Ela o interrompe com choros e suspiros entrecortados.

Mas ela está assustada porque, ao olhar o Esposo, ela o vê todo irado por causa da justiça que ele aplicou a ela, por colocá-la sem condições de abusar dos seus bens e porque ela pensa pouco no abuso deles que ela cometeu.

Essa alma percebe primeiro sua falta e seu desprezo. Ela se esforça por mostrar ao seu Esposo que ela não se preocupa com seus dons, desde que ele não se zangue com ela. Ela lhe demonstra que suas lágrimas e sua dor vêm do fato de tê-lo desagradado.

É verdade que então a ira do Esposo, justamente irritado, lhe é tão sensível que ela não pensa mais na perda de todas as suas riquezas, mas na ira do seu Esposo.

Ela se coloca em inúmeras posturas para apaziguá-lo. Seus suspiros, seus gemidos e suas lágrimas são as

expressões de sua dor. Mas isto também é uma falta que ofende o Amigo, mas, como a alma é ainda fraca, ele releva.

16

Depois de tê-la deixado chorar por muito tempo, ele finge estar apaziguado. Ele mesmo enxuga suas lágrimas e a consola.

Ó Deus! Que alegria para essa alma ver essas novas bondades do Amor, depois do que ela fez!

Ele não devolve, no entanto, suas riquezas anteriores e a alma não sofre com isto, se sentindo muito feliz por ser olhada, consolada e lisonjeada por seu Bem-amado.

No início, ela recebe suas carícias com tanta confusão que ela não ousa levantar os olhos. Mas, como os bens presentes a fazem se esquecer dos males passados, ela mergulha e se afoga nessas novas carícias do seu Esposo e, não pensando mais em suas misérias passadas, ela se alimenta e repousa nessas carícias e obriga, com isto, o Esposo a se zangar novamente e a despi-la mais ainda.

17

É preciso observar que Deus só retira pouco a pouco da alma suas riquezas. Uma vez, uma e depois, outra. Quanto mais as almas são fracas, mais o despojamento é longo e quanto mais elas são fortes, mas cedo ele é feito, com Deus as despojando com mais frequência e tirando mais coisas a cada vez.

Mas, por mais rude que seja esse despojamento, ele é somente, no entanto, de coisas exteriores e supérfluas, ou seja, dons, graças e favores, mas não outras coisas. Isto é feito uma após outra, por causa da fraqueza da alma.

Este comportamento é tão admirável, é um amor tão grande de Deus pela alma que jamais se acreditaria, se não se experimentou, pois a alma está tão cheia dela mesma e tão impregnada de amor-próprio que, se Deus não fizesse isto, ela se perderia.

18

Talvez se questione: "Se os dons de Deus provocam tanto dano, por que concedê-los?"

Deus os concede por um excesso de sua bondade, para tirar a alma do pecado, do apego às criaturas e fazê-la retornar a ele e se ele não os concedesse, ela seria sem-

pre uma criminosa.

Mas esses mesmos dons, com os quais ele a gratifica para desapegá-la das criaturas e dela mesma, para se fazer amar por ela, ao menos por reconhecimento, essa criatura é tão miserável que ela os utiliza para se amar, se admirar, se divertir com eles. O amor-próprio está tão enraizado na criatura que esses dons o aumentam, pois ela encontra, nela mesma, novos encantos que ela não encontrava antes.

Ela afunda e se agarra a ela mesma, se apropria do que é de Deus e, se familiarizando muito com ele, se esquece da escravidão de onde ele a tirou e mil outras coisas desta natureza.

É verdade que Deus poderia livrá-la, como ele pode livrar o ser humano do seu fundo de concupiscências, mas ele não faz isto por razões conhecidas somente por ele.

19

A alma, despojada assim dos dons de Deus, perde um pouco do amor por ela mesma e começa a ver que não é tão rica quanto acreditava e que suas riquezas são, na

verdade, do seu Esposo. Ela vê, repito, que ela abusou deles e concorda que ele os guarde e os retome[134].

Ela diz: “Serei rica com as riquezas do meu Esposo e, embora ele as guarde, estaremos sempre em comunhão de bens[135], pois ele não as perderá”.

Ela fica mesmo bem tranquila por ter perdido esses dons, pois ela está descarregada[136] e mais leve para caminhar. Por fim, ela se acostuma pouco a pouco com este despojamento e sabe que ele lhe foi útil e vantajoso. Ela não tem mais mágoa.

Ela se ajusta o melhor que pode com suas roupas e, como ela é bela, ela se contenta com o que não deixará de agradar seu Esposo com seus adereços e suas roupas limpas, como fazia com todos os seus ornamentos.

Seção II

O segundo estágio do despojamento.

20

Quando ela só pensa em viver em paz com essa per-

[134] Que ele seja o Senhor absoluto.
[135] Em virtude da sua união de coração e de vontade com ele em todas as coisas.
[136] Menos proprietária e mais livre.

da e vê claramente o bem que ela lhe propicia e o dano que ela tinha causado a ela mesma, com o mau uso que fez dos dons que lhe foram retomados, ela fica toda admirada com o fato de que o Esposo, que só lhe tinha dado trevas por causa da sua fraqueza, venha com mais violência lhe *arrancar suas roupas*.

Ó pobre alma! O que você fará diante deste golpe?

Agora é bem pior do que da outra vez, pois essas roupas são necessárias e não é adequado se deixar ser despida delas.

Oh, é então que a alma se defende o tanto que ela pode! Ela mostra ao seu Esposo as razões para não se deixar ser despida assim: isto seria vergonhoso para ele mesmo.

“Infelizmente, eu perdi todas as riquezas que você havia me dado: seus dons, a doçura do seu amor. Mas eu podia ainda praticar ações exteriores de virtudes. Eu fazia caridade. Eu fazia a oração com assiduidade, embora você tivesse me tirado suas graças perceptíveis. Mas perder tudo isto é com o que eu não posso concordar. Eu ainda estava vestida segundo minha posição e ainda me consideravam no mundo como sua esposa. Mas se eu perco minhas roupas, isto fará vergonha a você mesmo”, ela diz.

"Não importa, pobre alma. É preciso consentir com esta perda. Você não se conhece ainda. Você acredita que suas roupas são suas e que você pode sempre usá-las", diz o Esposo.

"Mas eu as adquiri com tanto cuidado. Você as me deu como recompensa pelos trabalhos que suportei por você", diz a alma.

"Não importa! É preciso perdê-las", diz o Esposo.

21

A alma, após ter feito o seu melhor para conservá-las, se sente ser despida pouco a pouco. Tudo se torna insípido para ela. Ela não tem mais gosto por nada e, pelo contrário, tudo lhe é um desgosto e ela é colocada na impotência de agir.

Antes, ela tinha desgostos e sofrimentos, mas não impotências. Mas agora, todo poder lhe foi tirado. As forças do corpo e da alma lhe faltam. Ela até mesmo *perde a lembrança* por muito tempo[137]. A inclinação lhe resta e ela é como o último vestido, que também é preciso perder no fim[138].

[137] Cf. Salmo 72: 21 e 22. *Quando eu me exasperava e se me atormentava o coração, eu, ao nada fui reduzido.*
[138] Assim como o sentimento.

22

Isto acontece muito pouco a pouco e de uma maneira penosa, porque a alma sempre vê que isto lhe aconteceu por causa de sua falta[139]. Ela não ousa dizer nada, pois o que ela dissesse só serviria para irritar seu Esposo, cuja ira lhe é mais rude do que a morte.

Ela começa a se conhecer melhor, a ver que ela não tem nada dela e que tudo é de seu Esposo. Ela começa a desconfiar dela mesma. Ela perde pouco a pouco o amor que tinha por ela mesma. Mas ela não odeia ainda, pois está sempre bela, embora nua.

Ela olha de tempos em tempos o Amante, com um olhar lamentável, mas não diz uma só palavra, pois se aflige com sua ira. Parece-lhe que seria pouco ser despojada, se apenas ela não tivesse irritado seu Esposo e se não tivesse se tornado indigna de usar suas roupas nupciais.

23

Se ela ficou confusa na primeira vez que lhe tiraram suas riquezas, a confusão de se ver nua lhe é infinitamente mais sentida. Ela não gostaria de aparecer diante do

[139] Por causa de sua apropriação.

seu Esposo, de tanto que ela está envergonhada. No entanto, é preciso continuar e correr neste estado por toda parte.

Oras! Não lhe seria permitido se esconder?

Não! É preciso aparecer assim em público.

O mundo começa a ter menos estima por ela. Dizem: “Esta é a alma que causava admiração nas pessoas e nos anjos? Vejam como ela está decaída!”

Sua confusão recrudesce com estas palavras, porque ela sabe bem que seu Esposo a despiu justamente. Ela faz o que pode para que ele a vista um pouco, mas ele não fará nada depois de tê-la despida de tudo, o que é uma misericórdia infinita, pois suas roupas a satisfaziam, a cobrindo e a impedindo de ver o que ela era.

24

É uma coisa bem espantosa, para uma alma que acreditava ser bem avançada na perfeição, se ver decaída assim, tão subitamente. Ela acredita que são novas faltas, das quais ela tinha se corrigido, que retornam. Mas ela se engana. É que ela estava escondida sob suas roupas, que a impediam se ver tal como ela é.

É uma coisa horrível uma alma assim nua dos dons e das graças de Deus e só se pode saber o que é isto se se

passou por esta experiência.

Seção III

O terceiro estágio do despojamento.

25

Mas isto ainda seria pouco, se ela conservasse sua *beleza*. Mas ele, o Esposo, a fez se tornar feia e a fez perdê-la.

Até aqui, a alma se deixou ser despojada dos dons, das graças, dos favores e da facilidade para o bem. Ela perdeu todas as boas coisas, como as austeridades, o cuidado com os pobres, a facilidade em ajudar o próximo, mas ela não perdeu as virtudes divinas. No entanto, aqui é preciso perdê-las quanto ao uso, pois, na realidade, elas se imprimem mais fortemente na alma. Ela perde a virtude como virtude, mas é para encontrá-la em Jesus Cristo.

Esta alma totalmente humilhada se torna totalmente soberba[140] com relação ao que ela acredita. Esta alma tão paciente, que suportava tão facilmente todas as coisas e que tinha nelas seus prazeres, acha que agora não pode

[140] Como hábito por ela adquirido e praticado por ser bela.

suportar mais nada. Os sentidos perdem sua economia[141] e parecem querer se revoltar.

Ela não pode se mortificar[142] e nem evitar nada[143] com seus próprios esforços como antes e, o que é pior, esta alma, assim desfigurada, se suja a todo momento e, com isto, ela acredita que se fere com as criaturas.

Ela se queixa com o Esposo que *os guardas encontraram-na, quando faziam sua ronda na cidade. Bateram-lhe, feriram-lhe, arrancaram-lhe o manto os guardas das muralhas*[144].

26

Devo, no entanto, dizer aqui, que as pessoas neste estado não cometem nenhuma falta voluntária. Deus lhes mostra, em geral, um grande fundo de corrupção que está nelas e que as faz dizerem, como Jó: *Se, pelo menos, me escondesses na região dos mortos, ao abrigo, até que tua ira tivesse passado*[145], pois não se deve acreditar que aqui ou depois Deus permita que essa alma caia em algum pecado real e isto é tão verdadeiro que, embora ela pareça,

[141] Por distração involuntária e sem regular as suas funções no decurso normal da atividade.
[142] Ativamente como tinha o costume.
[143] Objetos, impressões, pensamentos que distraem e que são inúteis e frívolos.
[144] Cântico 5: 7.
[145] Jó 14: 13.

aos seus próprios olhos, a mais miserável das criaturas, quando se trata de se confessar, ela não encontra nenhuma falta específica que ela tenha cometido e se acusa somente de estar cheia de misérias e de só ter emoções contrárias os seus desejos.

É da glória de Deus que, ao fazer a alma experimentar até o fundo sua corrupção, ele não a deixa cair em pecados. O que faz sua dor tão apavorante é que ela é como que cumulada com a pureza de Deus e essa pureza lhe mostra até os mínimos átomos de imperfeição como enormes pecados, por causa da distância infinita que há entre a pureza de Deus e a impureza da criatura, desse Adão pecador.

A alma vê que saiu toda pura das mãos de Deus e que contraiu não apenas o pecado de Adão, mas também inúmeras outras faltas atuais, de sorte que sua confusão está acima de tudo o que se pode expressar.

O que faz com que as pessoas a desprezem não é nenhuma falta particular que elas observam nela, mas é que, não a vendo fazer tudo o que ela fazia antes com tanto ardor e fidelidade, eles julgam com isto sua perda, no que se enganam muito.

Isto pode servir para a continuação e para tudo o

que pode ser expresso muito fortemente e que aqueles que não passaram por esta experiência possam tomar em mau sentido.

É preciso observar ainda que, quando eu falo de corrupção, de podridão, de sujeira etc. eu me refiro à destruição e a consumação do velho ser pela convicção central e uma experiência íntima desse fundo de impureza e de propriedade que há na pessoa e que, ao fazê-la ver, nela mesma, o que ela é em si, sem Deus, ele a faz clamar como Davi: *Eu sou um verme, não sou humano*[146] e como Jó: *Por mais que me lavasse na neve, que limpasse minhas mãos na lixívia, tu me atirarias na imundície e as minhas próprias vestes teriam horror de mim*[147].

27

Não é então que essa pobre alma comete as faltas que ela imagina cometer, pois, no fundo, ela jamais foi mais pura, mas é que os sentidos e as forças, estando sem suporte, principalmente os sentidos, eles vagueiam como vagabundos. Além disto, como a corrida desta alma para Deus recrudesce e ela se esquece ainda mais dela mesma,

[146] Salmo 21: 7.
[147] Jó 9: 30 e 31.

não é de se admirar se, ao correr, ela se suje em lugares cheios de lama[148], por onde é preciso passar e, como toda sua atenção está voltada para seu Bem-amado, embora ela não perceba, por causa de sua corrida, ela não pensa nela e não pensa nos lugares onde coloca seus pés.

Isto é tão verdadeiro que essa alma, que se acredita a mais criminosa de todas as criaturas, não comete nenhuma falta voluntariamente, embora elas lhe pareçam todas voluntárias, mas *de surpresa*. Muitas vezes mesmo, ela só percebe suas faltas quando já foram cometidas.

28

Ela grita para seu Esposo para que ele lhe estenda a mão, mas ele tem o cuidado de não fazer isto, ao menos de uma maneira perceptível, embora ele a sustente com uma mão invisível.

Essa alma pensa, algumas vezes, em fazer melhor, mas é então que ela faz pior, pois o propósito do seu Esposo, quando ele "a deixa cair"[149], sem, no entanto, que ela se fira, é para que ela não se apoie mais nela mesma, que reconheça sua impotência, que entre em um inteiro

[148] Pelas tentações que surgem.
[149] Cf. Salmo 36: 24. *Ainda que caia, não ficará prostrado, porque o Senhor o sustenta pela mão.*

desespero com ela mesma e que possa dizer: *Sucumbo, deixo de viver para sempre*[150].

29

É aqui que a alma começa a *se odiar* verdadeiramente e a se conhecer, o que ela não faria jamais se Nosso Senhor não a fizesse sentir o que ela é.

Todos os conhecimentos que se tem de si através da luz, de qualquer grau que ele seja, não tem o poder de fazer com que a alma se odeie verdadeiramente.

Quem ama a sua alma, perdê-la-á, mas quem odeia a sua alma neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna[151].

Eu digo que somente esta experiência pode fazer verdadeiramente com que a alma conheça seu fundo infinito de misérias. Qualquer outro meio não pode dar uma verdadeira pureza. Se ele der, é somente na superfície e não na profundidade onde a impureza está escondida e não expressa e exposta.

30

Aqui, Deus vai buscar até no mais profundo da alma

[150] Jó 7: 16.
[151] João 12: 25.

sua impureza fundamental, que é consequência do amor-próprio e da propriedade, que Deus quer destruir. Ele a pressiona e a faz sair.

Pegue uma esponja que está cheia de sujeiras, lave-a o tanto que você quiser. Você só a limpará externamente, mas não a tornará mais limpa no fundo, a menos que você pressione a esponja para expor toda a sujeira e então você poderá limpá-la facilmente.

É assim que Deus faz. Ele aperta essa alma de uma maneira penosa e dolorosa. Depois, ele faz sair dela o que há de mais escondido.

Quando a alma sente o fedor, ela pensa que se trata de nova sujeira e que ela se suja, mas é bem o contrário. Essa sujeira estava nela e ela não a via. Ela só a sente no presente porque foi tirada dela.

Uma pessoa que tivesse um abscesso em algum lugar só tem desgosto enquanto ele não for aberto. Mas quando o cirurgião faz uma incisão e faz sair o pus, o doente se queixa do fedor que lhe faz mal ao coração.

Esse abscesso era também fedido quando estava escondido e era ainda mais perigoso; no entanto, não se queixava do seu mau odor. Acredita-se que ele é sujo porque está supurado, mas é bem o contrário. É verdade

que o exterior fica sujo por algum tempo, mas é para que o exterior e o interior fiquem purificados em seguida.

Se Deus não fizesse assim, o amor-próprio, este abscesso terrível, não sairia jamais e quanto mais ele ficasse coberto com belas roupas, mais também ele se afundaria e mais ele se voltaria para dentro e estragaria, sem que se percebesse, todas as partes nobres.

31

Eu digo então que essa via tão abjeta, tão pobre, tão suja, é a única que tem o poder de purificar radicalmente e, sem ela, se fica sempre sujo, embora se pareça bem limpo.

É preciso então que Deus faça a alma sentir o que ela é até o fundo.

Essa graça de fé, de despojamento, se prende sempre aos defeitos mais essenciais e mais ocultos no amor-próprio, a certos defeitos queridos que a natureza encerra, que ela conserva com cuidado e que os outros não veem como defeitos. Pelo contrário, eles parecem virtudes, de sorte que, ao perdê-los, parece que se perdeu uma virtude, pois uma virtude só se adquire verdadeiramente

pelas tentações contrárias[152], assim como está escrito: *O que sabe aquele que não foi tentado?*[153]

Quanto mais temos apego a uma virtude, mais somos exercitados sobre esta mesma virtude.

Os defeitos das outras vias são conhecidos mais superficialmente. Aqueles que Deus vai buscar no mais íntimo dessas almas passariam por perfeições em outras, as quais têm, de fato, uma prudência admirável, uma sabedoria grande, inúmeras propriedades que elas conservam carinhosamente. Elas têm coragem, pois são grandes almas.

Mas estas não têm nada, absolutamente. É só fraqueza sobre fraqueza, impotência sobre impotência. Não é deixada com elas nenhuma propriedade.

As outras seguem pelo que são e elas subsistem por algo grande. Elas vão de santidade em santidade[154] e estas vão pelo que elas não têm.

Assim, elas estão bem longe de se apegarem a algo, tendo perdido tudo. Estando tão feias e tão sujas, ao que

[152] A virtude totalmente pura e essencial, que deve subsistir eternamente, só se adquire pelo contrário ou pelo despojamento e o desapego a esta mesma virtude, enquanto propriedade e quanto mais ela é propriedade, mais Deus exercita a alma com esta purificação, para desapegá-la desta propriedade.
[153] Eclesiástico 34: 9.
[154] De uma maneira sensorial e perceptível.

elas se apegariam?

32

As mais favorecidas destas almas, comumente, são o dejeto do mundo. Elas são sempre contrariadas. O que as outras fazem é admirado, mas parece que elas estragam tudo o que se propõem fazer. Elas não conseguem nada e não são aprovadas em nada. Por fim, é preciso que, apesar delas, elas se façam justiça e vejam todo bom ser no seu Esposo e todo mau ser nelas mesmas.

Não se acreditaria, a não ser por experiência, do que a natureza abandonada a ela mesma é capaz. Sim, sim, nosso próprio ser, abandonado a ele mesmo, é pior do que todos os diabos.

33

É por isto que não se pode acreditar que essa alma, assim na miséria, seja abandonada por Deus. Ela jamais foi mais apoiada, mas é a natureza que é deixada um pouco só e que faz todas essas devastações sem que a alma tenha nenhuma parte nisto.

Essa pobre esposa desolada, correndo daqui para lá,

atrás do seu Bem-amado, não apenas se suja muito[155], como eu disse, mas também se fere com os espinhos que encontra. Ela se cansa tanto que é preciso morrer e expirar, em sua corrida sem ajuda[156].

O maior bem da alma nesta via é que Deus lhe é impiedoso e quando ele quer fazer avançar bem uma alma, ele a deixa correr até a morte. Se ele a interrompe por instantes, o que arrebata e vivifica essa pobre alma, é por causa de sua fraqueza e porque ele teme que ela perca a coragem e que o cansaço a obrigue a repousar.

34

Quando ele vê isto, ele a olha por um momento e essa pobre alma, com este olhar, se vê tomada e ferida novamente, mas de uma maneira tão forte que ela fica fora dela mesma e como que desfalecida.

Ela lhe diria de bom grado: "Ai! Por que me fazes correr tanto? *Quando cessarás de olhar para mim e deixarás que eu engula minha saliva?*[157] Quem me dera eu o encontrasse a sós, o levasse para fora e o visse face a face!"

[155] Caindo em faltas de surpresa e de amor-próprio.
[156] Não esperar mais nada de si mesma e nem de sua própria atividade.
[157] Jó 7: 19.

Mas, infelizmente, quando ela acredita tê-lo, ele foge novamente. *Procurei-o, sem o encontrar*[158], ela diz.

Como, com este olhar do Esposo, a alma se tornou mais amorosa, ela recrudesce sua corrida para encontrá-lo. No entanto, ela é detida pelo tempo que dura este olhar[159]. Por isto, o Esposo a olha o menos possível e quando ele vê que ela perde coragem e, se ela estivesse suficientemente forte, ela iria bem mais rápido sem se deter.

Se um viajante pudesse caminhar sempre sem precisar de repouso e nem de alimentação, ele iria bem mais rápido. Mas ele precisa de ambos, por causa de sua fraqueza e ambos lhe dão novas forças que são dadas por causa da sua necessidade e porque a natureza se enfraqueceria, se ele fosse privado disto. É assim nesta via.

35

Essa alma morre então aqui verdadeiramente, no fim de sua corrida, porque toda força ativa lhe falta para correr, pois, embora ela tenha sido passiva, ela não tinha, no entanto, perdido sua força, embora ela não aparecesse

[158] Cântico 3: 1.
[159] Pelo prazer sensorial, onde há prazer próprio.

assim a ela mesma. A atração a fazia correr sem que ela soubesse e percebesse.

A esposa diz: *Arrasta-me contigo; corramos atrás de ti*[160]. Ela corre, na verdade, mas de que maneira? É perdendo tudo. É como o sol que corre incessantemente sem sair do seu repouso.

A alma perde tudo aqui, com a *morte mística*, para correr sob outro polo ou, melhor dizendo, é como um sol que se eclipsa em nosso hemisfério, onde ele não aparecerá, tendo se escondido no mar. Este é o *sepulcro* onde a alma experimenta uma morte completamente diferente e seu fedor, como será dito.

36

A alma aqui se odeia tanto que não pode se suportar. Ela só tem olhos para se olhar atravessado e só tem coisas más para dizer sobre ela.

É então que ela não é nada perante Deus, perante as criaturas e nem perante ela mesma. Ela acredita que é com razão que o Esposo a trata desta maneia. Ela acredita que é seu fedor que lhe causa desgosto.

Ela não vê que é totalmente o contrário. É para fazê-

[160] Cântico 1: 3.

la correr que ele foge. É para purificá-la que ele parece sujá-la[161].

Quando se coloca o ferro no fogo para purificá-lo e fazê-lo perder sua ferrugem, ele parece inicialmente se sujar e escurecer. Mas depois, se vê bem que ele foi purificado.

Ele só a faz experimentar suas fraquezas para que ela perca toda a força e todo apoio próprio e que, se desesperando por tudo, ele mesmo a leve e ela se deixe levar, pois, por mais forte que seja sua corrida, ela caminha como criança, mas quando ela está em Deus e Deus a carrega, embora ela pareça repousar, seus passos são infinitos, já que eles são os de um deus.

37

Esta alma vê também as outras ornamentadas com os seus despojos. Quando ela vê uma alma santa, ela não ousa abordá-la e ela a vê ornamentada, com admiração, com todos os ornamentos que o Esposo tirou dela.

Mas, embora ela admire isto e se sinta mergulhada no abismo do nada, ela não pode, no entanto, desejar tê-

[161] Ele a faz ver e sentir a impureza e o fedor do amor-próprio e de toda propriedade ou a deixa cair em prontidões imprevistas.

los, de tanto que ela se acha indigna deles. Ela acredita que seria uma profanação colocá-los em uma pessoa tão coberta de lama e de infecção. Ela se alegra mesmo ao ver que, se ela provoca horror em seu Bem-amado, há outras que fazem sua alegria. Ela está bem distante do ciúme do início, quando ela sempre queria guardá-lo e retê-lo. Pelo contrário, ela está bem tranquila porque ele não olha, para que ele não se sinta mal em seu coração e que tome suas delícias com as outras, que ela acredita afortunadas por terem conquistado os amores do seu Deus, pois, quanto aos ornamentos, embora ela as veja ornamentadas com eles, ela não acredita que seja isto que as faz felizes. Se ela fica feliz ao vê-las ornamentadas com eles, é porque se trata dos penhores do amor do seu Bem-amado.

38

Quando ela se mantém tão pequena junto a essas almas que ela considera como rainhas, ela não sabe o bem que deve lhe produzir sua nudez, sua morte e sua podridão.

Ele só a despe para ser sua vestimenta, pois, *revesti-*

vos do Senhor Jesus Cristo[162], diz São Paulo.

Ele só a mata para ser sua vida, pois *se morremos com Cristo, cremos que viveremos também com ele*[163].

Ele só a aniquila para transformá-la nele.

Essa perda de virtude só acontece pouco a pouco, assim como as outras perdas e esse arrastar aparente para o mal é involuntário, pois esse mal que torna essas almas tão sujas aos seus próprios olhos não é um mal verdadeiro e nem perigoso, que seja propriedade delas, pois aqui elas não têm nem vontade própria e nem decisão sobre o que quer que seja. O que as suja são precipitações e pressas que só passam e que não deixam de enchê-las de confusão, são certas falhas que só estão nos sentimentos.

Logo que uma alma vê a beleza de uma virtude, ela cai incessantemente no vício contrário ao que ela acredita. Por exemplo, se ela ama a verdade, ela diz palavras precipitadas ou exageradas, acreditando mentir a todo momento, embora, de fato, ela não faça isto, nem falando contra seu sentimento. Se ela ama a doçura, uma pressa inesperada surge e é assim com todas as outras virtudes e

[162] Romanos 13: 14.
[163] *Idem* 6: 8 e II Timóteo 2: 11.

quanto mais as virtudes são importantes, mais fortemente a alma se apega a elas, porque lhe parecem mais essenciais. Mas elas lhes são arrancadas, desta maneira, com mais força e dor.

Seção IV

A entrada na morte mística.

39

Essa pobre alma, depois de ter perdido tudo, deve, por fim, *perder a ela mesma*[164], com um inteiro desespero por tudo[165], ou melhor, deve morrer esmagada por cansaços horríveis.

A oração neste estágio é muito penosa, porque a alma, não podendo utilizar suas forças, cujo uso lhe foi inteiramente retirado e tendo Deus lhe retirado certa calma suave e profunda que a sustentava, ela fica como essas pobres crianças que correm daqui para lá para encontrar alimento, sem encontrar ninguém que o dê a elas.

---

[164] Cf. João 12: 24. *Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto*.

[165] Cf. Santa Catarina de Gênova (1447-1510). *Vie*, cap. 42; Santa Ângela de Foligno (1248-1309). *Le livre des visions et instructions*, cap. 19 e São João da Cruz (1542-1591). *A noite escura da alma*, cap. 2.

Isto é o que faz com que aqui a oração pareça inteiramente perdida, como naqueles que jamais as fizeram, mas com a diferença de que sente a dor de sua perda, porque se conheceu seu valor com sua posse e os outros não sentem dor porque não conheceram seu valor.

Ela não pode encontrar também apoio nas criaturas e, se ela se sente dobrada e levada, é por impetuosidade, sem, no entanto, encontrar nada nisto que a satisfaça.

Não é que ela muitas vezes não se desvie e queira se jogar de corpo e alma nas coisas de que desfrutava antes, mas, infelizmente, ela encontra nisto tanta amargura que ela se retira o mais rápido possível e só lhe fica a dor de sua infidelidade.

40

A *imaginação* está inteiramente fora de controle[166] e quase não lhe dá descanso. As três forças da alma __ o *intelecto*, a *memória* e a *vontade* __ perdem pouco a pouco suas vidas, de sorte que, no fim, elas não têm mais nada, o que é muito penoso à alma e, particularmente, à vontade, que tinha aprendido a gostar de algo tranquilo e doce, que tranquilizava as outras forças em sua inação e

[166] Cf. Santa Tereza d’Ávila (1515-1582). *Vida*, cap. 30.

em suas mortes e impotências.

41

"Algo" que sustenta a alma *no fundo* é o que é mais difícil de perder e é o que mais a alma tenta reter, pois, quanto mais ele é delicado, mais ele lhe parece divino e necessário e ela concordaria facilmente em jamais se servir das duas outras forças e nem mesmo da vontade, de uma maneira distinta e percebida, desde que esse "algo" que é seu favorito lhe permaneça, pois é o meio de uma alma subsistir sem meios e como sobreviver sem esse meio tão puro que parece ser o fim ao qual tudo leva e a recompensa de todos os trabalhos?

Afinal, o que quer uma alma com todo seu esforço, além de ter este testemunho, *no fundo*, de que ela é um filho de Deus? E toda a espiritualidade termina nesta experiência.

No entanto, é preciso perdê-la como o resto[167] e, depois, entrar na funesta experiência de todas as misérias com que se é cheio[168] e isto é o que opera verdadeiramente *a morte da alma*, pois, seja qual for a miséria que pos-

[167] Quanto ao sentimento.
[168] Na visão e na convicção sensível.

sa ter a alma, se esse “algo” que faz a vida da alma não se perdesse, ela não morreria e assim, se esse “algo” se perdesse sem que ela sentisse suas misérias, ela se sustentaria e não morreria jamais.

Ela sabe e compreende facilmente que é preciso passar por longas e terríveis trevas, que é preciso perder todo gosto, todos os sentimentos, por mais delicados que eles sejam.

É por isto que ela suporta as privações dos apoios e dos gostos com força, sobretudo as pessoas esclarecidas e sábias, mas, perder certo apoio quase imperceptível e cair de fraqueza, cair na miséria e na lama, isto é o que não se pode consentir, porque jamais se deve consentir com isto.

Aí é onde a razão se perde. É onde os pavores e os transes mortais se apoderam do coração, que parece só ter vida para sentir sua morte. É então a perda desse imperceptível meio e a experiência de suas misérias que causam a morte.

42

A alma deve ser bem fiel em um tempo tão nu e tão rude, para não deixar seus sentidos se curvarem para as criaturas voluntariamente, buscando alívio e divertimento voluntário. Eu digo *voluntário*, pois, com mortificações

e atenções refletidas sobre elas mesmas, essas almas não são capazes disto e quanto mais elas foram mortificadas, o que parece *morte* aos não experimentados, mais elas têm a inclinação para o contrário, sem se aperceberem disto, como um louco que vai vagando e vagabundeando por toda parte e se você quiser retê-los muito rigorosamente, além de isto ser inútil, esta aplicação externa retardaria e impediria a morte.

43

O que fazer então? É cuidar para não fazer nada que alivie os sentidos de maneira criminosa e imperfeita, suportá-los e distraí-los algumas vezes com coisas inocentes e como caridade, pois, como eles não são capazes de lidar com o que se passa no interior deles, seria arruinar a saúde e mesmo as forças mentais e talvez o interior, querer perturbá-los.

É preciso desprezar isto como criancices e não ser muito rigoroso lhes recusando as coisas permitidas.

44

O que eu digo é para este estágio, pois, se a alma usar assim, no tempo, a força e o vigor da graça, ela faria mal e mesmo Nosso Senhor, cheio de bondade, mostrou

ele mesmo a conduta que se deve ter, pois, no início, ele pressiona de tão perto os pobres sentidos que ele não lhes dá nenhuma liberdade.

É suficiente que eles queiram alguma coisa para arrancá-los. Um olhar, uma palavra, a menor satisfação faria sofrer infinitamente e Deus faz isto para tirar os sentidos do seu modo de operar imperfeito, para fazê-los entrar no interior e, ao desmamá-los do exterior, ele os prende ao interior, de uma maneira tão doce que quase não lhes custa se privar de tudo. Eles até mesmo encontram nisto mais doçura do que na posse de todas as coisas.

Mas quando eles estão suficientemente purificados e introvertidos, Deus, que quer tirar a alma dela mesma com um movimento totalmente contrário, permite que os sentidos se extrovertam e se espalhem para fora, o que parece à alma uma grande impureza. No entanto, a coisa é então de estação e fazer diferente é se purificar de maneira diferente do que Deus quer e se sujar.

45

Isto não impede que se cometam faltas nessa extro-

versão dos sentidos, mas a confusão que a alma recebe disto e a fidelidade em fazer uso disto fazem o esterco[169] onde ela apodrece mais rápido.

Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam[170]. Isto também acontece aqui, onde se perde inteiramente a estima das criaturas. Elas olham com desprezo e dizem: “Não é aquela que admirávamos antes? Como ela ficou assim, tão desfigurada e feia?”

Tristemente, ela lhes diz: *Não repareis em minha tez morena, pois fui queimada pelo sol*[171].

É aqui que a alma entra subitamente no terceiro grau, que é o sepultamento e a podridão.

CAPÍTULO 08

O terceiro grau da via passiva na fé nua.

01

A torrente, como dissemos, suportou todos os ruídos e reviravoltas imagináveis. Ela foi batida contra os

[169] Onde ela morre mais rápido para ela mesma.
[170] Romanos 8: 28.
[171] Cântico 1: 5.

rochedos. Isto não passou de quedas de rochedos em rochedos, mas ela sempre aparecia e não era vista se perder. Ela começa agora a se perder de abismo em abismo.

Havia ainda um caminhar, embora muito precipitado, muito confuso e muito interrompido. Mas agora ela mergulha com uma impetuosidade ainda mais forte nos buracos.

Fica-se muito tempo sem vê-la e depois ela é percebida um pouco, mas através do seu ruído e não da visão. Mas ela só aparece para se precipitar novamente em um abismo mais profundo.

Ela cai de abismo em abismo, de precipício em precipício, até que, por fim, ela cai no abismo do mar, onde, perdendo toda figura, ela não se encontra nunca mais, tendo se tornado o próprio mar[172].

02

A alma, depois de mortes sucessivas, expira, enfim, nos braços do Amor. Mas ela não percebe esses mesmos braços. Ela nem expirou e perde todo ato vital, por mais

---

[172] Cf. *Breviário do caminho e da reunião da alma a Deus*, Segunda parte, cap. 01, § 2: *O que não impede que o ser da criatura subsista sempre* e João de Saint-Samson. *Máximas Espirituais*, cap. 21, § 23: *Na mais alta contemplação, a alma é divinamente transformada em Deus, acima de toda razão e apreensão, com nosso ser permanecendo sempre, pois acreditar o contrário seria algo estranho e totalmente absurdo*.

simples e delicado que ele seja; todo desejo, inclinação, pendor, escolha, repugnâncias e contrariedades fundamentais.

Quanto mais ela se aproximava da morte, mais ela se enfraquecia e sua vida, embora languescente e agonizante, ainda era vida e podia ainda restar à alma alguma esperança, embora sua morte fosse inevitável. Mas agora, não há mais isto. É preciso que a torrente mergulhe no abismo e não seja mais percebida.

03

Ó Deus! O que é isto? O que não passava de precipícios agora são abismos.

A alma cai com um arrastar em um abismo de misérias de onde não há data para sair.

No início, esse abismo é menor, mas, quanto mais ela avança, mais ela o acha estranho, pois é de se observar que, quando se começa um estágio, encontra-se muito do precedente no seu início e, em seu fim, já se começa a sentir muito daquele que vem.

É preciso também observar que cada estágio encerra uma infinidade de outros.

04

A pessoa, após sua morte, antes de ser sepultada, ainda está entre os vivos. Ela ainda tem a figura humana, embora ela provoque medo.

Esta alma também, no início deste estágio, ainda tem alguma imagem do que ela era antes. Resta-lhe certa impressão secreta e oculta de Deus, como resta, em um corpo morto, algum calor, que se extingue pouco a pouco.

Esta alma se apresenta à oração e à prece, mas tudo isto lhe é logo tirado. É preciso perder, não apenas toda oração e todo dom de Deus, mas também o próprio Deus, ao que parece e não por um, dois ou três anos, mas para sempre[173].

Toda facilidade para o bem, toda virtude ativa lhe são tiradas. Ela fica nua e desprovida de tudo.

O mundo que outrora a estimava tanto, começa a ter medo dela. Presta-se a ela ainda alguns deveres de decoro, mas é só para *sepultá-la*, escondê-la no chão e não mais vê-la.

É preciso observar que não é nenhuma falta visível que provoca o desprezo das pessoas, mas é a impotência

---

[173] Tudo isto enquanto possuído proprietariamente pelo EU.

em se praticar o que se praticava antes com tanta facilidade. Passava-se o dia inteiro na igreja ou nas visitas aos pobres e, muitas vezes, contra seu dever e não se pode mais fazer estas coisas.

05

Esta pobre alma logo estará em um inteiro esquecimento. Pouco a pouco ela perde tanto e tantas coisas que ela acaba pobre.

As criaturas a jogam no chão, depois não se pensa mais nela. Todo mundo joga terra em cima dela e amassa com os pés.

Ó pobre alma! É preciso que você veja tudo isto ser feito.

Se um corpo se visse ser enterrado, que sofrimento ele não teria? A alma vê tudo isto e vê com pavor, sem, no entanto, poder colocar ordem nisto.

É preciso se deixar sepultar, ser coberta com terra e esmagada por todas as criaturas.

06

É aqui que estão as boas cruzes e tão melhores quanto mais a alma acredita merecê-las.

Ela começa também a ter horror a ela mesma.

Deus a rejeita para tão longe que ele parece querer abandoná-la para sempre[174].

É preciso, pobre alma, que você tenha paciência e que permaneça jazendo no sepulcro.

07

Ela permanece em paz nele, embora com horrores terríveis, porque ela vê bem que parece que ela não vai sair dali, que é preciso ficar ali para sempre e ela vê bem que este é o lugar que lhe é próprio naquele momento, sendo, qualquer outro, mais penoso para ela.

Ela foge das criaturas de bom coração, porque vê bem que não há mais nada a fazer por ela e que elas têm aversão a ela.

Fala-se mal dela. Ela só é vista como uma carniça que perdeu a vida da graça e que só é própria para ficar mergulhada na terra.

08

A alma carrega sua abjeção. Mas, infelizmente, este estado ainda é doce! Seria fácil permanecer no sepulcro

[174] Cf. Salmo 87: 5 e 6. *Já sou contado entre os que descem à tumba, tal qual uma pessoa inválida e sem forças. Meu leito se encontra entre os cadáveres, como o dos mortos que jazem no sepulcro, dos quais vós já não vos lembrais e não vos causam mais cuidados*.

se não fosse preciso *apodrecer*!

O velho ser se corrompe pouco a pouco. Outrora, eram fraquezas e falências, mas agora, a alma vê o fundo de sua corrupção, que ela havia ignorado até então, pois lhe era impossível imaginar o que é o amor próprio e a propriedade.

Tudo isto se passa no íntimo da alma, sem que os sentidos participem.

Ó Deus! Que horror para esta alma se ver apodrecer assim!

Todas as dores, os sofrimentos e as contradições das criaturas não a tocam mais. Ela é mesmo insensível à privação do Sol da Justiça. Ela sabe que ele não ilumina nos túmulos. Mas, sentir sua corrupção é o que ela não pode suportar.

Ó Deus! O que ela não suportaria, invés disto?

É, no entanto, necessário fazê-lo. É preciso experimentar até o fundo o que se é.

Seriam, talvez, os pecados?[175] Deus tem horror de mim.

Mas, o que fazer? É preciso suportar, pois não há remédio.

---

[175] Não atuais, mas a sensação de fundo como corrupto e que, por si só, só pode pecar.

09

“Mas também, se eu apodrecesse sem ser vista por Deus, eu ficaria contente. O que me causa dor é a mágoa que eu lhe causei”, pensa esta alma.

Mas, pobre desolada, o que você fará? Deve lhe bastar não amar a corrupção, mas você tem que suportá-la.

Você não sabe se não a quer[176]. Você não conseguiria julgar por você mesma. Os outros julgam pela dor que ela lhes causa.

10

Esta alma, assim na corrupção[177], está tão cheia de horror por ela mesma que não pode se suportar. O sofrimento por suportar seu próprio fedor é tão forte que ela não sofre mais por nada que possam lhe fazer externamente. Nada a toca mais. Ela se vê digna de todo desprezo.

Os outros só a veem com horror, mas isto não lhe causa sofrimento, com a mágoa que ela sente e seu próprio fedor lhe mostrando que eles têm razão. Se ela vê almas vivas em Deus, ela se acredita indigna de se apro-

[176] Está-se nas trevas, sem poder avaliar se a percepção do seu fundo corrompido não está contaminado pelo pecado.
[177] Na percepção do seu fundo corrompido.

ximar delas.

Ela afunda na podridão[178] como ao lugar que lhe é próprio.

11

Ela não sofre por Deus rejeitá-la[179], pois vê bem claro que não merece nada mais do que isto. Ela fica mesmo radiante porque ele não a olha mais[180], ele a deixa na podridão e dá, às outras, todas as suas graças, sendo as outras os objetos da atenção dele e ela só lhe causando horror.

Mas, o que ela não pode evitar é que o mau odor da sua corrupção suba até Deus e ela não gostaria de pecar.

"Não importa que eu apodreça, que eu seja o joguete de todas as criaturas, que eu esteja no fundo do inferno com os demônios, desde que eu não peque", diz esta alma.

Ela não pensa mais em amar ou não amar. Ela se acredita incapaz disto. Não há mais amor para ela.

Ela se tornou bem pior do que na pura natureza, já que ela está na corrupção ordinária ao corpo privado de

[178] Na visão e na convicção de sua podridão.
[179] Cf. 2 Samuel 15: 26. *Mas se disser que não quer mais saber de mim, eis-me aqui; faça de mim o que lhe aprouver.*
[180] Ela consente de bom grado com a privação da visão e do prazer perceptível de Deus.

vida.

12

Por fim, será que esta corrupção durará pouco?

Infelizmente, é bem o contrário! Ela durará vários anos e irá sempre aumentando, a não ser no fim, quando a podridão se torna *pó* e o que é cinza volta a ser cinza.

13

Esta pobre torrente segue como um louco, de abismo em abismo, de precipícios em precipícios. Esta alma segue de podridão em podridão. Todos os seus órgãos[181] são atacados quase ao mesmo tempo.

Não há mais nada para ela. Nada de regulamentos, nada de austeridades[182].

Parece-lhe que todos os sentidos e todas as forças estão em confusão[183].

Pobre alma! O que você fará neste estado?

Você precisa aceitar ser eternamente a pastagem dos vermes.

Sua própria consciência lhe censura o estado em

---

[181] Todas as suas faculdades.
[182] Tudo o que é de própria autoria deve acabar, para dar lugar ao divino.
[183] Cf. São João da Cruz (1542-1591). *A noite escura da alma*, cap. 2.

que você caiu.

Qual é a diferença, para esta torrente, fluir tão agradavelmente na planície ou se precipitar nesses abismos terríveis? Esta, no entanto, é a sorte e é o destino dela.

Por fim, pouco a pouco a alma se acostuma com a corrupção[184]. Ela a sente menos e ela se torna natural, a não ser em certos momentos em que ela exala um fedor capaz de fazê-la morrer, se ela não fosse imortal[185].

Ó pobre torrente! Você não estava melhor no alto da montanha do que agora?

Você tinha alguma leve corrupção, mas agora, embora você corra com rapidez e nada a detenha, você passa por lugares tão sujos, tão corrompidos por enxofre, salitre e coisas vis, que você arrasta com você o mau odor!

14

Por fim, esta pobre alma começa a não sentir mais o próprio fedor, a se colocar e a permanecer em repouso[186], sem esperança de sair dele jamais, sem poder fazer nada quanto a isto e assim, seus membros, sua carne, ela toda se aniquila e se torna pó.

---

[184] A suportar e a manter com paciência a visão das suas misérias.

[185] Com a revelação ou a provação perceptível de diferentes tentações, cujas impressões se suporta com dores horríveis. Ver Santa Ângela de Foligno, *Vida*, cap. 19.

[186] Habituada a concordar com o estado que a condução de Deus a reduziu.

É então que começa o *aniquilamento*, pois antes, por mais fedor que ela pudesse ter, ainda restavam sinais de humanidade: um cadáver fedorento, um resto de gente.

Mas agora, só há cinzas. A alma já não sofre mais com o mau odor. Ela está adaptada a essas coisas, não vê mais nada e é como uma pessoa que não existe mais e jamais existirá. Ela não conhece nem o bem e nem o mal.

15

Outrora, ela se odiava. Ela não pensa mais nisto. Ela está no máximo da miséria sem ter horror a isto.

Outrora, ela temia também a comunhão, com medo de infectar ou desonrar Deus. Agora, parece que ela vai a ela bem naturalmente!

Tudo o que é da graça se faz como que naturalmente e não há mais nada, nem dor e nem prazer. Tudo o que há são suas cinzas que permanecem cinzas em paz, sem esperança de ser outra coisa além de cinzas.

Quando ela sentia o próprio fedor, ela ainda sabia que apodrecia, mas agora, ela está podre e nada de fora ou de dentro a toca mais[187].

[187] Ela não é mais perturbada por nenhuma impressão sensorial.

16

Por fim, reduzida ao não ser, ela encontra em suas cinzas *um germe de imortalidade* que se conserva sob esta cinza e que recobrará vida em sua estação.

Mas ela não tem este conhecimento e não pensa em se ver jamais reviver e nem ressuscitar.

17

A fidelidade da alma neste estado consiste em se deixar sepultar, enterrar, esmagar, pisotear, sem se manifestar, como um morto; em suportar seu fedor em sua cova e se deixar apodrecer em toda a extensão da vontade de Deus, sem ir procurar com o que evitar a putrefação.

Há quem gostaria de colocar bálsamo ou perfumes para não sentir o fedor da sua corrupção. Não! Não! Deixem-nas tais como vocês são, pobres almas.

Sintam seu fedor. É preciso que vocês o conheçam e vejam o fundo infinito de corrupção que há em vocês. Colocar bálsamo não é outra coisa além de tentar cobrir, com alguns meios virtuosos e bons, a corrupção e de impedir o odor.

Oh, não façam isto! Vocês errariam[188].

Deus as suporta bem. Por que vocês não se suportariam?

Se vocês olharem bem de perto, verão que o que vocês fizerem para afastar o fedor é uma violência contra vocês e que lhes é mais natural e melhor senti-lo.

18

Eu creio que o diretor deve dar muito pouco ou nenhum socorro a esta alma[189], principalmente se seu espírito for de uma força suficientemente razoável, pois, se ele não for assim, é preciso apoiá-la, caso contrário, ela poderia se perder pela penetração do sofrimento, pois a dor da podridão chega até a medula dos seus ossos. As outras dores são mais exteriores e não penetram tão fundo.

Mas, para as almas fortes, quanto menos elas são socorridas, apoiadas e fortificadas, mas cedo elas são reduzidas a pó.

Não tenham, portanto, compaixão delas e deixem-nas em suas aparentes imundícies, que fazem, no entan-

[188] Cf. *Cantiques spirituels de l'amour divin, pour l'instruction et la consolation des âmes dévotes*, du Père Jean-Joseph Surin (S. J.). Cap. 10, v. 40.
[189] Alívios.

to, as delícias de Deus, até que, dessas cinzas, renasça uma nova vida.

19

A alma, reduzida ao nada, deve permanecer nele, sem querer, quando está no pó, sair deste estado e nem, como antes, desejar reviver.

É preciso que ela permaneça como o que não existe mais e é então que a torrente mergulha no abismo e se perde no mar, para não se reencontrar jamais nele, mas para se tornar uma só coisa com o mar[190].

20

É então que este morto sente pouco a pouco sem sentir, que suas cinzas se reanimam e ganham *uma nova vida*. Mas isto acontece tão pouco a pouco que parece que é um sonho e um sono em que se sonhou bem.

É como um verme que se forma das cinzas e que ganha vida pouco a pouco e é isto que faz o último estágio, que é o início da *vida divina e verdadeiramente interior*, que contém inúmeros graus e onde se avança sempre infinitamente, da mesma forma como esta torrente pode

[190] Cf. nota 62, acima.

avançar sempre no mar e assumir tanto suas qualidades quanto mais permanecer nele.

CAPÍTULO 09

O quarto grau na via passiva na fé.
A vida divina.
01

Quando esta torrente começa a se perder no mar, distingue-se muito bem um tempo notável. Percebe-se seu movimento e, por fim, pouco a pouco, ela perde toda imagem própria, para assumir a do mar.

A alma, exatamente da mesma forma, saindo deste estágio e começando a se perder, conserva ainda alguma coisa de próprio, mas, após algum tempo, ela perde tudo o que tinha de próprio.

Este corpo que a podridão reduziu a cinzas ainda é podridão e cinzas, mas se uma pessoa engolisse essas cinzas, não lhe restaria mais nada de próprio e ele seria uma só coisa com a pessoa que as tomasse.

A alma, até o presente, mesmo morta e podre que foi, sempre conservou seu próprio ser e não o perdeu. É somente neste grau que ela é extraída dela mesma.

Tudo o que se passou até o presente se passou na capacidade própria da criatura. Mas agora, esta criatura é tirada de sua capacidade própria para receber uma capacidade imensa, no próprio Deus e assim como esta torrente, por exemplo, quando entra no mar, perde seu próprio ser, de sorte que não lhe resta mais nada dele, para assumir o do mar __ ou melhor, ele é tirado de si para se prender ao mar __ da mesma forma, esta alma perde o humano para se perder no divino, que se torna seu ser e sua substância, não essencialmente, mas misticamente. Então, esta torrente possui todos os tesouros do mar e, na mesma medida em que foi pobre e miserável, ela é agora gloriosa.

02

É então neste túmulo que a alma começa a recobrar a vida e a luz, imperceptivelmente, aparece ali. É então que se pode dizer com verdade que, *aqueles que jaziam nas trevas, viram resplandecer uma grande luz e surgiu uma aurora para os que jaziam na região sombria da morte*[191].

Há uma bela imagem desta ressurreição em Ezequi-

[191] Mateus 4: 16.

el[192], onde os ossos recuperam a vida pouco a pouco e depois, há esta passagem: *Vem a hora __ e já está aí __ em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão*[193].

03

Ó almas que saem do sepulcro! Vocês sentem em vocês um germe de vida que surge pouco a pouco. Vocês ficam totalmente admiradas que uma força secreta se apodera de vocês. Essas cinzas se reanimam. Vocês se encontram em uma nova região.

Esta pobre alma, que só pensava em ficar em paz no sepulcro, recebe uma agradável surpresa. Ela não sabe no que acreditar e no que pensar. Ela acredita que o sol a bombardeou com um pouco dos seus raios através de alguma fenda ou abertura, mas que isto foi só por alguns instantes.

Ela fica muito mais admirada quando sente um vigor secreto se apoderar mais fortemente de toda ela e que, pouco a pouco, ela recebe uma nova vida, para não mais perdê-la, ao menos na medida em que isto pode ser

[192] Ezequiel 37.
[193] João 5: 25.

assegurado nesta vida, o que não aconteceria sem a mais negra infidelidade.

Mas esta nova vida não é mais como era antes; é *uma vida em Deus*[194]. É uma vida perfeita.

Ela *não vive mais*, não opera mais por ela mesma, mas *Deus vive, age e opera*[195] e isto vai aumentando pouco a pouco, de sorte que ela se torna perfeita com a perfeição de Deus, rica com sua riqueza e ela ama com seu amor.

04

A alma sente bem que tudo o que ela teve outrora, por maior que parecesse, estava em sua posse. Mas agora, ela não possui mais, mas é possuída e não existe mais e só recupera uma nova vida para perdê-la em Deus. Ou melhor, ela só vive a vida de Deus, que, sendo o princípio da vida, a esta alma não pode faltar nada.

Que ganho ela não teve por todas as suas perdas? Ela perdeu o criado para o Incriado, o nada pelo Tudo. Tudo lhe é dado, não nela, mas em Deus; não para ser possuído por ela, mas para ser possuído por Deus.

[194] Colossenses 3: 3.
[195] Cf. Gálatas 2: 20. *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*.

Suas riquezas são imensas, pois são o próprio Deus.

Ela sente todos os dias sua capacidade crescer e uma largura e extensão que aumentam a cada dia.

Parece que sua capacidade se torna imensa.

Todas as virtudes lhe são devolvidas, mas em Deus.

05

É preciso observar que, assim como ela foi despojada só pouco a pouco e por etapas, ela só é enriquecida e revificada pouco a pouco. Quanto mais ela se perde em Deus, mais sua capacidade se torna grande, assim como a torrente que se perde no mar se alarga e se torna imensa, não tendo outros limites que não sejam o mar e participando de todas as suas qualidades.

A alma se torna forte, imensa, firme. Ela perdeu todos os meios, mas ela está no fim.

É como uma pessoa que caminhasse sobre a terra para se perder no mar utilizaria este meio, a caminhada, para chegar a ele e o deixaria, para mergulhar.

06

Essa vida divina se torna totalmente natural à alma. Como a alma não se sente mais, não se vê mais, não se

conhece mais, ela não vê nada de Deus[196], não compreende nada, não distingue nada. Não há mais amor, luzes e nem conhecimentos.

Deus não lhe parece mais como antes, como algo distinto dela, mas ela não sabe mais nada, a não ser que DEUS É e que ela não é mais, não subsiste e só vive nele.

Aqui, a oração é ação e a ação é oração. Tudo é igual, tudo é indiferente a esta alma, pois tudo lhe é igualmente Deus.

07

Outrora, era preciso praticar a virtude, para realizar as obras virtuosas. Agora, toda distinção de ações é retirada, com as ações não tendo mais virtudes próprias, mas, tudo sendo Deus a esta alma, a ação mais básica, assim como a mais elevada, desde que esteja na ordem de Deus e no movimento divino, pois o que seria de escolha própria, se não estivesse nesta ordem, não faria o mesmo efeito, fazendo sair de Deus por causa da infidelidade.

Não que a alma saia do seu nível ou de sua perda, mas somente do movimento divino que torna todas as coisas uma e todas as coisas Deus, não pela visão, aplica-

[196] De forma distinta e como que fora dela.

ção e pensamentos, mas pelo estado, de sorte que, à alma é *indiferente* ser de uma maneira ou de outra, estar em um lugar ou em outro. Tudo lhe é igual e ela se deixa levar como que naturalmente.

08

Esta vida se tornou como que natural e a alma age como que naturalmente. Ela se deixa levar por tudo o que a arrasta, sem se dar ao esforço para nada, sem pensar nada, querer ou escolher, mas fica contente, sem cuidados ou preocupações com ela, não pensando mais, não distinguindo mais seu interior para falar dele. A alma não o tem mais.

Não se trata mais de recolhimento ou de divagação. A alma não está mais no interior; ela está totalmente em Deus.

Não lhe é mais necessário se encerrar em suas profundezas. Ela não pensa mais em encontrá-lo lá e ela não o busca mais.

Assim como uma pessoa que tivesse entrado totalmente no mar, interna e externamente, de cima e de baixo, de todos os lados estaria o mar. Ela não precisaria mais de um lugar ou de outro, mas se manter como esti-

vesse.

09

Assim, esta alma não se dá ao trabalho de buscar ou de fazer nada[197]. Ela fica como está e isto basta.

Mas, o que ela faz? Nada, nada e sempre nada.

Ela faz tudo o que lhe fazem fazer. Ela suporta tudo o que lhe fazem sofrer. Sua paz é totalmente inalterável, mas totalmente natural. Ela está como que passada para a natureza.

Mas, qual é a diferença entre esta alma e uma pessoa totalmente no humano?

A diferença é que é Deus quem a faz agir sem que ela saiba e antes era a natureza que agia.

Ela não pratica nem o bem e nem o mal, parece, mas ela vive contente, pacífica, fazendo de uma maneira ágil e inabalável o que lhe fazem fazer.

Só Deus é seu guia, pois, no tempo de sua perda, ela perdeu toda vontade. Agora, a alma não a tem mais de próprio e se você lhe perguntasse o que ela quer, ela não poderia dizer.

Ela não pode mais escolher. Todos os desejos lhe

[197] Ou seja, de si, para si, por si.

são retirados, pois, estando no todo e no centro, o coração perde toda inclinação, tendência e atividade, como ele perde toda repugnância e contrariedade.

Esta torrente não tem mais inclinação e nem movimento. Ela está na quietude e no fim.

10

Mas, com que contentamento esta alma está contente? Com o contentamento de Deus; imenso, geral, sem saber e nem compreender o que a contenta, pois agora todos os sentimentos, gostos, visões, informações particulares, por mais delicados que sejam, lhe foram tirados. Nada toca a alma; nem o amor, nem o conhecimento, nem o intelecto.

Aquele "algo" que a ocupava *antes*, sem ocupá-la, lhe foi tirado e não lhe resta mais nada.

Mas esta insensibilidade é bem diferente daquela da morte, do sepulcro e da podridão. Então, era uma privação de vida, de movimento para as coisas, um desgosto, uma separação, uma impotência de moribundo e uma insensibilidade de morte. Mas agora, é uma *elevação* acima destas coisas, que *não priva* delas, mas *as torna inúteis*.

Um morto é privado de todas as funções da vida por

uma impotência de morte ou um desgosto de moribundo. Mas, se ele for ressuscitado glorioso, ele fica totalmente pleno de vida, sem meios de conservá-la para uso de seus sentidos e, estando acima de todos os meios por seu germe de imortalidade, ele não sente mais o que o anima, embora ele se veja com vida.

11

Eu só conseguiria explicar melhor isto através da morte. Quando se morre, sente-se a separação da sua alma de seu corpo. Esta alma é separada e não sente mais nada, pois está sem vida e é a morte que faz a separação de tudo.

Quando a pessoa ressuscita, ela se sente revificada. Quando ela está reanimada, ela sente neste estado que Deus é a alma de sua alma, a vida de sua vida e de uma maneira tal que ele se torna como que seu princípio natural, sem que a alma sinta ou perceba isto, por causa de sua *unidade e intimidade*, se é que se pode falar assim.

A alma sente mesmo que vive, age, caminha e executa todas as funções da vida, mas sem sentir sua alma.

12

Quando temos algum gosto de Deus, por mais deli-

cado que seja, quando se conhece suas profundezas, certos langores, dores, amores, desejos, prazeres, não é neste estágio aqui, mas em algum outro, pois aqui Deus não pode ser desfrutado, sentido, visto, sendo mais nós mesmos do que nós mesmos, não distinto de nós.

Se uma pessoa pudesse viver sem comer, em um grande desgosto, ela sentiria primeiro seu desgosto e depois, sua incapacidade de comer, mas ela não sentira plenitude. Aqui, a alma não tem inclinação e nem gosto para nada. No estado de morte e de sepultura é bem assim, mas não da mesma forma.

Lá, é por desgosto e impotência, mas aqui é *por plenitude e por abundância*, como se uma pessoa pudesse viver de ar; ela estaria cheia, mas sem sentir sua plenitude e nem como ela lhe teria vindo. Ela não estaria vazia e nem incapacitada de comer, de desfrutar, mas sem a necessidade de comer, por causa da plenitude, sem saber como o ar, ao entrar por todos os seus poros, faria uma penetração igual.

13

A alma está aqui em Deus, como no ar que lhe é próprio e natural para manter sua nova vida e ela não o sente, como não sentimos o ar que respiramos. No entan-

to, ela está plena e nada lhe falta. É por isto que todos os seus desejos lhe são retirados.

A *paz* é grande, mas não como nos outros estados. No estado passado, era uma paz inanimada, uma certa sepultura de onde saía, algumas vezes, exalações que a perturbavam.

No estado de podridão, ela estava em paz, mas era uma paz infecunda, semelhante a um morto que estaria em paz nas tempestades e nas ondas mais amotinadas do mar. Ele não as sentiria e nem sofreria, com seu estado de morto o tornando insensível.

Mas aqui, a alma é posta acima, como se, de uma montanha, ela visse crescer as ondas sem temer seus ataques ou, se quiserem, como se estivesse no fundo do mar, o qual é sempre tranquilo, enquanto que na superfície ele está na agitação. Os sentidos podem sofrer suas dores, mas a profundeza está na mesma igualdade, porque Aquele que a possui é imutável.

14

Isto supõe a fidelidade da alma, pois, em qualquer estado em que ela esteja, ela pode decair e recair nela mesma. Mas aqui, a alma dá passos quase infinitos em Deus e ela pode avançar incessantemente, da mesma

forma como, se o mar fosse sem fundo, uma pessoa que tivesse caído nele afundaria até o infinito e, se aprofundando sempre neste oceano, ela descobriria suas belezas e seus tesouros. É assim com esta alma em Deus.

15

Mas, o que ela deve fazer para ser fiel a Deus?

Nada e menos do que nada. É preciso se deixar possuir, agir, mover sem resistência, permanecer em seu estado natural e de consistência, esperando todos os momentos e os recebendo da Providência sem nada aumentar e nem diminuir, se deixando conduzir em tudo, sem visão, nem razão e sem pensar nisto, mas como por arrastamento, sem pensar no que é melhor e mais perfeito, mas se deixando levar como que naturalmente para tudo isto, permanecendo no estado igual e de consistência, onde Deus a colocou, sem se dar ao esforço de fazer nada, mas deixando a Deus a preocupação de fazer nascer as oportunidades e de executá-las. Não que se pratiquem atos de abandono ou negligência, mas se permanece como está, pelo estado.

16

A alma não conseguiria agir, por pouco que fosse,

sem cometer uma infidelidade. Como no estado de morte e de podridão, ela deve se deixar apodrecer sem fazer nada e sem ter desejo de fazer nada.

A pessoa que expira sente um desgosto por tudo o que pode manter a vida e depois, uma impotência de usá-los. Ela morre e tudo se torna inútil para ela.

Em todos estes estados, é preciso fidelidade para se deixar desnudar, deixar o alimento quando se tem o desgosto em tomá-lo e deixar todas as coisas no tempo, por mais delicadas que elas sejam.

Mas aqui, a alma tem tudo sem nada ter. Ela tem a facilidade para tudo o que é do seu dever, para agir, dizer e fazer, não mais à sua maneira, mas à maneira de Deus. Aqui, a fidelidade não consiste em tudo parar, como para aquele que está morto, mas em não fazer nada, a não ser através do princípio vivificante que a anima.

Uma alma neste estado não tem inclinação para nada, mas ela se deixa levar como se quiser e a única coisa que faz é permanecer como a colocam e sem fazer nenhum esforço para isto.

17

A alma não pode falar do seu estado, já que não o vê, mas das ações de vida que ela executa, pois, embora

não haja então muitas coisas extraordinárias, elas não são como nos primeiros estados em que a criatura tinha alguma participação, o que era *ser proprietário*.

Mas aqui, as coisas mais divinas e miraculosas são como que totalmente naturais à alma. Ela as faz sem pensar e é o mesmo princípio que a faz viver que as faz nela e por ela.

Ela tem como que um poder soberano sobre os demônios e mesmo sobre os espíritos das pessoas de quem ela está encarregada, mas tudo isto fora dela. Como ela não é mais proprietária, ela não tem mais reserva e, se ela não pode falar nada sobre um estado tão sublime, não é que ela tema a vaidade, pois isto não existe mais; não é também por falta de luz para se expressar, como nos graus inferiores. É porque o que ela tem, sem ter nada, passou toda expressão para sua extrema simplicidade e pureza. O que não impede que se passe por mil coisas que são como que acidentes deste estado e que não são seu fundo, do qual ela pode muito bem falar.

Esses acidentes são como as migalhas que caem do banquete eterno que a alma começa no tempo. São centelhas que mostram que há lá uma fonte de fogo e de chamas.

Mas falar do seu princípio e do seu fim, ela não pode e nem quer falar nada, só tendo conhecimento dele na medida em que Deus queira lhe dar no momento, para dizer e para escrever.

A alma não vê suas faltas ou não as comete?

Ela as comete e as conhece melhor do que nunca, sobretudo neste início de vida nova. Aquelas que ela comete são bem mais sutis e delicadas do que antes. Ela as conhece melhor porque ela tem os olhos abertos. Mas ela tem sofrimento por causa delas e não pode fazer nada para desfazê-las. Ela sente bem, quando cometeu uma infidelidade ou uma falta, uma certa nuvem ou mesmo uma poeira se levantar. Ela recai dela sem que a alma faça nada, nem para fazê-la cair nem para se limpar. Além de que todos os esforços da alma seriam, naquele momento, inúteis e só serviriam mesmo para aumentar a impureza e a alma sentiria muito bem que a segunda mancha seria pior do que a primeira.

Não se trata aqui de retorno, por mais simples que ele possa ser, porque, ao dizer *retorno*, se supõe afastamento e se se está em Deus, só se pode permanecer nele. É como quando se eleva alguma nuvenzinha na região média do ar; se o ar sopra, ele agita as nuvens e não as

dissipa. Pelo contrário, é preciso deixar que o sol mesmo as dissipe. Quanto mais são sutis e delicadas as nuvens, mais cedo o sol as dissipa.

18

Ah, se a alma tivesse fidelidade suficiente para jamais se olhar! Que passos ela não daria?

Suas visões próprias são como certos arbustozinhos que sustentam no mar e que impedem que se caia enquanto dura seu apoio. Se seus ramos são muito delicados, o peso do corpo os curva e a alma só fica parada por alguns instantes.

Mas, se, por uma infidelidade notável, a alma se olhasse voluntariamente e por muito tempo, ela ficaria detida por tanto tempo quanto durasse seu olhar e sua perda seria muito grande.

19

As faltas deste estado são algumas leves emoções ou visões de si, que nascem e morrem no momento.

Alguns ventos de visão própria que passam sobre este mar calmo provocam ondulações, mas estas faltas se dissipam pouco a pouco e se tornam sempre mais delicadas.

20

A alma, ao sair do túmulo, se encontra, sem saber como isto aconteceu e sem ter pensado nisto, revestida com todas as *inclinações* de Jesus Cristo, não por visões distintas ou práticas, mas pelo estado, as encontrando todas na ocasião em que ela tem que fazer algo, sem que ela pense nisto. É como uma pessoa que tivesse um tesouro trancado e, sem pensar nisto, o encontra na necessidade.

A alma está surpresa porque, sem ter refletido sobre os estados de Jesus Cristo e nem sobre suas inclinações desde os dez, os vinte, os trinta últimos anos, ela os encontra impressas nela pelo estado.

Essas inclinações de Jesus Cristo são a *pequenez*, a *pobreza*, a *submissão* e o resto das virtudes de Jesus Cristo. A alma acha que tudo isto se faz nela, mas tão facilmente que parece que elas se lhe tornaram naturais.

21

É então que seu tesouro está em Deus somente, onde ela retira incessante e infindavelmente o que lhe é próprio, sem diminuí-lo ou esgotá-lo. É então que se está

revestido verdadeiramente de Jesus Cristo[198] e é propriamente ele que está agindo, falando, conversando na alma, sendo Nosso Senhor Jesus Cristo o princípio de seus movimentos.

É por isto que o próximo não a incomoda mais, pois seu coração se amplia todos os dias para contê-lo. Ela não tem mais inclinação para a ação e nem para o repouso, mas para ser o que a faz ser a cada momento.

22

Como a alma pode dar aqui passos infinitos, eu deixo àqueles que tiveram esta experiência, descrevê-los, não me sendo dada a luz para os graus superiores e minha alma não sendo suficientemente avançada em Deus para vê-los e nem conhecê-los.

O que direi é que é fácil observar, pelo tamanho dos passos que é preciso que a alma dê para chegar a Deus, que não se chegou tão cedo quanto se imaginava e que as almas mais espirituais e as mais iluminadas tomam como a consumação do *estado passivo da luz do amor* pelo fim daquele que é apenas o começo.

É por isto que as almas não avançam, por não se

[198] Cf. Romanos 13: 14.

deixarem despir suficientemente ou por fazê-lo muito cedo.

23

Enquanto se encontra prazer em alguma prática ou prece, não se deve jamais deixar que o desgosto sobrevenha, com certa dificuldade e esforço em fazê-la, pois esperar a impotência absoluta é esperar milagres.

Deus as dá a certas almas que não têm a luz do despojamento e que não têm ninguém para conduzi-las, fazendo-as realizar com autoridade absoluta o que não sabem.

24

É preciso observar que, na *via de luz e do amor passivo*, há secas, aridezes, dores, aborrecimentos. Mas o todo não está no comprimento e nem na qualidade daquelas que eu descrevi na *via da fé nua*.

É por isto que é preciso tomar cuidado para não interpretar mal. Cabe ao diretor julgar tudo. Feliz a alma que encontra um experiente!

25

É preciso observar também que o que eu digo sobre

as *inclinações* de Jesus Cristo começa desde que a *via da fé nua* começa. Embora a alma, em toda sua via, não tem uma visão distinta de Jesus Cristo, ela tem, no entanto, um desejo de se conformar a ele.

Ela deseja a cruz, a pequenez, a pobreza. Depois, este desejo se perde e resta um pendor, uma inclinação secreta para as mesmas coisas, que vai sempre cada vez mais se aprofundando, se simplificando, se tornando, todos os dias, mais íntima e mais oculta.

Mas, quem fala de *inclinação*, pendor, tendência, por mais delicadas que sejam, fala de uma coisa que não se possui e que está fora de nós. Mas aqui, as inclinações de Jesus Cristo são o estado da alma, lhe são próprias, habituais como que naturais, como coisas não diferentes dela, mas como seu próprio ser e como sua própria vida, com Jesus Cristo as exercendo ele mesmo, sem sair dele e a alma as exercendo com ele, nele, sem sair dele e não como alguma coisa distinta que ela conhece, vê, propõe, pratica, mas como o que lhe é o mais natural.

Todas as ações vitais, como a respiração etc. acontecem naturalmente, sem que se pense nelas, sem regra ou medida, mas segundo a necessidade e isto acontece sem a visão própria da pessoa em que elas acontecem. É assim

também com as ações de Jesus Cristo neste estágio, que segue sempre aumentando, quanto mais a alma é transformada nele e se torna uma mesma coisa com ele.

26

Mas não há então cruzes neste estágio?

Como a alma está fortalecida com a força do próprio Deus, ele lhe dá mais cruzes e mais pesadas. Mas ela as carrega divinamente.

Outrora, a cruz a encantava e ela a amava e a estimava. Agora, ela não pensa mais nela, ela a deixa ir e vir e esta cruz se lhe tornou Deus, como o resto, o que não impede o sofrimento, mas a dor, a perturbação e a ocupação com o sofrimento.

É verdade que as cruzes não são mais cruzes, mas elas são Deus. Assim, elas não santificam, mas divinizam.

Nos outros estados, a cruz é virtude e se eleva ainda mais, na medida em que os estados avançam. Aqui, ela é Deus para a alma, como o resto, tudo o que faz a vida desta alma, tudo o que ela tem, de momento em momento, lhe sendo Deus.

27

O exterior destas pessoas é totalmente comum e não

se vê nada de extraordinário nelas. Quanto mais elas avançam, mais elas se tornam livres, não tendo nada de extraordinário que apareça exteriormente àqueles que não são capazes disto. Aqui tudo se vê, sem ver, em Deus, tal com ele é.

É por isto que este estado não está sujeito à enganação. Não há visões, revelações, êxtases, arrebatamentos, transformações.

Nada disto é deste estado, que está muito acima de tudo isto. Esta via é simples, pura e nua, só vendo tudo em Deus, como Deus vê e com seus olhos.

CONCLUSÃO

Em forma de carta da autora ao seu confessor.

Não me é permitido prosseguir aqui, com tudo faltando. Eu creio ter tomado muito de minhas luzes naturais. Você as diferenciará facilmente.

Eu fiz reflexões que talvez foram mais pela natureza do que pela graça que eu tive o instinto de escrever e quero mesmo fazer aqui uma confissão e admitir francamente que cometi mesmo, no fim, algumas faltas, tendo retido em minha mente algumas luzes que me vieram à oração sobre este estado, invés de perdê-las.

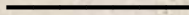
Além disto, eu não diferenciei, no estado em que estou, o que é natural ou divino ou o que é Deus e o que é meu. Rogo a Deus que o faça saber.

Eu não li este texto depois de tê-lo escrito e fui muito interrompida. Quando eu deixava o sentido pela metade, eu relia uma linha ou duas ou algumas palavras, para prosseguir. Eu não sei se fiz contra sua intenção.

Isto me aconteceu algumas vezes, mas eu não reli nada depois.

Eu não tomei cuidado, sobre os estados; se disse tudo de cada um ou se eu repeti.

Eu deixo tudo isto com suas luzes, rogando a Nosso Senhor que o ilumine para fazê-lo diferenciar o falso do verdadeiro e o que meu amor-próprio tiver desejado misturar com suas luzes.

Fim da primeira parte.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 01

Vida ressuscitada e divina.

01

Esqueci-me de dizer que é aqui onde a verdadeira liberdade é dada. Não uma liberdade como alguns imaginam, que priva ou isenta de fazer as coisas, o que é mais uma privação do que uma liberdade, com essas almas se acreditando livres porque, tendo desgosto pelas coisas boas, elas não as praticam.

A liberdade de que falo não é desta natureza. Ela tem facilidade para todas as coisas que estão na ordem de Deus e do seu estado e ela as faz tão facilmente quanto por muito tempo ela foi privada delas e de uma maneira mais penosa.

Eu confesso que não entendo o estado ressuscitado e divinizado de certas pessoas que permanecem, no entanto, toda a vida delas na impotência e na perda de tudo, pois aqui a alma retoma uma verdadeira vida.

As ações de uma pessoa ressuscitada são ações de vida e se a alma, depois da ressurreição, permanece sem vida, eu digo que ela está morta ou sepultada, mas não

ressuscitada. Para estar ressuscitada, a alma deve fazer as mesmas ações que fazia outrora, antes de todas as perdas e sem nenhuma dificuldade, mas fazendo-as em Deus.

Lázaro, após sua ressurreição, não cumpria com todas as funções da vida, como antes? E Jesus Cristo, após sua ressurreição, quis comer e conversar com as pessoas. Isto é um exemplo disto.

Assim, aqueles que acreditam em Deus, mas que são envergonhados e que não podem orar, eu digo que eles não estão ressuscitados, pois aqui, tudo é devolvido à alma centuplicado.

02

Há uma bela imagem disto em Jó, que considero um espelho de toda a vida espiritual.

Observem como Deus o despoja de todos os seus bens, que são dons e graças. Depois, de seus filhos, que é o despojamento de suas forças; das boas obras, que são nossos filhos e nossas criações mais caras; depois, Deus lhe tira a saúde, que é a perda das virtudes; depois, ele o faz apodrecer, tornando objeto de horror, de infecção e de desprezo.

Parece mesmo que aquele santo homem cometia faltas e que lhe faltava resignação.

Ele é acusado por seus amigos de ser punido justamente por causa dos seus crimes.

Não resta nenhuma parte saudável nele.

Mas, depois que ele apodreceu sobre o esterco e que só lhe restaram os ossos, que formam um cadáver, Deus não lhe devolveu tudo: seus bens, seus filhos, sua saúde e sua vida?

Acontece o mesmo após a ressurreição. Tudo é recuperado, com uma facilidade admirável para se fazer uso de tudo sem se sujar, sem se apegar, sem se apropriar de nada como outrora.

Faz-se tudo em Deus e divinamente, usando coisas ou não as usando e é nisto que está a verdadeira liberdade e a vida verdadeira.

Se fomos feitos o mesmo ser com Jesus Cristo *por uma morte semelhante à dele, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição*[199].

É ser livre ter impotências e restrições?

Não. *Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres*[200], mas com a liberdade dele.

[199] Romanos 6: 5.
[200] João 8: 36.

03

É agora que começa a vida apostólica. Sem prejudicar a si mesmo, nada custa ao que Deus quer e se uma pessoa é chamada a instruir, a pregar etc. ela o faz com uma facilidade maravilhosa que não lhe custa nada, sem que lhe seja necessário preparar seus discursos, podendo muito bem praticar o que Nosso Senhor Jesus Cristo disse aos seus discípulos: *Não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar, nem pelo que haveis de dizer. Naquele momento ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer*[201]. *Eu vos darei um discurso cheio de sabedoria, à qual não poderão resistir nem contradizer os vossos adversários*[202].

Isto só é dado mais tarde e depois que se experimentou impotências terríveis e quanto mais elas foram grandes, maior também é a liberdade. Mas não se pode se colocar lá por si mesmo, pois, como Deus não seria o princípio, isto não teria o efeito que se pretendia.

É aí que acontecem conversões admiráveis sem se pensar nisto. Pode-se dizer mesmo, dessa vida ressuscitada, que, *com ela vieram todos os bens e, em suas mãos,*

[201] Mateus 10: 19.
[202] Lucas 21: 15.

inumeráveis riquezas[203].

04

Neste estado, a alma não pode praticar a virtude como virtude. Ela não pode nem mesmo vê-la ou distingui-la. Mas as virtudes se lhes tornaram como que habituais e naturais, de sorte que ela as pratica todas sem vê-las e nem conhecê-las e sem poder fazer com isto nenhuma aplicação e distinção[204].

Quando ela vê alguma pessoa dizer palavras de humildade e se fazer muito humilde, ela fica toda surpresa e espantada em ver que ela não pratica nada de semelhante. Ela retorna como que de uma letargia e se ela quisesse se fazer humilde, ela seria tomada por uma sensação quase de infidelidade e mesmo não poderia fazer isto, porque o estado de aniquilamento pelo qual ela passou a colocou abaixo de toda humildade, pois, para se fazer humilde, é preciso ser alguma coisa e o nada não pode se abaixar abaixo do que é.

O estado presente em que ela está a colocou acima de qualquer humildade e de qualquer virtude, através da

[203] Sabedoria 7: 11.
[204] Cf. Santa Catarina de Gênova. *Vida*, cap. 14, § 8 e M. de Renti. *Vie*, part 4, cap. 9, § 16.

transformação em Deus. Assim, sua impotência vem de sua aniquilação e da sua elevação.

05

É por isto que estas almas são muito comuns externamente e não possuem nada que as diferencie das outras, a não ser pelo fato de que não fazem mal a ninguém, pois, externamente, elas são muito comuns.

Isto também é o que faz com que sejam pouco conhecidas e o que conserva o estado delas e as faz viverem em quietude, sem preocupação ou cuidado com o que quer que seja.

06

Elas têm uma alegria imensa, mas imperceptível, que vem do fato de que elas não temem, não desejam e não querem nada. Assim, nada pode perturbar a quietude delas e nem diminuir a alegria delas.

Davi experimentou isto e disse: *Regozijam-se os que em vós confiam; permanecem para sempre na alegria*[205].

Uma pessoa radiante de alegria não se sente mais,

[205] Salmo 5: 12.

não se vê mais, não pensa mais nela e sua alegria, embora muito grande, não lhe é conhecida, por causa do seu arrebatamento.

07

A alma está mesmo, de fato, em um arrebatamento e um êxtase que não lhe causam nenhum sofrimento, porque Deus expandiu sua capacidade quase ao infinito.

Os êxtases que causam perda dos sentidos só causam isto por causa da deficiência do sujeito e causam, portanto, a admiração das pessoas.

A deficiência vem do fato de que Deus, atraindo a alma como que dela mesma para perdê-la nele, mas sem que a alma seja suficientemente pura e nem suficientemente forte para suportá-lo, é preciso que Deus deixe de atrair a alma, o que interrompe o êxtase ou que a natureza sucumba e morra, como aconteceu muitas vezes.

Mas aqui, o êxtase acontece para sempre e não por horas, sem violência e nem alteração, tendo Deus purificado e fortificado o sujeito até o ponto que é necessário para suportar este êxtase admirável.

Parece-me que quando Deus sai dele mesmo, ele provoca um êxtase. Mas eu não ouso dizer isto, por medo de dizer um erro. O que eu direi então é que a alma atraí-

da para fora dela mesma sente que acontece nela um êxtase, mas um êxtase afortunado, porque ela só é tirada dela mesma para ser mergulhada e perdida em Deus, deixando suas imperfeições, suas qualidades limitadas e retraídas para participar das de Deus.

08

Ó nada feliz! Ao que você leva?

Ó misérias, pobrezas, fadigas! Como vocês são bem e muito bem recompensadas!

Ó felicidade que não se pode expressar!

Ó alma! Que ganho você não obteve por todas as suas perdas! Você teria acreditado, quando estava na lama, no pó, que o que lhe causava tanto horror lhe propiciaria uma felicidade tão grande quanto a que você possui agora?

Se lhe tivessem dito isto, você não teria acreditado.

Saiba agora, com sua própria experiência, como é preciso confiar em Deus e que aqueles que colocam nele sua confiança jamais serão confundidos.

Ó abandono! Que bem você produz em uma alma! O que ela não faria se soubesse encontrá-lo desde o início! De quantos cansaços ela se livraria se ela soubesse deixar Deus agir!

09

Mas, infelizmente, não se quer se abandonar e se confiar a Deus! Aqueles que fazem isto e que acreditam estar bem estabelecidos ali só são abandonados em figura e não na realidade.

Deseja-se se abandonar em uma coisa, mas não em outra. Deseja-se entrar em acordo com Deus e se limitar ao que se deixará que ele faça. Deseja-se se dar, mas com estas e aquelas condições.

Não! Isto não é se abandonar; é fingir fazê-lo, mas não fazê-lo de fato[206]. Um abandono inteiro e total não abre exceção para nada, não reserva nada, nem morte, nem vida, nem perfeição, nem salvação, nem paraíso e nem inferno.

Ó pobres almas! Joguem-se de cabeça nesse abandono. Ele só lhes trará o bem. Caminhem com segurança nesse mar tempestuoso, apoiadas nas palavras de Jesus Cristo, que prometeu cuidar daqueles que se perderem e se abandonarem a ele.

Mas, se vocês afundarem, como São Pedro, acredi-

[206] O abandono perfeito, que é a chave de todo o interior, não abre exceções. Cf. *Mœurs*, de Laurent de la Résurrection, pag. 62 e *Entretiens* I, II, III. Jean de Saint-Samson, *Maximes*, Tit. 21, Max 1, 9, 11 e Thomas a Kempis. *A imitação de Cristo*, Livro III, cap. 25, § 3.

tem que isto foi por causa da sua pouca fé[207]. Se tivermos fé e se, sem hesitarmos, nos lançarmos de cabeça em todos os perigos, que bem viria para nós![208]

O que você teme? Coração covarde! Você teme se perder.

Infelizmente, pelo que você vale, pouco importa!

Sim, você se perderá se você tiver suficiente força para se abandonar a Deus, mas você se perderá nele.

Ó perda bem-aventurada! Eu não poderia repetir isto suficientemente.

Como não posso convencer todo mundo para este *abandono*? E por que os pregadores pregam outra coisa?

10

Mas, infelizmente, a cegueira é tão grande que veem isto como uma loucura, uma falta de prudência, uma coisa que só é própria às mulheres ou às mentes fracas.

Mas, para as grandes mentes, isto é muito baixo para elas. É preciso que elas se conduzam a elas mesmas com a medida de prudência delas.

Este caminho lhes é desconhecido, porque eles são

---

[207] Cf. Mateus 14: 25-31.
[208] Cf. Laurent de La Résurrection. *Mœrs* e Jean de Saint-Samson. Tit 22 et *Maximes*, 08

sábios e prudentes para eles mesmos, mas ele é revelado aos pequenos que sabem se deixar aniquilar e que querem mesmo ser os joguetes da Divina Providência, lhe deixando todo poder de exercitá-los e tratá-los como ela quiser, sem resistência, sem se preocupar com o que se diga.

A dificuldade que tem essa prudência própria é se tornar um nada aos seus próprios olhos, perdendo toda estima a si mesma, por causa da sua corrupção e das criaturas que querem ser o rejeito dela.

Dizem que desejam se manter para glorificarem a Deus, mas é para glorificarem a eles mesmo. Mas querer ser nada aos olhos de Deus, permanecer em um inteiro abandono, no desespero mesmo[209], se dar a ele quando se é mais rejeitado, se deixar e não olhar para si mesmo quando se está na beira do abismo, isto é que é muito raro e é o que faz o abandono perfeito.

11

Flui algumas vezes, desde esta vida, alguma coisa sobre as forças e sobre os sentidos, que é como um der-

[209] Cf. Santa Catarina de Gênova. *Vida*, cap. 42; Santa Ângela de Foligno. *Vida*, pag 234, Ed. De col. São João da Cruz. *A noite escura da alma*, livro 2, cap. 9.

ramamento de glória no interior, mas isto não é comum. É como Jesus Cristo em sua transfiguração, o que é muito eminente e uma grande pureza.

CAPÍTULO 02

Paz e liberdade divina.

01

A alma, depois de ter chegado a um estado divino, é, como eu já disse, um rochedo imutável e inabalável a todo tipo de provação e de golpes, a não ser que o Senhor queira que esta alma faça alguma coisa contra o ordinário e o uso comum. Então, se ela não se rende ao primeiro movimento, é preciso suportar uma dor de coação à qual ela não pode resistir e ela é coagida, por uma violência que ela não pode explicar, a fazer o que ele quer.

Relatar as provações estranhas a que ele submete essas almas no abandono perfeito e que não lhe resistem em nada é o que não se pode fazer e não seria compreendido[210]. Tudo o que se pode dizer é que ele não lhes deixa

[210] Cf. Santa Ângela de Foligno. *Vie*. Livro 2, Parte 1, cap. 4 e 5, Edit. de Colônia. Outra, cap. 19

nem a sombra de algo que se possa nomear, nem em Deus e nem fora de Deus[211].

Ele as eleva tão acima de tudo, com a perda de tudo, que nada menos do que o próprio Deus, no céu e na terra, poderia detê-las. Nada pode cativá-las, porque não há para elas malignidade no que quer que seja, por causa da unidade que elas têm com Deus, que, ao conviver com os pecadores, não contrai nada de sua maldade, por causa de sua pureza essencial[212].

02

Isto é mais do que se pode dizer e esta alma participa da pureza de Deus. Ou melhor, toda pureza própria, que não passa de uma pureza grosseira, tendo sido aniquilada, somente a pureza de Deus subsiste nesse nada, mas de uma maneira tão real que a alma está em uma perfeita ignorância do mal e como que impotente de cometê-lo[213].

O que não impede que se possa sempre decair, mas isto pouco acontece, por causa do profundo aniquilamento em que está a alma, que não lhe deixa nenhuma pro-

---

[211] Cf. Santa Catarina de Gênova. *Vie*, cap. 14.
[212] Cf. Santa Ângela de Foligno. *Vie*, cap. 27 ou Edi. de Col. Part. 2, cap. I, sect. 9.
[213] Cf. Santa Catarina de Gênova. *Vie*, cap. 32 e 1 João 5: 9.

priedade e somente a propriedade pode causar o pecado, pois, quem não existe mais não pode pecar[214].

03

E isto é tão verdadeiro que as almas de que falo têm muita dificuldade em se confessar, pois, quando elas querem se acusar, elas não sabem o que acusar, o que condenar, não podendo encontrar nelas nada vivo e que possa ter querido ofender Deus[215], por causa da perda total da própria vontade em Deus e como Deus não pode querer o pecado, elas não podem também querer.

Se lhe dizem para se confessarem, elas o fazem, pois são submissas, mas elas dizem com a boca o que lhes fazem dizer, como uma criancinha a quem se diria: "É preciso que você confesse isto"[216]. Ela diz, mas sem saber o que diz, sem saber se isto é ou não é, sem censura e sem remorso, pois aqui, a alma não pode mais encontrar consciência e tudo está tão perdido em Deus que não há mais acusador[217] nela e ela permanece contente sem buscá-lo.

---

[214] Ste. Cat, *Dial*. 2. Chap. 09, 10, 11; *Théol. Germ*. Ch. 2, 3, 4 etc.
[215] Ste. Cat. de G. *Vie*, Chap. 33 et 44 ; *Vie d'Armelle Nicolas*. Liv. 2. Ch. 8 et 28.
[216] Saint Cat. *Vie*. Chap. 44.
[217] Cf. Romanos 8: 1 (*De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo*) e 33 (*Quem poderia acusar os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica*).

Mas, quando lhe dizem: “Você cometeu esta falta”, ela não encontra nada nela que tenha feito isto e se lhe dizem: “Diga que você fez”, ela dirá com os lábios, sem dor e nem arrependimento.

04

Sua paz então é tão invariável e tão inalterável que nada no mundo nem em todo o inferno pode alterá-la por um só instante.

Os sentidos são sempre suscetíveis aos sofrimentos e quando eles estão sobrecarregados e, como crianças, gritam, se se pede a esta pessoa que ela se sonde, ela não encontrará nela que sofra. Entre dores inconcebíveis, ela diz: “Eu não sinto nada”, sem poder dizer e nem admitir que sofre, por causa do estado divino e da beatitude que ela traz em seu centro ou na parte suprema.

Então, há uma separação[218] tão inteira e perfeita das duas partes __ a inferior e a superior __ que elas vivem juntas como estranhas que não se conhecem e as dores mais extraordinárias não impedem a perfeita paz, a tranquilidade, a alegria e a imobilidade da parte superior,

[218] Ste. Cat. de G. *Dial*. III. Chap. II et *Vie*, chap., 12 ; Jean de la Croix. *Nuit. obs*. Liv. II. Chap. 25 ; *Théol. Germanique*, Chap. 7.

como a alegria e o estado divino não impedem o inteiro sofrimento da inferior e isto sem mistura e nem confusão de nenhuma maneira.

05

Se você quiser atribuir alguma coisa a esta alma assim transformada e que se tornou Deus, ela se defenderá inicialmente, não podendo encontrar nada nela que se possa nomear, afirmar, entender. Mas a alma está em uma negação perfeita. Isto é o que faz a diferença entre os termos e as expressões que se tem dificuldade em entender, a menos que essas pessoas não sejam assim.

Isto vem também do fato de que esta alma, com seu aniquilamento, tendo perdido tudo o que tinha de próprio, Deus subsistindo nela, ela não pode se atribuir nada e somente a Deus, porque ela só conhece a ele, sobre o qual ela não pode dizer nada.

06

Assim, tudo é Deus a esta alma, pois aqui, não é mais questão de ver tudo em Deus, pois ver as coisas em Deus é distingui-las nele.

Por exemplo, em um quarto, eu vejo o que há de diferente do quarto, embora esteja nele. Mas, tudo sendo

transformado neste mesmo quarto ou tudo sendo retirado deste quarto, eu só veria o próprio quarto.

Todas as criaturas *celestes*, *terrestres*, *puras inteligências*, tudo desapareceu e sumiu e só restou o próprio Deus, como ele era antes da criação. Esta alma só vê Deus em toda parte e tudo para ela é Deus. Não pelo pensamento, pela visão, pela luz, mas pela identidade de estado e pela consumação da unidade, que, ao torná-la Deus por participação, sem que ela possa mais se ver, ela também não pode ver nada em toda parte.

Assim, a esta alma seria tão indiferente estar por toda a eternidade com os demônios do que com os anjos[219]. Os demônios lhes são como o resto e não lhe é mais possível ver um ser criado fora do Ser Incriado, o único Ser Incriado sendo tudo e em tudo, todo Deus, tanto em um diabo quanto em um santo, embora diferentemente.

07

Mas isto é tão real que é impossível que esta alma seja de outra maneira. Assim, todas as criaturas a condenariam[220], porque, com isto, ela seria menos do que um

---

[219] Ste. Angèle, Chap. 27 ou dans l'Edit. de Col. II Part. Chap. I. Sect. 9. n. 60. pag. 245.
[220] Psaume LXI, 10. ; Romains VIII, 33 ; S. Angèle, chap 27 ou Edit. de Col. p 282, 301, 314; Ste. Thérése. *Vie*. Edit d'Anvers, pag, 401 ; *Nouvelles lettres*, part 1, pag. 97.

mosquito, não por teimosia e firmeza de vontade, como se imagina, mas por impotência em se misturar consigo mesma, já que ela não se vê mais.

Você perguntaria a esta alma: “Mas quem a leva a fazer isto ou aquilo? Foi então Deus quem lhe disse, a fez saber ou entender o que ele queria?”

“Eu não conheço nada, não entendo nada, eu não penso saber nada[221]. Tudo é Deus e vontade de Deus e eu só sei o que é vontade de Deus, porque a vontade de Deus se tornou como que natural para mim”, ela responde.

“Mas porque você faz isto invés de aquilo?”, você insiste.

“Eu não sei nada sobre isto. Eu me deixo levar pelo que me arrasta”[222], ela responde.

“Mas, por quê?”, você continua.

“Ele me arrasta porque, não sendo mais, eu sou arrastada com Deus e só Deus me arrasta. Ele vai, ele age e eu não passo de um instrumento que não vê e não olha[223]. Eu não tenho interesse distinto, porque, com minha perda, eu perdi todo o interesse. Assim, não sou capaz de

[221] Sainte Cat. Gênes. Vie, chap. 14, 17, 21 et 35 ; Jean de Saint-Samson. Maximes, Tit. I, 17, 27.

[222] Cf. Romanos 8: 14 (*Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*). Sainte Cat. Gênes. *Vie*, chap. 17.

[223] *Vie d’Armette N*. Livr. II, chap. 6, pag 489, 492, Edit de Col.

entender nenhuma razão e nem explicar nenhuma das minhas condutas[224], pois eu não tenho mais conduta. Eu ajo, no entanto, infalivelmente, ao mesmo tempo em que não tenho outro princípio além do Princípio Infalível", ela diz, por fim.

Este abandono cego é uma coisa do estado da alma de que falo, porque, tendo se tornado uma só coisa com Deus, ela só pode ver Deus, pois, tendo perdido toda dessemelhança, propriedade, distinção, não é mais aqui questão de se abandonar, porque, para se abandonar, é preciso ser alguma coisa e poder dispor de si mesmo.

08

A alma de que falo está, neste estado, *escondida com Cristo em Deus*[225], como diz São Paulo, misturada com ele como o rio de que falei está misturado com o mar, de sorte que ele não é mais encontrado[226]. Há o fluxo e o refluxo do mar, não mais por escolha, vontade e liberdade, mas pelo estado, porque tendo o mar imenso absorvido suas pequenas águas limitadas e confinadas, ele participa de tudo o que faz o mar, mas sem distinção

---

[224] Cf. Sainte Cat. de Gen. Chap. 9 et 36.
[225] Colossenses 3: 3.
[226] Cf. São Macário. Homilia 18.

do próprio mar. É o mar que o arrasta e, no entanto, ele não é arrastado, já que perdeu tudo o que lhe é próprio e, não tendo outro movimento que não seja o do mar, ele age como o próprio mar. Não que, por sua natureza, ele tenha essas qualidades, mas é que, ao perder todas as suas qualidades próprias, ele não tem outra além das do mar, sem poder ser jamais outra coisa que não seja o mar.

Não é que, como eu disse, ele não conserve sua natureza de tal maneira que, se Deus quisesse, em um instante, ele o tiraria do mar, mas ele não o faz. Assim, esta alma não perde sua natureza de criatura e Deus poderia rejeitá-la do seu divino ventre, mas ele não o faz. Esta criatura age então como que divinamente.

09

"Mas, você retira assim, do ser humano, sua liberdade", me dirão.

Não, pois ele só tem liberdade por um excesso de liberdade. Porque ele perdeu livremente toda a liberdade criada[227], ele participa da liberdade incriada, que não é estreita, restrita, limitada pelo que quer que seja.

[227] Cf. Santa Catarina de Gênova. *Vie*, cap. 14, § 07 e *Abrégé de la perfection chrétienne*, cap. XI.

Esta alma é tão livre e tão ampla que toda a terra lhe parece apenas um ponto, sem que ela esteja encerrada nela. Ela é livre para fazer tudo e não fazer nada. Não há estado ou condição a que ela não se acomode. Ela pode fazer tudo e não fazer nada do que se faz.

10

Ó estado! Quem poderá descrevê-lo e o que você poderá temer ou apreender? A perda, a morte, a condenação?

Ó São Paulo! Você disse: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? Estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o futuro, nem a força, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura poderá nos apartar*[228].

Ora, estas palavras, estamos seguros, exclui qualquer dúvida.

Ó grande santo! Onde estava sua certeza?

Ela estava somente na infalibilidade de Deus.

[228] Romanos 8: 35, 38 e 39.

Lemos muitas vezes as Cartas deste grande Apóstolo, este Doutor Místico e não entendemos. No entanto, toda a vida mística, seu início, sua progressão e seu fim estão descritos por São Paulo e até mesmo a vida divina. Mas não se tem a compreensão delas e uma pessoa a quem a compreensão fosse dada, as veria nelas mais claro do que o dia.

11

Ó se as pessoas que têm tanta dificuldade em se abandonar a Deus pudessem experimentar isto! Elas admitiriam que a via que conduz a ele é extremamente dura, mas que um só dia neste estado recompensaria muitos anos de sofrimentos.

Mas, por onde Deus conduz até ele? Por caminhos totalmente opostos a tudo o que se imagina. Ele edifica derrubando e ele dá vida matando.

Ó se eu pudesse dizer o que ele faz e as invenções estranhas que ele utiliza para chegar aqui! Mas, silêncio![229] As pessoas não são capazes disto e aquelas que passaram por isto me entendem.

[229] Cf. São João da Cruz. *Chama viva de amor*, final; Jean de Saint-Samson. *Maximes*, Tit. 15. Max. 06; P. Surin, *Catech. Spirit*. Tom. I, part. IV, chap. 07, pag. 388.

Aqui não há mais necessidade de espaço e de tempo. Tudo é igual, todos os lugares são bons e se a ordem de Deus conduzisse à Turquia, se estaria igualmente bem, porque todos os meios são inúteis e infinitamente ultrapassados. Estando eminentemente no fim, não há mais nada a ser buscado.

12

Aqui tudo é Deus. Deus está em toda parte e em tudo e assim, esta alma é igual em tudo. Sua oração é o próprio Deus, sempre igual, jamais interrompida. Não que a alma a perceba diferentemente de um estado de consistência.

E se algumas vezes Deus faz jorrar algum fluxo de sua glória sobre suas forças e sobre seus sentidos, isto não faz nada a este fundo que permanece sempre o mesmo.

Para Maria, que possuía este estado em um grau mais perfeito que uma criatura pode ter, era indiferente permanecer na terra após a ascensão do seu Filho e ela teria permanecido aqui toda a eternidade se este tivesse sido o beneplácito de Deus.

Esta alma não se preocupa com a solidão e nem com o grande mundo, já que tudo lhe é igual. Ela não pensa

mais em ser libertada deste corpo para ser unida sem intermediário. Aqui, ela está não apenas unida, mas transformada, mudada no objeto do seu amor, o que faz com que ela não pense em amar, pois ela ama Deus com um amor-Deus e através deste estado, embora não imprescindível.

CAPÍTULO 03

A deiformidade.

01

Vem à minha mente uma comparação que me parece muito apropriada a este tema. É a do grão que é separado do mau grão e marca, assim, a conversão e a separação do pecado.

Depois que este grão está sozinho e puro, é preciso que ele seja moído pela aflição, pelas cruzes, pelas doenças etc. Quando ele está, assim, moído e reduzido a farinha, é preciso ainda retirar, não o impuro, pois não há mais, mas o que há de grosseiro, que é o farelo e quando não resta mais do que a flor finíssima e depurada da matéria, faz-se o pão, amassando-a.

Parece que se suja a farinha, que se a escurece e que

se a murcha, que se tira toda a sua delicadeza e sua brancura, para fazer com ela uma massa que parece bem distante da beleza dessa farinha e, depois, coloca-se essa massa no forno.

Ora, é preciso que se faça o mesmo com essas almas.

Mas, depois que esse pão está assado, ele serve à boca do Rei, que não somente se une a ele pelo toque, mas o come, o digere, o consome e o aniquila para transformá-lo em si mesmo e fazê-lo passar para sua substância.

Observe que o pão pode ser tocado e comido mesmo pelo Rei, que é o maior benefício que ele pode receber e é seu fim, mas ele não pode, no entanto, ser transformado na substância do Rei se ele não for aniquilado pela digestão, perdendo toda sua forma e qualidade própria.

02

Ó como isto descreve bem todos os estados da alma!

O da união, bem diferente da transformação, onde é preciso, necessariamente, que a alma, para se tornar uma com Deus, transformada e mudada nele, seja, não apenas comida e digerida, para, depois de ter perdido o que tinha

de próprio, se tornar uma mesma coisa com Deus[230].

Este estado é muito pouco conhecido e é por isto que não se fala dele.

Ó estado de vida! Como o caminho que leva a ele é estreito!

Ó amor mais puro de todos, já que sois o próprio Deus!

Ó amor imenso e independente, que não pode ser circunscrito por nada!

03

No entanto, essas almas parecem das mais comuns, como eu já disse, porque elas não têm nada no exterior que as diferencie, além de uma liberdade infinita[231] que escandaliza muitas vezes as almas restritas e encerradas nelas mesmas[232], a quem, como não veem nada de melhor do que o que elas têm, tudo o que não é o que elas possuem parece mau.

Mas a liberdade que elas condenam nessas almas

---

[230] João 17: 21 e 23. *Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e para que o mundo acredite que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade*. 1 Coríntios 6: 17. *Quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito*. Os místicos chamam isto de *deiformidade*.

[231] Cf. Santa Catarina de Gêneva. *Diálogo 3*, cap. 07, 08 e 14; Jean de Saint-Samson. Max. Tit. 27 (Edit. Col. cap. 10).

[232] Cf. Santa Catarina de Gêneva. *Diálogo 3*, cap. 10 e *Vida*, cap. 22..

tão simples e tão inocentes é uma santidade incomparavelmente mais eminente do que tudo o que elas acreditam santo e é neste sentido que se entende esta passagem que diz que *um homem mau vale mais que uma mulher que vos faz bem*[233], porque as faltas aparentes desses homens, que só podem portar a qualidade de homens no meio de outros efeminados, valem mais do que esses efeminados, que fazem o bem tão fracamente, embora tão fervorosamente em aparência, porque suas obras não têm mais força do que o princípio de onde partem, que é sempre pelo esforço, embora muito elevado e enobrecido, de uma criatura fraca.

Mas essas almas consumadas na unidade divina agem em Deus por um princípio de uma força infinita e assim, suas menores ações são mais agradáveis a Deus do que tantas ações heroicas das outras, que parecem tão grandes diante das pessoas.

04

É por isto que as almas deste grau não se dão ao trabalho e nem procuram fazer nada de grande, se contentando em ser como elas são a cada momento.

[233] Eclesiástico 42: 14.

O que você faria, Maria, na terra, depois da ascensão do seu Filho? Você se daria ao cuidado de converter muitas almas? De fazer grandes coisas?

Uma alma assim faz mais, sem fazer nada, para a conversão de um reino, do que quinhentos pregadores que não estão neste estágio. Maria fazia mais pela Igreja não fazendo nada do que todos os Apóstolos juntos.

Não é que Deus não permita muitas vezes que essas almas sejam conhecidas. De forma alguma. Mas um grande número de pessoas é dirigido a elas, a quem elas comunicam um princípio vivificante que as faz ganharem um grande número de outras para Jesus Cristo. Mas isto se faz sem ação ou preocupação, por pura providência.

Ah, se soubessem a glória que essas pessoas, que são os rejeitos do mundo, prestam a Deus! Ficar-se-ia espantado e arrebatado, pois são elas propriamente que prestam a Deus uma glória digna de Deus, sem pensar nele ao lhe prestarem isto, porque Deus, ao agir nelas como Deus, tira dele mesmo, nelas, uma glória digna dele.

05

Ó quantas almas, totalmente seráficas em aparência, estão afastadas disto!

Mas, neste estado, há, como em todos os outros, al-

mas mais ou menos divinas. A divina Maria foi privilegiada e, depois delas, várias avançaram mais ou menos, segundo o propósito de Deus e aqueles que chegam, nessa vida, a este estado, só chegam a ele, comumente, pouco antes de morrer, a não ser que um propósito totalmente particular de Deus, que, querendo se servir delas e fazer prodígios com elas, as avance assim.

Mas isto é o mais raro de tudo.

06

Pois Deus as esconde em seu ventre e sob o exterior da vida mais comum, para que elas só sejam conhecidas por ele, embora elas façam suas delícias. Aqui, os segredos de Deus nele e dele nessas puras criaturas são manifestados, não em forma de palavras, visões, luzes, mas pela ciência de Deus que permanece nele e quando é preciso que tal alma escreva ou fale, ela mesma fica admirada porque tudo flui deste fundo divino sem que ela tenha jamais pensado em possuir essas coisas.

Ela encontra como que uma ciência profunda, sem memória e nem lembrança, como um tesouro inestimável que só se observa quando se é obrigado a manifestá-lo e é a manifestação para os outros que é a manifestação para si.

Quando uma tal alma escreve, ela fica admirada em escrever coisas que ela não conhece e não acreditava saber, embora ela não possa duvidar possuí-las, ao escrevê-las.

Não é o que acontece com as outras. As luzes delas procedem de suas experiências, porque é como uma pessoa que vê de longe as coisas que não possui. Ela descreve o que viu, conheceu, ouviu etc. Mas esta é uma pessoa que possui nela mesma um tesouro. Ela só o vê após a manifestação, embora ela o possuísse.

07

Isto ainda não expressa bem o que eu quero dizer. Deus está nesta alma, ou melhor, esta alma não existe mais. Ela não age mais, mas é Deus quem age e ela é seu instrumento.

Deus encerra nele todos os tesouros e ele os manifesta, através desta alma, às outras e ela sabe então, ao tirá-los de seu fundo, que eles estavam lá, embora sua perda não tenha mais lhe permitido refletir sobre isto.

Eu asseguro que toda alma deste nível me entenderá e saberá muito bem a diferença destes estados. O primeiro vê estas coisas e desfruta dela como desfrutamos do sol, mas o segundo se tornou ele mesmo o sol que não

desfruta e não pensa em sua luz.

08

Este estado é permanente e não há nenhuma vicissitude quanto ao fundo além de um avanço maior em Deus e, como Deus é infinito, ele pode sempre divinizar uma alma e isto ampliando sua capacidade.

Maria, como eu disse antes, estava toda cheia de graça no início de sua concepção e isto é bem descoberto à alma. Ela estava na plenitude de Deus quando concebeu o Verbo e, no entanto, ela cresceu quase ao infinito até sua morte.

Como, se ela estava plena, como o anjo assegura, ela podia se plenificar ainda mais?

É que Deus ampliava a cada dia sua capacidade, diluindo-a e espalhando-a nele, como a água de que falamos se espalha, sempre na medida em que está mais perdida no mar, onde se dilui incessantemente sem sair dele jamais.

Acontece o mesmo com estas almas. Todas aquelas que estão neste nível têm Deus, mas umas o têm mais e outras o têm menos. Elas estão todas na plenitude, mas elas não estão na mesma quantidade de plenitude.

Um pequeno vaso cheio está tão bem cheio quanto

um vaso grande, mas ele não contém a mesma quantidade que o grande. Acontece o mesmo com as almas. Elas todas têm a plenitude de Deus, mas segundo a capacidade de cada uma para recebê-lo e assim, há aqueles em que Deus aumenta a capacidade a cada dia.

É por isto que, quanto mais as almas vivem neste estado divino, mais elas crescem e a capacidade delas se torna sempre maior, sem que se tenha nada a desejar e nem a fazer por elas, pois elas sempre têm Deus em plenitude, com ele nunca lhes deixando um momento de vazio nelas. A forma como ele cresce e se expande, a forma como ele enche com ele mesmo é como o ar: uma pequena câmara está cheia de ar, mas uma grande tem mais ar.

Aumente sempre esta câmara e infalível e imperceptivelmente, na medida em que o ar entra sempre nesta câmara, mesmo sem mudar de estado, de disposição e sem sentir nada de novo, a alma aumenta em plenitude e em tamanho.

Mas jamais a capacidade da alma pode ser aumentada assim se não for pelo aniquilamento, porque, até então, esta alma tem uma oposição a ser ampliada.

10

É bom explicar aqui algo importante. Parece que há

uma contradição no que eu disse: que é preciso que a alma seja aniquilada para passar a Deus e que ela perca o que tem de próprio e, no entanto, eu falo de capacidade, que ela retém.

Há duas capacidades. Uma é própria da criatura e esta capacidade é pequena e limitada. Quando ela é purificada, ela está própria para receber os dons de Deus, mas não Deus, porque o que recebemos em nós é menor do que nós, como o que é colocado em um vaso tem menos extensão, embora seja mais precioso, do que o vaso que o recebe.

Mas a capacidade de que falo aqui é uma capacidade de se estender e de se perder sempre mais em Deus depois que a alma perdeu sua propriedade que a fixava nela mesma e que, não sendo detida ou limitada __ porque seu aniquilamento, ao lhe retirar toda forma particular, a dispôs para fluir em Deus, de sorte que ela se perde e flui Naquele que não pode ser comprimido __ quanto mais ela mergulha neste Abismo, mais ela se estende e se torna imensa, participando de suas perfeições.

11

Esta é uma capacidade de crescer e de se estender sempre mais em Deus, nele podendo ser cada vez mais

transformada, como a água que se junta à sua fonte se mistura sempre mais com ela.

Sendo Deus nosso ser original, ele nos criou com uma natureza própria para ser unida e transformada e formar um só com ele.

CAPÍTULO 04

Os movimentos divinos e a paz inalterável.

01

A alma não tem que fazer nada aqui, a não ser permanecer como ela é e seguir sem resistência todos os movimentos do seu Motor. Todos os movimentos iniciais desta alma são de Deus e esta é sua conduta infalível[234].

Não é isto o que acontece nos estados inferiores, a não ser quando a alma começou a desfrutar do centro. Mas ele não é tão infalível e quem respeitasse esta regra sem estar no estado bem avançado se enganaria.

02

É então conduta desta alma seguir cegamente e sem

[234] Cf. São João da Cruz. *A subida do Carmelo*, livro 3, cap. 1 e Santa Catarina de Gênova. *Vie*, cap. 17.

condução os movimentos que são de Deus, sem reflexão[235]. Aqui, toda reflexão está banida e a alma teria dificuldade, mesmo que quisesse, em fazê-la. Mas como, se esforçando, talvez ela pudesse surgir, é preciso evitá-la mais do que qualquer outra coisa[236], porque só a reflexão tem o poder de fazer a pessoa entrar nela mesma e tirá-la de Deus.

Ora, eu digo que, se a pessoa não sair de Deus, ela não pecará jamais e se ela pecar, é porque saiu, o que só pode acontecer pela propriedade e a alma só pode se retomar pela reflexão, que seria para ela um inferno igual ao que aconteceu ao primeiro anjo que, ao se olhar com complacência e preferência com relação ao que devia a Deus, se amou e se tornou demônio e este estado seria tão horrível quanto o outro seria mais avançado.

03

Vão me objetar que não se sofre nada então neste estado.

Não quanto ao fundo, mas sim quanto aos sentidos, como eu disse.

---

[235] *Idem, ibidem.*
[236] Cf. Jean de Saint-Samson. Maxime 17 e Título 13.

Para sofrer é preciso refletir e é a reflexão que faz a parte principal e a mais dolorosa do sofrimento, vão me dizer.

Tudo isto é verdade em certo momento[237] e, como é real que almas bem inferiores a estas sofram às vezes por reflexão e às vezes por impressão, eu digo que é também verdadeiro que aquelas deste nível não poderão sofrer de outra maneira que não seja por impressão. O que não impede as dores de serem sem limites e bem mais fortes do que aquelas que são refletidas, como a queimadura daquele a quem se lhe imprimisse o fogo seria mais forte do que a daquele que se queimasse pela irradiação do fogo.

04

Dizem: "Mas Deus as aplicará por reflexão, para fazer com que sofram mais".

Deus não as aplicará por reflexão. Ele poderá lhes mostrar, em um momento, o que elas devem sofrer, por uma visão direta e não refletida sobre elas mesmas, como os bem-aventurados veem em Deus o que está nele e o que se passa fora dele, nas criaturas e neles mesmos, sem se olhar e nem refletir sobre eles, mas permanecendo

[237] Talve, em certo sentido.

firmemente apegados, mergulhados e perdidos em Deus.

05

Isto é o que engana um grande número de espirituais que acreditam que só se pode sofrer por reflexão.

É bem o contrário. Os conhecimentos e sofrimentos desta maneira são muito pequenos em comparação com os outros.

06

Todo sofrimento que se distingue e se conhece, embora expresso em termos tão exagerados, não iguala ao destas almas que não conhecem seus sofrimentos e que não podem admitir que sofrem, por causa da grande separação das duas partes.

É verdade que elas sofrem males extremos, é verdade que elas não sofrem nada e que elas estão em um contentamento perfeito. Eu creio que, se uma alma assim fosse conduzida ao inferno, ela sofreria nele as cruéis dores deste tipo, em um contentamento completo[238]. Não um contentamento causado pela visão do beneplácito de Deus, mas um contentamento essencial, por causa da be-

[238] Cf. Santa Catarina de Gênova. *Tratado do purgatório*, pag. 222 e *Vida*, cap. 42. Edição de Colônia.

atitude do seu fundo transformado e isto é o que faz a indiferença dessas almas por qualquer estado.

Isto não impede, como eu disse, o extremo do sofrimento, como o extremo do sofrimento não impede a felicidade perfeita.

Aqueles que tiverem experimentado isto saberão compreender bem.

07

Não acontece aqui como no estado passivo do amor, onde a alma está tão cheia de suavidade ou de amor pelo sofrimento e o beneplácito de Deus. Não é tudo isto. É por uma perda da vontade de Deus, por um estado de deificação onde tudo é Deus, sem ver que isto seja assim[239].

A alma está estabelecida pelo estado em seu Bem Soberano, sem mudança. Ela está na beatitude fundamental onde nada pode atravessar essa felicidade perfeita, quando ela está em estado permanente, pois muitos a tem passageiramente, antes de tê-la em estado permanente[240].

---

[239] Cf. Sana Catarina de Gênova. *Vida*, cap. 22.
[240] Cf. Jean de Saint-Samsom. *Maxime*, Título 22.

Deus dá, primeiramente, as luzes do estado. Depois, ele dá o gosto do estado. Em seguida, ele o dá, por uma notícia confusa e indistinta. Por fim, ele dá o estado de uma maneira permanente e estabelece a alma nele para sempre.

Vão me dizer que a alma, estando estabelecida no estado, não há mais nada para ela.

É bem o contrário. Há sempre infinitamente o que se fazer, do lado de Deus e não da criatura.

Deus não diviniza subitamente, mas pouco a pouco. Depois, como eu disse, ele aumenta a capacidade da alma, que ele pode sempre deificar cada vez mais, sendo Deus um abismo inesgotável.

Quão grande é, Senhor, a multiplicidade das vossas delícias, que reservastes àqueles que vos temem e que comunicais aos que têm esperança em vós, aos olhos de todos![241]

Foi a visão deste estado que fez Davi clamar tantas vezes, depois que ele foi purificado dos seus pecados.

09

Essas almas não podem mais se admirar, nem por

[241] Salmo 30: 20.

nenhuma graça que lhes contem e nem por algum pecado que se possa cometer, conhecendo a fundo a bondade de Deus que causa uma e a maldade humana que é a fonte do outro.

Toda a terra pereceria e elas não sofreriam, se Deus não lhes imprimisse esta dor.

Elas não têm mais então ciúmes da honra de Deus, já que não se afligem mais com os pecados que são cometidos?

Não. Não é isto. É que elas têm ciúmes da glória de Deus como Deus.

10

Deus está necessariamente obrigado a amar sua glória mais do que a qualquer outra coisa e tudo o que ele faz nele e fora dele, nos outros, ele o faz com relação a ele. No entanto, ele não pode ficar aborrecido com os pecados de todo mundo e nem com a perdição de todas as pessoas, embora, para salvar a todos, ele tenha se encarnado e tomado um corpo suscetível e mortal e tenha dado sua vida.

Elas dariam assim mil vidas para salvá-los, porque Deus, que as transformou, as faz participar de suas qualidades e elas veem tudo isto como Deus e embora Deus queira verdadeiramente a salvação de todas as pessoas,

ele dá a todos as graças necessárias para a salvação, embora nem sempre eficazes, por causa das faltas delas, ele não deixa de tirar sua glória da perda delas, porque é impossível que Deus permita algo no mundo em que ele não seja necessariamente glorificado, por justiça ou por misericórdia.

Esta não é a intenção daquele que o ofende e que lhe causa uma desonra ativa. Da parte de Deus não existe desonra passiva e é preciso, necessariamente, contra a vontade daquele que o ofende, que seu pecado se volte para a glória de Deus.

11

Embora Deus, por sua natureza, não possa ser ofendido, aquele que o ofende merece punições infinitas, por causa da vontade maligna que ele tem de ofender a Bondade Infinita e de desonrá-la e se ele não o faz do lado de Deus, ele o faz sempre com sua ação e com sua vontade e esta vontade é tão maligna que, se ela pudesse retirar de Deus sua divindade, ela a tiraria.

É então esta vontade maligna da parte da pessoa que faz a ofensa e não a ação, pois, se uma pessoa, cuja vontade estivesse perdida, mergulhada e transformada em Deus, estaria reduzida, por necessidade absoluta, a

praticar as ações do pecado __ como certos tiranos fizeram a virgens mártires __ sem pecado[242]. Isto é claro.

12

Mas, para retornar, eu digo que essas almas não podem ter dor pelo pecado, porque, embora elas o odeiem infinitamente, elas não sofrem mais alteração, vendo como Deus vê e, embora, se fosse preciso, dar sua vida para impedir um só, se Deus o quisesse, elas a dariam.

Isto acontece sem ações, sem desejos, sem inclinações, sem escolhas, sem pressa da parte delas, mas em uma morte perfeita, só vendo as coisas como Deus as vê e só as julgando como Deus as julga.

Fim.

[242] Foram retiradas, na Ordenação do Bispo de Chartres (Extrait 42), as palavras: *como certos tiranos fizeram a virgens mártires*, que justificariam a proposição que ele condena, como ela ainda é justificada pelo exemplo de Davi ao comer os pães consagrados e proibidos (1 Samuel 21: 1-6 e Mateus 12: 3 e 4) e de Moisés matando um egípcio (Êxodo 2: 11 e 12 e Atos 7: 24). Esse mártires eram arrastados com violência ao templo dos ídolos e treinados para se curvarem, espalharem incenso e beberem bebidas consagradas aos demônios etc.

Tratado da purificação da alma após a morte

CAPÍTULO 01

01

As almas do Purgatório são, na medida em que posso compreender, purificadas, não apenas segundo a natureza dos seus pecados, mas também segundo o grau de glória ao qual Deus as destina.

Todas as almas do Purgatório estão, no momento de suas mortes, na ordem e disposição divina, mais ou menos perfeitamente, segundo elas são mais ou menos puras, pois, se elas não estivessem na ordem e disposição divinas, elas estariam na revolta e, por consequência, na condenação.

02

Logo que a alma sai deste mundo, ela está fixada para sempre no mesmo estado em que ela morre. Esta fixação não é pela pureza, mas pelo estado de graça e de pecado e pela capacidade de receber.

Se a alma da graça, não ainda purificada, fosse fixada no momento da morte em sua impureza, ela não poderia jamais ver Deus, porque, para isto, é preciso uma pureza sem nenhuma mancha, segundo a capacidade da alma.

03

A alma, ao sair do seu corpo, precisa seguir sua destinação. Eu não creio que Deus a julgue com um julgamento particular.

Como ignoro a opinião da Igreja, eu lhe submeto o meu.

Nosso divino juiz esperará o fim do mundo para se mostrar favorável aos justos ou rigoroso com os pecadores e a Escritura que nos assegura que no terror em que ficarão então os reprovados com a visão do seu Juiz, eles clamarão: *Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro*[243] e eles temerão mais do que o Inferno mesmo a presença temível do seu Juiz, esta Escritura nos mostra bem que eles não comparecerão diante dele.

[243] Apocalipse 6: 16.

04

Quando a alma, ao sair do seu corpo, está perfeitamente *pura* e sem nenhuma mistura de propriedade, ela vai direto ao céu e seu próprio peso a leva ao lugar ao qual está destinada. Isto se faz como que bem naturalmente, pois Deus, sendo nosso centro, a alma tem uma inclinação infinita para se perder nele e ela se perde realmente quando ela está livre de todos os obstáculos que podem impedi-la disto. Ela voa para o ventre de Deus segundo o grau que lhe é preparado e a capacidade que Deus colocou nela.

Se seu amor é puríssimo, segundo a prerrogativa dominante nela, ela é colocada junto aos Serafins e então, ela passa, com um voo ousado, por todas as hierarquias inferiores. Se ela é de uma ordem inferior, ela para nela.

Há almas puras que não passam, depois de sua morte, pelo Purgatório e que, no entanto, são das últimas ordens e outras, pelo contrário, que passam pelo Purgatório e que sofrem mesmo rigorosos tormentos e que não deixam de ser mais elevadas no céu. Isto será explicado.

04

É então, constante que, a alma se encontrando sem impedimento, se perde em Deus, seu divino centro e seu

último fim, no momento de sua morte.

05

Aquelas que se encontram, ao morrer, na *malícia* da rebelião de suas vontades, estão necessitadas por um duplo peso, da fúria de Deus e de suas iniquidades, de se precipitarem no Inferno. Elas se precipitam neles com velocidade, como a um lugar que lhes é próprio e por mais terríveis que sejam os tormentos do Inferno, ainda há misericórdia, pois se a alma não encontrasse este lugar que Deus lhe destinou, a pena pelo estado violento em que ela se encontra, causada por ela ser fora da ordem e da disposição divina, lhe seria um Inferno ainda mais penoso.

É uma necessidade em Deus, para sua pureza essencial, rejeitar os pecadores, assim como, a este pecador, ser rejeitado por seu Deus. Ele é atraído pela necessidade do centro, que atrai todas as coisas para si e ele é rejeitado por Deus com uma mão infinitamente poderosa, de sorte que, ser atraído e rejeitado com uma violência infinita, lhe causa um tormento que não pode ser expresso e que se chama *pena do condenado*, pois não há a menor necessidade, para esta alma condenada, de ser atraída para seu centro, para ser por ele rejeitada.

06

O *terceiro tipo* de almas é formado por aquelas que saem desta vida na submissão à vontade de Deus, na ordem de sua graça, mas que, no entanto, precisam ser purificadas. Elas têm, como as outras, uma inclinação necessária para o lugar que lhes é destinado. Elas são atraídas, como as primeiras almas, para se perderem em seu último fim, cuja atração é infinita.

Mas o peso da impureza delas as arrasta para o lugar destinado à purificação delas. Elas se precipitarão em mil Infernos, com o conhecimento que lhes é dado de Deus, invés de comparecerem diante dele carregadas com a menor impureza.

07

Há então em Deus, para as almas, uma *dupla necessidade* que se refere a ele mesmo e não a elas e uma dupla necessidade nessas mesmas almas que se refere a Deus.

A *necessidade de Deus* por elas é amá-las, porque elas estão na graça e seu amor as atrai a ele, pois Deus, como fim último, tem em si uma necessidade de atrair. É da natureza de Deus atrair todas as coisas a ele, como

princípio e fim. Jesus Cristo Reparador não diz: *Quando eu for levantado da terra, atrairei tudo a mim*[244]?

Mas este mesmo Deus que, como princípio e último fim, tem qualidade necessariamente atrativa, que faz a felicidade dos santos e a infelicidade dos reprovados, não pode rejeitar, por sua pureza essencial, toda impureza espiritual, porque, para receber a pessoa nele, é preciso que ele lhe seja *semelhante*, sendo impossível a Deus aliar duas coisas opostas.

Esta semelhança consiste na participação nas perfeições de Deus e é aí onde jaz a perfeita pureza. As pessoas a colocarão onde elas quiserem e Deus a coloca no que eu vou dizer.

CAPÍTULO 02

01

Deus é um ente muito simples, sem nenhuma mistura. Nós somos tão mais perfeitos quanto mais lhe somos semelhantes.

É por isto que está escrito: *Sede perfeitos, assim*

[244] João 12: 32.

como vosso Pai celeste é perfeito[245]. Este *como* não pode jamais ser tomado por *na mesma medida*, mas por uma semelhança imperfeita na natureza da perfeição.

A perfeição do nosso espírito consiste então na *simplicidade*. A simplicidade e a unidade[246] tornam puro e perfeito. Quanto mais se é simples e nu, mais se é puro.

Essa simplicidade o torna um em Deus, porque ela o faz se assemelhar a Deus, que é um e simples e é impossível (supondo o que dissemos, que é uma necessidade ao Soberano Ser atrair para si todos os seres que lhe são conformes), é impossível, repito, que ele não unifique aquele que será verdadeiramente simples e puro, porque, tendo se tornado semelhante, é preciso que ele se unifique.

02

A pureza do espírito consiste então, incontestavelmente, na nudez e na simplicidade. Ora, é preciso saber que, como é impossível que Deus não unifique a si uma alma pura e simples, é igualmente impossível que essa alma seja purificada até o ponto que é preciso para ser

[245] Mateus 5: 48.
[246] Ou mesmo, a nudez.

unida a Deus, por ela mesma.

A criatura ajudada pela graça pode bem, com sua atividade, se colocar em condições de ser purificada por Deus. Mas ela não pode jamais se purificar por ela mesma ao ponto que seria preciso para ser unida a Deus. A razão disto está na natureza desta união.

03

Vimos que a pureza que nos une a Deus deve participar da natureza de Deus e nos tornar conformes a ele. Este é um ente puro e sem mistura. É preciso que nos tornemos puros e sem mistura de atividade própria. Sua simplicidade faz sua pureza. É preciso que nossa simplicidade faça nossa pureza.

Ora, essa simplicidade só pode ser adquirida pelo desnudamento. Se Deus pudesse se unir a um ser diferente de si sem torná-lo conforme a si, ele deixaria de ser puro e contrairia, com esta mistura, uma qualidade oposta à sua pureza e, por consequência, ele destruiria a ele mesmo pela contrariedade. É preciso então, necessariamente, que Deus conforme a si mesmo a alma que ele quer unir a ele.

Ora, com toda atividade própria da criatura a tornando sempre múltipla, sempre semelhante a ela mesma,

sempre mergulhada nela mesma, isto impede que ela seja perfeitamente purificada. Somente a operação de Deus pode tornar a alma conforme a ele e, por consequência, purificá-la.

04

Assim, as almas do Purgatório são puramente passivas e é o próprio Deus quem as purifica. Se elas tivessem alguma atividade para sua purificação, elas estariam em uma imperfeição atual, da qual elas são incapazes. É preciso então, por necessidade, que Deus __ ao purificá-las com sua justiça, que é como um fogo consumidor __ destrua e purifique o que não foi consumido, destruído e purificado nesta vida e, por este meio, ele as torna conformes a ele.

05

Deus purifica o que a alma tem de grosseiro, assim como o sol purifica o ar, que é o único capaz de receber puramente a luz e ser como que misturado com ela. Ele atrai para si os vapores grosseiros que espessam o ar e impedem sua inteira penetração. Mas, como as impurezas seriam sempre as mesmas se ele não as atraísse e ele não poderia jamais uni-las à sua luz se ele não as purificasse,

ele as purifica, necessariamente, ao atraí-las, pois não é menos essencial ao sol purificar atraindo, do que atrair.

Deus faz o mesmo. Ele começa por atrair a alma interiormente. Isto é o que se chamou muito bem de *atração* e se a pessoa fosse fiel desde o início, seguindo a atração de Deus, ela chegaria em pouco tempo à sua divina união. Mas ela a combate quase que toda a vida e, como ela nasceu livre, ela se serve da liberdade para resistir à atração de Deus.

Mas, supondo que ela siga essa atração, que a levará sempre a cessar toda ação própria para se deixar arrastar, purificar e elevar até Deus, a ordem que Deus mantém, para a necessidade de todo ele, é esta.

Chamamos esta necessidade de *economia de sua Sabedoria*, pois damos nomes às operações de Deus para que entendamos, embora seja certo que tudo é igualmente Deus nele e por ele. O que faz a variedade das operações é a variedade dos objetos sobre os quais elas se aplicam, pois tudo é necessidade de Deus em Deus.

06

Eu digo então que Deus, querendo honrar uma alma com sua união íntima, que é o fim para o qual ela foi criada e o fruto da redenção de Jesus Cristo, pois Deus, como

único e soberano ser, existindo por si mesmo, não podia criar seres que participassem dele sem imprimir no mais íntimo de suas substâncias um *instinto de reunião* ao seu princípio e é este instinto de reunião na essência da alma que é e será eternamente a sede da beatitude e da condenação.

Se a alma chega ao seu fim se deixando conduzir e dando toda liberdade ao seu instinto de seguir seu Criador, ela chega desde esta vida à união com Deus, mas é uma união coberta pelo véu da fé.

Se ela não segue este instinto fundamental que se manifesta desde o início da conversão e ela se deixa sufocar pelo arrastar da natureza corrompida que inspira uma inclinação contrária à da graça e se ela morre seguindo este instinto de corrupção, estando então infelizmente *condenada* e fixada pela eternidade na disposição em que ela morre, seu Inferno será o *arrastar* da natureza corrompida que terá praticado o mal e a *dor* da corrupção, sem nenhuma mistura de prazer e de ser *atraída* por uma necessidade essencial que não pode jamais deixar que ela deixe de ser.

Ela é então atraída com uma violência infinita e rejeitada da mesma forma, porque o mesmo Deus que atrai

necessariamente nos seres o que participa dele rejeita necessariamente, nestes mesmos seres, o que lhe é contrário e esta é a *pena do condenado*, que passa por tudo o que se pode imaginar.

Não a compreendemos nesta vida, porque somos arrastados pela natureza corrompida, que, pelos prazeres materiais e grosseiros, diverte e distrai os sentimentos e impede a atenção do espírito.

Não é o mesmo na outra vida, onde o espírito está livre da matéria e totalmente aplicado a um só e único objeto, doloroso ou beatífico.

Como somos compostos por corpo e espírito, somos divididos e de tal sorte sepultados nos sentimentos que este instinto de reunião e tendência a Deus permanece envolvido e como que sufocado.

07

Quando Deus converte um pecador, ele começa por desenvolver este *instinto* e, ao tirá-lo das trevas, o faz sentir à alma. Então, ela sente nela uma inclinação e uma *atração* por Deus, que lhe era desconhecido até então.

Essa atração estimula a vontade e lhe dá uma *atividade de amor* necessária, pois é preciso saber que é esta atração que move a vontade e que estimula o amor.

Quanto mais a atração se desenvolve, mais a tendência da vontade aumenta, mais o amor cresce, de sorte que é esta atração que é o pivô em volta do qual tudo gira e se verá sempre o amor seguir a atração e a vontade se sujeitar à força desta mesma atração. Este é um encadeamento necessário.

Quando, pelo contrário, o instinto de reunião a Deus é sufocado pelos atrativos da natureza corrompida, vemos que nossa vontade e nosso amor seguem nosso atrativo. Quando somos atraídos por um objeto criado, sentimos menos este instinto por Deus e vemos que nosso amor, ao se afastar do seu princípio, segue o atrativo corrompido e que a vontade o apoia. Assim, a vontade se torna rebelde e o amor se torna depravado.

Mas, quando a atração da alma ganha a vantagem, quando ela é desenvolvida das trevas do erro e da mentira pela graça de Deus, então ela segue e, ao seguir, sua atividade cresce e ela começa a ser iluminada pela luz da Verdade, a luz geral, Jesus Cristo, *luz verdadeira que ilumina toda pessoa que vem ao mundo*[247].

Por muito tempo se tem um dia turvado pelas sombras da noite, até que, de tanto se deixar pelo instinto,

[247] João 1: 9.

Jesus Cristo se eleva em nós como o sol se eleva em nosso hemisfério. Na medida em que sua luz cresce, ela dissipa, necessariamente, as trevas da noite. Da mesma forma, Jesus Cristo nos ilumina.

08

É desta forma que Jesus Cristo, a Sabedoria Eterna, é *o caminho, a verdade e a vida*[248]. Ele é *caminho*, já que, ao nos atrair como Deus, ele nos traça, como Deus e humano, o caminho para o qual ele nos atrai. Ele é *verdade* e esta verdade é a luz radiante e purificante. Ele é *vida*, porque as trevas são uma morte para a alma, que, mesmo imortal, não deixa de estar na morte, quando é privada da luz vivificante.

A Sabedoria Eterna então, sem fazer outra coisa além de atrair a alma e fazê-la segui-la, assume, com relação a ela, estas três qualidades e cumpre com relação a ela estas três funções.

09

Assim como vimos que o sol, ao atrair o vapor, o purifica na medida em que o atrai e o atrai na medida em

[248] João 14: 6.

que o purifica, acontece o mesmo com a alma. Deus a atrai então, como vimos, pela necessidade de atração que está nele. Se a alma segue esta atração, ele a purifica, pois não é menos essencial à natureza de Deus purificar ao atrair, do que lhe é essencial atrair. A alma segue e é purificada.

Essa purificação, desenvolvendo mais a atração, a aproxima mais de Deus, como vemos que o sol, ao purificar e sutilizar o vapor que ele atrai, o aproxima sempre mais dele, até que ele o tenha tornado tão puro que ele participa de sua luz e se torna um com ela. Esta é a imagem da ação da graça.

10

É preciso então seguir essa atração na medida em que ela se manifesta e a fidelidade em seguir a atração é a própria manifestação da atração. A alma sente então uma inclinação para seu Deus que ela jamais sentiu antes, com sua atração e seu amor aumentando a cada dia, pois o amor segue a atração e, com este aumento da atração e do amor, a vontade se torna mais sujeita, até que, de tanto ser atraída, purificada e simplificada, ela se perde na Fonte de toda pureza, pois a fidelidade em seguir a atração, simplifica a alma e a retira da multiplicidade dos objetos,

para reduzi-la sempre a um só e único objeto, que é Deus.

11

Com esta condução, a alma é *simplificada* no espírito e na vontade. No *espírito*, só tendo um só espírito de fé clara, pura e geral, sem multiplicidade de raciocínios. Na *vontade*, sendo despojada de todos os desejos e tendências, porque este objeto único a reúne, a retirando de uma infinidade de inclinações e de desejos múltiplos em quantidade de objetos, que, não tendo suficiente extensão e força para contentá-la, por causa da grandeza de sua capacidade, a deixam vazia. Isto é o que faz com que ela se multiplique sempre mais em desejos, sem, no entanto, jamais ficar satisfeita.

Mas quando, ao seguir o instinto que a leva ao seu último fim, ela vê que, quanto mais ela o segue, mais seus vazios se tornam cheios, é então que aquela que se achava infinitamente maior do que o que ela possuía fora de Deus, se vê muito pequena para receber o que lhe é comunicado.

Isto é o que a obriga a se retirar, imperceptivelmente, de tudo o que a dividia externamente e a se reunir sempre mais em seu objeto divino e quanto mais ela se reúne, mais ela aumenta sua capacidade. Mas, como seu

objeto é infinito, na medida em que sua capacidade cresce, ela sente que ele a ultrapassa infinitamente e, não podendo contê-lo, reduzida que ela está à unidade simples, ela se perde nele e se deixa incorporar por Aquele que ela não pode jamais conter.

12

Isto é o que é a *simplicidade da vontade*, que torna a alma semelhante a Deus, pois então, estando toda reunida neste divino objeto, ela deixa de querer outra coisa que não seja Deus.

Mas, como ele quer ele mesmo para ele mesmo, sem nenhum retorno para a criatura, é fácil ver que a alma perde, com isto, todos os desejos que lhe são próprios, para ter um só desejo, ou melhor, uma só vontade, que é a de Deus. E, como deus a atraiu para reunir em si a vontade da criatura, ele a *move* assim segundo todas as suas vontades. É então que ela *age e quer*, mas sua ação e sua vontade são de Deus.

Esta atração é vigorosa e agente, mas, como a alma conduzida à vontade de Deus está na ordem e na disposição divina e na inclinação para seu fim, isto acontece tão *tranquilamente* que parece natural.

É como a inclinação de um rio, de sorte que parece

que ela seja sem ação, embora sua *ação* seja *muito vigorosa*. É uma ação plena de quietude e uma quietude agente. Mas não com uma ação em que a alma é o princípio. Deus mesmo é seu princípio e seu fim, de sorte que, como uma roda segue o movimento do seu eixo, a alma segue o movimento de Deus.

13

A *simplicidade do espírito* consiste em que Deus, ao iluminá-lo com sua luz de verdade, o faz ultrapassar todas as luzes múltiplas da razão e ao absorvê-lo em uma luz que a ultrapassa, o faz falhar para todo o resto.

Ora, como essa luz da verdade é de uma extensão infinita e de uma pureza divina, sendo o próprio Deus, ela não tem nada que o intelecto humano possa capturar para conceber e encerrar em si mesmo. Isto faz com que o espírito, todo mergulhado nessa luz, permaneça simplíssimo e nuíssimo, mas tão puro que ele não pode ver nem compreender sua luz, embora ela não lhe deixe ignorar nada do que é necessário.

Ela não tem nada que satisfaça o espírito, embora ele fique feliz em sua nudez, porque, como essa luz excede sua capacidade própria, ela não lhe deixa distinguir nada.

O que o espírito distingue e compreende é menor do

que ele, mas, sendo o que o absorve maior, não cai sob sua compreensão e, por consequência, sob seu discernimento.

CAPÍTULO 03

01

Isto suposto, é fácil ver que, para que a alma seja unida a Deus, é preciso que ela se assemelhe a ele. Ela só pode se assemelhar a ele se for pura e simples como ele e assim, quando a alma sai deste mundo, se ela se deixou purificar pela ação de Deus e simplificar ao ponto que é preciso, como é infalível que ela tenha uma inclinação infinita que, ao separá-la do corpo, a perca em Deus, não encontrando mais obstáculos à sua reunião, ela segue infalivelmente seu instinto essencial de reunião.

Aquelas que, pelo contrário, sufocaram esta atração, para viverem no crime e na revolta, sem perder jamais a necessidade de ser atraída, serão rejeitadas, por causa de sua impureza, com uma violência inexplicável, sem que a violência da rejeição diminua a da atração, nem a violência da atração a impetuosidade da rejeição.

02

Isto é um tormento que o puro amor totalmente só pode fazer conceber e que a pessoa carnal não compreenderá jamais. Se ela não tivesse sofrimento espiritual no Inferno, isto não seria um Inferno, já que a alma tem uma capacidade de sofrer e de desfrutar que excede todas as dores materiais e todos os prazeres sensoriais.

Ora, de todas as dores que se pode sofrer, a mais violenta é aquela que penetra a substância da nossa alma e que lhe é a mais própria. A dor própria à substância da alma é aquela do seu fim e aquela da rejeição deste mesmo fim, pois esta tendência está em sua natureza e faz parte da sua existência[249]. Além disto, ela é sua própria existência. É então impossível que haja uma dor para a alma mais violenta ou mais própria para atormentá-la segundo sua natureza.

03

Embora essa dor seja a mais violenta que a alma possa sofrer, ela não é infinita, porque a alma, mesmo imortal, é, no entanto, limitada e finita por natureza, de sorte que seu instinto é limitado com relação à sua natu-

[249] Ou seja, da sua essência atual.

reza, que não pode ter um maior, embora ele seja infinito em razão do seu objeto.

A atração e a inclinação de Deus para ele mesmo são infinitas como ele e, como ele desfruta sempre dele mesmo, sua atração é seu repouso e sua beatitude.

Se fosse possível que Deus fosse, por um momento, incapaz de encontrar nele a conformação de sua atração e o desfrute dele mesmo, esse instante, pela veemência essencial dessa atração o destruiria, porque, só existindo em si e por si e não podendo encontrar sua existência em nenhum outro ser, seria preciso, necessariamente, que ele fosse destruído.

Não é o mesmo com o ser humano, que existe necessariamente em Deus. Sua divisão consigo mesmo não o impede de subsistir. Sua divisão com Deus não o impede também, enquanto essa divisão for só de vontade, é uma vontade rebelde que não impede a necessidade de existir em Deus. Isto é o que faz a infelicidade da alma condenada e de sua imortalidade.

04

Os bem-aventurados têm, além da necessidade de existir em Deus, uma vontade toda de amor, que os une a ele com um prazer e uma beatitude infinitos. Embora eles

sejam todos simples e reduzidos à pureza requerida para chegar ao céu, eles não têm todos uma pureza igual, nem uma mesma capacidade e nem uma glória semelhante.

Eles são todos puros, mas, uma é a pureza de uma ágata ou de um pequeno rubi e outra é a de um diamante perfeito. São todas pedras preciosas, mas umas excedem infinitamente o preço das outras.

Todos compõem, no entanto, a Jerusalém Celeste. Todos os seus vazios estão cheios e eles são todos infinitamente felizes, segundo suas capacidades.

Há os que cujas capacidades são de uma grande extensão, quase infinita. São vales de uma grandeza desmesurada. Outros são pequenos e, embora sejam puros e plenos, há, no entanto, uma grandíssima diferença: o amor deles é puro para todos, pois é absolutamente impossível que o menor interesse próprio entre no céu. Se ele entrasse lá, ele colocaria lá a imperfeição.

Só há uma luz no céu e esta luz é o Cordeiro. Só há lá um interesse e este interesse é o de Deus. Um só amor, o amor puro. Uma só glória, a de Deus.

Mas, este amor, esta glória, esta luz sendo Deus, eles são de uma extensão tão grande que haveria como conformar, iluminar e glorificar uma infinidade de outras

hierarquias de anjos e de santos.

05

No céu, as hierarquias são compostas por humanos e anjos. Os santos ocupam os lugares que os anjos abandonaram com sua rebelião.

Em cada hierarquia há santos mais eminentes do que outros. Os santos são colocados entre os espíritos angélicos, segundo suas prerrogativas particulares, pois, embora o amor seja atribuído aos Serafins, todas as ordens não deixam de ser cheias de amor. Mas, como os Serafins se aperfeiçoaram na pureza do amor e isto foi a prerrogativa particular deles, os santos cujos amores são mais puros, mais nus e mais desapegados são colocados entre os Serafins.

A prerrogativa particular dos Tronos é a constância e a imobilidade.

As almas destinadas nesta vida a tudo sacrificarem ao puro amor, que têm um amor puro, nu e simples, um amor acima do sensorial, são Serafins desta vida.

Não se deve tomar a pureza do amor pelo sentimento e o calor do amor, pois aquele que aparece todo inflamado de ardor está bem longe da pureza do amor.

CAPÍTULO 04

01

Para retornar às almas do Purgatório, que é o objetivo a que me propus desde o início, eu digo que, se ao saírem desta vida, elas estão carregadas de manchas de uma quantidade enorme de pecados, é preciso um estranho Purgatório para purificá-las.

A alma então, ao sair desta vida, tem nela, como vimos, o instinto de reunião ao seu princípio. Este instinto, envolvido pela relação com os sentidos, só é descoberto com dificuldade nesta vida. Mas, por ocasião da morte, ele se faz sentir com toda sua força.

A alma então, seguindo sua inclinação, iria se perder em Deus com uma impetuosidade que ultrapassa tudo o que se pode pensar, se sua impureza e o resto de pecado não a impedisse.

A essência de Deus a atrai como algo que lhe é próprio, mas a santidade de Deus e sua pureza a rejeitam como não estando em condições de ser unida a ele. É preciso então que ela permaneça em um lugar chamado Purgatório. É preciso que ela permaneça nele passivamente até que Deus a tenha purificado.

02

Enquanto vivemos na terra, Deus, ao nos atrair para ele e ao nos purificar, aumenta e dilata sempre mais a capacidade da nossa alma, tornando-a capaz de uma maior beatitude. Isto é o que se chama de um *aumento no mérito* e se pudéssemos aumentá-lo ao infinito, teríamos uma beatitude infinita.

Não é o mesmo após a morte, pois, embora a alma saída desta vida na graça de Deus tenha um lugar de purificação e ela não seja fixada em sua impureza, pois, se fosse assim, ela jamais poderia entrar no céu, ela é, no entanto, fixada quanto à sua capacidade, de sorte que, embora ela possa ser purificada de suas sujeiras, ela não pode aumentar sua capacidade. Se isto fosse diferente, ela cresceria em graça e em méritos.

03

Ela é fixada então, por sua extensão, no estado em que se encontra no momento da morte.

Por exemplo. Um vaso cresce nas mãos do poteiro e enquanto ele permanece no torno, ele cresce imperceptivelmente. Mas, depois que lhe foi dada a capacidade correspondente ao uso ao qual ele se destina, ele é colocado no forno e não há mais condições de crescer. Ele pode ser

limpo e purificado, mas não aumentado.

Da mesma forma, o Purgatório purifica as almas, mas não aumenta suas capacidades de gozo.

O pecado aumenta incessantemente a capacidade de sofrer e de ser infeliz, como a graça aumenta a de desfrutar de Deus. Mas, da mesma forma como a morte termina a detestável obra da pessoa criminosa e sua dor não aumenta em seu ponto essencial, estando uma vez condenada, da mesma forma, a pessoa morta em graça não pode crescer em capacidade de prazer essencial.

04

Há duas maneiras de conceber a capacidade da alma e a beatitude.

Quanto à *capacidade* da alma, ela é *fixada* no momento de sua morte, de sorte que mil anos no Purgatório não a aumentaria. Seu lugar está marcado no céu e ela não aumenta jamais em glória de beatitude essencial. Deus a preenche com ele mesmo, segundo sua medida e a grandeza a que ele a destina. É constante que os santos não cresçam, nem em beatitude essencial e nem em mérito, enquanto eles estão no céu, porque eles estão no fim fixo e invariável.

Isto não impede que Deus, que é *infinito*, não lhes

descubra sempre nele *novas variedade de belezas* e isto será por toda a eternidade. É por isto que Deus é, para seus santos, uma beleza antiga e nova e é neste sentido que é dito que ele é o que *os próprios anjos desejam contemplar*[250].

Ora, é certo que, se tomarmos o desejo como ele é ordinariamente, como um vazio a ser preenchido, este desejo não pode ser atribuído aos anjos, pois, se eles possuíssem um vazio que não fosse perfeitamente preenchido, eles não seriam felizes. Mas eles são, todavia, bem-aventurados e todos os seus vazios estão preenchidos.

Mas este desejo é um apetite sem fome do que se possui e que descobre incessantemente novas belezas no objeto possuído.

05

Isto é causado pela pequenez da criatura e pela imensidão divina.

Uma pessoa possui um tesouro infinito ou um objeto com o qual ela está perfeitamente contente. Mas, embora ela possua tudo ao mesmo tempo em que a este tesouro, todavia, este objeto, excedendo a capacidade da

[250] 1 Pedro 1: 12.

visão, embora ele tenha se deixado ver na totalidade dele mesmo, ele não deixa de manifestar a cada dia, com um prazer infinito, mil encantos que não se observaria, porque a totalidade do objeto excede o alcance daquele que o possui.

Nas mesmas aparências, mil atrações são descobertas, de maneira que, sem crescer em beatitude essencial, a alma descobre, em sua felicidade, mil prazeres e os descobrirá eternamente, por causa da infinidade do seu objeto.

06

Eu digo então que a alma no Purgatório pode ser purificada, mas sua capacidade beatífica não pode aumentar após a morte. Isto serve de prova ao que adiantei no início, que haveria santos inferiores em graça a outros santos, que, no entanto, jamais estiveram no Purgatório e santos eminentíssimos que passaram por lá.

A razão é tomada do lado de Deus e da eminência de sua graça. Do lado de Deus, que escolhe para estar mais próximo dele os sujeitos mais puros e extensos e esta pureza é tão eminente que a menor mácula é purificada de

uma maneira fortíssima, pois, quanto mais eles receberam, mais lhes é pedido[251].

Todos os cristais são puros, mas aqueles que são destinados às mais belas obras, como são polidos e com que cuidado são examinados! Acontece o mesmo com os santos.

Além disto, há santos que morrem em um instante onde serão depurados segundo suas capacidades, embora pequena e limitada, como uma criança ao sair do batismo e outros, embora de uma graça eminentíssima, não são purificados ao ponto que é preciso para se aproximarem de Deus. É por isto que eles precisam do Purgatório e, ao saírem deste lugar de sofrimento, eles ultrapassam muitos anjos e santos.

CAPÍTULO 05

01

O fogo que arde no Purgatório não é outro além do próprio Deus, que com sua divina justiça purifica a alma. Essa operação é semelhante àquela do fogo, que arde pu-

[251] Cf. Lucas 12: 48. *A quem muito se deu, muito se exigirá. Quanto mais se confiar a alguém, dele mais se há de exigir*.

rificando.

A justiça então, aplicada sobre a alma, a faz sofrer uma dor inconcebível. Não que a justiça tenha algo de rigoroso, pois esta mesma justiça, com sua admirável operação, beatifica uns e faz outros sofrerem.

O sofrimento nesta vida e na outra não vem dela. É verdade que ela clama por toda parte: “Quem é como Deus?” e sua atividade é infinita para remover todos os obstáculos que impedem o Reino de Deus em nós. A oposição que resta na criatura é então o que faz o sofrimento com o fogo divino que penetra toda alma e a purifica ao penetrá-la.

É então a contrariedade que faz a dor. Estando a alma livre dos impedimentos que retardariam sua reunião, ela não sofreria no Purgatório e nem mesmo no Inferno, com a causa do sofrimento sendo retirada, esta mesma justiça, tão cruel na aparência, lhe seria uma beatitude.

02

Há dois tipos principais de dores no Purgatório, como há no Inferno. Uma vem, como já foi dito, da atração de Deus e da rejeição deste mesmo Deus. A outra é causada pela aplicação dolorosa da divina justiça, já que

seu fogo só é alimentado pela nossa impureza e perde sua atividade dolorosa e penetrante assim que a alma perde a impureza.

Há uma diferença entre o Purgatório e o Inferno. Sendo a alma do Purgatório atraída por Deus para se perder nele, embora ela seja rejeitada, por causa de sua impureza, ela sente bem em seu mais íntimo o instinto beatífico que a assegura que a impureza, que provoca sua rejeição, será destruída, que ela está destinada a seguir esta atração e a se perder em Deus.

Não é que não haja almas que Deus mantenha em uma extrema ignorância delas mesmas nessas chamas e como que toda reflexão seja proibida a essas almas. Elas só sabem que, segundo a manifestação que lhes é feita, há coisas conhecidas por Deus somente. Elas não têm nenhuma visão do seu estado. Elas não descobrem o instinto beatífico. Elas ignoram o lugar em que habitam. A vontade delas está submetida e elas não têm revolta e nem desespero e tudo está oculto para elas.

03

A divina justiça é aplicada, na verdade, sobre as almas do Purgatório, como um fogo devorador e isto as faz sofrerem tormentos inconcebíveis. Mas, como elas estão

na ordem e na disposição divinas, elas estão com uma união tão grande de suas vontades com a de Deus, que a paz delas é perfeita, no meio das maiores dores.

Elas estão contentíssimas que Deus se vingue das resistências que elas lhe opuseram e obrigadíssimas a esta divina justiça que as purifica, enquanto que as almas condenadas, sentindo a atração e sendo rejeitadas com impetuosidade, sentem nelas o instinto maligno da condenação, compreendendo, com um desespero cheio de raiva e fúria, que elas nunca verão Deus, o único que pode torná-las felizes, que elas jamais deixarão de tender para ele e serem rejeitadas por ele.

A revolta da vontade delas e o ódio de Deus aumenta o desespero delas. Este é um duplo desespero: não poder jamais possuir Deus e não deixar de tender para ele.

04

A justiça praticada sobre as almas do Purgatório é uma justiça de amor. Mas de um amor rigoroso e que só é rigoroso porque é puro.

A justiça praticada sobre os condenados é uma justiça de ira e de fúria que, sendo rejeitada por uma vontade rebelde que não pode jamais concordar e nem amar seu castigo, porque não pode deixar de odiar Deus, causa

uma raiva e uma perturbação pavorosa, tão grande quanto os condenados estão fora da ordem e da disposição divinas e do fim para o qual eles foram criados.

Se a alma condenada pudesse aceitar sua condenação, através da resignação, ela deixaria de ser condenada e se tornaria bem-aventurada, praticando um ato de amor perfeitíssimo.

05

A alma do Purgatório é incapaz de ter uma vontade diferente da de Deus. Se não fosse assim, ela estaria em um pecado atual, o que é contrário ao seu estado.

Ela é colocada, ao sair desta vida, na verdade de Deus e do que ela é, de sorte que, se ela pudesse entrar no Céu sem ser purificada, isto lhe seria um tormento incomparavelmente maior do que o da purificação. Ela vê, com uma aceitação inconcebível, a justiça de Deus aplicada para purificá-la.

Esta complacência não é causada por algum retorno do interesse próprio, mas somente pelo interesse de Deus, pois é preciso ter cuidado para não confundir, nas almas do Purgatório, um desejo imperfeito por sua libertação com o instinto ou tendência necessária para seu último fim.

É também impossível que as almas do Purgatório, por este instinto beatífico e de reunião ao seu fim, não tendam a Deus com uma violência e uma impetuosidade inconcebíveis, que eu vejo como a mais violenta dor do Purgatório e que é impossível que elas possam ter um desejo interessado de serem aliviadas e de desfrutarem da glória.

Esses sentimentos interessados e de amor-próprio são incompatíveis com a luz da verdade, uma luz correta que só deixa ver Deus por ele mesmo e que esconde todo o resto.

Se a alma do Purgatório, por um retorno do amor-próprio sobre ela mesma pudesse pensar: "Eu sairei deste lugar logo. Eu estou aqui por minhas faltas, que eu gostaria de não ter cometido. Eu gostaria que fossem oferecidos sacrifícios para abreviar minhas penas", ela estaria em uma imperfeição atual da qual ela é absolutamente incapaz.

Ela está então mergulhada na divina vontade, de sorte que não tem mais visão sobre ela mesma, mas permanece contente e satisfeita que Deus faça dela o que ele bem quiser. Ela permanece pacífica nos tormentos inexplicáveis, sem pensar nela, por pouco que seja. Sua paz

vem da união com a vontade de Deus, que ordena os tormentos.

CAPÍTULO 06

01

Poderão me fazer duas objeções. Uma é que, se essas almas estão dispostas como eu digo, elas não sofrem com o desejo de ver Deus, estando plenamente contentes com a vontade de Deus. A outra é que os sufrágios da Igreja lhes são inúteis.

Eu respondo que, se tomarmos o *desejo* como uma impaciência por ser libertado da dor e ser beatificado, que só vislumbram o interesse da criatura, essas almas são incapazes de formá-lo. Isto seria mesmo uma falta grosseiríssima. O puro amor e a perda em Deus não admitem nenhum destes desejos e nem mesmo o pensamento deles.

Mas, se tomarmos o *desejo* pelo *instinto* de reunião ao seu objeto beatífico, este instinto é tão violento, tão essencial à alma que ela deixaria logo de existir assim que o tivesse.

Este instinto não é um desejo, já que o desejo per-

tence propriamente à vontade e a alma, mergulhada na vontade de Deus, não podendo ter uma vontade diferente da dele, não pode, por consequência, desejar. Mas este instinto está na essência da alma. Ele é da sua natureza. É impossível que sua violência só cesse com a reunião ao Bem Soberano, de sorte que é verdade que essas almas sofrem mais do que se pode pensar, que elas tendem necessariamente e que, no entanto, elas não desejam.

02

Os sufrágios da Igreja lhes são salutaríssimos, porque há um tempo marcado para a expiação de cada falta e este tempo é abreviado pelos sufrágios.

É preciso que o fogo da divina justiça purifique a alma sem misericórdia, em toda a extensão dos desígnios de Deus sobre ela, no que os sufrágios são utilíssimos. É que, como as almas do Purgatório não podem adquirir méritos e nem se aplicar o sangue de Jesus Cristo, os sufrágios da Igreja lhes aplicam este sangue que as lavam de suas máculas.

Mas para a purificação da propriedade, nada é capaz de fazer a divina justiça deixar o sujeito sobre o qual ela aplica seu fogo, a menos que o tenha perfeitamente purificado.

Vem-me à mente a comparação com o fogo do espírito do vinho. Ele arde tanto quanto o espírito arde. O fogo se apaga logo que ele não tem mais o espírito.

O fogo da justiça aplicado à alma, da maneira como eu disse, só a deixa quando sua impureza a deixa e no instante em que ela se perde em Deus.

03

Como é preciso um fogo mais veemente quando se quer depurar mais, da mesma forma, quanto mais as almas são destinadas a uma glória eminente, mais seu Purgatório é violento. Haverá, entre os Serafins, santos que arderam nas chamas da justiça divina.

Felizes aqueles que se deixam purificar, nesta vida, pelo fogo devorador da justiça de Deus!

As almas são todas passivas quando são depuradas pela justiça divina. Elas também devem ser assim nesta vida, quando são bem felizes por serem purificadas por ela.

Sendo os pecados do espírito aqueles que são os mais opostos a Deus, eles são também aqueles cuja purificação é mais difícil. A *propriedade* não pode ser resgatada; é preciso que ela seja destruída.

Há pessoas de uma vida que parece santa aos olhos

das pessoas, mas que têm mais propriedade que grandes pecadores. Isto é o que faz com que tenham um Purgatório mais violento e muito mais longo, porque os sufrágios são aplicados aos pecadores e não a elas.

A quem muito se deu, muito se exigirá. Quanto mais se confiar a alguém, dele mais se há de exigir[252].

04

É necessário, por causa da pureza de Deus e da fraqueza da criatura, que haja um Purgatório. Se ele não existisse, como nada de impuro entra em Deus, o que se tornariam tantas almas de boa vontade e tanta gente que gemeu sob o peso de uma virtude proprietária? E outros que, só tendo se convertido no momento da morte, saem desta vida fumegando de pecados? Os pecados não existem mais, mas a fogueira ainda está totalmente preta.

É preciso que o que é impuro seja purificado antes que entre em Deus[253].

A pessoa reconciliada pela graça não é uma pessoa perfeita. Ela morre coberta de impurezas, sem poder se aliviar. Se Deus, com uma misericórdia infinita, não ti-

[252] Lucas 12: 48.
[253] Cf. Hebreus 12: 14. *Procurai santidade, sem a qual, ninguém pode ver o Senhor*.

vesse estabelecido este lugar, o que seriam de todas essas almas?

Aqueles que são chamados ao puro amor e que não correspondem a ele, conservando seus próprios interesses que dissimulam a eles mesmos, serão punidos!

Ó como eles merecem sê-lo! Pois, tendo conhecido a Verdade, eles não a seguiram!

Felizes aqueles que seguem seu instinto de reunião, se deixando conduzir a Deus, mesmo desde esta vida! Estes dão a Deus uma glória digna dele.

Ó sacrifício de todo si mesmo! Como você é purificador!

Ó santidade de Deus! O que você não merece?

Ó pecados do espírito! Como vocês são horríveis! Se fosse possível vê-los pela luz da Verdade, ó como se ficaria espantado!

Sigamos este instinto de Deus que nos separará pouco a pouco de nós mesmos, para nos perdermos em Deus.

Fim.

Breviário do caminho e da união da alma com Deus

PRIMEIRA PARTE

O caminho para Deus

CAPÍTULO 01

01

O primeiro estágio é o retorno a Deus, onde a alma verdadeiramente convertida subsiste por meio da graça.

CAPÍTULO 02

01

Depois, é dado a ela um *toque eficaz* na *vontade* que a convida ao recolhimento e lhe ensina que Deus está dentro dela, que este é o lugar onde se deve buscá-lo, que ele está presente ao seu coração e que é neste lugar que se

deve desfrutá-lo.

Esta descoberta é, no início, de um grande prazer à alma, ou, se preferirem, um penhor de uma felicidade futura, que, só estando no início, não deixa de mostrar à alma a rota que ela deve manter, que é a do interior.

Esta descoberta é tão vantajosa que ela é a fonte de toda a felicidade da alma e o fundamento sólido de todo o interior, já que as almas que só tendem para Deus pelo pensamento, embora elas contemplem, mesmo com o olhar do espírito, não chegarão jamais à união íntima, se elas não deixam sua estrada para entrar naquela do toque interior, onde toda operação acontece na vontade.

As pessoas que são conduzidas por este caminho são aquelas que experimentam a *ciência saborosa*, embora conduzidas por um abandono cego. Elas não seguem jamais pelas luzes do espírito, como as primeiras, que recebem luzes distintas para sua condução e que veem as rotas por onde são conduzidas, não caminhando jamais pelas rotas impenetráveis da vontade oculta, o que só é para as últimas.

As primeiras caminham segundo os *testemunhos* que suas luzes lhes dão, ajudadas por suas razões e elas fazem bem. Mas as segundas, destinadas a seguir cega-

mente uma condução desconhecida, que lhes parece totalmente natural, embora pareçam tatear, seguem, no entanto mais seguramente do que as primeiras, que podem se enganar com as luzes de seus espíritos e nisto, as segundas são conduzidas por uma vontade soberana que as conduz como bem quer.

Além disto, todas as operações mais imediatas acontecem no *centro da alma*, que não é outra coisa além das três forças reduzidas à unidade da vontade, onde todas são absorvidas, seguindo imperceptivelmente essa rota que o *toque* de que falamos lhes mostrou.

02

Estas últimas pessoas são aquelas que seguem o *caminho da fé e do abandono total*. Elas só têm gosto e liberdade para isto. Tudo o que não é isto, as perturba e embaraça. Elas são conduzidas por uma maior secura do que as primeiras, pois, como elas não têm nada no espírito que as fixe, o espírito delas está frequentemente divagando e não têm nada que as possa deter e como há dois tipos de almas, daquelas que são conduzidas pela vontade ___ umas mais afetivas e outras mais secas ___ as mais afetivas têm mais gosto e menos solidez e devem por fim à natureza muito apressada, deixando cair as saliências

que parecem todas ardentes de amor. As outras estão em um estado mais duro e mais insensível e o estado delas parece totalmente natural. No entanto, elas têm, no fundo da vontade, algo de delicado que lhes serve de alimento que é como a essência do que as outras têm no espírito e no ardor da vontade.

No entanto, como este suporte é muito delicado, ele é muitas vezes imperceptível e a menor coisa o cobre. Isto é o que causa muito sofrimento, sobretudo nos tempos de provações e de tentações, porque, como o gosto e o apoio é delicado e oculto, a vontade é também muito delicada e oculta, de maneira que essas pessoas não possuem fortes vontades. O estado delas é mais indiferente, mais insensível e o caminho delas mais unido.

Embora isto seja assim, elas têm muitas vezes tanto ou mais sofrimento do que as primeiras, pois nada acontecendo nelas por impulso, tudo é operado naturalmente e esta vontade totalmente fraca, insensível e oculta não consegue fazer frente aos inimigos.

No entanto, a fidelidade destas últimas ultrapassa frequentemente a das outras. A diferença entre São Pedro e São Paulo é memorável. Um demonstra um zelo extraordinário, mais cai, no entanto, diante da voz de uma ser-

va. O outro, sem demonstrar nada no exterior, permanece fiel até o fim.

Mas, você me questionará, se esta alma não tem um impulso violento e caminha às cegas, ela faz a vontade de Deus?

Ela a faz mais verdadeiramente, embora não tenha nenhuma certeza distinta. A vontade de Deus permanece gravada no fundo dessa alma com caracteres inapagáveis, de sorte que ela faz por um abandono frio, lânguido, mas firme e inviolável, o que as outras fazem pelo impulso de um gosto muito marcado.

03

A alma, por meio desse toque, vai de grau em grau pela fé saborosa mais ou menos perceptível, onde ela experimenta alternativas contínuas de secura e de gosto da presença de Deus, achando sempre que o gosto, ao se aprofundar, se torna menos percebido e que assim é mais delicado e íntimo.

Ela sente também que, sem nenhuma luz distinta e toda cheia de secura, ela não deixa de ser iluminada, pois este estado é luminoso por ele mesmo, embora seja tão obscuro com relação à alma que o possui e isto é tão verdadeiro que ela se vê mais instruída sobre a verdade. Eu

quero dizer a verdade que está impressa no fundo dela mesma, que faz com que tudo ceda à vontade de Deus.

Essa divina vontade se lhe torna mais familiar e penetra mil coisas com um gosto insípido que a luz da razão e da ciência não pode lhe mostrar. Ela é, imperceptivelmente e pouco a pouco, sem saber como isto acontece, treinada para os estados que devem se seguir.

As provações deste estado são alternâncias de secura e de facilidade. A secura purifica o apego ou mesmo a tendência e o gosto natural que se tem pelo desfrute de Deus, de sorte que todo este estágio é composto de alternâncias de gosto, secura e de facilidade, sem que seja feita menção a tentações, a não ser muito passageiras ou certas faltas, pois, em todos os estados, desde o início, quando se está na secura se cai mais facilmente nas faltas naturais do que no tempo do prazer interior, quando a unção da graça previne de mil males.

Em todos os estados precedentes e até aqui, a alma combate seus maus hábitos, trata com esforço de vencê-los e se serve, para isto, de todo tipo de penitência. No início, quando Deus a atrai para dentro, ele a volta de tal maneira contra ela mesma que ela só pode se privar de todos os bens, de todos os prazeres mais inocentes e se

propiciar todo tipo de males. Há aquelas a quem Deus não dá nenhum descanso até que elas tenham destruído em suas naturezas, ou seja, nos sentidos exteriores, os apetites ou as repugnâncias.

04

A destruição dos apetites ou repugnâncias dos sentidos exteriores pertence ao segundo estágio, que eu chamei de *toque eficaz na vontade* e é neste estágio, sobretudo quando a atração é vigorosa e a unção muito saborosa, que se praticam as maiores e mais fortes virtudes, pois não há invenção que Deus não faça essa pessoa encontrar para se vencer e se superar em todas as coisas, de sorte que, com esta prática contínua, acompanhada da unção da graça de que falamos, o espírito assume o controle da natureza e a parte inferior se vê sujeitada sem resistência e sem mais dor também, a não ser que haja mais sentimentos exteriores.

As pessoas pouco esclarecidas tomam isto pela morte. É mesmo a morte dos sentidos, mas está longe de ser a do espírito.

CAPÍTULO 03

01

Quando se desfrutou por algum tempo o repouso de uma vitória obtida com tanto sofrimento e se acredita estar livre para sempre de um inimigo que, com toda violência, foi destruído, entra-se no terceiro estágio, que é uma sequência deste, que é sempre fé saborosa, mais ou menos segundo o estado da pessoa.

Entra-se em uma alternância de secura e de facilidade, como eu disse. Nesta secura, a alma experimenta certas fraquezas exteriores, certos defeitos naturais, todavia leves, que surpreendem e ela sente, ao mesmo tempo, que essa força que lhe havia sido dada para combater se enfraquece.

Isto vem de que a força interior ativa se perde, pois, embora no segundo estágio a alma se imagine estar em silêncio diante de Deus, ela não está de forma alguma. Ela está mesmo em silêncio de toda palavra, seja do coração, seja da boca, mas ela está toda em operação tendendo para Deus e exalando amor, de sorte que, tendo o que há de mais forte na atividade amorosa, que é a operação desse mesmo amor para com seu divino objeto, ela se projetava, por assim dizer, continuamente para seu objeto, de

sorte que sua atividade amorosa está ligada a uma paz saborosa e quase que contínua e, como toda força do combate contra nossa natureza vem da força da atividade amorosa, é nessa época que se praticam as mais fortes virtudes e que se praticam as mais fortes mortificações.

Mas, na medida em que a atividade amorosa se perde e se extingue pela passividade amorosa, a força ativa para o combate se perde e, na medida em que este estágio avança e a alma se torna mais passiva, ela se torna mais impotente para combater.

Quanto mais Deus se torna forte em nós, mas somos fracos. Há almas que sentem como fortes provações essa impotente para o combate. Elas não veem que todo nosso trabalho, ajudado e socorrido pela graça, só pode ir ao combate e vencer os sentidos exteriores depois que Deus se apoderou pouco a pouco das nossas profundezas e se tornou ele mesmo nosso purificador e, assim como ele quis todo nosso cuidado enquanto nos deixou na atividade amorosa, ele quer também toda nossa fidelidade para deixá-lo agir, quando ele começa a se tornar o senhor, para a sujeição da carne ao espírito.

É preciso observar que toda nossa perfeição exterior deve depender do interior e só deve seguir a do interior,

de sorte que, quando estamos em uma oração ativa, embora simples, estamos ativamente voltados contra nós mesmos, embora simplesmente.

02

Se o segundo estágio destrói os sentidos exteriores, o terceiro é para destruir os sentidos interiores e isto é o que se faz com a *passividade saborosa*. Mas, como então o trabalho de Deus é interno, ele parece abandonar o exterior. Isto é o que faz reaparecerem, embora fracamente, no entanto, os defeitos que pareciam extintos e eles só aparecem no tempo da secura.

Quanto mais o terceiro estágio se aproxima do fim, mais as securas são longas e frequentes e a fraqueza aumenta. Esta é uma purificação que serve para destruir os sentimentos interiores, assim como a atividade amorosa destruiu os sentimentos exteriores e em cada estágio há alternâncias de securas e prazeres.

A secura serve de purgatório para o prazer que deve se seguir. Esse purgatório é sempre penoso, por causa do ressecamento e do enfraquecimento.

Logo que se deixa de fazer as fortes mortificações voluntárias, por causa da impotência em que se está, as da Providência tomam o lugar dela, que são as cruzes que

Deus escolhe conforme o estágio. Essas não são cruzes escolhidas pela alma, mas a alma conduzida por Deus tem as cruzes que a Providência lhe proporciona.

CAPÍTULO 04

01

O quarto estágio é a fé nua, onde só é falado do despojamento interior e exterior, pois um segue sempre o outro.

Cada estágio tem seu início, sua progressão e seu fim.

Tudo o que foi dado e adquirido com tanto esforço é tirado pouco a pouco.

Este estágio é o mais longo e só é terminado com a morte total, no caso em que a alma se deixa destruir suficientemente para morrer inteiramente para ela mesma, pois uma infinidade de almas não passa dos primeiros estágios e aquelas que entram neste, muito poucas o consumam inteiramente.

02

Este despojamento acontece em algumas de manei-

ra violenta e, embora essas pessoas sofram uma dor mais perceptível do que as outras, elas são menos de se queixar, porque a violência da dor delas lhes é um apoio. Mas as segundas só experimentam seu despojamento como uma fraqueza e um certo desgosto pelas coisas, que parece uma covardia e uma falta de vontade de fazê-las.

É-se despojado primeiro das coisas de supererrogação e se torna incapaz de fazer o que se fazia nos estágios precedentes. Na medida em que se é despojado destas coisas, sente-se uma fraqueza geral sobre todo tipo de assuntos e que se acredita a cada dia longe de diminuir.

Essa fraqueza e essa impotência aumentam assim pouco a pouco e entra-se em um estado onde se começa a dizer: *Não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*[254].

Depois que se foi despojado das coisas exteriores e interiores que não são necessárias, é-se pouco a pouco despojado daquelas que o são e, na medida em que se é despojado externamente de tudo o que mantinha uma certa vida virtuosa que consistia em uma vida cristã, é-se despojado internamente de um certo gosto ou suporte substancial. Quanto mais esse suporte se torna delicado e

[254] Romanos 7: 15.

sutil, mas a perda se torna perceptível.

É preciso observar, no entanto, que ele não é perdido de fato, mas somente nosso conhecimento dele, não tendo nada no mundo que o possa discernir, porque ele está na alma como que sem nenhuma ação que possa lhe servir de apoio. Se isto fosse diferente, ele impediria a morte e a perda da alma. Mas ele se retira internamente e se concentra tão forte que a alma não o percebe.

03

"E por que este comportamento", você me perguntará.

Isto foi assim desde o início do caminho até o presente para fazer a alma passar da multiplicidade ao distinto sensível sem multiplicidade, do distinto sensível ao distinto insensível e depois, ao sensível distinto, que é um gosto geral bem menos perceptível do que o primeiro.

Este gosto é vigoroso no começo e introduz a alma no percebido, que é um gosto mais puro e menos forte do que o primeiro. Do percebido se passa para a fé sustentada e operante em caridade, passando deste tipo de sensível ao espiritual e do espiritual à fé nua, que, ao nos fazer morrer para todas as vidas espirituais, nos faz morrer para nós e passar para Deus, para só viver da vida de

Deus.

A economia da graça é então começar pelas coisas sensíveis, continuar pelas espirituais e, por fim, conduzir insensivelmente a alma por uma e por outra dessas coisas, seguindo a primeira atração que lhe foi comunicada, para atraí-la para seu fundo e reduzi-la à unidade.

Quanto mais esse imperceptível suporte afunda, mais ele reúne a alma e lhe tira a facilidade de se multiplicar em mil coisas que ela não pode mais operar e nem mesmo perceber, de sorte que, nua assim, ela é obrigada a deixar pouco a pouco ela mesma.

Ela é então despojada sem misericórdia, igual e ao mesmo tempo de tudo o que está fora dela e do que está dentro e, o que é pior é que ela é entregue às tentações e quanto mais ela é entregue às tentações, mais lhe é retirada a força para combater externamente essas mesmas tentações, enfraquecendo-a mais quando a fazem atacar mais fortemente e lhe tiram um suporte interior que, ao lhe servir de refúgio e de asilo seguro, lhe seria um testemunho da bondade de Deus e da sua fidelidade a ela mesma.

É como uma pessoa que persegue outra pessoa poderosa. Ele combate e se defende, se aproximando sem-

pre, no entanto, de um lugar forte para se colocar em segurança. Quanto mais ela combate, mais ela acha que se enfraquece e que as forças do seu adversário aumentam.

O que ela fará? Ela conquistará, com a maior habilidade que ela puder, a fortaleza, porque ela terá então um socorro poderoso. Mas, se ela a encontrar fechada, longe dela lhe dar socorro, ela descobre que lhe bloquearam todos os lugares que lhe serviriam de retirada. É preciso então que ela caia nas mãos desse inimigo poderoso, que ela conhece e, depois que ele a reduziu a ladros, que ela está sem defesa e que caiu em suas mãos, ser seu mais verdadeiro amigo.

Considere então que este estágio é composto de todas estas coisas: de uma privação de todo bem, de um conjunto de todo tipo de fraqueza, de uma incapacidade para se defender, de ausência de refúgio interno. Deus muitas vezes mesmo parece irritado e, com tudo isto, as tentações.

04

“Mas, se ao menos eu ainda sentisse que a vontade não está de acordo com a malignidade da natureza e a fraqueza dos sentidos...”, você me dirá também.

Se fosse assim, seríamos muito felizes. Mas isto não

pode ser, porque, na medida em que você é enfraquecido e despido de toda operação e atividade amorosa, por menor e mais delicada que ela seja, você o é, ao mesmo tempo, da vontade que nasce desse vigor amoroso, de sorte que, a vontade, desaparecendo a cada dia, desaparecendo pouco a pouco, desaparecendo assim, é certo que ela não entra em absolutamente nada do que se passa na pessoa e não entrando, ela está separada dela. Mas, como ela não se faz conhecer por nenhum sinal, ela não serve de nenhum suporte à alma, que possa assegurá-la. Pelo contrário, não encontrando mais essa vontade resistente, acredita-se que ela consente com tudo e que ela está em conluio com uma vontade animal, que é a única que aparece.

05

Você ainda terá outra dificuldade sobre o que eu disse. Com este primeiro combate da atividade amorosa, os sentidos e a natureza permanecem como que extintos e sujeitos ao espírito e isto é verdade. Mas, como este espírito proprietário se fortificou com as vitórias que a graça o fez obter, ele, por isto mesmo, se tornou mais elevado, mais fixo no que ele acredita bom e mais indomável.

Deus, que quer sujeitá-lo, se serve para isto das revelações e dos sentimentos dessa mesma natureza que

estava como que domada e, por sua revolta aparente, Deus sujeita o espírito. Mas observe que ele só se serve da natureza quando ele retirou dela a malignidade, que ele destruiu, ou melhor, separou a vontade superior do que a tornava forte e criminosa. Ele retirou o veneno dessa víbora, após o que, ele o utilizou como antídoto contra o espírito.

Quem conhecesse a economia admirável da graça e da sabedoria de Deus para conduzir a pessoa à d*esapropriação geral*, ficaria encantado com ela e, por mais insensível que ele pudesse ser, morreria de amores. O pouco que é descoberto ao meu coração o encanta frequentemente e o enleva.

06

A fidelidade deste estágio deve ser se deixar despojar em toda a extensão dos propósitos de Deus, sem sentir pena de si mesmo, sacrificando a Deus todos os interesses do tempo e da eternidade. Não se deve se reservar nada e nem reter, sob qualquer pretexto que seja, pois a menor reserva causa uma morte irreparável, impedindo a morte total.

É preciso então se deixar à plena vontade de Deus, ser batido por todos os lados pelos ventos e pelas tempes-

tades, muitas vezes submergido e mergulhado nas ondas tumultuadas.

Experimenta-se aqui uma coisa estranha. Diferente das misérias que se sofre que nos afastam de Deus, nesta, pelo contrário, ele aparece. Se nos aconteceu alguma fraqueza, é então que Deus se mostra presente, como que para demonstrar, neste momento, à alma, que ele está com ela nesta tribulação.

Eu digo *neste momento*, pois isto não pode lhe servir de segurança na sequência e é mais para certificar a direção e também para convidar a alma a se perder mais.

Estes estados não são contínuos em sua violência. Eles possuem alternâncias, que servem para recuperar o fôlego, servindo ao mesmo tempo para tornar a pena mais penosa, pois a natureza se alimenta com tudo e o ser humano que se afoga, ao não encontrar como apoio nada além de lâminas afiadas, se mantém à superfície sem levar em conta a dor que estas lhe causam.

CAPÍTULO 05

01

De tanto ser atacada assim, por todos os lados e por

tantos inimigos, sem vida e sem apoio, é preciso expirar nos braços do amor.

Quando a morte é inteira, os estados mais terríveis não causam dor. Não é pelo fim desses estados que se conhece a morte, mas pela impotência absoluta em sentir dor, de pensar em si, de cuidar de si e pela indiferença em permanecer sempre assim, sem que reste nenhum sinal de vida.

A vida está na vontade de alguma coisa ou na repugnância, mas aqui, nesta morte da alma, tudo lhe é igual. Ela permanece morta e insensível a tudo o que lhe diz respeito e, seja qual for o extremo a que Deus a reduza, nada a repugna. Tudo lhe é igual; ser anjo ou demônio, porque ela não tem mais olhos para ver a si mesma.

É então que Deus reduziu todos os seus inimigos a escabelo de seus pés e que, dominando sozinho esta alma, ele se apodera dela e a possui tanto quanto ela deixou a si mesma. Isto acontece pouco a pouco.

Após a morte, fica por muito tempo um resto de calor vivo, que se perde pouco a pouco.

Todos os estados têm sua purgação e este é inteiro um Purgatório.

Esta morte interior não é como a morte natural.

Morre-se pouco a pouco. Muitas vezes se está vivo e morto. Uma hora, um; outra hora, outro, até que a morte supera a vida.

Acontece o mesmo com o estado de ressurreição. Há uma alternância, até que a vida tenha superado a morte.

02

Não é que a nova vida não venha subitamente e aquele que estava morto se encontre vivo e não possa jamais duvidar de que estava morto e que está vivo, mas ele não está, inicialmente, estabelecido nesta vida. Trata-se mais de uma disposição viva do que uma vida estabelecida por estado.

Enquanto que a primeira vida da graça *começou pelo sensível* e sempre mergulhou no centro até que, reduzindo a alma à unidade, a fez expirar, por meios estranhos, nos braços do amor __ pois, embora todas as almas experimentem essas mortes, os meios são singulares para cada uma delas __, aqui, a nova vida que lhe é comunicada *vem do fundo*.

É como um germe de vida que sempre existiu na alma, embora ela não o distinguisse e que mostra que a vida da graça jamais a abandonou, seja o que for que tenha acontecido e que este germe de vida ficou escondido.

Ele não deixou de existir e de sobreviver na morte, sem que a morte deixasse de ser verdadeira. É como o bicho da seda, que permanece verdadeiramente morto por muito tempo, embora conserve na morte um germe de vida que o faz voltar a viver.

Essa vida então germina no centro e nasce do fundo. Depois, ela se estende e se espalha pouco a pouco sobre as forças e sobre os sentidos, lhes comunicando sua vida e sua fecundidade.

A alma que vive assim experimenta um contentamento infinito. Não nela, mas em Deus. Sobretudo quando a vida está bem avançada.

03

Mas, antes de prosseguir com os efeitos desta vida admirável, é preciso dizer que há pessoas que não experimentam essas dolorosas mortes. Elas são sentem um langor e um desfalecimento mortal que as aniquila e as faz morrer para tudo.

Embora muitas pessoas espirituais tenham chamado de morte às primeiras purificações, que são mesmo uma morte de fato com relação à vida que é comunicada, mas não se trata de uma morte total. Trata-se de uma privação de alguma das vidas, seja da natureza, seja da

graça, mas não é uma privação geral de todas as vidas.

A morte tem muitos nomes, segundo as diferentes maneiras de se expressar e de concebê-la. É um *transpassamento*, ou seja, uma separação de si mesmo para passar para Deus. É uma *perda* inteira da vontade da criatura que a faz desfalecer para ela mesma para só subsistir em Deus. Ora, como esta vontade está em tudo o que subsiste na criatura, por melhor e mais santa que ela seja, é preciso que todas essas coisas sejam, necessariamente, destruídas no que elas têm de subsistente na criatura e onde a boa vontade humana está encerrada, para que só reste a vontade de Deus.

Tudo o que é nascido da vontade da carne e da vontade humana é destruído. Só resta a vontade de Deus, que se torna o princípio da nova vida e que, ao animar pouco a pouco essa vontade destruída, toma seu lugar e a transforma em si mesma.

04

Assim que a alma morre misticamente, como eu disse, ela geralmente é separada de tudo o que pode lhe ser um obstáculo para a perfeita união a Deus. Mas ela não é, no entanto, recebida em Deus e é isto que lhe causa a mais forte dor.

Você me dirá, diante do que acabo de dizer, que a alma, quando está inteiramente morta, não sofre mais. Eu me explico.

Ela está morta logo que ela se separa dela mesma, mas a morte __ ou transpassamento místico __ só está consumada quando a alma passou para Deus. Até esse momento, ela sofre uma dor grandíssima, mas uma dor geral e indistinta, que vem unicamente do fato de que ela não está estabelecida no lugar que lhe é próprio.

05

A dor que precede a morte é causada pela repugnância pelos meios de morrer e esta repugnância se revela todas as vezes em que esses meios se revelam ou que eles se tornam mais fortes. Mas, na medida em que se morre, isto se torna mais imperceptível e parece que se endureceu com os golpes, até que, por fim, se morre realmente com uma inteira privação de toda a vida, com Deus a perseguindo sem misericórdia em todos os lugares onde ela se esconde, pois ela tem tanta maldade que, na medida em que ela é cercada de mais perto, ela se fortifica nos lugares que ela escolheu como refúgio e se serve de tudo o que há de mais razoável e de mais santo para se fazer viver. Mas, sendo perseguida por toda parte e em

todos os lugares, em algumas almas __ ó como elas são raras! __ ela é forçada a abandoná-los absolutamente.

06

Só restam então dores para os meios de que se serve para retirar a vida e que são *totalmente contrários* ao que a faz sobreviver. Quanto mais o que a cobre é racional, mais o meio que é utilizado para fazê-la morrer é irracional. Quanto mais ele é santo na aparência, mais o meio de morte é o oposto.

07

Mas, após a morte, que é também o que faz com que a alma saia dela mesma, ou seja, com que ela perca toda propriedade, seja ela qual for, pois só se conhece o que se possui com sua perda. Tal como quem acredita não ter nada está geralmente muito enganado, pois tem mil coisas que não conhece.

Então, continuando, tendo a morte chegado assim, a alma está bem fora dela mesma, mas ela não é, inicialmente, recebida em Deus. Resta-lhe ainda algo, um resto de humanidade, uma forma e isto se perde. É uma ferrugem que é destruída com uma dor geral, indistinta, que não visa nenhum dos meios de morte, já que estão todos

ultrapassados e terminados. Mas é uma falta de confiança, pois, tendo sido afastada de si, ainda não foi recebida no Ser Original.

A alma, saindo dela mesma, perde toda posse de si, sem o que, ela não seria jamais recebida em seu Ser Original, mas ela não está, por causa disto, inteiramente na posse de Deus. Isto é o que só acontece pouco a pouco e por meio da nova vida, que é totalmente divina.

CAPÍTULO 06

01

Logo que a alma está morta, ela está morta, na verdade, no beijo do Senhor. É por isto que ela está verdadeiramente unida a ele e unida sem meio, já que, ao perder tudo e mesmo as melhores coisas, ela perdeu, por consequência, os meios e os intermediários que subsistiam nessas melhores coisas e essas boas coisas eram, elas mesmas, intermediários.

Ela está então, desde este momento, unida a Deus imediatamente, mas ela só conhece e só usufrui dos frutos de sua união quando ele a anima e se torna seu princípio vital. É como uma esposa desmaiada nos braços do

seu esposo. Ela está bem unida a ele, mas não desfruta do prazer dessa união e porque ela até mesmo a ignora, geralmente. Quando, após tê-la considerado por algum tempo desmaiada pelo excesso do seu amor, ele a faz despertar com seus doces carinhos, então ela sabe que possui aquele que ela ama e que ela é possuída por ele.

SEGUNDA PARTE

A união com Deus.

CAPÍTULO 01

01

A alma, assim possuída por Deus, sente que ele é tanto o senhor dela que ela só pode fazer o que lhe agrada e como lhe agrada e isto se torna sempre cada vez mais assim. Sua impotência não lhe é mais penosa e sim agradável, porque ela está totalmente plena de vida e do poder da vontade divina.

A alma morta está então unida, mas ela só desfruta do fruto de sua união no momento da *ressurreição*,

quando Deus, fazendo-a passar para ele, lhe dá penhores e seguranças reais da consumação do matrimônio divino de Deus com ela, do qual ela não pode duvidar, porque essa união imediata é algo de tão espiritual, de tão delicado, de tão divino, de tão íntimo que é igualmente impossível que a alma possa imaginá-lo ou duvidar dele, pois é de se observar que toda a via que acabamos de falar está infinitamente longe de qualquer imaginação e mesmo essas almas não são de forma alguma imaginativas, não possuindo nada na cabeça e tudo se passando internamente, estando perfeitamente livres de fantasias e espécies.

Em todo tempo da vida da fé, as almas não têm nada de distinto e esta distinção é inteiramente oposta à fé, de sorte que elas não podem mesmo desfrutar do distinto, tendo certa generalidade que faz o fundamento de toda coisa e pela qual tudo lhes é dado. Mas não é assim quando a vida está eminentemente em Deus, pois, embora elas não tenham nada de distinto para elas mesmas, elas têm para os outros e as luzes para os outros são, na mesma medida, mais seguras, embora nem sempre desfrutadas por aqueles aos quais se diz que elas são mais imediatas e como que naturais.

02

Na medida em que Deus ressuscita uma alma (ou seja, que ele a recebe nele) e que esse germe vivo (que não é nada além do que a Vida e o Espírito do Verbo) vem a aparecer e a se manifestar, esta é a *revelação* de Jesus Cristo[255], que vive em nós pela perda da vida de Adão subsistente na propriedade.

Ela é então recebida em Deus e depois de ser recebida lá, ela é pouco a pouco mudada e transformada nele, como o alimento é transformado naquele que o ingere. O que não impede que o ser da criatura subsista sempre, como foi explicado em outro lugar[256].

Logo que a transformação começa, ela passa a se chamar *aniquilamento*, porque, na medida em que se muda de forma, aniquila-se a própria para assumir aquela de quem nos transforma em si mesmo e isto acontece a vida toda, pois a alma é transformada cada vez mais em Deus.

---

[255] Cf. Gálatas 1: 15 e 16. *Quando aprouve àquele que me reservou desde o ventre de minha mãe e me chamou pela sua graça para revelar seu Filho em minha pessoa.*

[256] Cf. *As torrentes espirituais*, cap. 08, § 02: *Ela cai de abismo em abismo, de precipício em precipício, até que, por fim, ela cai no abismo do mar, onde, perdendo toda figura, ela não se encontra nunca mais, tendo se tornado o próprio mar* e João de Saint-Samson. *Máximas Espirituais*, cap. 21, § 23: *Na mais alta contemplação, a alma é divinamente transformada em Deus, acima de toda razão e apreensão, com nosso ser permanecendo sempre, pois acreditar o contrário seria algo estranho e totalmente absurdo.*

Quanto mais Deus a transforma nele, mais ela participa de suas qualidades divinas e é isto o que Deus faz, ao torná-la, nele, imutável, insensível etc. Mas também ele a torna fecunda nele mesmo e não fora dele.

03

Esta fecundidade se estende sobre certas almas a quem Deus se dá e se une e ele lhes comunica seu amor pleno de caridade, pois o amor dessas almas divinizadas, para as pessoas que lhes são dadas, embora afastado dos sentimentos naturais, é infinitamente mais forte do que as amizades dos pais e das mães para com seus filhos e embora esse amor pareça cuidadoso, ele não o é, com relação àquele que o experimenta, que só segue o impulso que lhe dão.

Para compreender isto, é preciso saber que Deus não privou os sentidos e as forças de suas vidas, para deixá-los neste estado. A privação deles seria uma morte e embora a vida estivesse no fundo da alma, as forças e os sentidos permaneceriam na morte se essa vida não lhes fosse comunicada.

Esta vida cresce pouco a pouco e se estende pelas forças e os sentidos, dilatando-os na medida em que ela se comunica a eles, de sorte que essas forças e esses sen-

tidos, que até então tinham sido estéreis e infecundos, se tornam ativos, mas com uma atividade divina, segundo Deus os anima e os dispõe segundo seus desígnios, de sorte que, as pessoas que estão no estado moribundo ou na morte, não devem olhar a ação dessas almas para julgá-las, pois elas jamais seriam colocadas na atividade divina se elas não tivessem passado pela mais estranha morte.

Em todo o tempo da fé, a alma fica sem movimento para qualquer coisa, mas, depois que Deus colocou a alma nessa atividade divina, sua atividade é de uma extensão enorme. Mas, embora isto seja assim, ela mesma não pode se dar movimento.

CAPÍTULO 02

01

Não falaremos de estágios aqui, não havendo outro que não seja a *glória*. Sendo todos os meios ultrapassados, só há uma mais longa extensão de vida e uma *vida mais abundante*[257], pois, na medida em que Deus transforma mais a alma em si mesmo, sua vida lhe é comuni-

[257] Cf. João 10: 10. *Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância.*

cada mais abundantemente.

O amor de Deus pela criatura é incompreensível e seus cuidados inexplicáveis. Há almas que ele impulsiona sem descanso. Ele se antecipa a elas e fica sentado à porta delas. Suas delícias são estar com essas almas e lhes dar provas do seu amor. Ele imprime mesmo esse amor todo casto e todo puro em todas as coisas e é todo cheio de ternura.

São Paulo e São João Evangelista foram aqueles que mais participaram desse amor de ternura maternal. É preciso, para ter as qualidades de que falo, que elas sejam dadas neste estado que acabo de descrever, sem o que, isto seria pura natureza.

02

A oração do estado da fé é um *silêncio* absoluto de todas as forças da alma e uma cessação de operação, por mais delicada que ela seja, sobretudo no fim, de sorte que, então, a alma, não percebendo mais a oração e não podendo mais ter um tempo controlado, porque ela foi despojada disto, ela acredita ter absolutamente perdido todo tipo de oração.

Mas, quando a vida lhe é devolvida, a oração lhe é devolvida, até mesmo com uma maravilhosa facilidade e,

na medida em que Deus se apodera das forças e dos sentidos, sua oração é tornada doce, suave, espiritualíssima. Mas é uma oração em Deus, que a tira sempre mais dela. Enquanto que a primeira a mergulhava nela para desfrutar de Deus, esta a tira dela para perdê-la e transformá-la sempre mais em Deus.

Esta diferença é notabilíssima e só pode ser feita pela experiência. Embora a alma, no estado de morte, esteja em silêncio, é um silêncio estéril, acompanhado de uma furiosa divagação que não deixa nenhuma marca de silêncio e uma impotência em poder falar de Deus e com Deus, tanto com o coração quanto com a boca.

Mas depois da ressurreição, este silêncio é fecundo e acompanhado de uma puríssima e delicadíssima unção, que em sua delicadeza se espalha deliciosamente sobre os sentidos, mas tão puramente que isto não causa nenhuma interrupção e não contrai nada de sua grosseria.

É então que é impossível a essa alma dar o que ela não tem e nem de se livrar do que tem.

Imprime-se nela o que se quiser e ela se deixa imprimir.

Seu estado, por mais espantoso que ele possa ser, seria sempre sem sofrimento, se Deus, que a move para

certas coisas livres, desse a essas coisas a correspondência necessária. Mas, como seu estado não comporta, é preciso que, de tanto sofrer por eles, lhes sejam comunicados o que Deus quer que eles tenham.

03

Seria um abuso a essas pessoas dizer: “Eu não quero esses meios. Eu só quero Deus”.

Tendo Deus as escolhido para fazê-las morrer para algo que se sustenta, que faz com que só se queira Deus, se se viesse a se retirar desses meios, se retiraria da ordem de Deus e se pararia. Mas sendo esses meios só sendo dados como ajudas para se chegar ao fim, mas ajudas fecundas, que comunicam graça e virtude, embora secreta e oculta, eles se perdem no fim, onde a alma, tendo chegado, se encontra unida em Deus com este meio, que não lhe serve mais, embora ele esteja unidíssimo, com Deus se comunicando por ele mesmo.

Então, Deus tira ele mesmo esse meio, ao qual ele não dá mais impulso para a pessoa a qual se está ligado, porque então ela poderia lhe servir de apoio, tendo por fim conhecido sua utilidade. Então, não se pode mais ter o que se tinha e se permanece em sua primeira morte com relação a eles, embora com uma estreitíssima união.

04

É neste estado de ressurreição que é dado o silêncio inefável, pelo qual não somente se sobrevive em Deus, mas se comunica com ele, acontecendo nessa alma, morta assim para suas operações e sua propriedade geral e fundamental, um fluxo e um refluxo de comunicações totalmente divinas, sem que haja nada que prejudique essa comunicação, pois nada a retém.

É então que ela participa da relação inefável da Trindade, em que o Pai dos espíritos lhe comunica sua fecundidade espiritual e a faz participante do que ele é, tendo-a feito um mesmo Espírito com ele.

É então que ela o comunica às outras almas, quando elas são puras o suficiente para recebê-lo em silêncio, segundo o grau em que estão e o estado que elas comportam. É então que os segredos inefáveis são descobertos, não por uma luz momentânea, mas em Deus mesmo, onde eles permanecem todos, sem que essa alma os possua por ela mesma e nem os ignore.

05

Embora eu tenha dito que a alma tem então distinção, essa distinção não é a seu respeito, mas a respeito das pessoas com as quais ela se explica, pois as coisas que

ela diz e que parecem extraordinárias são ditas bem naturalmente e sem que se pense nelas. Elas parecem totalmente extraordinárias àquele ao qual são ditas, que as vendo acontecer ou mesmo que não vendo nele o que se diz, embora isto seja assim, olha isto como uma coisa distinta extraordinária ou quimérica.

As almas que são dotadas de dons possuem luzes distintas e momentâneas nelas mesmas. Mas estas possuem apenas uma luz sem luz, geral, que é o próprio Deus, de onde elas tiram tudo o que é preciso, mesmo com distinção com relação àqueles aos quais se fala, sem que nada reste do que quer que se diga.

CAPÍTULO 03

01

Haveria uma infinidade de coisas a dizer sobre a vida interior e celeste desta alma totalmente viva em Deu, que Deus conserva carissimamente para ele e que ele cobre de abjeção no exterior, porque ele é um *Deus ciumento*[258]. Mas seria preciso um volume para isto e eu só devo

[258] Deuteronômio 4: 24. *O Senhor vosso Deus é um fogo devorador, um Deus ciumento*.

obedecer.

Deus é a vida e a alma desta alma que subsiste em Deus sem interrupção, como o peixe no mar, em uma felicidade inefável, embora totalmente plena de sofrimentos que Deus a faz suportar pelos outros.

02

Esta alma é tão simples, sobretudo quando a transformação é muito avançada, que ela prossegue sempre seu caminho sem se preocupar com nenhuma criatura e nem com ela mesma. Ela só tem uma só coisa a fazer, que é fazer a vontade de Deus. Mas, como ela tem que fazer o bem às criaturas que não são capazes deste estado, umas a fazem sofrer ao quererem obrigá-la a se cuidar, a se precaver e o resto, o que ela não pode fazer e outras, por falta de correspondência com o que Deus quer.

03

As cruzes destas almas são mais fortes e Deus as conserva sob as maiores humilhações e com um exterior totalmente comum e totalmente fraco, embora sejam suas delícias.

É então que Jesus Cristo é comunicado em todos os estados e que a alma é revestida com suas inclinações e

com seus sofrimentos. Ela compreende o que as pessoas lhe custaram, o que a infidelidade delas o fez sofrer, o que é a redenção de Jesus Cristo e como ele gerou os predestinados.

04

Conhece-se a transformação pela indistinção que há entre Deus e a alma, que não pode mais se distinguir de Deus e a quem tudo é igualmente Deus, tendo passado para seu Ser Original, reunido a seu todo e se transformado nele.

Mas não basta ter marcado grosseiramente o que você deseja saber. A experiência o ensinará o resto e ao fazê-lo compreender o que eu devo ser para você, você julgará o que eu sou para você em Nosso Senhor.

05

A alma transformada em Deus sente que, na medida em que sua transformação se consuma e se aperfeiçoa, ela tem uma qualidade mais extensa. Tudo é dilatado e estendido nela, com Deus a fazendo participar de sua infinidade, de sorte que ela se vê muitas vezes imensa e toda terra lhe parece apenas um ponto diante dessa amplidão e extensão admirável. Tudo o que é ordem e vontade de

Deus a dilata e o que Deus não quer, ela estreita e este estreitamento a impede de ir além.

A vontade sendo aquela por quem a transformação é feita, pois o centro não é outro além de todas as forças reunidas na vontade, quanto mais a alma é transformada, mais a vontade é mudada e passada para a de Deus e mais Deus quer ele mesmo para a alma.

A alma age e opera nessa divina vontade, que lhe é dada no lugar da sua, de uma maneira tão natural que não se pode distinguir se a vontade da alma é fazer a vontade de Deus ou se a vontade de Deus é fazer a vontade da alma.

06

Deus exige muitas vezes estranhos sacrifícios dessas almas assim transformadas nele. Mas isto não lhes custa mais nada e não há nada que elas não lhes sacrifiquem sem repugnância.

Os menores sacrifícios são aqueles que mais custam e os mais extremos custam menos, porque eles só lhes são pedidos quando se está em condições de executá-los sem esforço e aos quais se inclina como que naturalmente. Isto está fundamentado sobre o que é dito de Jesus Cristo ao vir ao mundo: *Então eu disse: “Eis que eu venho”*. No

rolo do livro está escrito de mim: "Fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa lei está no íntimo de meu coração"[259].

Logo que o mesmo Jesus Cristo vem a uma alma, para ser nela o princípio vital, ele diz a mesma coisa e é ele quem é o Sacerdote Eterno, que cumpre na alma, sem interrupção, o ofício do seu sacerdócio eterno. Isto é muito elevado e dura até que a vítima seja levada para a sua glória.

07

São estas almas que Deus destina para ajudar as outras pelos *caminhos impenetráveis*[260], porque, não tendo mais nada a providenciar para elas mesmas e não tendo mais nada a perder, Deus se serve delas para fazer as outras entrarem nos caminhos de sua pura, nua e segura vontade, o que as pessoas que possuem a elas mesmas não poderiam fazer, porque, não estando em condições, por elas mesmas, de *seguir cegamente a vontade de Deus*, que elas misturam sempre com seus raciocínios e suas falsas sabedorias, elas não estão, de forma alguma,

[259] Salmo 39: 8 e 9.
[260] Romanos 11: 33.

em condições de providenciar nada para seguir cegamente a vontade de Deus sobre as outras.

Quando eu digo providenciar nada, eu me refiro ao que Deus quer naquele momento, pois, muitas vezes, ele não permite que se diga à pessoa tudo o que a detém e tudo o que se sabe que deve lhe acontecer, a não ser em termos gerais, porque ela não poderia suportar e, embora se digam, algumas vezes, coisas duras, como Jesus Cristo disse aos habitantes de Cafarnaum[261], ele dá, no entanto, uma força secreta para apoiá-lo, ao menos para as almas que Deus escolhe unicamente para ele e esta é a pedra de toque.

Fim.

[261] Mateus 11: 23. *Tu, Cafarnaum, serás elevada até o céu? Não! Serás atirada até o inferno! Porque, se Sodoma tivesse visto os milagres que foram feitos dentro dos teus muros, subsistiria até este dia. Por isso te digo: no dia do juízo, haverá menor rigor para Sodoma do que para ti!*

Máximas espirituais

01

Não retire nada de Deus, não recuse nada a Deus, não peça nada a Deus. Isto é uma grande perfeição[262].

02

No início da vida espiritual, a maior paciência é suportar o próximo, mas em seguida, a maior paciência é suportar a si mesmo e, por fim, a maior paciência é suportar Deus.

03

Aquele que passa a só se ver com horror começa a ser a delícia de Deus.

04

Quanto mais se descobre o que é a humildade, menos ela é descoberta em si mesmo.

05

Quando suportamos com equanimidade a secura e a

[262] Determinantemente, por princípio do próprio e para o próprio.

desolação, damos provas do nosso amor a Deus. Mas, quando ele nos visita com suas dores perceptíveis, ele nos demonstra o amor que tem por nós.

06

Aquele que suporta com equanimidade a privação dos dons de Deus e da estima das pessoas sabe desfrutar do seu Bem Soberano além de todo tempo e acima de todo meio.

07

Que não se peça mais fortes marcas de um amor de Deus perfeitíssimo do que ser insensível à sua própria reputação.

08

Você quer direcionar todas as suas forças para a união divina? Direcione todas as suas forças para sua própria destruição.

09

Seja tão inimigo de você mesmo quanto você deseja ser amigo de Deus.

10

Como então nos é ordenado na Lei nos amarmos a nós mesmos? Em Deus e pelo mesmo amor que temos por Deus, pois, é propriamente nele que está nosso verdadeiro nós mesmos, é também nele que deve estar todo nosso amor.

11

É um raro dom descobrir algo que está acima da graça e da natureza[263], algo que não é Deus, mas que não suporta nenhum intermediário entre Deus e si mesmo. É uma emanação pura e sem mistura de um ser criado que tende imediatamente ao Ser Incriado de onde procede. É uma união de essência a essência na qual nada do que não é nem uma e nem outra dessas essências pode existir para criar um meio termo.

12

O raio da criatura vive do Sol da Divindade, mas ele não pode ser separado dele e se sua dependência do seu divino princípio lhe é essencial, sua união não o é menos.

Ó maravilha! A criatura que só pode existir pela for-

[263] Considerado como uma emanação de Deus e diferente de Deus.

ça de Deus não pode existir sem Deus e a raiz do seu ser recebido está tão estreitamente no fundo de todo ser que nada pode se misturar a ele e nem causar a menor divisão.

Essa união é comum a todas as criaturas, mas ela só é percebida por aqueles cujas forças, sendo depuradas, podem descobrir a nobreza do seu centro e cujo fundo, libertado das impurezas que o cobriam, começa a retornar para sua origem.

13

A fé e a cruz são inseparáveis. A cruz é o relicário da fé e a fé é a luz da cruz.

14

É só com a morte para si mesmo que a alma pode entrar na verdade divina e compreender em parte o que é a luz que ilumina nas trevas.

15

Quanto mais as trevas da própria ciência aumentam, mais a verdade divina se manifesta no meio delas.

16

Somente a operação divina pode ser a causa do va-

zio das criaturas e de nós mesmos, pois o que é natural tende sempre a nos encher com as criaturas e a nos ocupar com nós mesmos. Este vazio sem distinção é então um boníssimo sinal, embora no meio das mais profundas e eu ouso dizer, as mais incômodas, tentações.

17

Deus se faz prometer durante a paz o que ele se faz pagar na guerra. Ele faz fazer os abandonos com alegria, mas ele os exige com muitas amarguras.

Fazes bem, ó Amor, de usar vossos direitos, embora se sofra, não se retoma ou, se se sofre para ser retomado, o remédio para este mal é se redoar a vós com ainda mais generosidade.

Ó mal estranho aquele que só se cura com um mal maior!

Fazei-me fazer, ó Senhor, tudo o que vos agradar, desde que eu só faça vossa vontade.

18

Teologia do amor! Como sois oculta!

Ó amor! Vós sujais ao máximo aquele que desejais levar à mais alta pureza. Vós profanais até vosso santuário e não há pedra que não derrubais e jogais na lama.

Mas, o que fazeis no fim? Vós o lavais.

É digno de um grande obreiro que sua obra seja secreta e que ele a termine quando parece destruí-la.

19

Senhor que fundais o fundo dos corações! Vós vedes se espero alguma coisa de mim ou se eu gostaria de vos recusar alguma coisa.

20

Como é raro que uma alma saia de todos os seus interesses, para entrar somente nos interesses de Deus!

21

A criatura quer mesmo deixar de ser criatura, desde que ela se torne Deus. Mas onde se encontrará uma que queira deixar ser retomado por Deus tudo o que ela recebeu dele, sem que ele dê mais nada? Eu digo tudo e tudo sem reserva, até a própria justiça, que é mais cara ao ser humano do que seu ser, até o repouso em si mesmo, pelo qual ele desfruta de si e dos dons de Deus em si e no qual ele estabeleceu sua felicidade sem se aperceber.

Onde se encontrará um abandono que vá tão longe que pode ir até onde vai a vontade de Deus, não apenas

por gosto, pela luz e pelo sentimento, mas realmente e pelo estado?

Ó, este é um fruto do Paraíso que pode ser encontrado na terra!

22

Deus é infinitamente mais honrado pelos sacrifícios de morte do que pelos sacrifícios de vida. Por estes, ele é tratado como um grande Monarca, mas por aqueles, ele é tratado como verdadeiramente Deus, perdendo tudo por sua glória.

É por isto que Jesus Cristo fez muito mais sacrifícios de morte do que sacrifícios de vida e eu creio que ninguém ganhará tudo até que tenha perdido tudo, como também o último passo para estar na vida é a perda de toda a vida. Esta última característica do Purgatório é inevitável, seja nesta vida, seja na outra.

23

A razão não deve pretender compreender as perdas mais extremas, porque elas são ordenadas para nos fazer perder a razão.

24

Deus tem meios que são mais fortes e mais impactantes para sua glória e mais edificantes para as almas, mas que não são os mais santificantes, pois os dons da força e do brilho satisfazem muito a natureza, mesmo quando ela parece sucumbir sob o próprio peso e assim a fazem viver nela mesma. Mas as quedas e as mortes contínuas e a inutilidade para todo bem crucificam propriamente o que há de mais vivo na alma e é o que impede o reino de Deus sobre ela.

25

Nas solenidades, uns se esforçam para fazer alguma coisa por vós, ó meu Deus! Outros esperam que vós façais alguma coisa por eles. Mas, nem uma e nem outra coisa nos é permitida. O amor impede uma e não pode suportar a outra.

26

É mais difícil morrer para as virtudes do que para os vícios, no entanto, um não é menos necessário do que o outro para chegar à perfeita união.

Os apegos são tão mais fortes quanto mais eles são espirituais.

27

O que foi um meio de perfeição em um momento é um impedimento em outro. O que o ajudou outrora a caminhar para Deus o impediria agora de chegar a ele. Quanto mais se precisa de muitas coisas mais se está afastado de Deus. Quanto mais se aproxima de Deus mais se está em condições de passar sem tudo o que não é Deus. Mas, ao se chegar a ele, utiliza-se indiferentemente de todas as coisas e só se tem necessidade dele.

28

Quem nos dirá até onde o divino abandono leva uma pobre alma que o possui? Ou melhor, a quem se poderá dizer a extremidade dos sacrifícios que ele exige de suas simples vítimas?

Ele a eleva por etapas, depois a mergulha no abismo e, ao lhe descobrir todos os dias novos traços, ele não para enquanto não o tiver imolado para tudo o que Deus pode querer, não dando outros limites à sua resignação do que aqueles que Deus deu aos seus decretos. Ele passa adiante e vai até tudo o que a força de Deus pode fazer e sua vontade soberana ordenar. É então que todo interesse da criatura cessa, que tudo é devolvido ao Autor de todas as coisas e que Deus reina soberanamente sobre seu na-

da.

29

Deus nos distribui dons, graças e talentos naturais, não para que nós os utilizemos, mas para que os devolvamos a ele. Ele tem prazer em nos revestir com eles e depois nos despir deles ou em nos manter sem condições de fazer uso deles. Mas o grande uso para eles é lhe fazer um contínuo sacrifício deles a ele e é isto o que mais o glorifica.

30

A fé nua é aquela que nos mantém na ignorância, na incerteza e no esquecimento de todas as coisas com relação a nós mesmos; que diz tudo, não excetua nada, nem graça, nem natureza, nem virtude, nem vício. As trevas nos cobrem totalmente a nós mesmos, mas elas nos descobrem mais a divindade e a grandeza de suas obras e essa profunda obscuridade dá um admirável discernimento dos espíritos. Ela desaloja mais a estima e o amor por nós mesmos de suas mais obstinadas trincheiras.

Lá, porém, reina o puro amor, pois, como uma alma que não pode somente se olhar agiria no seu próprio interesse? Ou, como ela poderia ter complacência em ver o

que não vê?

Ou ela não vê nada ou ela vê somente Deus, que é tudo em todas as coisas. Quanto mais ela é cega para ela mesma, mais ela é iluminada por ele.

31

Há poucas pessoas que se conduzem pela razão. A maior parte só segue seus sentidos e suas paixões. E há menos ainda quem aja pela fé luminosa ou pela razão iluminada pela fé. Mas se encontraria alguém que só tem por guia a fé cega, que, embora o guie direto para Deus através da curta trilha do abandono, parece, no entanto, que o precipita nos abismos, sem esperança de poder jamais sair dele. Há, todavia, almas suficientemente generosas para se deixar cegar e conduzir aonde elas não sabem.

Muitos são chamados a isto, mas poucos querem se dar a isto e aqueles que mais tiveram império sobre eles, sobre os sentidos, sobre as paixões, sobre a razão e sobre as luzes compreendidas da fé são aqueles que têm mais dificuldade em se deixar jogar no abismo da mais pobre e mais nua fé, enquanto que as almas simples entram nele facilmente.

É como aqueles que sabem nadar bem ou que se a-

garram a alguma tábua dos destroços de um navio. Eles disputam por muito tempo e brigam com muita dificuldade antes de se afogarem. Mas aqueles que não sabem nadar e não têm nada onde possam se agarrar, afundam imediatamente e fluindo sem resistência sob as águas, eles são libertados tão rápido do suplício quão rápido eles expiram.

32

Não passa de uma presunção a espiritualidade da maior parte dos espirituais. Quando a verdade divina é descoberta pelo centro, ela faz descobrir muitos furtos em sua conduta e ela ensina que, para se garantir, é preciso se abandonar a Deus sem reserva e se deixar conduzir, pois enquanto queremos fazer nós mesmos nossa perfeição ou a dos outros, nós só fazemos imperfeição.

33

Uma alma que deve ser reduzida a não ter outro apoio que não seja Deus está destinada a estranhos males. Quantas agonias e quantas mortes é preciso que ela tenha sofrido antes de ter perdido totalmente a própria vida?

Ela não terá um purgatório na outra vida, mas terá um terrível inferno nesta e um inferno não apenas de dor,

pois isto seria pouca coisa, mas também tentações às quais ela não discerne sua resistência, o que é a cruz das cruzes e, de todos os sofrimentos, o mais insuportável e, de todas as mortes, a mais desesperada.

34

Toda consolação que não vem de Deus não passa de desolação. Desde que uma alma aprendeu a só receber consolação em Deus, não há mais para ela desolação.

35

Pelas alternâncias interiores de união e abandono, uma hora Deus nos faz sentir o que ele é e outra hora ele nos faz sentir o que nós somos.

Quando ele nos faz sentir o que somos, é para nos fazer odiar e morrer para nós mesmos e quando ele nos faz sentir o que ele é, é para se fazer amar e nos elevar à sua união.

36

É em vão que uma pessoa se esforça para ensinar outra pessoa o que só o Espírito Santo pode lhe ensinar.

37

Tomar e receber todas as coisas não em nós mes-

mos, mas em Deus é o verdadeiro e apropriadíssimo meio de morrer para nós mesmos e de só viver em Deus. Aqueles que conhecem esta prática começam a viver puramente.

Fora disto, a natureza se mistura sempre com a graça e se repousa em si mesmo invés de nos permitirmos algum repouso no Bem Soberano, que deve ser o centro de todos os impulsos do coração, já que ele é o último termo de todos os procedimentos do amor.

38

Por que nos queixamos de que nos levaram as divinas virtudes, se não é porque nós as roubamos? Ou, por que deploramos a perda delas, se não é porque acreditávamos possuí-las? Ou, por que a privação delas nos é tão sensível, se não é por causa da propriedade com a qual nos apegávamos a elas?

39

Quando você não encontrar mais nenhum bem em você, alegre-se, porque tudo foi devolvido a Deus.

40

Ó monstro digno do horror de Deus e de todas as

criaturas! Depois de ter sido humilhado de tantas maneiras, eu não saberia me tornar humilde e estou tão cheio de orgulho que, mesmo que eu me esforce para me fazer humilde, eu me ponho a fazer meu elogio.

41

Há santos que são santificados pela prática fácil e forte de todas as virtudes e há santos que são elevados a uma santidade por uma privação das virtudes, suportada com uma perfeita resignação.

42

Se não se vai até não poder mais ser interrompido em nenhuma coisa a não ser pelo poder de Deus, não se está totalmente livre da presunção e se não se abandona até não ter outros limites que não sejam aqueles da vontade de Deus, se é dado a si mesmo, não se está totalmente desapegado da propriedade e a presunção e a propriedade não passam de impurezas.

43

Eu jamais encontrei alguém que fizesse tão bem a oração quanto aqueles que a fazem sem jamais terem aprendido a fazê-la. As almas que não têm o ser humano

como mestre têm o Espírito Santo como condutor.

44

Jamais a oração faltará a quem tiver o coração puro e quem continuar a fazer a oração saberá o que é a pureza do coração.

45

Deus é tão grande e tão independente que a própria impureza é um meio de glorificá-lo.

46

Quando o abandono nos faz bem ou nos poupa, muitas pessoas nos aconselham ele, mas assim que ele nos joga em alguma confusão, os mais espirituais gritam contra ele.

47

Pode-se facilmente compreender o caminho das almas que vão de virtude em virtude, mas se compreenderão as estradas daquelas que caem de precipício em precipício e de abismos em abismos?

Quem poderá ajudar e apoiar aqueles amigos de Deus tão escondidos aos quais, pouco a pouco, são retirados todo apoio e toda ajuda e que são reduzidos tanto à

impotência de se reconhecerem e sustentarem eles mesmos, quanto à ignorância de tudo o que os conserva?

48

Quem pôde compreender até onde vão as soberanas homenagens que são devidas à vontade divina?

49

As pessoas abandonadas são conduzidas de precipício em precipício e de abismo em abismo, como se elas estivessem perdidas.

50

A simplicidade da pomba está em não julgar. A prudência da serpente está em desconfiar de si mesma.

51

A porta pela qual uma alma sai da paz é a busca de si mesma e a porta pela qual ela entra nela é seu abandono total nas mãos de Deus.

52

Infelizmente, como é duro só querer a vontade Deus!

Todavia, acreditar não ter feito outra coisa que não

fosse contrário à vontade de Deus; não desejar nada tanto quanto fazer esta vontade e não poder nem mesmo conhecê-la; poder mostrá-la com muita segurança aos outros e não encontrá-la para si; estar todo cheio e todo penetrado por ela, mas sem conhecê-la. É um longo e rigoroso martírio este, mas é um martírio que deve produzir uma paz inalterável nesta vida e uma felicidade incompreensível na outra.

53

Todo aquele que aprendeu a só buscar a vontade de Deus encontra sempre tudo o que busca.

54

O que é mais duro a uma alma que conheceu e amou Deus: não saber se ela ama Deus ou ignorar se ela é amada por ele?

55

O que escolheria o perfeito amante, se lhe dessem esta escolha: amar Deus ou ser amado por ele?

56

Diga-me o que é que não está separado de Deus e nem unido a ele, mas que é inseparável dele?

57

Diga-me qual é o estado de uma alma que não tem mais poder e nem vontade e o que ela pode fazer ou o que ela não pode fazer?

58

Quem me explicará até onde pode ir o abandono de uma alma que não pode mais se possuir em nenhuma coisa e que está vivamente penetrada pela soberania do poder e da vontade de Deus?

59

Quem compreenderá até onde foram os sacrifícios interiores de Jesus Cristo, se não aquele a quem Jesus Cristo os manifestou?

60

Como perderão a própria vida aqueles que não querem perder todos os seus bens? Como se acreditam despojados de tudo aqueles que possuem o maior tesouro que há sob o céu?

Mas, não me façam dizer. Adivinhem se tiverem a luz: há um que é menor do que o outro, que se perde diante dele, mas que aqueles que devem tudo perder têm

mais dor em perder.

Fim.

Índice